



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Gabriela Lázaro Vasconcellos

(IN)SECURITY WALKS:

O GÊNERO COMO CONDICIONANTE DA FRUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO
NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pela Professora Doutora Carolina da Graça Cúrdia Lourenço Coelho
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Fevereiro de 2022

(IN)SECURITY WALKS: o gênero como condicionante
da fruição do espaço urbano nos Polos Universitários de
Coimbra

Gabriela Lázaro Vasconcellos

Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Fevereiro de 2022

Orientadora: Professora Doutora Carolina da Graça Cúrdia Lourenço Coelho



Agradeço à Professora Carolina por toda disponibilidade, dedicação, orientação e motivação dadas em todo o processo deste trabalho até o último momento.

À minha mãe, ao meu pai e minhas irmãs, por todo o apoio, carinho, força e ajuda em todos os momentos.

A todos os meus colegas de turma pelos conselhos e motivação.

E a todas as pessoas que contribuíram participando dessa dissertação, sem vocês não seria possível.

Neste trabalho é utilizada a norma APA (American Psychological Association) e está escrito em português do Brasil seguindo o Novo Acordo Ortográfico.

Resumo

As cidades ocidentais foram maioritariamente pensadas por e para homens brancos de classe média e não consideram as diferentes experiências e percepções dos diferentes gêneros no uso do tempo e do espaço. Isto pode implicar um aumento da sensação de insegurança - sentimento marcado nas mulheres, principalmente pela violência exercida sobre os corpos sexuados - impor limites à fruição e implicar o não direito pleno à cidade por elas.

Assim, este trabalho tem por objetivo identificar e analisar as condições espaciais que influenciam a percepção de (in)segurança por diferentes pessoas no espaço urbano nos três Polos Universitários de Coimbra a partir de uma perspectiva de gênero, ainda pouco aprofundada na cidade, e criar formas de pensar e fazer arquitetura com a participação da comunidade.

Inicia-se por uma retomada de conceitos feministas e pelo entendimento da dicotomia masculino e feminino e sua expressão na organização espacial da atual sociedade. Exploram-se as pesquisas referentes ao desenvolvimento crítico e de alternativas ao urbanismo normativo tendo como foco principal as experiências de diferentes mulheres através do uso de métodos participativos, identificando os problemas físicos e sociais dos espaços em análise para sugerir melhorias coerentes com as necessidades reais dessas pessoas.

Seguidamente, realiza-se a avaliação das características espaciais dos casos de estudo e como estas condicionam ou promovem a fruição dos espaços. Desenvolvem-se e aplicam-se métodos participativos com a comunidade académica, dos quais: caminhada em conjunto, percurso individual e conversa em grupo, obtendo-se informações sobre aspectos físicos e sociais condicionantes do cotidiano. Isto permite sugerir alternativas que favoreçam a percepção de segurança e a apropriação do espaço por todos.

Comprova-se que as mulheres se sentem mais inseguranças que os homens, validando que o desenho urbano influencia a percepção de (in)segurança pelos utilizadores segundo o gênero social e é possível utilizá-lo em prol da inclusão evitando os aspectos negativos identificados. Com essa análise, conclui-se que é possível criar alternativas para gerar mais movimento nos Polos Universitários de Coimbra para além do horário letivo, aumentando a diversidade de pessoas, possibilitando a vigilância informal, e assegurando uma maior percepção de segurança e a inclusão de todos.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Espaço Urbano; Fruição; Polos universitários de Coimbra; (In)Segurança.

Abstract

Western cities were mostly designed by and for white middle-class men and do not consider the different experiences and perceptions of different genders in the use of time and space. This may imply an increased feeling of insecurity - a feeling marked in women, mainly by the violence exerted on their gendered bodies - impose limits to their enjoyment and imply that they do not have the full right to the city.

Thus, this work aims to identify and analyze the spatial conditions that influence the perception of (in)security by different people in the urban space in the three University Poles of Coimbra from a gender perspective, still little studied in the city, and to create ways of thinking and doing architecture with the participation of the community.

It begins with a resumption of feminist concepts and the understanding of the male-female dichotomy and its expression in the spatial organization of the current society. It explores the research regarding critical development and alternatives to normative urbanism having as main focus the experiences of different women through the use of participatory methods, identifying the physical and social problems of the spaces under analysis to suggest improvements consistent with the real needs of these people.

This is followed by an assessment of the spatial characteristics of the case studies and how these condition or promote the enjoyment of the spaces. Participatory methods are developed and applied with the academic community, such as: walking together, individual walking, and group conversation, obtaining information about physical and social aspects that condition daily life. This allows us to suggest alternatives that favor the perception of safety and the appropriation of space by all.

It proves that women feel more insecure than men, validating that urban design influences the perception of (in)security by users according to social gender and it is possible to use it in favor of inclusion avoiding the negative aspects identified. With this analysis, it is concluded that it is possible to create alternatives to generate more movement in the University Poles of Coimbra beyond school hours, increasing the diversity of people, enabling informal surveillance, and ensuring a greater perception of safety and the inclusion of all.

KEYWORDS

Gender; Urban Space; Fruition; University Poles of Coimbra; (In)Security.

SUMÁRIO

Introdução.....	17
1. ENQUADRAMENTO E DEFINIÇÃO DE CONCEITOS.....	31
1.1. O sexo e o gênero.....	37
1.2. O gênero na arquitetura.....	45
2. ANÁLISES DO ESPAÇO URBANO FACE ÀS QUESTÕES DE GÊNERO E SEGURANÇA..	53
2.1. Abordagens do urbanismo feminista.....	63
2.2. Análises do espaço com base no urbanismo feminista.....	91
3. Caracterização espacial dos Polos Universitários de Coimbra.....	125
3.1. Polo I.....	143
3.2. Polo II.....	157
3.3. Polo III.....	169
3.4. Comparações entre os Polos.....	177
4. GÊNERO E FRUIÇÃO NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA.....	199
4.1. Introdução aos métodos e justificação da sua aplicação.....	207
4.2. Aplicação dos métodos nos casos de estudo.....	229
5. CONCLUSÃO: CONDIÇÕES ESPACIAIS QUE PROMOVEM A (IN)SEGURANÇA.....	313
Referências bibliográficas.....	353
Créditos das figuras.....	375
Apêndices.....	391

Introdução

Estando a configuração do espaço e as formações sociais interrelacionadas, entende-se que a ordem espacial retrata uma cultura e um estilo de vida característico, ao mesmo tempo que organiza as pessoas no espaço, ora agregando-as ora separando-as (Hillier & Hanson, 1984).

Essa organização varia no tempo e espaço, gerando diferentes contextos urbanos. No caso do Modernismo que se inicia com a Revolução Industrial¹, é um momento de transição onde ainda se perpetuam as ideias conservadoras e desigualdades que associam os homens à racionalidade, ao direito à cidade, e ao domínio do público e do privado, enquanto as mulheres são associadas ao sentimental, designadas ao doméstico, e privado. (McDowell, 1983). É um período de paradoxos onde a mulher está entre a opressão e a emancipação. (Ferradás, 2016, p. 25).

Portanto, com os avanços científicos e tecnológicos, após 1850, a população mundial quadruplica, enquanto a urbana aumenta em dez vezes (Harouel, 1990), sendo necessária a reorganização da cidade e das pessoas. É durante esse processo, que o urbanismo industrial separa a habitação do local de trabalho. (Madariaga I. S., 2009), (Moreira, 2010), (McDowell, 1983).

Com esse distanciamento da casa do centro da cidade, as mulheres restringidas à esfera de atuação do espaço doméstico, privado, foram isoladas do trabalho, das sociabilidades e do poder, mantendo os homens no centro, libertos ao espaço público, à produção e relações. (Hanson & Pratt, 1995).

Interessa entender como essa separação dicotômica que se encontra durante décadas, se evidencia na organização espacial urbana da sociedade atual, onde as mulheres, cada vez mais, protagonizam o espaço e colocam em causa a ordem estabelecida. Como referido por Jorge Figueira no artigo “Olhar para as

¹ O período denominado como a Primeira Revolução Industrial, embora não acordado por todos os historiadores, está na transição do século XVIII e XIX. Marcada pelo progresso científico e tecnológico, com um elevado aumento da população urbana e o início de uma nova fase do capitalismo. (Harouel, 1990).

estrelas” do primeiro número da revista *Joelho* com o título *Mulheres na Architectura*, “a arquitetura moderna é um discurso de manipulação - masculina” logo, “a arquitetura é um discurso que as mulheres estão mais preparadas e estimuladas para “desconstruir”” (Colomina *apud* Figueira, 2010, pp. 16, 17)

Como consequência da produção de cidade pensada de acordo com as necessidades dos homens, a experiência das mulheres na sociedade “hierárquica” e “patriarcal” (Muxí, 2015) reflete a sensação de insegurança. Como foi tratado por Maria Zárte no artigo “*Managing fear in public space: young feminists intersectional experiences through Participatory Action Research*” na revista *Les Cahiers du CEDREF*, “nas geografias feministas, o estudo das geografias do medo tem-se concentrado principalmente em examinar a relação entre o medo das mulheres e suas percepções e usos do espaço público.” (Zárte, 2014, p. 2).²

Portanto, a arquitetura deve contrariar o padrão normalizador e normativo, criando formas de projetar espaços a partir da visão dos próprios utilizadores. Enquanto o urbanismo normativo, na sociedade ocidental, prioriza o que é produtivo, ele deixa de lado questões ligadas a gestão do uso e do tempo, logo secundariza as necessidades e experiências das pessoas.

Em contraste, o urbanismo feminista propõe a mudança da ordem de prioridades, promovendo a cidade como a estrutura que fornece o suporte físico para todas as atividades da vida quotidiana. Este apoio físico tem de incluir as necessidades das esferas reprodutiva, produtiva, pessoal e comunitária ou política, rompendo com a hierarquia dada pelo sistema capitalista e patriarcal à esfera produtiva.

A nível internacional, existem coletivos de arquitetas e urbanistas que colocam em prática o urbanismo feminista. O primeiro a ser fundado foi o Coletivo Matrix nos anos de 1980, com base em Londres, com o objetivo de olhar criticamente para a forma como os espaços são construídos, onde as mulheres são

² Tradução da autora: “In feminist geographies, study of geographies of fear has mainly focused on examining the relationship between women’s fear and their perceptions and uses of public space.” (Zárte, 2014, p.2).

situadas em ambientes criados majoritariamente por homens, e incluí-las na concepção de projetos. No livro *Making Space: Women and the Man-made Environment* (Boys, et al., 1984), questiona-se a forma como as casas são construídas e sugerem-se novos padrões para romper com a dicotomia feminino e masculino, expressa no espaço.

Nessa mesma linha, existem outros dois coletivos com base em Barcelona que têm atuado ativamente, o *Atelier Equal Saree*, e o Punt 6. Ambos têm métodos de análise do espaço urbano semelhantes, contando com a participação da comunidade como essencial para o desenvolvimento de projetos.

Já na Cidade do México, Paula Soto Villagrán (2019) aborda a necessidade das mulheres em três centros de mobilidade, com enfoque nos problemas existentes na relação entre os trabalhos de cuidado, realizados majoritariamente por elas, e a mobilidade urbana. Para essa análise, fez-se o uso de ferramentas quantitativas e qualitativas para revelar os problemas de segurança, mobilidade e acessibilidade, e possibilitar propostas de melhorias no desenho, planejamento e políticas públicas de mobilidade e transporte público (Villagrán P. , 2019).

Diferente desses coletivos que utilizam o sistema *bottom-up*, Eva Kail, diretora do gabinete de planejamento urbano do município de Viena, trabalhou entre 2002 e 2006 no projeto piloto de integração da perspectiva de gênero no distrito de Mariahilf. O plano foi feito a partir de uma estratégia *top-down*, mas incluindo também consultas prévias à população para compreender as diferentes necessidades e interesses das pessoas segundo o gênero.

No contexto português, cada vez mais vem crescendo o número de estudos com enfoque feminista e/ou com perspectiva de gênero, como é o caso da dissertação de mestrado em arquitetura *A Condição das Mulheres no Espaço Público: Territórios de conforto e desconforto na urbanidade contemporânea* por Natália Fávero (2020), a qual faz uma análise do projeto Plaza Baró (2016-2019), desenvolvido pelo Equal Saree com o uso de métodos participativos de análise do espaço urbano e no processo projetual.

Em Coimbra, existem duas dissertações relevantes para esse trabalho. *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitetura*, por Lia Antunes (2012), faz uma releitura de estudos de arquitetas de forma a dar visibilidade a nomes secundarizados na história da arquitetura, ao mesmo tempo em que faz uma reflexão sobre as problemáticas da construção das cidades relacionando-a com a perspectiva do feminismo interseccional.

Mais recentemente, a dissertação de mestrado em design e multimídia *Plataforma de Mapeamento da Percepção de Medo das Mulheres no Espaço Urbano*, por Raquel Almeida (2018), consiste na criação de uma plataforma Web para que mulheres possam identificar no mapa de Coimbra situações de assédio, percepção de insegurança, e outras formas de violência sofridas ou presenciadas. Em diferença, a presente dissertação, *(In)Security Walks*, foca-se em métodos qualitativos para possibilitar, além de identificar os pontos percebidos como inseguros, associá-los com as características espaciais e com as possíveis melhorias sugeridas pelas próprias pessoas.

Ainda nesse âmbito, salienta-se o coletivo Mulheres na Arquitectura (2017) que luta pela inclusão do gênero em políticas públicas e no planeamento urbano em Portugal, e a igualdade na profissão de arquitetura. Evidencia-se o ciclo de conversas organizado pelo coletivo, *Arquitetas: Modo(s) de (R)Existir*, que ocorreu entre setembro de 2017 e março de 2018 com o objetivo de questionar as dificuldades sentidas por arquitetas e expor estratégias, reflexões e ideias de diferentes profissionais que buscam a construção de novas realidades em favor da igualdade.

Logo, a presente dissertação surge como continuidade a esse tema que tem sido cada vez mais discutido em Portugal, e propõe sua extensão num cariz participativo de análise urbana, ainda pouco expressivo nesse contexto. Considera-se esse trabalho pertinente na medida em que a questão do gênero na arquitetura é um tema que começou a ser desenvolvido apenas em meados do século passado, sendo ainda pouco aprofundado na prática.

Interessa também, perceber historicamente a “dominação masculina no planeamento e desenho urbano, que reflete, deste modo, a perspectiva masculina” (Castelo, 2018, p. 98), a consequente segregação socioespacial das mulheres e seu reflexo na sociedade atual. Da mesma forma, propõe-se entender a importância das teorias feministas e dos estudos de gênero na análise crítica da forma de pensar a cidade e seu impacto na vida das pessoas (Ciocoletto A. , 2012), buscando responder a como as relações de poder de gênero se traduzem espacialmente e qual a importância desses estudos de gênero no planeamento urbano.

Como forma de aprofundar os temas aqui propostos, utilizam-se casos de estudo colocando em prática a teoria. Para isso, pretende-se interpretar o espaço urbano dos três Polos Universitários de Coimbra, escutar a população os utilizam, conversar com coletivos feministas de forma a evitar generalizações e compreender o ponto de vista das pessoas que já refletiram e estudaram esse tema. Interessa perceber se existe alguma especificidade na relação entre gênero, estudantes e os três Polos Universitários, sendo esses compostos por uma faixa etária mais marcada, porém com diferentes configurações espaciais. Logo, surge a seguinte questão: como a configuração dos Polos Universitários de Coimbra influencia as relações entre as pessoas e se há especificidade na relação de gênero no espaço urbano entre estudantes universitários?

Portanto, torna-se necessário clarificar as condicionantes desse trabalho. Em primeiro lugar, as ferramentas qualitativas aqui utilizadas, deram-se em meio à pandemia de COVID-19, o que implicou um cuidado maior na sua realização, desde logo pela menor participação de pessoas, o que resulta numa menor amostra. Em segundo, esse trabalho empírico com perspectiva de gênero nunca foi realizado em Coimbra, justificando também a originalidade deste trabalho, sendo um tema com pouca visibilidade a nível da Universidade, logo, pouco desenvolvido, o que levou a buscar exemplos em outros contextos.

Para responder a essas questões, essa dissertação estrutura-se em cinco partes. Inicia-se por fazer uma abordagem teórica para a explicação de conceitos básicos, como a diferença entre o sexo e o gênero, e apresentam-se os principais

estudos desenvolvidos por arquitetas e pesquisadoras sobre a influência das questões de gênero na arquitetura e na cidade. No segundo capítulo, mostram-se os trabalhos desenvolvidos pelo Col.lectiu Punt 6 (2014) e por Paula Soto Villagrán (2019), os quais sustentaram o desenvolvimento da parte prática desse trabalho, que se dá nos três Polos Universitários de Coimbra. A escolha dos estudos do Col.lectiu Punt 6 e de Paula Soto Villagrán como base para essa dissertação, se justifica por utilizarem métodos participativos de análise do espaço urbano em que os próprios utilizadores informam os aspectos positivos, negativos, os problemas, e as possíveis soluções, contando com a pessoa profissional de arquitetura como a mediadora entre a comunidade e os outros agentes. O trabalho de Paula Soto Villagrán, apresenta material gráfico para clarificar os resultados coletados com as ferramentas utilizadas, mais especificamente plantas com a indicação de espaços sentidos como inseguros, desde a ocorrência de estupros, até ao excesso de lixo. Essa forma de representação serviu como base para o desenvolvimento das plantas aqui apresentadas.

Com a apresentação desses estudos base, segue-se para a apresentação dos casos de estudo, os três Polos Universitários de Coimbra. Para contextualizá-los, a terceira parte faz uma abordagem da influência de cada período histórico para a configuração morfológica atual dos Polos, de forma a conhecer os espaços em análise. Em sequência, na quarta parte, faz-se a ponderação dos métodos participativos desenvolvidos – caminhada em conjunto, percurso individual e conversa em grupo - a explicação de sua aplicação e os resultados obtidos. Por último, na conclusão, realiza-se o cruzamento de todas as amostras coletadas, e concretiza-se a reflexão aqui proposta, identificando os aspectos espaciais que favorecem a percepção de (in)segurança no espaço urbano.

Logo, para responder à questão de investigação - *como é que o desenho urbano contribui para a percepção de (in)segurança na cidade, e como utilizá-lo em prol da inclusão?* - foram utilizadas três vias: uma pesquisa teórica acerca dos conceitos que circundam essa questão dando ênfase as contribuições de pesquisadoras feministas como Simone de Beauvoir, Judith Butler, Dolores Hayden,

Beatriz Colomina e Jane Rendell; um estudo dos métodos qualitativos e ferramentas participativas a partir de uma perspectiva feminista de análise do espaço urbano desenvolvidas pelo Coletivo Punt 6 de Barcelona, e por Paula Soto Villagrán na Cidade do México e por último, a aplicação da teoria na prática através da adaptação e desenvolvimento de métodos participativos de análise e avaliação do espaço urbano, tendo como casos de estudo os três Polos Universitários de Coimbra. Por fim, como resultados esperados desta dissertação pretende-se identificar as condições espaciais que possibilitam a percepção de segurança do espaço, evitando a reprodução hierárquica e patriarcal no desenho urbano.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO E DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Sendo o sexo biológico, os valores associados a ele são adquiridos socialmente, atribuindo diferentes atuações sociais de acordo com o contexto em que se insere. (Moreira, 2010). Essa construção social atribuída ao sexo constitui o gênero, como afirma Jane Rendell:

“A distinção feita entre os termos "sexo" e "gênero" e a importância atribuída a eles, tanto de forma descritiva como analítica, muitas vezes define a base de uma abordagem teórica específica ou destaca o foco de uma organização prática. No mais simples dos resumos, sexo - masculino e feminino - explora uma diferença biológica entre corpos e gênero - masculino e feminino - reflete o conjunto socialmente construído de diferenças entre homens e mulheres.” (Rendell, 2000, p. 15).³

Essas diferenças sociais se refletem também na arquitetura, que sendo “dominada pelos homens, naturalmente organiza o espaço em função de um modelo de mulher que se materializa, maioritariamente, na domesticidade, reforçando, desta forma as assimetrias de gênero” (Pedrosa P. , 2018, p. 8).

Logo, as cidades ocidentais foram pensadas e produzidas aos *white middle-class men* (Weisman, 1994), reproduzindo privilégios e opressões que não garantem às mulheres o direito à cidade. Como tratado por Lia Gil Antunes no livro *Arquitectas: Modo(s) de (R)Existir*:

“É de relações (desequilibradas) de autoridade e de poder que se trata. E, às mulheres, o poder não é dado, precisa de ser conquistado. A sociedade patriarcal em que nos movemos é normalizadora e condiciona através de um sistema simbólico, carregado de uma forte carga religiosa e moral, que limita as acções e experiências cotidianas.” (Antunes L. , 2018, pp. 77, 78).

³ Tradução da autora: “The distinction made between the terms ‘sex’ and ‘gender’ and the importance ascribed to them, both descriptively and analytically, often defines the basis of a specific theoretical approach or highlights the focus of a practical organisation. In the most simple of summaries, sex—male and female—exemplifies a biological difference between bodies and gender—masculine and feminine—refers to the socially constructed set of differences between men and women.” (Rendell, 2000, p.15).

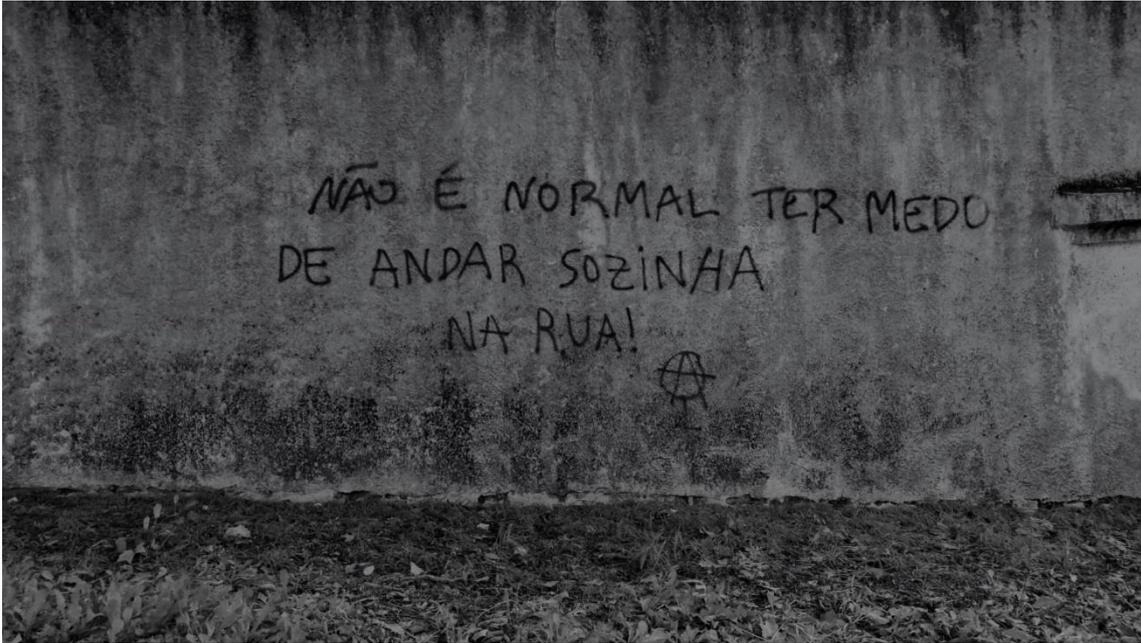


Figura 1. Fotografia tirada na Rua Lourenço de Almeida Azevedo, Coimbra.

Essas relações de poder de gênero, se reproduzem no espaço urbano principalmente através do assédio sexual, podendo esse ser verbal, não verbal ou físico, interferindo na percepção do espaço pelas mulheres, que muitas vezes experienciam o medo e a insegurança. Pessoalmente, andando pelas ruas de Coimbra encontramos manifestações nas paredes como forma de expressar esse medo (Figura 1).

O estudo da UMAR – *União de Mulheres Alternativa e Resposta* (2018) sobre a violência e assédio sexual no contexto acadêmico de Coimbra, realizou inquéritos com mulheres e homens, sobre cinco categorias, sendo uma delas as “percepções de segurança no espaço público (durante o dia e durante a noite), principais motivos para ter medo de andar sozinho/a na rua”, onde “53% das mulheres respondentes assumiram ter “receio de sofrerem um ataque sexual”, enquanto os homens respondentes identificaram como principais motivos o “receio de sofrer um assalto” (26,1%) e “estar sozinho na rua” (16,2%).” (UMAR, 2018).

Portanto, o presente capítulo, inicia-se por fazer uma abordagem histórica e conceitual sobre a diferença entre o sexo e o gênero, para assim possibilitar entender o contexto social e cultural que determinam os papéis de gênero e seu reflexo na arquitetura e nas construções das cidades.

1.1 O sexo e o gênero

A interdisciplinaridade desse tema requer vasta pesquisa em outras áreas que não só a arquitetura, mas também na filosofia, sociologia, psicanálise e história.

Dessa forma, reforça-se os significados de 'sexo' e de 'gênero', definições necessárias para compreender o reflexo da relação de poder e gênero na fruição do espaço urbano nos Polos Universitários de Coimbra.

Segundo o dicionário *Houaiss* da língua portuguesa, a definição de 'sexo' se dá pela “conformação física, orgânica, celular, particular que permite distinguir o homem e a mulher, atribuindo-lhes um papel específico na reprodução”, com associações que definem o “sexo forte” aos homens, e “sexo frágil” às mulheres (Houaiss & Villar, 2003), relacionando-as como intelectual e fisicamente inferiores. Essa designação ganha força na Era Vitoriana, visto que o próprio termo 'sexualidade' surge no século XIX. (Foucault, 1984).

No livro *A História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*⁴, Foucault (1984) interpreta as concepções sobre sexualidade na Grécia clássica, e coloca questões sobre a construção da moral. Citando Aristóteles, que relaciona o verbo *aphrodisiazein*, definido como a realização de um ato sexual, com a violência e poder do dito “ativo” sobre o “passivo”:

“[...] o verbo pode, igualmente, ser empregado com seu valor ativo; nesse caso, ele se refere particularmente ao papel dito "masculino" na relação sexual, e à função "ativa" definida pela penetração. E, inversamente, pode-se empregá-lo em sua forma passiva; nesse caso, ele designa o outro papel na conjunção sexual: o papel "passivo" do parceiro-objeto. Esse papel é o que a natureza reservou às mulheres — Aristóteles fala da idade em que as jovens tornam-se suscetíveis de *aphrodisiasthenai*” (Foucault, 1984, p. 44).

Foucault acrescenta que o verbo “aphrodisiasthenai é também aquele que pode ser imposto pela violência a alguém que se encontra reduzido a objeto do

⁴ Título na língua original: *L'Histoire de la sexualité II: L'usage des plaisirs* (Foucault, 1984).

prazer do outro” (Foucault 1984, p.44), e expõe o pensamento de Aristóteles sobre virilidade ou temperança, em que “a temperança e a coragem são no homem virtude plena e completa “de comando”; quanto a temperança ou à coragem da mulher, são virtudes “de subordinação”” (Foucault, 1984, p. 77), perspectiva que representa uma relação de poder e obediência, de “governante” para “governado”.

Essa noção explícita da mulher como um ser inferior ao homem, também é presente em teorias científicas, principalmente da Era Vitoriana. Em 1871, Charles Darwin no livro *The Descent of Man*, escreve que a mulher era menos evoluída que o homem pois seu crânio era menor, reflexo da sua crença de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens. Mais recentemente em 2005, Lawrence Summers, o então presidente da Universidade de Harvard afirmou que os “homens superam as mulheres em matemática e ciências por causa da diferença biológica, e que a discriminação não é mais uma barreira de carreira para as acadêmicas”⁵ (The Guardian, 2005).

Mas porque ao longo da história, os cientistas têm discriminado as mulheres? No livro *Inferior: How Science Got Women Wrong* a jornalista britânica especializada em ciência Angela Saini (2017) fala sobre como o sexismo na ciência reflete as crenças da sociedade, e que ser um especialista em certa área não liberta um indivíduo de seus preconceitos pessoais. Atualmente, os cientistas ainda buscam diferenças sexuais no cérebro, sendo das mais atuais áreas da pesquisa científica. Até o momento, para além de algumas diferenças físicas, os sexos são bastante semelhantes em termos psicológicos, sendo inexistente a comprovação de que as mulheres são intelectualmente inferiores aos homens (Saini, 2017).

Por outro lado, quando se fala de gênero, refere-se à “construção cultural das diferenças sexuais entre homens e mulheres” (Houaiss & Villar, 2003), portanto uma causa dos aspectos sociais. Esse termo surge em 1890 para descrever a crença na igualdade de sexos, sendo a mulher igualmente capaz, teoria que origina o feminismo. Judith Butler defende que os gêneros são diversos “*styles of the flesh*”,

⁵ Tradução da autora: “men outperform women in maths and sciences because of biological difference, and discrimination is no longer a career barrier for female academics.” (The Guardian, 2005).

em que se representa “um 'ato', [...], que é tanto intencional quanto performativo, onde 'performativo' sugere uma construção dramática e contingente de significado.”⁶ (Butler, 1990). Portanto, o gênero é definido por atributos sociais e culturais que se adquirem, e não previamente definidos no nascimento.

Em 1949 na França, Simone de Beauvoir (1970) publica o livro *O Segundo Sexo*, em que analisa o papel associado à mulher na sociedade ocidental onde foram levadas a acreditar que os homens são superiores, consequência dos sistemas sociais controlados e formulados por e para os homens. Reafirmando a busca dos homens por uma justificação biológica ao sexismo, Beauvoir defende:

“Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, êle [sic] não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, êle [sic] quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento.” (Beauvoir, 1970, p. 25)⁷

Este livro foi de extrema importância para o movimento feminista, pois além de expor a opressão sofrida pelas mulheres, também afirma que para o fim da discriminação é necessária a igualdade de papéis atribuídos aos homens e às mulheres, sendo que ambos têm as mesmas habilidades e capacidades.

Outras teóricas feministas realizam estudos sobre as representações do gênero no espaço, mas também como se interrelaciona com a classe social e racial,

⁶ Tradução da autora: “an ‘act,’ [...], which is both intentional and performative, where ‘performative’ suggests a dramatic and contingent construction of meaning” (Butler, 1990, p. 96).

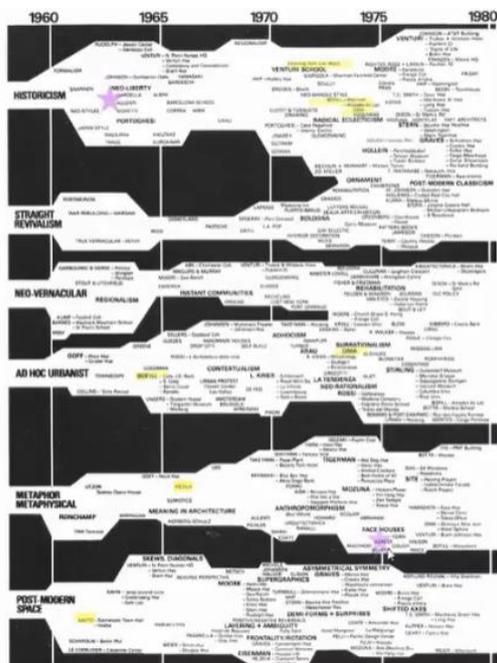
⁷ Título original: *Le Deuxième Sexe: Les Faits et les Mythes*, primeira publicação em 1949 no idioma francês.

que reproduzem diferentes tipos de opressões, apoiadas em estruturas sociais naturalizadas, geradoras de relações desiguais de poder. De acordo com Joice Berth (2017), na conferência do *IX Congresso Brasileiro Urbanístico*, o estudo da interseccionalidade, nome cunhado pela jornalista norte americana Kimberlé Crenshaw, procura examinar como diferentes categorias biológicas, sociais e culturais, tais como gênero, raça, classe, capacidade, orientação sexual, religião, casta, idade e outros eixos de identidade, interagem em níveis múltiplos e muitas vezes simultâneos (Berth, 2017).

Entendidas as diferenças entre o sexo e o gênero, no seguinte subcapítulo apresentam-se os principais estudos que relacionam os papéis de gênero com a arquitetura, permitindo uma reflexão sobre a importância de discutir e analisar a influência das desigualdades sociais na construção das cidades.



Figura 2. Exposição sobre as mulheres na arquitetura em 1977, organizada por Susana Torre. Maquete conceitual da "casa da mulher americana" de Catherine Beecher.



NOMBRADAS

Gae Aulenti
Diana Agrest

OMITIDAS (menciona socios)

Denise Scott Brown (Robert Venturi)
Franca Helg (Franco Albini)
Anna Bofill (Ricardo Bofill)
Madelon Vriesendorp y Zoe Zenghelis (Oma – Rem Koolhaas)
Aino Aalto (Alvar Aalto)
Raili Pietila (Reima y Raili Pietila)

Charles Jencks (1939-2019), Evolutionary Tree of Post-Modern Architecture, 1960-1980" (image found at [Archive of Affinities](#))

Figura 3. Mulheres nomeadas e omitidas no diagrama Evolutionary Tree of Post-Modern Architecture, 1960-1980, por Charles Jencks.

1.2 O gênero na arquitetura

O início do debate feminista na arquitetura se deu no fim dos anos 60 do século XX nos Estados Unidos, influenciado pelos movimentos por direitos civis e anti-guerra. Os momentos iniciais foram determinados pelos livros *The feminine mystique* (Friedman, 1963), *Sexual Politics* (Millett, 1970) e *Woman's Estate* (Mitchell, 1971), e marcados pela exposição *Women in American Architecture: a historic and contemporary perspective* (Figura 2) por Susana Torre (1977). Essa última cria-se com o objetivo de reescrever a história da arquitetura destacando arquitetas que foram esquecidas pela crítica arquitetônica, como Denise Scott-Brown, Julian Morgan e Marion Mahony. Na figura 3, Zaida Muxí apresenta as mulheres arquitetas que foram nomeadas no diagrama *Evolutionary Tree of Post-Modern Architecture* realizado por Charles Jencks, e as que foram omitidas quando mencionados os sócios de seus ateliês.

Outro importante momento é a publicação do livro *The Grand Domestic Revolution* (Hayden, 1981), que marca uma nova abordagem arquitetônica que vai contra o isolamento das mulheres no espaço doméstico, e traz à tona as contradições econômicas e espaciais. Através de análises experimentais para reestruturar os arranjos do dia a dia, relaciona o ambiente físico com a forma de viver (Antunes L. , 2012), (Dolores Hayden, s.d.).

Já o livro *Sexuality and Space* (1992) editado por Beatriz Colomina (Figura 4), é o primeiro da série *Princeton Papers on Architecture*, e surge a partir de um simpósio que ocorre em 1990, sendo o primeiro dedicado a um discurso abrangente e interdisciplinar sobre identidade sexual na arquitetura. Na introdução, Colomina refere que “as políticas do espaço são sempre sexuais, mesmo que o espaço seja central para os mecanismos de supressão da sexualidade”⁸, logo para a compreensão da arquitetura, deve-se afastar do discurso dessa como objeto, e entendê-la como uma representação dos sistemas políticos

⁸ Tradução da autora: “The politics of space are always sexual, even if space is central to the mechanisms of the erasure of sexuality.” (Colomina, 1992, p. Introduction).

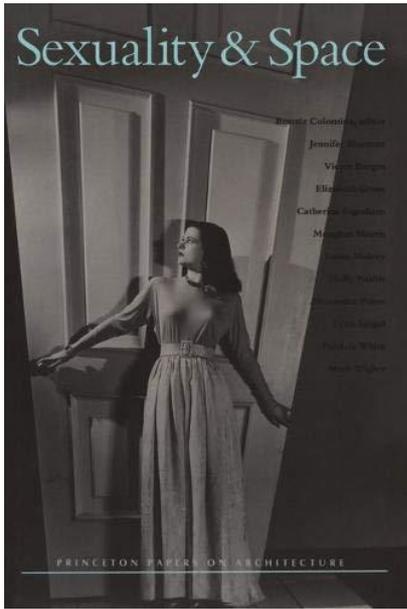


Figura 4. Capa do livro *Sexuality and Space*, editado por Beatriz Colomina em 1992

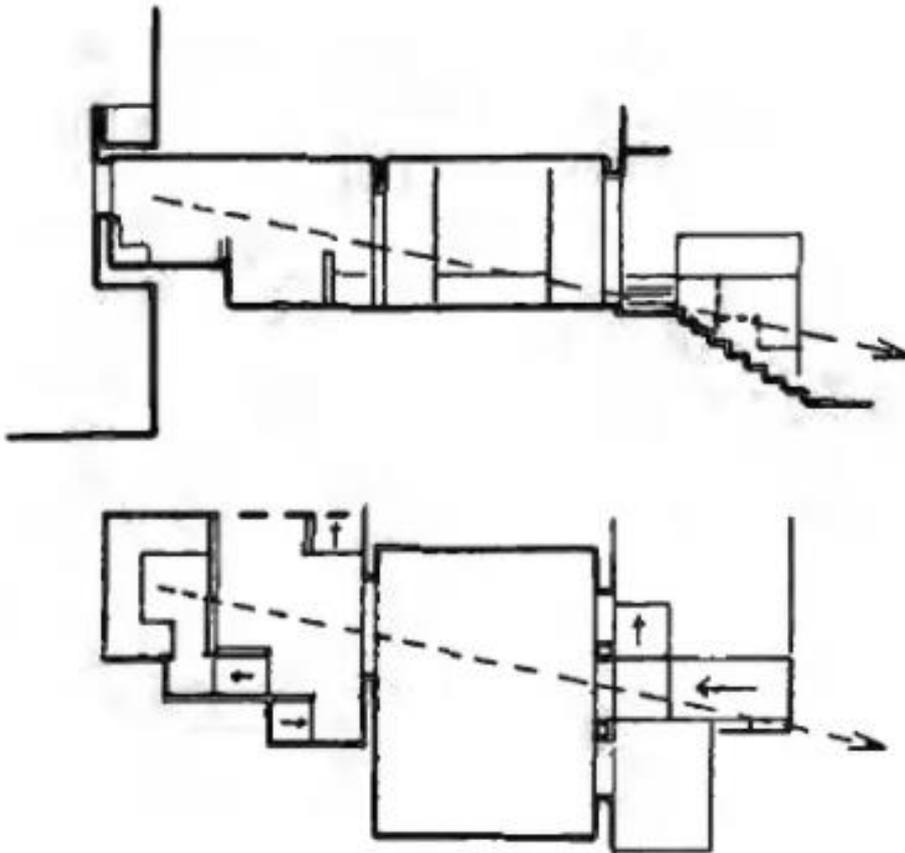


Figura 5. Secção e planta da Moller House, projeto de Adolf Loos, 1928, com o traçado do olhar do "quarto das mulheres" na área de sentar-se até o jardim traseiro.

e sociais, devendo, de certa forma, “inserir as preocupações feministas em um discurso amplamente masculino”⁹ (Harvard Design Magazine).

Colomina ainda levanta a seguinte pergunta: “Como é que a questão do espaço já está inscrita na questão da sexualidade?”¹⁰ Porém, mais que a sexualidade em si, é pensar a arquitetura como um sistema de representações, sendo o gênero inscrito no espaço, esse nunca é projetado de forma neutra, mas sim de acordo com o contexto social, cultural e político.

Ao longo do livro, Colomina analisa as representações dos projetos de habitação de Adolf Loos e Le Corbusier. Explora a forma como essas casas são fotografadas e projetadas ao olhar do arquiteto, quase como uma imagem teatral, em que os espaços determinados à mulher estão sempre ocultos, aprisionados ao interior e sob observação do olhar masculino. Na figura 5 podemos ver como Colomina analisa os eixos visuais do “quarto das mulheres” da *Moller House*, projeto do arquiteto Adolf Loos, onde a janela localizada atrás da área de sentar permite a entrada de luz e a formação de silhueta das ocupantes, mas não propicia o olhar do interior para o exterior, sendo a vista direcionada para o jardim traseiro.

Continuando com esse discurso, a teórica de arquitetura Hilde Heynen (2005) em seu livro *Negotiating Domesticity: Spatial productions of gender in modern architecture*, fala da conceitualização do modernismo pela busca de progresso e racionalidade, por meio da mudança e ruptura com o passado. Essa necessidade de autenticidade representa o individualismo em detrimento da comunidade e a saída da casa. Heynen refere o “*homelessness*” metafórico, o qual, o “homem perdeu o conhecimento de “como habitar” (Heynen & Baydar, 2005, p. 2), sendo que “habitar, no sentido próprio, é agora impossível... A casa é passado”¹¹

⁹ Tradução da autora: “To insert feminist concerns into a masculine discourse.” (Harvard Design Magazine).

¹⁰ Tradução da autora: “How is the question of space already inscribed in the question of sexuality?” (Colomina, 1992, p. Introduction).

¹¹ Tradução da autora: Heynen, citando o filósofo Martin Heidegger refere, “modern man has lost the knowledge of “how to dwell.”” E Theodor Adornois que compartilha da mesma ideia ““Dwelling, in the proper sense, is now impossible... The house is past.”” (Heynen & Baydar, 2005, p. 2).

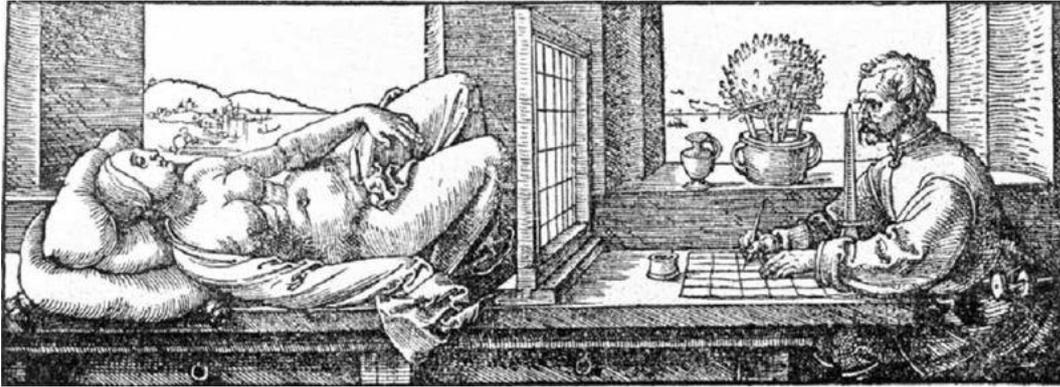


Figura 6. Man drawing a reclining woman, 1525, de Albert Dürer, com a posição de objeto à direita (mulher) e observador à direita (homem).

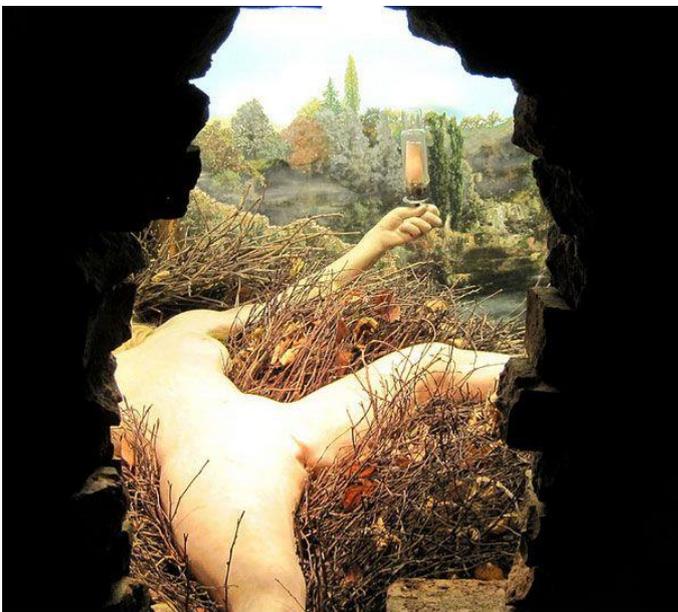


Figura 7. Étant donnés: 1° la chute d'eau / 2° le gaz d'éclairage, 1946-1966, Marcel Duchamp.

(Adorno *apud* Heynen & Baydar, 2005, p. 2). Portanto, sendo a mulher associada ao doméstico, a dissociação da casa da vivência na cidade, reforça a modernidade como um núcleo masculino, que não considera as necessidades e experiência das mulheres. Logo, a relação do opressor (homem) e oprimido (mulher), se torna mais visível e acentuado na cidade, onde ela está exposta ao olhar, controle e objetificação por parte do homem.

A geógrafa feminista Doreen Massey (1994), refere o *flâneur*, termo originalmente utilizado por Janet Wolff, em que representa o controle visual masculino, refletindo a prática do *voyeurismo* onde esse observa, mas não é observado. Essa relação de controle e sujeição se constata na pintura renascentista *Man drawing a reclining woman* de Albrecht Dürer (Figura 6) e na peça *Étant donnés: 1° la chute d'eau / 2° le gaz d'éclairage* de Marcel Duchamp (Figura 7), que representam uma relação de objeto (mulher) e observador. Já na imagem do livro *Physiologie du flâneur* de Louis Huart (Figura 8), e no *frame* do documentário *Sob constante ameaça* (Figura 9), a mulher está na cidade sujeita aos olhares masculinos e à violência.

Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction (Rendell, 2000), reúne pela primeira vez os principais ensaios teóricos onde se cruzam os temas de gênero, espaço e arquitetura. De forma coerente, é dividido em três partes, sendo a primeira “*Gender*”, em que se apresenta a história do pensamento feminista ocidental, com textos clássicos de Virginia Woolf e Simone de Beauvoir, e o gênero como categoria analítica, apresentado por Jane Rendell e Judith Butler. Na segunda parte “*Gender, Space*”, realiza uma abordagem interdisciplinar, que relaciona o gênero e o espaço, sendo esse, onde se (re)produzem desigualdades. Por último, na terceira parte “*Gender, Space, Architecture*”, trata das mulheres enquanto praticantes de arquitetura e organiza cronologicamente os principais textos desenvolvidos por arquitetas.



Figura 8. Capa do livro *Physiologie du flâneur*, 1841, de Louis Huart.



Figura 9. Frame do documentário *Sob Constante Ameaça*, de 2018, dirigido por Andrea Dip e Guilherme Peters. O filme possui planos que podem ser vistos tanto na perspectiva das personagens como na de um possível agressor.

Compreendidos os conceitos apresentados e a influência na arquitetura, no seguinte capítulo aprofunda-se o tema das questões de gênero, relacionando-o com o espaço urbano e o reflexo das opressões sociais na percepção de segurança pelas mulheres e outras minorias, as quais condicionam a apropriação e o direito à cidade.

CAPÍTULO 2

ANÁLISES DO ESPAÇO URBANO FACE ÀS
QUESTÕES DE GÊNERO E SEGURANÇA

O pensamento funcionalista na construção do espaço urbano defendido pelo movimento moderno e herdado do século passado, não considera as vivências e necessidades cotidianas dos utilizadores (Ciocoletto A. , 2012), projetado apenas aos “homens brancos de classe média” (Weisman, 1994), sendo esses considerados “indivíduo[s] neutro[s] e universal[ais]” (Muxí, et al., 2019). Portanto, é dada pouca, e por vezes nenhuma, importância às percepções e experiências específicas das mulheres.

Os debates e teorias feministas alertam desde o fim dos anos 60 do século passado sobre os problemas desse modelo “urbanístico ortodoxo” (Jacobs, 2011), onde a esfera produtiva está no centro, deixando de lado as atividades relacionadas com o cuidado e reprodução (Ciocoletto A. , 2012), essas associadas às mulheres, como já visto anteriormente.

Visto que o presente trabalho foi realizado em meio da pandemia de COVID-19, torna-se necessário citar as situações que foram intensificadas decorrente do confinamento ocorrido nesta fase. Logo, com o fechamento das creches, o ensino a distância e o teletrabalho, grande parte das mães trabalhadoras foram mais sobrecarregadas que os pais, com diversas tarefas domésticas não remuneradas e sem nenhum sistema de apoio, escancarando ainda mais a desigualdade no meio doméstico e sua influência no desempenho do trabalho das mulheres. (The New York Times, 2021)

Para além da jornada tripla de trabalho das mulheres, as denúncias de violência doméstica aumentaram, sendo que agora as mulheres “estão “presas” dentro de casa com seus agressores” (ONU Mulheres, 2020) e sem possibilidade de recorrer aos meios de apoio. Segundo o estudo *Intersectionality and Other Views on Violence Against Women in Times of Pandemic by COVID-19* (Barbosa J. L., 2020), uma das justificativas para esse aumento é que se trata do reflexo da sociedade em um campo microssocial:

“[...] o fato de todas as mulheres estarem confinadas em suas casas concentra no ambiente doméstico todas as formas de violência vivenciadas por elas na sociedade, tornando-as mais evidente e fazendo emergir esse fenômeno como uma questão de gênero, portanto

intimamente ligada às estruturas patriarcais, que se manifestam através do sexismo e machismo.” (Barbosa, Lima, Martins, Lanna, & Andrade, 2020).

No espaço público não é diferente. Com o encerramento de comércios, serviços e a falta de movimento nas ruas, intensificou-se a percepção de insegurança pelas mulheres em que os espaços urbanos e rurais se tornaram “mais propícios a violência (em particular sexual) contra as mulheres mais vulneráveis (como as sem abrigo) ou aquelas que trabalham nos serviços essenciais, como a enfermagem e a assistência social, altamente feminizados” (Carmo, Tavares, & Cândido, 2020), dificultando ainda mais a proteção e a qualidade de vida individual.

Essas situações expõem os problemas da construção das cidades “capitalistas e patriarcais” (Muxí, 2015) que não consideram as atividades cotidianas, os usos dos espaços e do tempo (Muxí, et al., 2019), reproduzindo desigualdades de gênero que perpetuam a exclusão de mulheres. Essas opressões são experienciadas de diversas formas por diferentes grupos identitários socialmente minoritários que sofrem com questões étnicas, socioeconômicas, raciais etc. que atuam simultaneamente.

Os estudos feministas vêm para confrontar esses problemas com a revisão dos espaços cotidianos, de forma a ajustá-los às necessidades de todas as pessoas que os utilizam. Como assinalado por Mária Ferradás (2016) a “consciência de gênero significa estar ciente das desigualdades entre homens e mulheres em um contexto patriarcal, mas consciência feminista significa tomar medidas: reflexão, gestão e solução desse problema.” (Ferradás, 2016)

Tradicionalmente, as diretrizes gráficas e escritas do planejamento urbanos, são abstratas e não representam a complexidade da realidade (Piga & Morello, 2013), resultando em espaços que realçam as desigualdades sociais e podendo também criar problemas que antes não existiam. Em parte, esse obstáculo se estabelece devido à preferência da quantificação¹² das pessoas e do

¹² Pesquisadoras feministas sociais dos anos 1980, consideraram a pesquisa quantitativa incompatível com os princípios feministas, pois esse tipo de quantificação estava ligado ao controle masculino de informação, podendo essa ser manipulada através da relação hierárquica na qual o

não diagnóstico das percepções dessas no espaço urbano. Em busca de novos métodos de análise, o estudo *Mapping The Crowd From Within* (Araneda & Gatica, 2017), assinala esse problema:

“[...] enquanto a configuração urbana tem recebido um tratamento fenomenológico cuidadoso, as pessoas, por outro lado, foram prontamente reduzidas a abstrações desde o início, consideradas apenas como números derivados da contagem de portões ou simulações baseadas em agentes. Como resultado, as evidências coletadas a respeito de tais informações permaneceram metodológica e representativamente fracas.”¹³ (Araneda & Gatica, 2017, p. 126.1).

Por conseguinte, contrariando a metodologia quantitativa normalmente utilizada no planejamento urbano, o objetivo desse capítulo é apresentar os métodos qualitativos de análise do espaço para uma maior aproximação da cidade desde a vida cotidiana, interpretando como diferentes pessoas o percebem e experimentam.

Seguindo para a teoria do urbanismo feminista e os respectivos métodos de análise defendidos, que sustentam a base para o trabalho de campo, é feita uma apresentação e reflexão sobre os diversos estudos desenvolvidos pelo Col.lectiu Punt 6, assim como outras pesquisas individuais das integrantes. Também é dado enfoque à pesquisa realizada por Paula Soto Villagrán em três centros de mobilidade na Cidade do México (Villagrán P. , 2019), que contribui com os métodos e representações utilizadas na análise do espaço urbano, tendo como centro a experiência das mulheres. Por último, é feita a ponderação de métodos de análise

pesquisador tinha o controle do contexto e da formulação de perguntas estratégicas. (Bryman, 2012, p. 40).

¹³ Tradução da autora: “whereas urban configuration has received careful phenomenological treatment, people, on the other hand, have been readily reduced to abstractions from the outset, considered only as numbers derived from gate counting or agent-based simulations. As a result, the gathered evidence regarding such information has remained both methodologically and representationally weak.” (Araneda & Gatica, 2017, p.126.1).

qualitativos para aproximação ao contexto de um território, considerando a fruição e a percepção do espaço pelas pessoas como meio principal de conhecimento do território e para propostas de melhorias. Posteriormente, é realizada a escolha e justificação dos métodos, adaptando-os para a realização da pesquisa nos Polos Universitários de Coimbra em cenário de pandemia, considerando as sugestões e informações dadas por Sara Ortiz Escalante¹⁴ durante a entrevista realizada em 26 de março de 2021 (Apêndice I).

¹⁴ Sara Ortiz Escalante é arquiteta, urbanista e socióloga, integrante do Col.lectiu Punt 6 com base em Barcelona.

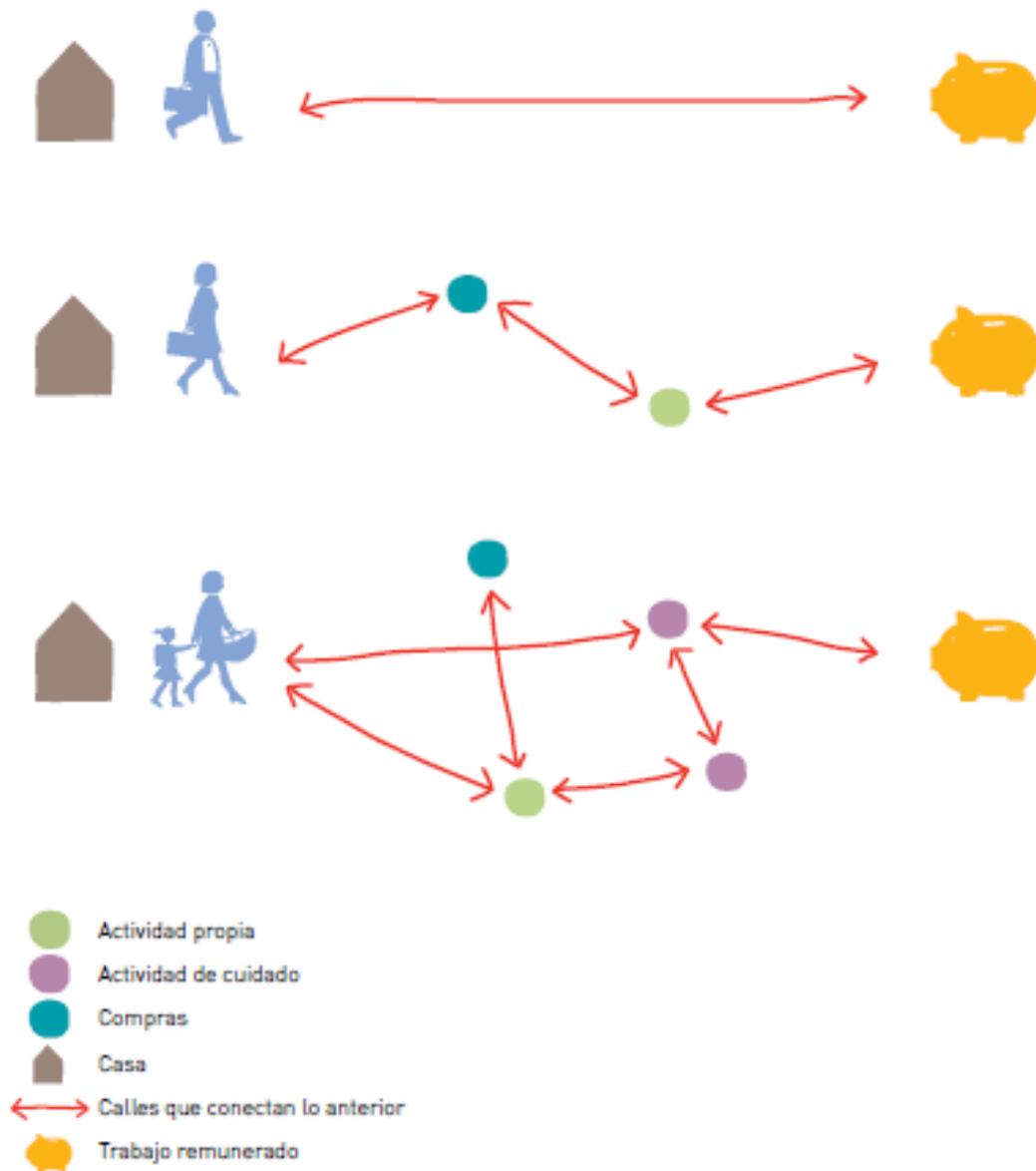


Figura 10. Diagrama explicando as atividades associadas aos papéis de gênero. Fonte: Ciocoletto, A. Espacios para la vida cotidiana. Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de género. p.13.

2.1. Abordagens do Urbanismo Feminista

“Não existe um só tipo de experiência urbana nem uma só maneira de viver na cidade.” (Muxí, et al., 2019, p. 17)¹⁵

Como visto anteriormente, o gênero é uma construção social e cultural associada ao sexo, projetando as atitudes e espaços que cada pessoa deve ter e ocupar (papéis de gênero), condição que se reflete também na configuração dos espaços (Col.lectiu Punt 6, 2011), onde se associa as mulheres ao privado e os homens ao público.

Consequentemente, a cidade é um espaço físico que (re)produz desigualdades (Muxí, et al., 2019), onde se perpetuam as “relações de poder que privilegiam grupos quantitativamente minoritários em detrimento de grupos socialmente minoritários” (Berth, 2017), os quais “não têm acesso pleno aos direitos garantidos pelas leis vigentes” (Berth, 2017). Tais relações evidenciadas na cidade, impõem às mulheres certas restrições à mobilidade (Villagrán P. , 2019) e à capacidade de se apropriar e participar do entorno urbano (Escalante S. O., 2014).

Portanto, como vimos anteriormente, o planeamento das cidades, maioritariamente pensado por e para homens, não considera a experiência e necessidades das mulheres (Villagrán P. , 2019), posicionando a “experiência masculina como universal, única, neutra e verdadeira como única fonte de conhecimento” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 4).¹⁶ Essa invisibilização reflete também a desvalorização das tarefas domésticas e da mobilidade do cuidado¹⁷ (Figura 10),

¹⁵ Tradução da autora: “No existe un solo tipo de experiencia urbana ni una sola manera de vivir en la ciudad” (Muxí, et al., 2019, p. 17).

¹⁶ Tradução da autora: “experiencia masculina, como universal, única, neutra y verdadera como única fuente de conocimiento” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 4).

¹⁷ Os papéis sociais, muitas vezes impõem às mulheres a realização das tarefas reprodutivas. Sendo que essas, demandam percursos diários com mais paradas relativamente ao trajeto dos homens, denominados como “mobilidade do cuidado” (Madariaga I. S., 2004).



Figura 11. Prioridade a esfera produtiva na cidade capitalista e patriarcal.



Figura 12. Proposta pelo urbanismo feminista em centralizar o cotidiano, considerando as atividades, os espaços e os tempos. A esfera produtiva está relacionada a atividades remuneradas como a produção de bens e serviços; a esfera reprodutiva a atividades não remuneradas realizadas no meio doméstico como o fornecimento de moradia, cuidados, alimentação etc.; a esfera pessoal a atividades relacionadas com o desenvolvimento intelectual e pessoal de cada um, como a vida social, lazer, desporto, cuidados etc.; e a esfera comunitária ou política a atividades relacionadas com a participação social, cultural e política, criando condições para a continuidade das gerações. (Ciocoletto, 2014, p. 14).

maioritariamente realizada por mulheres, posição que torna o espaço urbano muitas vezes desfavoráveis às mesmas:

“Os usos que as mulheres fazem dos espaços urbanos e do tempo geralmente diferem dos movimentos, dos horários e das razões que têm dirigido predominantemente as decisões sobre a conformação de nossos ambientes construídos. Essas decisões são geralmente tomadas em cascata, onde a maior dimensão e, portanto, mais distante da vida cotidiana das pessoas, é a prioritária e a que domina.” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 6)¹⁸

Como forma de contrariar esse “urbanismo ortodoxo” (Jacobs, 2011), que coloca no centro a esfera produtiva (Figura 11), este subcapítulo apresenta os métodos de análise utilizados pelas integrantes do Col.lectiu Punt 6, as quais desenvolvem e adaptam o “urbanismo feminista” (Muxí, et al., 2019). Essa nova forma de pensar cidades, busca analisar e compreender os espaços, colocando a vida das pessoas no centro das decisões urbanas (Figura 12). Considera-se aqui a experiência de diferentes mulheres como fundamental para entender as formas e processos de discriminação, valorizando o sentido de corresponsabilidade comunitária, como referido no livro *Urbanismo Feminista* (2019):

“A aproximação à cidade desde a vida cotidiana coloca em valor todas as necessidades derivadas das atividades do dia a dia, visibilizando e reconhecendo a importância das tarefas reprodutivas e de cuidados realizadas maioritariamente por mulheres, e reivindicando a corresponsabilidade social e coletiva no desenvolvimento de tais atividades” (Muxí, et al., 2019, p. 19).¹⁹

¹⁸ Tradução da autora: “Los usos que las mujeres hacemos de los espacios urbanos y del tiempo suele diferir de los movimientos, horarios y razones que han dirigido de manera dominante las decisiones sobre la conformacion de nuestros entornos construidos. Estas decisiones suelen hacerse en cascada, donde la dimension mayor y, por lo tanto, mas alejada de la vida cotidiana de las personas, es la prioritaria y la que domina. Y en tanto que la seguridad no es una cuestion exclusiva de control y ordem impuesto es necesario trabajar de manera multiescalar y transversal para que cada decision tomada en la organizacion espacial de las ciudades y pueblos sea verificada a diferentes escalas y desde diferentes conocimientos.” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 6).

¹⁹ Tradução da autora: “La aproximación a la ciudad desde la vida cotidiana pone en valor todas las necesidades derivadas de las actividades del día a día, visibilizando y reconociendo la importancia de las tareas reproductivas y de cuidados realizadas mayoritariamente por mujeres, y

O Col.lectiu Punt 6, com base em Barcelona, é formado por arquitetas, urbanistas e sociólogas das quais fazem parte Roser Casanovas, Adriana Ciocoletto, Marta Fonseca Salina, Blanca Valdivia Gutiérrez e Sara Ortiz Escalante. Inicia-se em 2004, por iniciativa da arquiteta e urbanista Zaida Muxí, após a aprovação da “ley de Barrios”²⁰. Essa lei autônoma “pelo Governo da Catalunha, visa intervir na melhoria dos bairros, áreas urbanas e vilarejos que exigem atenção especial” (Muxí & Ciocoletto, 2011, p. 133)²¹, garantindo a inclusão de oito campos a seguir em intervenções propostas, sendo esses:

- “1. Melhoria do espaço público e disponibilização de espaços verdes.
 2. Reabilitação e equipamentos dos elementos coletivos dos edifícios.
 3. O fornecimento de equipamento para uso coletivo.
 4. A incorporação das tecnologias da informação nos edifícios.
 5. A promoção da sustentabilidade no desenvolvimento urbano, especialmente no que diz respeito à eficiência energética, economia no consumo de água e reciclagem de resíduos.
 6. Equidade de gênero no uso do espaço urbano e dos equipamentos.
 7. O desenvolvimento de programas que levem à melhoria social, urbanística e econômica do bairro.
 8. Acessibilidade e a eliminação de barreiras arquitetônicas.”
- (Comunidad Autónoma de Cataluña, 2004, p. 4)²²

reivindicando la corresponsabilidad social y colectiva en el desarrollo de dichas actividades.” (Muxí, et al., 2019, p. 19).

²⁰ Ley 2/2004, de 4 de junio, de mejora de barrios, áreas urbanas y villas que requieren una atención especial. Fonte: <https://www.boe.es/buscar/pdf/2004/BOE-A-2004-12700-consolidado.pdf>

²¹ Tradução da autora: “una ley autonómica aprobada por la Generalitat de Cataluña que tiene por objetivo intervenir en las mejoras de barrios, áreas urbanas y villas que requieren atención especial” (Muxí & Ciocoletto, 2011, p. 133).

²² Tradução da autora: “La mejora del espacio público y la dotación de espacios verdes; La rehabilitación y el equipamiento de los elementos colectivos de los edificios; La provisión de equipamientos para el uso colectivo; La incorporación de las tecnologías de la información en los edificios; El fomento de la sostenibilidad del desarrollo urbano, especialmente en lo que respecta a la eficiencia energética, el ahorro en el consumo de agua y el reciclaje de residuos; La equidad de género en el uso del espacio urbano y de los equipamientos; El desarrollo de programas que conlleven una mejora social, urbanística y económica del barrio; La accesibilidad y la supresión de las barreras arquitectónicas” (Comunidad Autónoma de Cataluña, 2004, p. 4).

A incorporação do ponto 6, “equidade de gênero no uso do espaço urbano e dos equipamentos.” (Muxí & Ciocoletto, 2011, p. 131), em uma lei de reabilitação urbana, contribui de forma inovadora para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável com a “aplicação da perspectiva de gênero na planificação urbana” (Muxí & Ciocoletto, 2011, p. 133)²³.

Logo, a origem do nome Col.lectiu Punt 6, ratifica a importância da aplicação do ponto 6 na lei Catalã, e o coletivo cria-se com o objetivo de repensar as cidades, bairros e arquiteturas, de forma a favorecer uma vida sem discriminações numa sociedade diversa, inclusiva e equitativa. No livro *Urbanismo feminista. Por una transformaci3n radical de los espacios de vida* (Muxí, et al., 2019), explicam-se os fundamentos para intervir na cidade, de acordo os princípios defendidos do urbanismo feminista, do ecofeminismo²⁴, da interseccionalidade²⁵, da participação, da ação comunitária e da percepção de (in)segurança.

Sara Ortiz Escalante (2014), arquiteta, urbanista e socióloga integrante do Col.lectiu Punt 6, publica em 2014 o artigo “Espacio P3blico, G3nero e (In)Seguridad”. Baseando-se no conceito de “direito à cidade” desenvolvido por Henri Lefebvre (2001)²⁶, comea por fazer uma abordagem hist3rica da inclus3o do tema da viol3ncia de g3nero no urbanismo e o que se entende por (in)segurança das mulheres. Seguindo para os tipos de metodologias desenvolvidas nas 3ltimas d3cadas envolvendo esse assunto, apresenta exemplos de projetos realizados e seus respectivos desafios e oportunidades (Escalante S. O., 2014, p. 48).

²³ Tradução da autora: “la aplicaci3n de la perspectiva de g3nero en la planificaci3n urbana” (Muxí & Ciocoletto, 2011, p. 131)

²⁴ O planeamento urbano feminista, incorpora o ecofeminismo na an3lise dos espaos para conectar a crise ambiental global com a crise global dos cuidados. (ACD 2020 - Sara Ortiz Escalante Col.lectiu Punt 6, s.d.)

²⁵ Interseccionalidade 3 o termo cunhado por Kimberl3 Crenshaw para definir as diversas formas de combater as discrimina3es baseadas na intera3o de diferentes identidades (como raa, etnia, g3nero) que atuam ao mesmo tempo (Crenshaw, 1994).

²⁶ “O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualiza3o na socializa3o, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropria3o (bem distinto ao direito à propriedade) est3o implicados no direito à cidade” (Lefebvre, 2001, p. 134). T3tulo original *Le droit à la ville* publicado em 1968.

O tópico da segurança no urbanismo começa a ser discutido na década de 1960, considerando furtos, roubos e vandalismo como atos de violência, mas excluindo a violência de gênero (Escalante S. O., 2014, pp. 48, 49) e a percepção de insegurança. A forma de prevenção da violência implementada por governos locais, consiste em incrementar a presença de policiais e o controle do acesso aos espaços públicos, muitas vezes restringindo a apropriação urbana (Escalante S. O., 2014).

Outras estratégias também consideram aumentar a presença de pessoas e a produção de *workshops* educativos em comunidades mais desfavorecidas, porém sem incluir as diferentes formas de opressão sobre as questões de gênero, etnia e origem, que implicam diferentes percepções. Portanto, “mais que a segurança patriarcal ligada especialmente a propriedade” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 5)²⁷, deve-se pensar a segurança “como parte dos direitos humanos a uma vida digna, de respeito, de independência, de liberdades, de eleições” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 5)²⁸, abordando não só o que é definido por lei como crime, mas também a percepção de insegurança e a violência de gênero.

Sendo a insegurança definida como “sensação ou sentimento de não estar protegido, seguro” (Houaiss & Villar, 2003, p. 2105) e o medo como “estado afectivo irracional ou fundamentada; receio; desejo de evitar” (Houaiss & Villar, 2003, p. 2436), esses sentimentos privam as pessoas da liberdade, do poder de escolhas e do próprio “direito à cidade” (Lefebvre, 2001). Escalante (2014) exemplifica a percepção de insegurança e o medo pelas mulheres no espaço urbano da seguinte forma:

“Se em uma rua onde 100% das pessoas que vivem são mulheres, dessas uma é estuprada, as consequências não recaem apenas sobre o 1%, da mulher que foi estuprada, mas sobre 100% das mulheres, visto que esse fato aumentará a percepção de insegurança e o medo das mulheres que

²⁷ Tradução da autora: “más que a la seguridad patriarcal ligada especialmente a la propiedad”. (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 5)

²⁸ Tradução da autora: “como parte de los derechos humanos a una vida digna, de respeto, de independencia, de libertades, de elecciones.” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 5)

vivem ali, porque sentem que isso também pode acontecer com elas.”

(Michaud *apud* Escalante S. O., 2014, p. 51)²⁹

Esse sentimento se refere ao fato de que a violência nas mulheres é aleatória e “pode acontecer com qualquer mulher em qualquer território, constituindo um limite à liberdade e ao exercício dos direitos dos cidadãos.” (Col.lectiu Punt 6, 2016, p. 7)³⁰. Sara Ortiz (2014), citando Teresa del Valle (2006), refere que “o medo, como a segurança, tem diferentes referências e significados para homens e mulheres. O medo ou a percepção de insegurança das mulheres é marcado pela violência exercida sobre nossos corpos sexuais.” (Valle *apud* Escalante, 2014)³¹. Consequentemente, as medidas tomadas pela vítima também diferem, como sinalizado por Escalante: “quando uma mulher é estuprada, é pouco provável que ela a compartilhe com muitas pessoas e, dependendo do contexto em que vive, ela não vai querer denunciar o estupro por medo de ser re-vitimizada e culpada.” (Escalante S. O., 2014, p. 52)³². Assinala-se que as mulheres são diversas, logo suas vivências também:

“[...] o medo da mulher no espaço público constitui um limite no seu acesso à cidade e é produto das relações entre aspectos espaciais e sociais do ambiente. Porém, esse limite imposto pelo medo não se apresenta de forma homogênea para todas as mulheres, ele pode variar de acordo com a renda, idade, ciclo de vida e vitimização” (Siqueira, 2015, pp. 109-110).

²⁹ Tradução da autora: “Si en una calle donde el 100% de las personas que viven son mujeres, a una la violan, las consecuencias no recaen solo sobre el 1 %, esa mujer a la que han violado, sino sobre el 100% de las mujeres, ya que ese hecho aumentará la percepción de inseguridad y el miedo de las mujeres que viven allí, porque sienten que les puede pasar a ellas también.” (Escalante S. O., 2014, p. 51)

³⁰ Tradução da autora: “pueden suceder a cualquier mujer en cualquier territorio, constituyendo un limite a la libertad y al ejercicio de los derechos ciudadanos.” (Col.lectiu Punt 6, 2016, p. 7)

³¹ Tradução da autora: “el miedo, lo mismo que la seguridad, tiene referentes y significados distintos para hombres y mujeres. El miedo o la percepción de inseguridad de las mujeres está marcada por la violencia ejercida sobre nuestro cuerpo sexuado.” (Escalante S. O., 2014, p. 52)

³² Tradução da autora: “cuando una mujer es violada, dificilmente lo va a compartir con mucha gente y, según en qué contexto viva, no va a querer denunciar esa violación por miedo a ser revictimizada y culpada.” (Escalante S. O., 2014, p. 52)



Figura 13. São Francisco, 1978. Foto por Suzanne Lacy.



Figura 14. Boston, 1979. Foto por Spencer Grant.



Figura 15. Universidade de Harvard, Radcliffe (antiga instituição de ensino superior para mulheres), 1980.



Figura 16. Universidade Estadual da Carolina do Norte, 1987. Fotografia por Marc Kawanish.



Figura 17. Faculdade Comunitária em Austin, 2015.



Figura 18. Universidade de Oregon, 2013.

Como forma de reivindicar o direito de se sentir segura no espaço público, nos anos de 1970 nos Estados Unidos, dá-se início ao primeiro esforço mundial para combater a violência sexual contra as mulheres, o movimento *Take Back the Night* (TBTN) (Figuras 13 a 18). A primeira marcha realiza-se em 1972 no campus da Universidade do Sul da Florida “exigindo recursos e segurança para as mulheres” (TBTN History, 2021)³³ e se “estende para vários outros países influenciando o modo de abordar a (in)segurança das mulheres desde o planejamento urbano” (Escalante S. O., 2014, p. 53).

Essa influência é clara nos princípios desenvolvidos na cidade de Montreal pelo *Comité D’action Femmes et Sécurité Urbaine* (CAFSU)³⁴ criado em 1992 em “resposta ao aumento de estupros de mulheres na cidade” (Escalante S. O., 2014, p. 54)³⁵. Para tal, tem como objetivos:

“[...] reconhecer o sentimento de insegurança das mulheres como um indicador chave para a avaliação e análise na implementação de um projeto, aumentar o sentimento de segurança das mulheres, reduzir as ocasiões de agressão, promover os princípios para um projeto seguro, desenvolver parcerias entre organizações comunitárias e instituições públicas e privadas, e mobilizar a comunidade a nível do bairro e do município” (CAFSU, 2003, p. 2)³⁶.

³³ Tradução da autora: “demanding resources and safety for women” (TBTN History, 2021).

³⁴ Nome traduzido: *Comitê de Ação de Mulheres e Segurança Urbana*.

³⁵ Tradução da autora: “en respuesta a un aumento de las violaciones de mujeres em Montréal” (Escalante S. O., 2014, p. 54).

³⁶ Tradução da autora: “Reconnaître le sentiment d’insécurité des femmes comme indicateur privilégié d’évaluation et d’analyse dans la réalisation d’un projet, renforcer le sentiment de sécurité des femmes, réduire les occasions d’agression, promouvoir les principes d’aménagement sécuritaire, développer le partenariat entre les organismes communautaires et les institutions publiques et privées, mobiliser la communauté au niveau des quartiers et des municipalités” (CAFSU, 2003, p. 2).

Mesures	Principes
<ul style="list-style-type: none"> • Signalisation adéquate pour indiquer les noms de rue, les adresses des commerces, les téléphones, les toilettes, etc.; • Cartes géographiques du quartier placées à divers endroits; • Signalisation uniforme dans l'ensemble de la zone commerciale; • Indiquer les horaires de commerce et placer un panneau « ouvert » ou « fermé » bien en évidence sur la porte des commerces; • Indiquer par un panneau situé à l'extérieur la présence de téléphone public à l'intérieur des commerces ou des services publics. 	<p>1. Savoir où l'on est et où l'on va</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Éclairage répondant aux normes de sécurité; • Éliminer les cachettes et favoriser les activités au niveau de la rue plutôt que de les disperser en étages; • Placer les omnicolones et les bacs à fleurs de manière à ne pas constituer un obstacle visuel; • Susciter une surveillance naturelle au niveau de la rue via les vitrines d'établissement et les activités commerciales; • Favoriser la mixité des fonctions urbaines par des activités commerciales au niveau de la rue et par des logements aux étages supérieurs; • Maximiser la visibilité pour les usagers des guichets automatiques; • Analyser avec soin l'aménagement sécuritaire des terrains vagues et des espaces vacants, privés et publics. 	<p>2. Voir et être vue</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Favoriser la surveillance naturelle par des activités suscitant l'affluence; • Placer les entrées des toilettes publiques des femmes près des endroits d'affluence et installer les tables à langer dans les toilettes pour personnes handicapées. 	<p>3. Entendre et être entendue</p>

Figura 19

1- Saber onde está e aonde vai: sinalização adequada para indicar nomes de ruas, endereços comerciais, telefones, banheiros etc.; mapas geográficos da área colocados em vários locais; sinalização uniforme em toda a área comercial; indicar o horário de funcionamento e colocar um sinal <<aberto>> ou <<fechado>> em destaque na porta das lojas; indicar a presença de telefones públicos dentro de lojas ou serviços públicos por meio de uma placa localizada no exterior.

2- Ver e ser vista: iluminação que atenda às normas de segurança; eliminar esconderijos e incentivar atividades a nível de rua em vez de dispersar em pisos; colocar os postes e vasos de forma a não constituir um obstáculo visual; gerar vigilância natural a nível das ruas através de vitrines e atividades comerciais; promover uma mistura de funções urbanas com atividades comerciais no nível das ruas e habitação nos andares superiores; maximizar a visibilidade para os usuários de caixas eletrônicas; analisar cuidadosamente o desenvolvimento seguro de terrenos e espaços vazios, tanto privados como públicos.

3- Ouvir e ser ouvida: favorecer a vigilância natural por meio de atividades que aumentem o movimento de pessoas; colocar as entradas dos banheiros públicos femininos perto de áreas movimentadas e instalar mesas de troca nos banheiros para pessoas deficientes.

Seguindo esses objetivos, são descritos seis princípios no guia *Pour un environnement urbain sécuritaire. Guide d'aménagement. Programmes Femmes et Ville de la Ville de Montreal* (Ville de Montréal, 2002) (Figuras 19 a 21) para seguir na implementação de projetos do espaço urbano, sendo esses:

“1- sinalização: saber onde você está e para onde vai

2- visibilidade: ver e ser visto

3- concentração de pessoas: ouvir e ser ouvida

4- vigilância formal e acesso à ajuda: poder escapar e obter ajuda

5- planejamento e manutenção de lugares: viver em um ambiente limpo e acolhedor

6- envolvimento da comunidade: agir em conjunto” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 3)³⁷

Dessa forma, quando abordada a influência do planejamento urbano na percepção de (in)segurança, durante a entrevista realizada com Sara Ortiz Escalante³⁸, esta refere que “há muitos aspectos sociais, educacionais e culturais que são muito mais importantes e que precisam ser abordados e transformados. Mas a partir do planejamento urbano podemos contribuir para melhorar a percepção da segurança” (Escalante S. O., 2021)³⁹. Com esse intuito, o Col.lectiu Punt 6 trabalha “com base nessas seis variáveis de segurança que são inspiradas pelo trabalho realizado em Montreal, Canadá e onde se combinam elementos físicos e sociais” (Escalante S. O., 2021)⁴⁰.

³⁷ Tradução da autora: “la señalización: saber adónde se está y adónde se va; la visibilidad: ver y ser visto; la concurrencia de personas: oír y ser oído; la vigilancia formal y acceso a la ayuda: poder escapar y obtener auxilio; la planificación y el mantenimiento de los lugares: vivir en un ambiente limpio y acogedor; la participación de la comunidad: actuar en conjunto” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 3).

³⁸ Sara Ortiz Escalante integrante do Col.lectiu Punt 6 entrevistada em 26 de março de 2021. (Apêndice I).

³⁹ Tradução da autora: “Hay muchos aspectos sociales, educativos, culturales que son mucho más importantes y que se necesitan abordar y transformar. Pero desde el urbanismo podemos contribuir a mejorar la percepción de seguridad” (Escalante, 2021).

⁴⁰ Tradução da autora: “a partir de las seis variables de seguridad que se inspiran en el trabajo que se hizo en Montreal, Canadá y donde se combinan elementos físicos y elementos sociales” (Escalante, 2021).

- Commerces opérant selon des heures variables;
- Poste d'attente de taxi situé à proximité de l'artère commerciale;
- Téléphone et tout autre moyen permettant d'améliorer la sécurité des personnes, installés à l'intérieur tout comme à l'extérieur des édifices;
- Patrouille régulière sur les voies commerciales, à l'arrière des magasins et sur les quais de déchargement;
- Restreindre l'accès à certains locaux via des cartes d'accès et des codes numériques;
- Établir une politique sur la sécurité et le traitement des plaintes sur les voies commerciales, et diffuser l'information concernant la sécurité de la clientèle féminine;
- Former le personnel assurant la sécurité dans les zones commerciales à réagir à divers problèmes suscités par le harcèlement, l'agressivité, le vol à la tire, etc.;
- Former également les employés des banques qui répondent aux appels faits à partir des guichets électroniques, à intervenir en cas d'urgence.

4. Pouvoir s'échapper et obtenir du secours

Figura 20.

4- Poder escapar e obter auxílio: lojas que operam em horários variáveis; ponto de táxi localizado próximo à zona comercial; telefone e qualquer outro meio de melhorar a segurança pessoal, tanto dentro como fora dos edifícios; patrulhas regulares nas pistas comerciais, nos fundos das lojas e nas docas de descarga; restringir o acesso a certas instalações através de cartões de acesso e códigos numéricos; estabelecer uma política sobre segurança e tratamento de reclamações em rotas comerciais, e disseminar informações sobre a segurança das mulheres clientes; treinamento do pessoal de segurança nas áreas de compras para responder a vários problemas, tais como assédio, agressão, carteiristas, etc.; também treinar funcionários do banco que atendem chamadas de caixas eletrônicas para responder a emergências.

Tais variáveis são adaptadas de acordo com os diferentes contextos e escalas, estabelecendo seis elementos necessários para criar espaços seguros que focalizem as “esferas que constituem as vidas das pessoas” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 9) sem hierarquias. Esses princípios visam criar ambientes com comunidade, visíveis, vigiados, equipados, sinalizados e vitais, os quais serão explicados individualmente no subcapítulo 4.1.

O sentido de comunidade abordado pelo Col.lectiu Punt 6 consiste em “um grupo diversificado de pessoas que se relacionam em um ambiente próximo (bairro) compartilhando espaços comuns onde vivem juntas e desenvolvem suas vidas diárias. A comunidade, por sua vez, implica em convivência, associação, solidariedade e afeto, uma rede de relações sociais.” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 11)⁴¹. Sendo a diversidade de pessoas, atividades e usos dados aos espaços, indícios de uma cidade ativa e segura (Jacobs, 2011), a importância de se trabalhar a dimensão social se dá por valorizar as diversas experiências cotidianas e incorporá-las no planejamento urbano, gerando ambientes com vida, que permitam a apropriação e o sentido de pertença por toda a comunidade.

No sentido espacial, sua configuração afeta a forma como as pessoas se relacionam, dependendo da importância relativa de certas atividades. A ideia da cidade moderna setoriza a cidade segundo funções predeterminadas, valoriza o automóvel em detrimento das pessoas, e defende um território disperso em crescimento contínuo, colocando no centro a esfera produtiva, a qual privilegia poucas pessoas (Jacobs, 2011). Logo, o desenho do espaço pode contribuir com a exclusão de grupos sociais, como também pode favorecer a pertença comunitária do espaço e a socialização das pessoas de maneira igualitária, interrelacionando

⁴¹ Tradução da autora: “un grupo diverso de población que se relaciona em um entorno próximo (barrio-vecindario) compartiendo espacios comunes donde conviven y desarrollan su vida cotidiana. Comunidad implica a su vez convivencia, Asociación, solidaridad y afecto, red de relaciones sociales” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 11).

<ul style="list-style-type: none"> • Favoriser l'établissement d'activités diverses et complémentaires; • Éviter de construire des bâtiments présentant des murs aveugles au niveau de la rue; • Encourager la circulation piétonnière et implanter des mesures de réduction de la circulation motorisée dans certaines zones; • Aménager des trottoirs larges pour faciliter les déplacements à pied et favoriser un plus grand champ de vision; • Organiser les activités en grappe en assurant le transport en commun et en facilitant le stationnement dans ces secteurs; • Permettre le stationnement sur la rue et installer des supports à vélos; • Desservir régulièrement la zone commerciale en transport en commun, avec horaire affiché à chaque arrêt; • Entretien régulier, notamment, des toilettes publiques, et effacement des graffitis; • Indiquer la procédure à suivre pour signaler les actes de vandalisme ou pour porter plainte; • Poubelles en nombre suffisant. 	<p>5. Vivre dans un environnement propre et accueillant</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Consulter la population et les commerçants sur les besoins en sécurité, et les solutions pour l'améliorer en zone commerciale; • Établir un réseau entre les marchands pour échanger de l'information sur les problèmes de sécurité; • Sensibiliser les gens et les commerçants à la sécurité des femmes dans la zone commerciale; • Effectuer des marches exploratoires regroupant des clientes, des commerçants et des responsables de la sécurité. 	<p>6. Agir ensemble</p>

Figura 21.

5- *Viver em um ambiente limpo e acolhedor: promover o estabelecimento de atividades diversas e complementares; evitar edifícios com paredes cegas no nível da rua; incentivar o tráfego de pedestres e implementar medidas para reduzir o tráfego motorizado em certas áreas; proporcionar pavimentos largos para facilitar a caminhada e proporcionar um campo de visão mais amplo; organizar atividades em grupos, fornecendo transporte público e facilitando o estacionamento nessas áreas; permitir estacionamento nas ruas e instalar suportes para bicicletas; serviços regulares de transporte público para a área comercial, com um horário afixado em cada parada; manutenção regular de banheiros públicos e remoção de pichações; indicar o procedimento para a denúncia de atos de vandalismo ou para a apresentação de queixas; número suficiente de contentores de lixo.*

6- *Atuar em conjunto: consultar a população e os comerciantes sobre necessidades e soluções de segurança para melhorar a segurança nas áreas comerciais; estabelecer uma rede entre os comerciantes para trocar informações sobre questões de segurança; conscientizar as pessoas e os comerciantes sobre a segurança das mulheres na área de compras; realização de caminhadas exploratórias com clientes, lojistas e oficiais de segurança.*

as diversas atividades cotidianas e evitando a monofuncionalização do espaço, para assim favorecer a apropriação de “pessoas de diferentes gêneros, idades, etnias e condição socioeconômica” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 11).

O conceito do planejamento urbano moderno, patente na *Ville Radieuse* de Le Corbusier ou em Brasília, que considera todo espaço como “tabula rasa” livre para a criação, é caracterizada pela setorização funcional da cidade separando os blocos residenciais dos outros serviços essenciais, características que tornam os espaços urbanos desfavoráveis aos pedestres e dependentes do automóvel. A criação de cidade através de conjuntos de cheios e vazios que não consideram as relações humanas, e de eixos e avenidas de grandes dimensões que permitem o deslocamento de automóveis em alta velocidade, aumentam a insegurança por parte de pedestres (Menezes, 2008).

Como visto anteriormente, as mulheres se deslocam mais que os homens no espaço urbano (mobilidade do cuidado), condição intensificada na cidade modernista com o aumento da distância a percorrer para realizar as tarefas das quatro esferas (pessoal, reprodutiva, produtiva e comunitária). Outro fator que agrava a mobilidade das mulheres é a feminização da pobreza, “transversal à classe, bairro onde vive, condição de imigrante ou pessoa racializada” (Muxí, et al., 2019, p. 179)⁴², a qual tem um impacto decisivo sobre as possibilidades de acesso a um automóvel e opções de transportes. Ainda que beneficie a mobilidade sustentável, “em termos do modelo de mobilidade centrado no carro desenvolvido nas cidades, significou que não podemos acessar certas oportunidades econômicas, educacionais, culturais, sociais ou esportivas” (Muxí, et al., 2019, p. 179)⁴³.

⁴² Tradução da autora: “la feminización de la pobreza está atravesada por la clase, el barrio donde se vive, la condición de migrante o persona racializada” (Muxí, et al., 2019, p. 179).

⁴³ Tradução da autora: “en cuanto al modelo de movilidad centrado en el coche desarrollado en las ciudades, ha condicionado que no podamos acceder a ciertas oportunidades económicas, educativas, culturales, sociales o deportivas” (Muxí, et al., 2019, p. 179).

Por último, a violência contra as mulheres afeta substancialmente a vivência na cidade através do assédio, violência sexual e a percepção de insegurança. Esses acontecimentos podem ser mais ou menos frequentes em diferentes locais e horários, sendo que a mobilidade pelas pedestres “é mais estável durante o dia, mas à noite é substancialmente modificada, condicionada e até mesmo paralisada pelo medo de ser agredida sexualmente” (Muxí, et al., 2019, p. 179)⁴⁴. Como afirma Adriana Souza (2019) em sua tese de doutorado *Mulher uma força que caminha: estudo de caso em Brasília e Lisboa*:

“Esse modelo modernista, que foi dominado amplamente por homens e desenvolvido para o deslocamento de homens, resulta em um dos principais componentes de insegurança e opressão no ambiente urbano, especialmente para as mulheres” (Souza, 2019, p. 98).

Portanto, sendo as mulheres que percorrem maiores distâncias para realizar as atividades cotidianas, estando propensas a sofrer algum tipo de violência na cidade, acabam por perceber espaços com diferentes níveis de (in)segurança, condição que influencia o cotidiano e limita a sua liberdade e os seus direitos (Falú, 2009, p. 25).

Desde os anos de 1960, os movimentos sociais urbanos lutam contra esse planejamento “tabula rasa”, em prol da melhoria de vida das pessoas através do contato com a sua realidade. A participação das mulheres nessas organizações se mostrou importante para exigir melhores condições na sua área de vizinhança, como a instalação de equipamentos, espaços públicos, mobilidade segura, a participação nas decisões urbanas e diversos serviços:

“[...] as reivindicações históricas dos espaços e equipamentos públicos, têm sido lideradas por grupos de mulheres que lutam pela melhora de

⁴⁴ Tradução da autora: “Nuestra movilidad es más sostenible en las horas diurnas, pero en las nocturnas se modifica sustancialmente, condicionada e incluso paralizada por el miedo a ser agredidas sexualmente” (Muxí, et al., 2019, p. 179).



Figura 22. Manifestações pelo direito à habitação pós-revolução de 25 de abril de 1974.



Figura 23. Maria da Paz no documentário *Direito à Habitação*, de 1976. (19'50'')

seus bairros, espaços públicos e serviços em benefício da própria comunidade” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 11)⁴⁵.

Um exemplo em Portugal é o Processo SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) que surgiu das necessidades básicas da população após a Revolução de 25 de abril de 1974 “como um serviço descentralizado que, através do suporte projectual e técnico dado pelas brigadas que actuavam nos bairros degradados, foi construindo novas casas e novas infraestruturas, oferecendo melhores condições habitacionais às populações mais carentes” (Bandeirinha, 2011, p. 13). As auto-organizações de moradores discutiam e acompanhavam todo o processo desde o projeto até a obra, contando com a iniciativa e participação ativa das moradoras, sendo esse um momento inovador para a cultura arquitetônica nas dimensões territorial e político-social.

Aqui, as mulheres encararam o direito à habitação como uma luta própria, participando ativamente das manifestações, das construções das casas e das reuniões dos moradores (Figura 22). Maria da Paz (Figura 23), moradora e parte da Comissão de Moradores do Bairro das Antas (Porto), afirma durante uma entrevista gravada para o documentário *Direito à Habitação*, de 1976, que:

“[...] a gente [mulheres] é que devia ir e urbanizar as coisas. Quem vive dentro das casas somos nós [...] que sofremos com a chuva, o frio, os maus tratos [...] as mulheres é que deviam participar mais nessas coisas [manifestações] que os homens, nos é que vivemos o dia a dia dentro de casa” (Maria da Paz in *Direito à Habitação*, 1976)⁴⁶.

⁴⁵ Tradução da autora: “las reivindicaciones históricas de los espacios y equipamientos públicos han sido lideradas por grupos de mujeres que lucharon por la mejora de sus barrios, espacios públicos y servicios en beneficio de la propia comunidad” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 11).

⁴⁶ Maria da Paz entrevistada no documentário *Direito à Habitação* de 1976 (Sousa & Palla, 1976). Consultado em junho de 2021 em: https://arqmultimedia.cd25a.uc.pt/pt/mmcs/744?fbclid=IwAR0J4ggJhF7dL0Q4snTQon3onMfSa014QX_OPMs40_a5t4llcuxv80h67co.

Portanto, considerar a experiência das mulheres na cidade é indispensável durante o processo de planejamento para a criação de ambientes seguros, equitativos, inclusivos e que atendam às necessidades reais das pessoas, considerando e relacionando todas as esferas (produtiva, pessoal, reprodutiva e comunitária). Junto com a participação da comunidade, deve-se “potenciar as redes sociais existentes e gerar laços entre elas” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 13)⁴⁷, reconhecendo e dando apoio a grupos já formados.

Os projetos urbanísticos também devem ser interdisciplinares e transversais entre os diferentes agentes, os chamados *stakeholders*, no caso, a Câmara Municipal, as equipes técnicas e a comunidade, desde o diagnóstico até aos objetivos estratégicos, “adaptando o projeto às necessidades e possibilidades reais da população” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 14)⁴⁸. É necessário incluir a experiência por meio da participação de pessoas de diferentes gêneros, idades e origens para assim identificar “as distintas necessidades e prioridades que surgem pelas diferenças associadas aos papéis de gênero e geracionais” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 15)⁴⁹.

Conclui-se que é importante criar ferramentas para revelar e analisar como tais formas de violência se expressam nos corpos das mulheres, vistos como disponíveis pelo exercício de poder do outro (Escalante S. O., 2014, p. 52), para que assim seja possível desenvolver propostas, tanto sociais como espaciais, sendo os aspectos físicos dos espaços uma das condicionantes a ser trabalhada nessa dissertação.

⁴⁷ Tradução da autora: “potenciar las redes sociales existentes y generar lazos entre ellas” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 13).

⁴⁸ Tradução da autora: “adaptando el proyecto a las necesidades y posibilidades reales de la población” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 14).

⁴⁹ Tradução da autora: “las distintas necesidades y prioridades que surgen por la diferencia de roles de género y geracionales” (Col.lectiu Punt 6, 2011, p. 15).

No desenvolvimento do subcapítulo seguinte são apresentadas a publicações *Mujeres Trabajando*, pelo Col.lectiu Punt 6 (Casanovas, et al., 2014), que consiste em um guia de reconhecimento urbano com perspectiva de gênero onde se explicam as ferramentas e métodos desenvolvidos e utilizados pelo Coletivo; e o estudo *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México* (Villagrán P. , 2019), o qual realiza inquéritos, entrevistas e caminhadas com diferentes mulheres, como forma de considerar suas diferentes percepções e experiências para a realização de propostas de melhorias.

2.2. Análises do espaço com base no urbanismo feminista

Seguindo para as ferramentas e métodos de análise do espaço com base no urbanismo feminista apresentado no subcapítulo anterior, o Col.lectiu Punt 6 desenvolve uma metodologia inspirada nos seis princípios desenvolvidos pelo CAFSU. Tendo como aspectos essenciais o trabalho coletivo e comunitário vinculado à experiência empírica, cria-se uma abordagem que “combina o trabalho do especialista e do vizinho, com um vocabulário e uma linguagem não especializada que permite exatamente aquela apropriação coletiva de políticas públicas, tantas vezes reivindicada” (Col.lectiu Punt 6, 2016, p. 8)⁵⁰.

No guia *Mujeres Trabajando* desenvolvido pelo Col.lectiu Punt 6 (2014), é feita a descrição detalhada de cada ferramenta utilizada nos *workshops* realizados com a comunidade, relacionando as características físicas dos espaços com a forma como nos movemos e a experiência que esse movimento traz (Casanovas, et al., 2014), e identificando pontos comuns de situações e atividades vivenciadas no entorno. A seguir apresentam-se as ferramentas descritas, compostas por ações individuais e coletivas, sendo essas: questionário, visita de reconhecimento, fotografia da envolvente, rede cotidiana, caminhada fotográfica, mapa comunitário, mapa perceptivo, cadeia de itinerários cotidianos e mapeamentos corporais.

QUESTIONÁRIO

Na primeira etapa, cada participante recebe um questionário chamado de *Diagnostico Urbano con perspectiva de género (DUG)*. Esse, aborda temas sobre o ambiente em que vivem, com perguntas que abrangem a participação (representatividade, processos do planeamento), os espaços públicos de relação e socialização (mobiliário urbano e serviços, representação simbólica, sinalização), os

⁵⁰ Tradução da autora: “se conjuga el trabajo de la experta y la vecina, con un vocabulario y un lenguaje no experto que permite precisamente esa apropiación colectiva de las políticas públicas, tantas veces reivindicada” (Col.lectiu Punt 6, 2016, p. 8).



Figura 24. Fotografia tirada durante a conversa em grupo.



Figura 25. Fotografia tirada no ponto de encontro da visita de reconhecimento.

equipamentos e outros serviços, a mobilidade (calçadas, transporte público e privado), a segurança (visibilidade espacial e social, informação, espaços “proibidos”), e a moradia (direito à habitação, localização e espaços privados). Individualmente respondem (sim ou não) e marcam as que acham mais relevantes de acordo com seu entorno urbano (Casanovas, et al., 2014, p. 35).

Em seguida, é realizada uma exposição em grupo, onde cada participante explica as questões consideradas mais relevantes acompanhadas de argumentos, seguindo para um debate em grupo sobre os temas expostos e como esses afetam a vida cotidiana. Nessa fase recomenda-se o uso de uma folha de papel com uma pessoa anotando as questões que surgirem (Figura 24) (Casanovas, et al., 2014). O tempo total estimado é de uma hora e meia, e os materiais necessários consistem nas fichas individuais do *DUG*, folhas de papel de tamanho A4 e A0, canetas e câmera fotográfica (Casanovas, et al., 2014)⁵¹.

VISITA DE RECONHECIMENTO

A visita de reconhecimento tem como objetivo identificar pontos relevantes que explicam a vida cotidiana do bairro desde a experiência e percepção do utilizador, reconhecendo as condições que facilitam e dificultam o cotidiano. Pretende-se que fotografem elementos e espaços para descrever esses aspectos (Casanovas, et al., 2014).

Na ação individual, cada participante recebe o *DUG* para detectar e compreender os elementos a observar durante a caminhada, elegendo os espaços pelos quais interessa passar. Na ação coletiva, combina-se um ponto de encontro fácil e central para começar a caminhada (Figuras 25 e 26). Durante o percurso, as pessoas devem descrever e analisar os espaços, identificando os pontos que facilitam ou dificultam a vida cotidiana, para que na chegada ao ponto final, se possa refletir sobre tais pontos e resumir a finalidade do reconhecimento do espaço público (Casanovas, et al., 2014).

⁵¹ De acordo com a situação atual de pandemia, acrescenta-se ainda álcool em gel e máscaras.



Figura 26. Fotografia tirada durante a visita de reconhecimento.



Figura 27. Fotografia tirada durante a realização da atividade fotografia do ambiente.

O tempo estimado é de duas horas e meia, sendo 90 minutos destinados à caminhada. Os materiais necessários são: cópias da ficha de *DUG* e o mapa do bairro para cada participante, canetas, folhas de papel e câmera fotográfica. (Casanovas, et al., 2014)

FOTOGRAFIA DO AMBIENTE

Nessa atividade, pretende-se que se descrevam em palavras os elementos urbanos (como lixeiras, elementos naturais, bancos e edifícios representativos) a partir do momento em que se sai de casa, referenciando tudo o que configura o entorno em que se vive (Figura 27). O objetivo é listar os elementos favoráveis e desfavoráveis de uso diário para, em seguida, realizar um mapa de consenso entre todos os participantes e discutir sobre melhorias no ambiente (Casanovas, et al., 2014).

Após a realização da descrição urbana, é feita uma avaliação individual da lista, selecionando três aspectos positivos e três negativos, para em seguida expor e argumentar sobre os elementos escolhidos (Casanovas, et al., 2014).

Na parte coletiva, realiza-se a leitura individual para agrupar os elementos similares que cada participante identificou, para posteriormente em grupo se decidir e priorizar os aspectos a debater. Nesse momento, deve haver uma pessoa responsável para escrever todos os argumentos e propostas que surgirem (Casanovas, et al., 2014).

Por último, em um mapa de grandes dimensões (recomenda-se tamanho A0 ou maior), são sobrepostos os aspectos favoráveis e desfavoráveis debatidos e acordados entre todos, seguindo para um debate sobre possíveis melhorias. Recomenda-se o uso de adesivos ou marcadores coloridos para fazer a distinção entre estes aspectos (Casanovas, et al., 2014).

São considerados aspectos favoráveis tudo o que beneficia o dia a dia: uma sombra de árvore na paragem de ônibus, prioridade e tranquilidade em uma passagem de pedestres, informações direcionais etc. Os aspectos desfavoráveis

FICHA 7 OBSERVACIÓN DE PARTICIPANTES

Título de la actividad	
Fecha	
Autora de la ficha	

Grupo de edad	Mujeres	Hombres
Menores de 12 años		
12 – 16 años		
17 – 24 años		
25 – 35 años		
36 – 50 años		
51 – 64 años		
65 – 74 años		
75 años o más		

Origen	Mujeres	Hombres

Figura 28. Ficha de observação dos participantes para ser preenchido por uma pessoa, considerando aspectos identitários.

são os que dificultam o funcionamento da vida de cada um/uma: falta de transporte público, caminhar longas distâncias para evitar atravessar uma rua, falta de iluminação para utilizar um espaço público etc. (Casanovas, et al., 2014).

O tempo total previsto para essa atividade é de duas horas, divididas entre vinte e trinta minutos para cada parte descrita. Para a realização, é necessário um mapa do bairro em questão, canetas, marcadores, adesivos coloridos, folhas de papel, fita cola, tesouras e uma ficha de observação dos participantes (Figura 28) (Casanovas, et al., 2014).

REDE COTIDIANA

Essa atividade tem como objetivo analisar o ambiente, focando-se em temas diferentes, tais como: equipamentos e serviços, espaços de relação, mobilidade, segurança, participação e habitação. Os resultados se somam e se relacionam para atingir uma análise completa através de uma maior troca e reflexão entre as pessoas (Casanovas, et al., 2014).

São formados no mínimo três grupos, sendo cada um direcionado a um tema específico e três em comum. Por exemplo, um grupo para o tema equipamento e serviços, outro para espaços de relação e um para mobilidade, e os temas de segurança, participação e habitação comum a todos (Figura 29) (Casanovas, et al., 2014).

Na ação individual, cada participante deve responder ao questionário, e dentre as questões, deve escolher três aspectos favoráveis e três desfavoráveis que afetam a vida cotidiana. Esses elementos devem ser escritos em uma nota adesiva, sendo essa de uma cor diferente referente a cada tema (Casanovas, et al., 2014).

Na ação coletiva, são expostos os argumentos individuais ao grupo sobre os aspectos escolhidos, situando sobre o mapa comum seus comentários relativos às zonas afetadas (Figura 30). Quando todos os temas forem transferidos para o mapa, se realiza uma votação para escolher três temas favoráveis e três desfavoráveis para seguir trabalhando (Casanovas, et al., 2014).



Figura 29. Fotografia tirada durante a atividade rede cotidiana.



Figura 30. Fotografia do mapa de grupo com os elementos favoráveis e desfavoráveis sobrepostos.

Entre todos, são debatidas e descritas as possíveis soluções aos temas priorizados, com a participação de uma pessoa para anotar todas as ideias que surgirem. Por último, são expostas as questões acordadas de cada grupo, contando com os elementos desenvolvidos, e realiza-se um debate entre todos os grupos (Casanovas, et al., 2014).

Estima-se um tempo total de duas horas e meia para essa atividade, sendo sessenta minutos para o debate entre todos os grupos. Para a realização, são necessários os seguintes materiais: ficha de observação de participantes (Figura 28), cópias individuais do *DUG*, um mapa grande do bairro ou espaço em questão, mínimo de quatro cores de canetas ou marcadores e adesivos coloridos, folhas de papel, fita cola e tesouras. Recomenda-se que uma pessoa fique encarregue de tirar fotografias (Casanovas, et al., 2014).

CAMINHADA FOTOGRÁFICA

A caminhada fotográfica consiste em registrar, por meio de fotografias, elementos e situações consideradas importantes para descrever o entorno cotidiano, explicando através de imagens a visão individual que cada pessoa tem do bairro (Casanovas, et al., 2014).

Na primeira parte, é feita uma leitura individual do *DUG* para atentar nos aspectos a observar durante a caminhada. Em grupo, são escolhidas as perguntas que os participantes consideram mais pertinentes para serem respondidas, seguindo para a escolha do itinerário, das paradas e do ponto de encontro. Antes de começar a caminhada, deve-se preparar uma folha com as perguntas escolhidas e o mapa do percurso com as escolhas tomadas em conjunto (Casanovas, et al., 2014).

Durante a caminhada (Figura 31), propõe-se fotografar os pontos considerados mais significativos para responder às perguntas selecionadas do *DUG* e explicar a vivência no bairro. No último ponto, recorre-se às fotografias para debater os temas que foram identificados. Também é possível marcar uma sessão posterior para essa partilha final em conjunto (Casanovas, et al., 2014).



Figura 31. Fotografia tirada durante a caminhada fotográfica.



Figura 32. Fotografia tirada durante a atividade do mapa comunitário.

Como possíveis perguntas a ponderar durante a caminhada, propõe-se: “Qual é o lugar que você mais gosta? Qual é o lugar que você menos gosta? Qual é para você o espaço mais representativo do bairro? É fácil se mover pelo bairro?” (Casanovas, et al., 2014).

O tempo estimado é de duas horas e meia, sendo noventa minutos para a caminhada e vinte para a partilha final. Os materiais necessários para a realização dessa atividade são: a ficha de observação de participantes (Figura 28), cópias individuais do *DUG*, mapas individuais com os pontos de parada e itinerário, canetas e marcadores, câmera fotográfica e um espaço para armazenar as imagens (Casanovas, et al., 2014).

MAPA COMUNITÁRIO

Essa atividade tem como objetivo produzir um informe coletivo do bairro a partir da experiência cotidiana, baseado nos diferentes argumentos e percepções das pessoas que vivem e usam os espaços. Para isso, é proposta a fixação de um mapa de grandes dimensões (tamanho A0 ou maior) do bairro em local público com movimento de pessoas para permitir aos utilizadores desenhar, assinalar e escrever diretamente no mapa. Esse fator também contribui para a participação de quem está de passagem. (Casanovas, et al., 2014)

Na ação individual, é feita a leitura do *DUG* para entender que elementos serão trabalhados no mapa durante a atividade e a eleição das questões mais pertinentes. Em grupo, criam-se códigos de cores ou de grafismo para assinalar as respostas às questões no mapa. (Casanovas, et al., 2014)

Após a fixação do mapa no local escolhido, apresentam-se o tema e a pertinência da realização da atividade e o local em questão. Nele, os participantes começam por assinalar o lugar onde vivem para, em seguida, identificar as perguntas escolhidas por meio dos códigos acordados no mesmo (Figura 32 a 34).

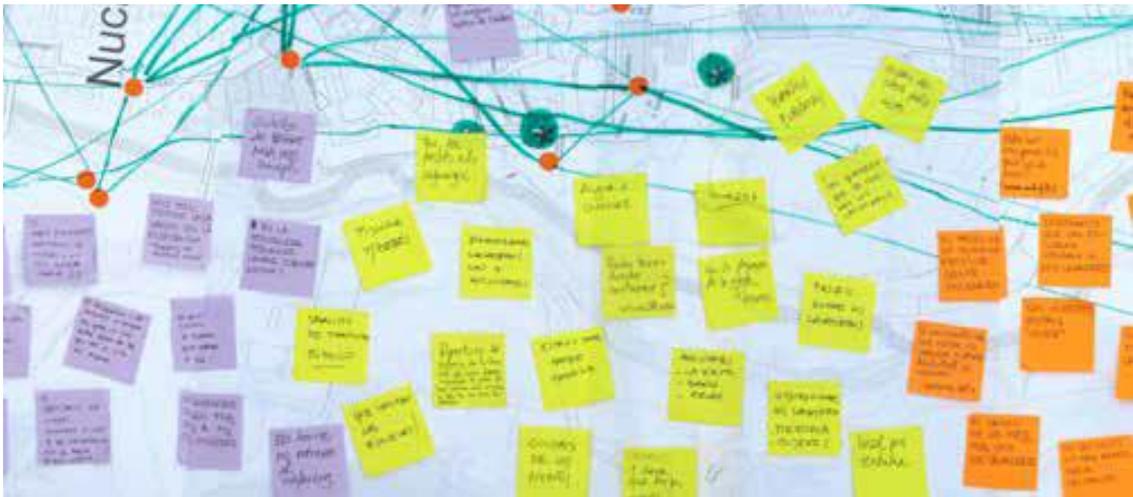


Figura 33 Fotografia de parte do mapa comunitário preenchido.



Figura 34. Fotografia tirada durante a atividade do mapa comunitário.

Algumas questões propostas a identificar são: “que espaços do bairro você utiliza? Por que você escolhe certas ruas para atravessar? Onde você encontra seus amigos? Onde você escolhe descansar? Onde você vai às compras? Que equipamentos você utiliza? Existe algum lugar que você não utiliza porque não gosta?”⁵² (Casanovas, et al., 2014, p. 51).

Por último, inicia-se uma discussão sobre as questões que surgiram, durante a qual uma pessoa fica anotando e fotografando. Com o mapa completo, pode-se continuar trabalhando em cima dos aspectos identificados ou expô-lo para conhecimento dos usuários (Casanovas, et al., 2014).

O tempo total estimado é de duas horas e meia, sendo vinte minutos para a leitura do questionário DUG, dez minutos para eleger as perguntas pertinentes a responder sobre o bairro, vinte minutos para fixar o mapa no local escolhido, dez minutos para apresentar o tema da atividade, vinte minutos para os participantes assinalarem no mapa o local que moram, cinquenta minutos para descrever e assinalar no mapa as questões selecionadas a partir do DUG, e vinte minutos para a discussão final sobre os elementos e temas que surgiram com o preenchimento do mapa. Os materiais necessários para a realização são: ficha de observação de participantes (Figura 28), cópias individuais do questionário *DUG*, mapa de grandes dimensões do bairro em questão, canetas e marcadores, adesivos e notas adesivas de diferentes cores, plástico para cobrir o mapa, fita cola para colá-lo ao pavimento e câmera fotográfica (Casanovas, et al., 2014).

MAPAS PERCEPTIVOS

Os mapas perceptivos têm como objetivo “visibilizar os limites físicos e sociais que limitam ou beneficiam o uso de espaços e para pontuar as qualidades que fazem com

⁵² Tradução da autora: “¿Qué espacios del barrio utilizas? ¿Por qué eliges algunas calles para pasar? ¿Dónde te reúnes con amistades? ¿Qué lugar escoges para descansar? ¿Dónde realizas las compras? ¿Qué equipamientos utilizas? ¿Existe algún lugar que no utilices porque no te gusta?” (Casanovas, et al., 2014, p. 51).

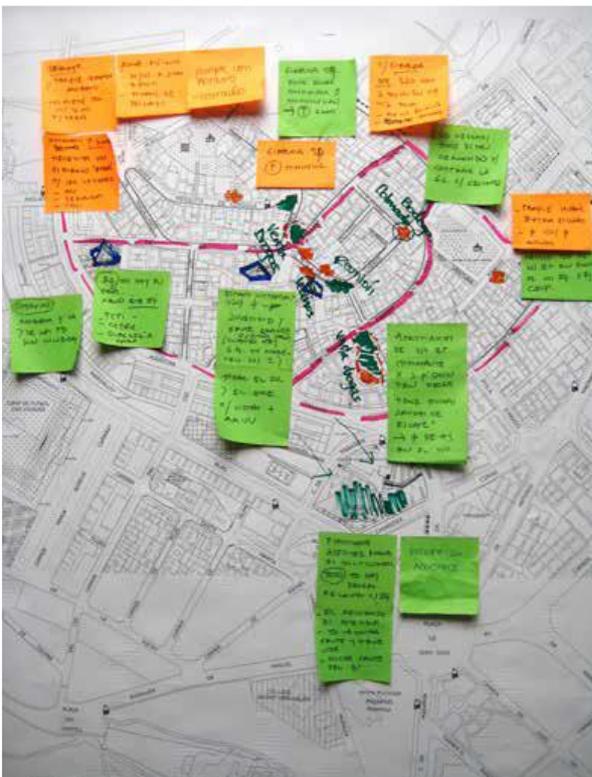


Figura 35. Fotografia tirada durante a atividade dos mapas perceptivos.

Figura 36. Fotografia tirada durante a atividade dos mapas perceptivos com o mapa coletivo completo.

Figura 37. Fotografia de parte do mapa coletivo.

que seja possível utilizar e desfrutar com autonomia e segurança” (Casanovas, et al., 2014, p. 54)⁵³. São feitos a partir de ações individuais e coletivas com a comunidade que utiliza e vive nos espaços em questão (Casanovas, et al., 2014).

Espera-se produzir mapas individuais que identifiquem as percepções positivas e negativas, acompanhadas de justificativas relacionadas com os espaços do bairro, junto com a eleição de três espaços agradáveis e três desagradáveis. Também é realizado um mapa comunitário composto pela sobreposição das diferentes percepções individuais e os respectivos argumentos decididos em conjunto (Casanovas, et al., 2014).

Portanto, a ação individual consiste na leitura do *DUG* para compreender os elementos que devem ser abordados no mapa e a marcação das percepções positivas e negativas, com adesivos ou marcadores, dos espaços agradáveis/seguros e desagradáveis/inseguros acompanhadas de argumentos no próprio mapa ou em notas adesivas. Sugerem-se perguntas relacionadas a situações inconvenientes, espaços de difícil acesso ou que são evitados e questões sobre representatividade e apropriação dos espaços. (Casanovas, et al., 2014)

Na ação coletiva, formam-se grupos de três a quatro pessoas (Figura 35) para compartilhar as avaliações individuais. Sara Ortiz recomenda “não fazer grupos mistos, para que seja possível focar nas especificidades de cada grupo e criar um espaço seguro e autônomo para fazê-lo” (Escalante S. O., 2021)⁵⁴. Nesses grupos, cada participante expõe seus argumentos e o grupo elege três percepções negativas e três positivas que mais coincidiram (Casanovas, et al., 2014).

Em um mapa, cada grupo identifica as percepções selecionadas no espaço referido (Figuras 36 e 37), para em seguida, nomear um porta voz para expor aos outros grupos os argumentos das percepções. Sugere-se que uma pessoa liste

⁵³ Tradução da autora: “visibilizar los límites físicos o sociales que limitan o benefician el uso de espacios y para puntualizar las cualidades que hacen que los podamos utilizar y disfrutar con autonomía y seguridad” (Casanovas, et al., 2014, p. 54)

⁵⁴ Tradução da autora: “no recomendamos es hacer grupos mixtos ¿Si? para realmente enfocarnos en la especificidad de cada grupo y crear un espacio seguro y autónomo para hacerlo” (Escalante S. O., 2021).

FICHA 5 CADENA DE ITINERARIOS COTIDIANOS

Fecha					
Autora de la ficha					
1. ¿A qué hora? Aproximadamente el horario habitual.	2. ¿Cuáles? Listado de tareas que realizas.	3. ¿Con quién? Hija, hijo, sola, con amigas, etc.	4. ¿En qué? Medio de movilidad: a pie, en coche, en transporte público, etc.	5. ¿Dónde? Calle, espacio público, equipamiento o lugar donde realizamos la tarea.	

Figura 38. Ficha individual de itinerarios cotidianos.

todas as propostas que surgirem em uma folha de grandes dimensões (tamanho A0 ou maior) (Casanovas, et al., 2014).

Por último, todos os grupos em conjunto escolhem três aspectos negativos e três positivos dos elementos listados para continuar a trabalhar. É realizado um debate de propostas, acompanhado de possíveis soluções e argumentos sobre os elementos ou espaços priorizados, importantes para reconhecer as múltiplas perspectivas (Casanovas, et al., 2014).

O tempo total estimado é de duas horas. Cada fase da atividade deve durar em torno de dez a vinte minutos. Os materiais necessários são: ficha de observação de participantes (Figura 28), cópias individuais do questionário *DUG*, mapa e folhas de grandes dimensões, canetas e marcadores, adesivos e notas adesivas de cores diferentes, fita cola, tesoura e câmera fotográfica (Casanovas, et al., 2014).

REDE DE ITINERÁRIOS COTIDIANOS

O objetivo dessa atividade é descrever e reconhecer as atividades cotidianas e identificar como essas configuram o uso e movimento no espaço. Para isso, cada participante recebe uma ficha (Figura 38) para preencher com todas as atividades, meio de mobilidade e tempo gasto diariamente. Em seguida, é feita a avaliação dos aspectos negativos e positivos de cada ambiente, referente às atividades realizadas (Figura 41). Com o auxílio de um mapa individual, localiza-se sua habitação, os espaços e os percursos utilizados distinguindo os meios de locomoção (Figura 40) (Casanovas, et al., 2014).

Com as fichas e os mapas preenchidos, são formados grupos (Figura 39) para debater e eleger três aspectos favoráveis e três desfavoráveis para continuar a trabalhar. Com uma pessoa como porta voz de cada grupo, explicam-se os elementos selecionados, os quais são listados em uma folha, para a seguir selecionar os mais pertinentes para discutir na conversa coletiva. Pretende-se que sejam propostas melhorias ou soluções às questões selecionadas, sendo necessário que um elemento de cada grupo possa escrevê-las (Casanovas, et al., 2014).



Figura 39. Fotografia dos grupos debatendo durante a ação coletiva.



Figura 40. Mapa individual com as rotas, habitação e espaços das atividades.

HORA	LUGAR	MEIO TRANSPORTE	FAVORABLE
1 7:00 AM	Paseada BUS CA L'ESTRE	COCHE	1 5 9
2 8:00 AM	INSTITUTO IES PUS RUT	COCHE	
3 8:10 AM	TRABAJU POL. IND. BURBUNT	COCHE	
4 5:30 PM	REUGER NINIOS COLE	COCHE	2 6 8
5 6:00 PM	LLEVAR NIÑO FUTBOL	COCHE	
6 7:00 PM	LLEVAR A OTRO NIÑO MUSICA	COCHE	
7 7:30 PM	RE COCHR AL DEL FUIBLE	COCHE	
8 9:00 PM	REUGER AL DE NUBLA	COCHE	
9 9:30 PM	LLEGAR POR FIN A CASA	COCHE	

Figura 41. Tabela individual com os horários de cada atividade cotidiana e o meio de transporte, identificando três desses espaços favoráveis e três desfavoráveis.

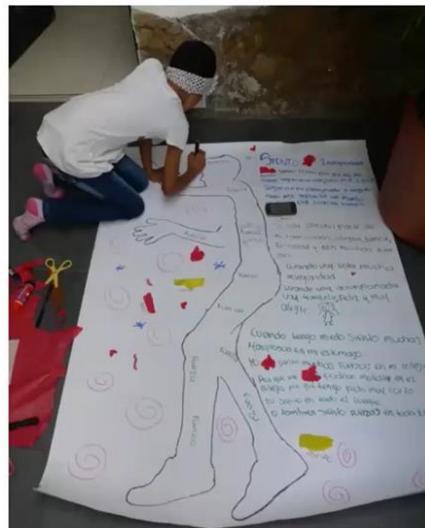
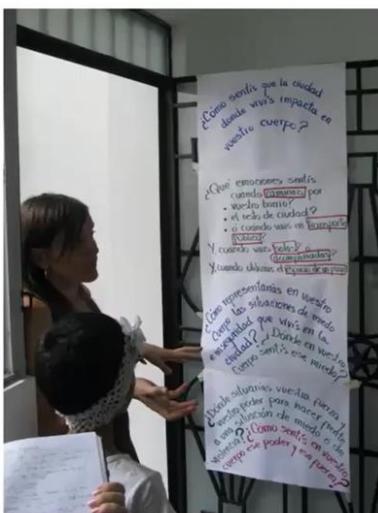


Figura 42. Criação de mapas corporais.

O tempo total dessa atividade é de duas horas e vinte, sendo cada etapa em torno de dez a vinte minutos. Os materiais necessários são: as fichas de itinerários (Figura 38), mapas individuais do bairro ou município, mapas e folhas para cada grupo, canetas, marcadores, adesivos e folhas adesivas coloridas, fita cola, tesoura e câmera fotográfica (Casanovas, et al., 2014).

MAPEAMENTOS CORPORAIS

Os mapeamentos corporais são utilizados desde os anos de 1980 por mulheres, como forma de reivindicar seus direitos sexuais e reprodutivos. Em 2002 adapta-se para usos com fins terapêuticos a trabalhar com mulheres portadoras do vírus HIV (Gastaldo, Magalhães, Carrasco, & Davy, 2012).

Essa técnica é composta por imagens do corpo humano em tamanho real para representar visualmente a vida de cada pessoa através do uso da arte, como pinturas, colagens, desenhos etc. Sua aplicação em pesquisas tem, principalmente, como finalidade “contar uma história que reflete visualmente processos sociais, políticos e econômicos, bem como as experiências e os significados individuais atribuídos às circunstâncias de sua vida que moldam quem eles se tornaram” (Gastaldo, Magalhães, Carrasco, & Davy, 2012, p. 10)⁵⁵, sendo composto por três elementos: uma breve história narrada na primeira pessoa, um mapa corporal e os respectivos significados dos elementos representados (Gastaldo, Magalhães, Carrasco, & Davy, 2012).

O uso dado ao mapeamento corporal pelo Col.lectiu Punt (Figura 42) tem como objetivo entender a influência e impacto dos problemas de segurança no corpo das mulheres. Durante a entrevista realizada com Sara Ortiz, esta mostrou-se atenta às diferenças entre mulheres e homens nas percepções expostas nessa atividade:

⁵⁵ Tradução da autora: “to tell a story that visually reflects social, political and economic processes, as well as individuals’ embodied experiences and meanings attributed to their life circumstances that shape who they have become” (Gastaldo, Magalhães, Carrasco, & Davy, 2012, p. 10).

“As mulheres jovens com quem trabalhamos no mapeamento corporal foram muito afetadas [...] porque ele tocou muitas coisas íntimas, sexuais e emocionais. E os homens jovens primeiro desenharam em seu corpo ou seus genitais ou coisas que tinham a ver com sua virilidade masculina” (Escalante S. O., 2021)⁵⁶.

APLICAÇÃO DOS MÉTODOS

Considerando diferentes contextos, as atividades apresentadas podem ser adaptadas e combinadas. Com o intuito de analisar a realidade cotidiana, contribuindo para o empoderamento de mulheres e outros grupos socialmente minoritários, as ferramentas participativas produzem materiais necessários para a realização de propostas de melhorias que considerem os usos e percepções dessas pessoas (Casanovas, et al., 2014).

Um exemplo, é a experiência de análise urbana coordenada pelo Col.lectiu Punt 6 em Barcelona. Contando com a participação de quinze mulheres de diferentes organizações do distrito de Sants-Montjuïc e atendendo à aplicação do ponto 6 da lei de melhoria de bairros⁵⁷ no espaço público de Poble-Sec, realizaram-se cinco atividades em um período de seis meses, sendo essas: visita de reconhecimento, caminhada fotográfica, rede cotidiana, mapas perceptivos e exposição do trabalho realizado (Casanovas, et al., 2014).

No primeiro momento, iniciou-se a visita de reconhecimento em conjunto com a caminhada fotográfica. O objetivo foi tornar visível a percepção que cada participante tem do bairro, através do ato de caminhar e do registro por meio de fotografias. Após essa primeira atividade, marcou-se uma segunda sessão para explicar a abordagem da perspectiva de gênero na análise urbana e a escolha do espaço a trabalhar de acordo com esse ponto de vista, sendo a praça das *Tres Chimeneas* o local escolhido.

⁵⁶ Tradução da autora: “Las mujeres jóvenes con que trabajamos mapeos corporales estaban muy afectadas por el mapeo porque les tocaba muchas cosas íntimas, sexuales, emocionales. Y los chicos jóvenes que qué os pensáis? Que a lo que primero dibujaban en su cuerpo o sus genitales o cosas que tenían que ver con su virilidad masculina” (Escalante S. O., 2021).

⁵⁷ Ver subcapítulo 2.1.

Na terceira parte, com a atividade de rede cotidiana, realiza-se o processo de diagnóstico urbano, fazendo o uso da ficha *DUG*, para identificar os aspectos positivos e os negativos da praça no cotidiano das participantes. Em continuação, a realização dos mapas perceptivos propõe o rastreio dos elementos físicos e sociais acompanhados de argumentos expostos no mapa da praça. Com essa atividade, pretendeu-se obter propostas de melhoria para incluir no projeto de intervenção.

Por último, realizou-se a exposição do trabalho concluído, a fim de apresentar e debater as propostas desenvolvidas no II Congresso de Mulheres de Barcelona. Tendo sido uma iniciativa impulsionada pelas organizações mencionadas, esse processo participativo mostra a vontade das mulheres em incluir suas experiências e necessidades nas decisões tomadas sobre os ambientes em que vivem. Portanto, “o trabalho conclui-se com propostas claras, objetivas e adequadas para definir seu espaço urbano” (Casanovas, et al., 2014, p. 84)⁵⁸

A importância dessas ferramentas para a dissertação se justifica pela capacidade de fornecer meios de análise e diagnóstico de determinado contexto urbano. Tendo como essencial a participação da comunidade, pode-se, assim, intervir de forma consciente e favorecer a inclusão e a percepção de segurança dos espaços em questão.

Tais atividades podem ser adaptadas e alteradas para diferentes contextos, possibilitando utilizá-las nos Polos Universitários de Coimbra com a participação da comunidade estudantil. Em conjunto com o próximo estudo, embasa-se o desenvolvimento de ferramentas de análise e formas de representação dos dados coletados, para posteriormente propor melhorias para os problemas identificados pelos participantes.

⁵⁸ Tradução da autora: “El trabajo concluyó con proposiciones claras, objetivas y adecuadas para definir su espacio urbano” (Casanovas, et al., 2014, p. 84).

PAULA SOTO VILLÁGRAN

Partindo para o estudo *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México* realizado por Paula Soto Villágran (2019), este tem como objetivo gerar e disseminar conhecimento sobre o desenho, implementação de iniciativas, atividades e estudos em favor da igualdade de gênero nos meios de transporte da Cidade do México. Para sua realização, abordam-se as necessidades das mulheres que utilizam os três centros de mobilidade da Cidade do México (*CETRAM acrônimo de Centros de Transferencia Modal de La Ciudad de México*), nomeadamente, *Pantitlán, Indios Verdes e Taxqueña*. A investigação se desenvolveu por dados quantitativos e qualitativos tendo como base a mobilidade, a acessibilidade, a insegurança e a percepção desta pelas mulheres.

A mobilidade consiste no movimento físico de pessoas e objetos de forma organizada, regulamentada por normas e realizada através de infraestruturas:

“[...] entende-se como um conjunto de tecnologias, práticas socioespaciais e representações, que não são neutras, mas ocorrem no quadro de relações desiguais de poder inseridas em um contexto social específico”⁵⁹ (Villagrán P. , 2019, p. 27).

A acessibilidade expressa-se nas condições físicas das infraestruturas dos meios de transporte, mas também nas barreiras culturais que existem, sendo enfrentadas por grupos sociais variados determinados por questões de gênero, idade, receita mensal, etnia, mobilidade condicionada, entre outros.

A insegurança, como explicado anteriormente, é o risco de passar por situações criminosas, essas determinadas por questões sociais e culturais dos diferentes locais, e o sentimento de insegurança é subjetivo e emocional, variando de acordo com o gênero, tal que as mulheres e os homens o sentem de formas diferentes (Villagrán P. , 2019).

⁵⁹ Tradução da autora: “(Movilidades) se entienden como un ensamble de tecnologías, prácticas socio espaciales y representaciones, que no son neutras, sino que ocurren en el marco de relaciones de poder desiguales, incrustadas en un contexto social específico.” (Villagrán P. , 2019, p. 27)

PORCENTAJE DE MUJERES DE 15 AÑOS Y MÁS QUE TRANSITAN POR EL CETRAM SEGÚN PERCEPCIÓN DE INSEGURIDAD EN EL CETRAM

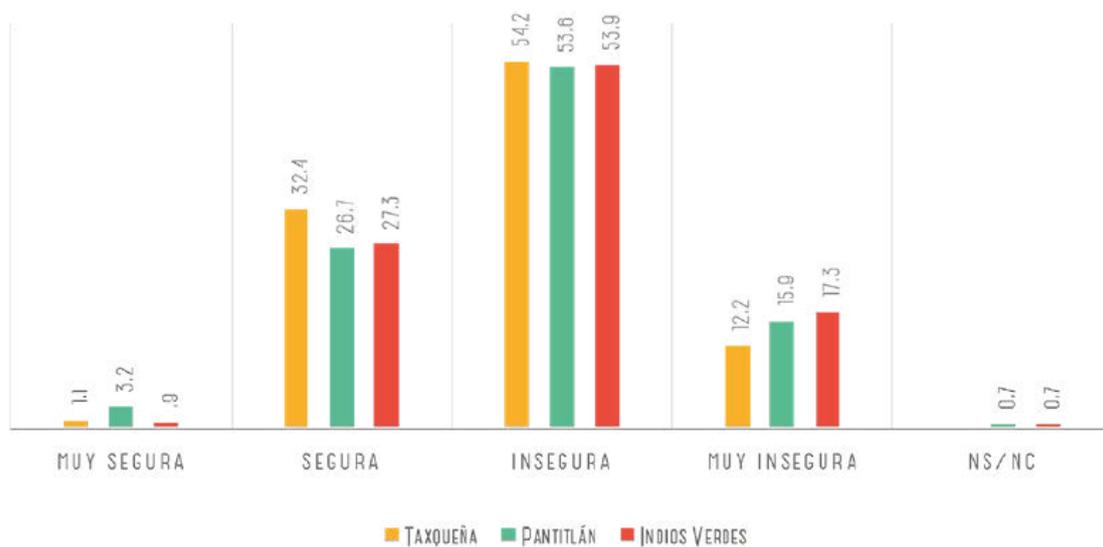


Figura 43. Gráfico com porcentagem de mulheres de 15 anos e mais, que utilizam o CETRAM, segundo a percepção de insegurança (muito segura; segura; insegura; e muito insegura). Amarelo corresponde ao CETRAM Taxqueña, verde ao Pantitlán e vermelho aos Indios Verdes.

Segundo Gabriel Kessler (2009), são diversas as dimensões que compõem a percepção de insegurança, e assim, para além dos dados qualitativos e quantitativos, é necessária uma “imaginação sociológica” para refletir, investigar e intervir. (Kessler, 2009)

O trabalho se desenvolve em três fases: a primeira é a sistematização de estudos sobre insegurança e mobilidade, com a seleção de materiais e registros documentais; a segunda é a caracterização da mobilidade das mulheres nos *CETRAM* e; por último, a análise das condições de infraestrutura por meio de pesquisa etnográfica de viagens das usuárias, percursos comentados com as participantes e grupos de discussão com supervisores do *CETRAM* (Villagrán P. , 2019).

Relativamente aos resultados obtidos nos inquéritos sobre a percepção de insegurança, realizados com mulheres acima de quinze anos usuárias dos *CETRAM*, mais do que a metade assegura se sentir insegura nos três centros, *Pantitlán*, *Indios Verdes* e *Taxqueña*, cerca de 15% muito insegura, aproximadamente 28% segura e apenas 2% muito segura (Figura 43).

Após o uso de dados quantitativos, realizam-se entrevistas e percursos como forma de qualificar a pesquisa, onde Villágran sistematiza os dados em diagramas dos três *CETRAM* (Figuras 44, 46 e 48), com os motivos espaciais identificados pelas participantes como inseguros, de difícil mobilidade e propensos à violência e ao assédio.

Na questão de insegurança, identificam-se problemas como: pouca limpeza, ausência de policiais, falta ou mal estado de iluminação, inexistência de câmeras de segurança e sinalizações. Os principais problemas associados à mobilidade são: a falta de rampas, de drenos para escoamento da água, acumulação de lixo, mal estado das calçadas e cruzamentos perigosos. E em relação à violência e assédio à mulher, as principais ocorrências são: assédio sexual, roubo às mulheres e comércio, estupros, assobios e olhares maliciosos.

MAPA 6. MAPA DE INSEGURIDAD, ACOSO SEXUAL Y MOVILIDAD EN EL CETRAM PANTITLÁN

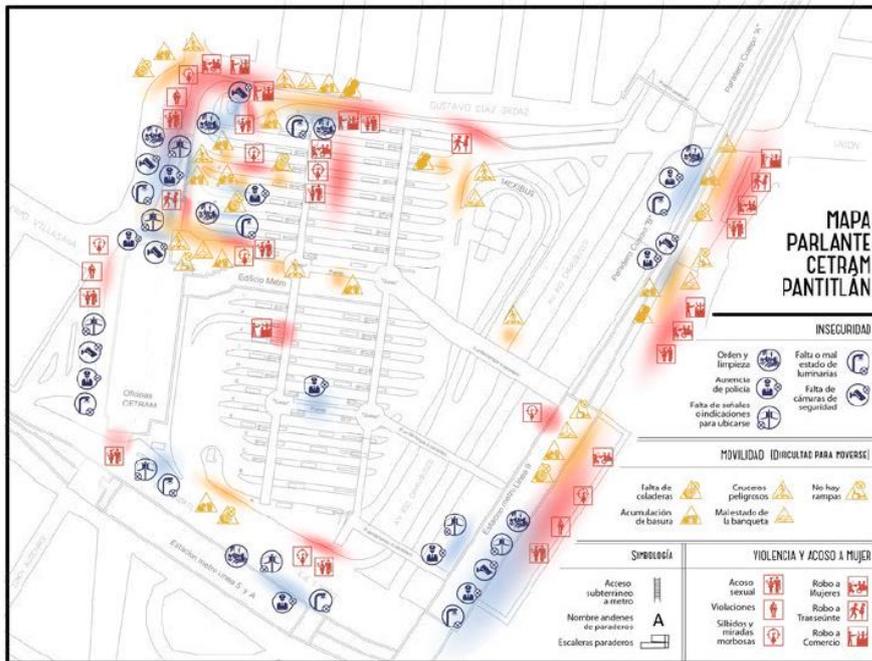


Figura 44. Mapa de insegurança, assédio sexual e mobilidade no CETRAM Pantitlán. Os ícones em azul representam os problemas de insegurança (ausência de policiais, falta de sinalizações, inexistência ou mal estado de iluminações, e falta de câmeras de segurança); em amarelo os problemas associados a mobilidade (falta de escoamento, cruzamentos perigosos, inexistência de rampas, acumulação de sujeira, mal estado das calçadas); e em vermelho, os problemas associados à violência e assédio à mulher (assédio sexual, roubo, estupros, assobios e olhares maliciosos).

MAPA 9. MAPA DE ACCIONES PANTITLÁN



Figura 45. Propostas de melhoria no CETRAM Pantitlán. Os ícones em verde relativos à mobilidade de cuidado (banheiros acessíveis e com fraldário, quiosques digitais, mapas de localização, rotas e serviços, áreas de descanso e recreação e estacionamento de bicicleta), à segurança, adição de botões de auxílio, e à acessibilidade (passeios pedonais seguros, sinalizações e bicicuela (ensinar adultos a andar de bicicleta oferecendo uma nova forma de mobilidade)).

Com os resultados das pesquisas, e para materializar intervenções em locais específicos, é importante “considerar o desenho de um *CETRAM* que coloque no centro a perspectiva das mulheres e supervisoras”⁶⁰ (Villagrán P. , 2019, p. 96). Conclui-se que para um *CETRAM* ideal são necessários:

- Segurança, pois sendo um espaço público fundamental para a mobilidade de diversos meios de transporte, os espaços devem ser limpos, organizados e bem iluminados com caminhos sinalizados e pessoas treinadas para ajudar quando necessário, características que promovem a percepção de segurança da mulher.

- Preocupação com mobilidade do cuidado, conceito proposto por Inés Sanchez de Madariaga, que permite tornar visível as diversas dimensões da mobilidade ligada à reprodução social, como as tarefas realizadas por uma mãe trabalhadora que abrangem, por exemplo, levar suas filhas à escola, acompanhar familiares ao médico, fazer compras no mercado, ir à lavanderia, sendo o uso dos transportes públicos fundamental para a mobilidade delas. Portanto, são necessários suportes físicos dentro do *CETRAM* como bancos, sombra, vegetação, banheiros públicos e serviços próximos que facilitem a realização de tarefas do dia a dia e permitam descansar, interagir, esperar.

- Acessibilidade, que valoriza a experiência da mulher privilegiando a mobilidade pedonal de forma segura e confortável, com espaços amplos para caminhada, acessos livres de obstáculos e de barreiras físicas, com travessias seguras, semáforos e passagens restritas a pedestres e sinalizações para pessoas com mobilidade condicionada.

Logo, considera-se as seguintes intervenções:

- Contatar instituições de outros órgãos (Municípios, Metro, Metrobus, Secretaria da Mulher e Secretaria de Obras e Serviços) para gerir e realizar a manutenção das avenidas, ruas, espaços públicos e segurança rodoviária, principalmente nas áreas periféricas do *CETRAM*.

⁶⁰ Tradução da autora: “es importante considerar el diseño de un *CETRAM* que ponga en el centro la perspectiva de las mujeres y las personas supervisoras” (Villagrán P. , 2019, p. 96).

MAPA 7. MAPA DE INSEGURIDAD, ACOSO SEXUAL Y MOVILIDAD EN EL CETRAM INDIOS VERDES

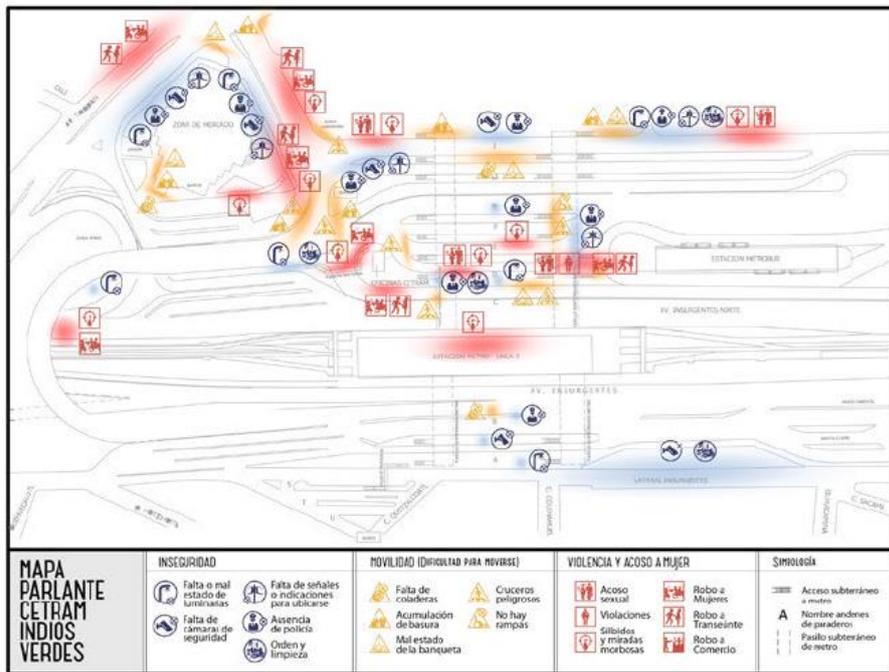


Figura 46. Mapa de insegurança, assédio sexual e mobilidade no CETRAM Indios Verdes. Os ícones em azul, representam os problemas de insegurança (ausência de policiais, falta de sinalizações, inexistência ou mal estado de iluminações, e falta de câmeras de segurança); em amarelo os problemas associados a mobilidade (falta de escoamento, cruzamentos perigosos, inexistência de rampas, acumulação de sujeira, mal estado das calçadas; e em vermelho, os problemas associados à violência e assédio à mulher (assédio sexual, roubo, estupros, assobios e olhares maliciosos).

MAPA 10. MAPA DE ACCIONES INDIOS VERDES

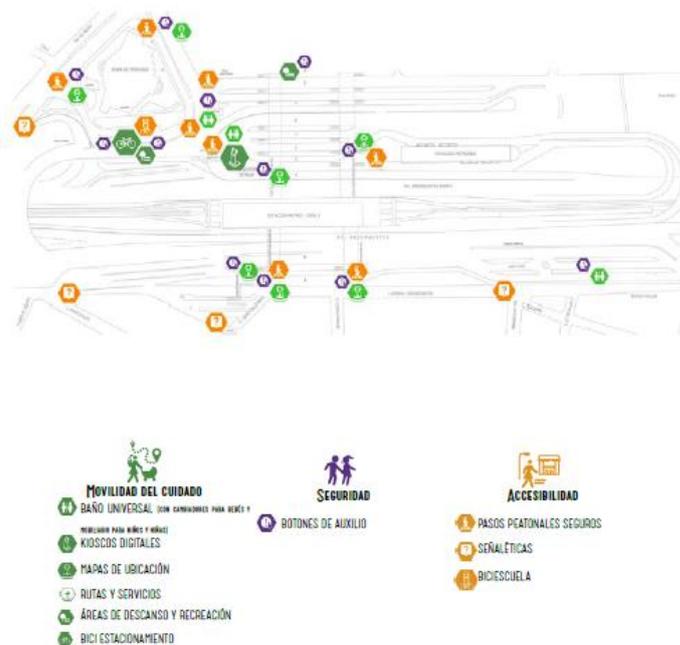


Figura 47. Propostas de melhoria no CETRAM Indios Verdes. Os ícones em verde relativos à mobilidade de cuidado (banheiros acessíveis e com fraldário, quiosques digitais, mapas de localização, rotas e serviços, áreas de descanso e recreação e estacionamento de bicicleta), à segurança, adição de botões de auxílio, e à acessibilidade (passeios pedonais seguros, sinalizações e biciescola).

- Realizar o registro de crimes ocorridos sobre diferentes sexos nos transportes públicos e nas redondezas dos centros de transporte.

- Reorganizar os espaços internos de forma a permitir um espaço multifuncional com atividades comerciais, de mobilidade, de reunião e de descanso.

- Integrar ao ambiente urbano com espaços públicos de qualidade que atenda não só às pessoas que trabalham e utilizam as instalações, mas também as que vivem nos arredores (Villagrán P. , 2019).

Como forma de ação imediata, essas propostas são identificadas nos espaços mais problemáticos em cada *CETRAM* (*Pantitlán*, *Indios Verdes* e *Taxqueña*), dentro das áreas de segurança, acessibilidade e mobilidade de cuidados, sendo essas exemplificadas nas figuras 45, 47 e 49.

Esse estudo é de grande importância para o tema dessa dissertação, visto que tem a experiência das mulheres como foco principal, pois sendo parte de um grupo social oprimido, têm uma “maior capacidade de nomear a realidade” (Montaner, 2017), identificando os problemas e as formas de violência sofridas nos espaços considerados. Portanto, as propostas de intervenção, mostram como é possível melhorar a segurança e sua percepção, e a qualidade de vida não só das mulheres, mas de todas as pessoas envolvidas.

MAPA 8. MAPA DE INSEGURIDAD, ACOSO SEXUAL Y MOVILIDAD EN EL CETRAM TAXQUEÑA

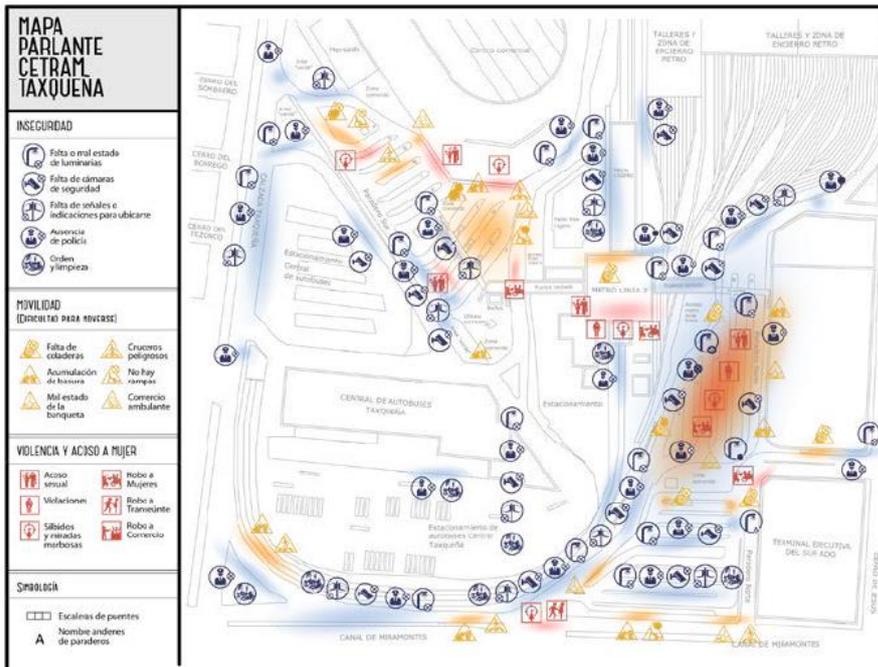


Figura 48. Mapa de insegurança, assédio sexual e mobilidade no CETRAM Taxqueña. Os ícones em azul, representam os problemas de insegurança (ausência de policiais, falta de sinalizações, inexistência ou mal estado de iluminações, e falta de câmeras de segurança); em amarelo os problemas associados a mobilidade (falta de escoamento, cruzamentos perigosos, inexistência de rampas, acumulação de sujeira, mal estado das calçadas; e em vermelho, os problemas associados à violência e assédio à mulher (assédio sexual, roubo, estupros, assobios e olhares maliciosos).

MAPA 11. MAPA DE ACCIONES TAXQUEÑA



Figura 49. Propostas de melhoria no CETRAM Taxqueña. Os ícones em verde relativos à mobilidade de cuidado (banheiros acessíveis e com fraldário, quiosques digitais, mapas de localização, rotas e serviços, áreas de descanso e recreação e estacionamento de bicicleta), à segurança, adição de botões de auxílio, e à acessibilidade (passeios pedonais seguros, sinalizações e biciescola).

Concluída a apresentação desses estudos e métodos, no capítulo seguinte realiza-se a análise do espaço físico dos Polos Universitários de Coimbra, para assim, possibilitar a aplicação dos procedimentos participativos com a comunidade estudantil de forma coesa, reconhecendo as diferenças político-históricas que constituem cada Polo.

CAPÍTULO 3

CARACTERIZAÇÃO ESPACIAL DOS POLOS
UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA

LOCALIZAÇÃO DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA

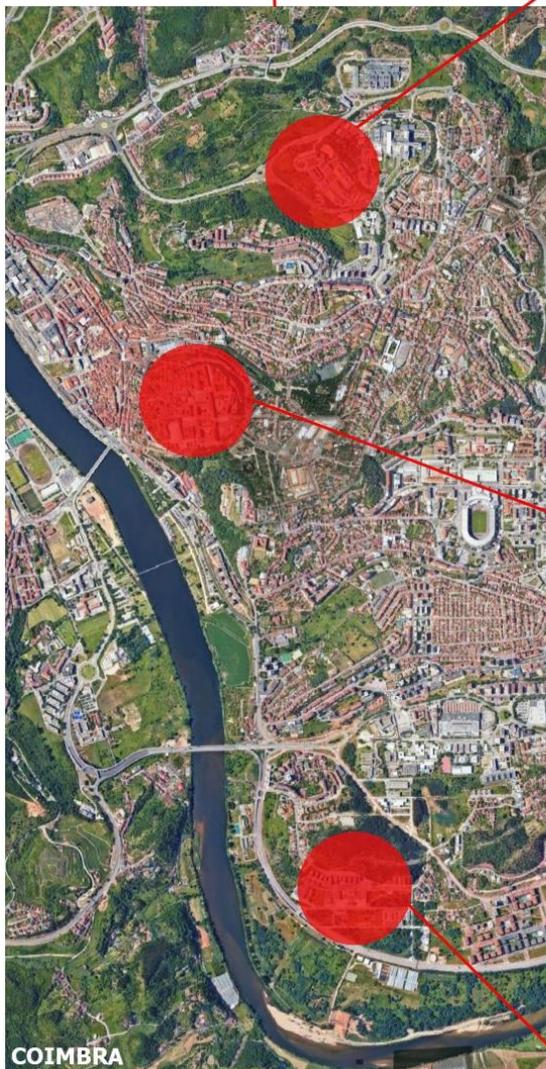


Figura 50. Planta de localização dos Polos Universitários de Coimbra. Fonte: Imagens satélite do google Earth.

Nesse capítulo, analisa-se o espaço físico dos três Polos Universitários de Coimbra, através de uma abordagem histórica, com enfoque nas alterações espaciais decorrentes de cada período político de Portugal para sua situação atual.

Estando o Polo I localizado na zona da Alta, o Polo II na Portela e o Polo III em Celas (Figura 50), são configurados por diferentes topografias e contextos históricos, explicados nos subcapítulos seguintes. Os três Polos datam também de contextos temporais distintos, o que contribui para as respectivas características espaciais. Para um entendimento diacrónico dos Polos Universitários de Coimbra, começa-se esta análise por apresentar uma cronologia político-histórica e de construção dos seus edifícios, resultando de uma interpretação própria das leituras consultadas (Fernandes, 2008; Bernardino, 2012; Costa, Figueira, & Grande, 2003; Lobo, 2006; Pedro, Bandeirinha, & Grande, 2015; Rosmaninho, 2006; Rossa, 2006; Rossa, 2006)⁶¹.

Para compreensão dos edifícios apresentados e localização das ruas citadas nos próximos capítulos, também se apresentam as plantas dos Polos Universitários de Coimbra (Figuras 51,52 e 53).

⁶¹ A cronologia resulta de uma interpretação própria, como base nas seguintes referências bibliográficas:

Fernandes, J. L. (2008). *Requalificação da periferia urbana. Expansão urbana, forma urbana e sustentabilidade urbana na requalificação da periferia de Coimbra*. Lisboa: Tese de Mestrado, ISCTE.;

Bernardino, R. (2012). *Coimbra: Arquitectura e Poder. Três Pólos Universitários, Três Episódios na Cultura Arquitectónica Portuguesa*. Coimbra: Dissertação de Mestrado, departamento de arquitetura da FCTUC.;

Costa, A. A., Figueira, J., Grande, N. (2003). *CidadeSofia*. Coimbra: Edarq.; Matos, M. M. (1999). *As cidades e os campi: contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior Técnico de Lisboa.;

Lobo, R. (setembro de 2006). Rua da Sofia. Um campus universitário em linha. *Monumentos* 25, pp. 24-31.;

Pedro, D., Bandeirinha, A., Grande, N. (2015). *700+25 Arquitectura na UniverCidade* (pp. 251-259). Coimbra: CAPC.;

Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.;

Rossa, W. (setembro de 2006). a "Sofia" Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa. *Monumentos* 25, pp. 16-23.;

Rossa, W. (2006). O Espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime. Em O. Alexandrino, P. França, & V. Manta, *Evolução do Espaço Físico de Coimbra* (pp. 17-42). Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.



Figura 51. Planta do Polo I da Universidade de Coimbra.

1527 – D. João III inicia processo de reforma do mosteiro de Santa Cruz na Baixa de Coimbra, com o intuito de desenvolver um polo escolar privado do Mosteiro.

1537 – Transferência definitiva da Universidade de Lisboa para Coimbra.

Década de 1540 – Construção dos Colégios na Rua da Sofia e início das obras dos Colégios da Companhia de Jesus, dos Lóios de São Jerónimo na Alta.

1544 – 1555 – Instituição do Colégio das Artes instalado nos Antigos Colégios de São Miguel e de Todos-os-Santos.

1555 – Entrega do Colégio das Artes à Companhia de Jesus.

1565 – Início da construção do Colégio de São Jerónimo por direção de Diogo de Castilho.

1566 – Mudança do Colégio da Artes da Rua da Sofia para o Colégio da Companhia de Jesus na zona da Alta.

1568 – Início da construção de um edifício próprio para o Colégio das Artes.

1576 – Início da construção do Colégio de São Bento para albergar o Instituto Botânico,

Década de 1580 – Universidade consolidada da Alta.

1593 – Início da construção do Colégio da Sapiência na encosta sobre o Mosteiro de Santa Cruz, marcando a instalação da universidade crúzia na zona da Alta.

1598 – 1640 - Construção da Sé Nova.

1654 – 1656 – Remodelação da Sala dos Capelos no Paço das Escolas.

1696 – 1792 – Remodelação dos *gerais* no Paço das Escolas.

1701 – 1702 – Remodelação da Sala do Exame Privado no Paço das Escolas.

1691 – 1692 e 1724 – Remodelação das Escadas da Minerva.

1717 – Início da Construção da Biblioteca Joanina.

1728 – 1734 – Construção da Torre da Universidade.

1759 – Expulsão da Companhia de Jesus.

1770 - 1777 – Reforma Pombalina.

Década de 1770 – Construção do Laboratório Químico.

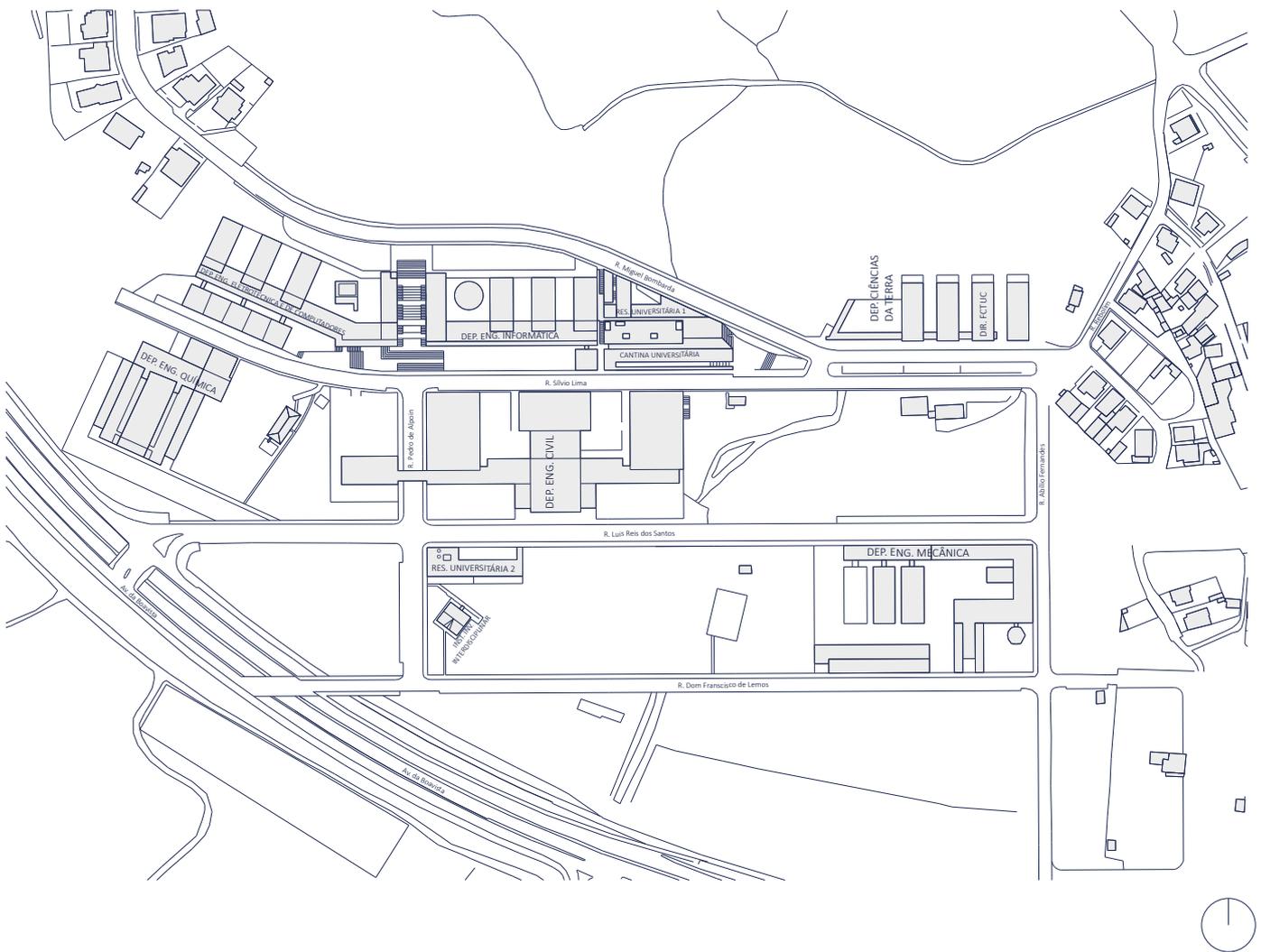


Figura 52. Planta do Polo II da Universidade de Coimbra.

1772 – Remodelação do antigo Colégio das Onze Mil Virgens e implementação do Museu de História Natural segundo o projeto de Guilherme Elsdén.

1777 – 1834 – Obras limitadas a continuação de projetos já iniciados (observatório astronômico do Pátio da Universidade; Jardim Botânico; criação do último colégio universitário.

1775 – Conclusão das obras projetadas e dirigidas por Guilherme Elsdén, no Colégio de Jesus, Colégio das Artes e no terreno das ruínas do Castelo.

1834 – Controle dos bens das ordens religiosas e ocupação dos Colégios religiosos da Rua da Sofia com funções comuns de habitação, comércio e serviços.

Década de 1850 – Indecisão sobre o destino dos edifícios da Alta, levando ao abandono e vendas.

1852 – 1853 – Transferência dos hospitais para os Colégios de São Jerónimo, das Artes e dos Militares.

5 de outubro de 1910 – Implantação da República.

1910 – Paço das Escolas classificado como monumento nacional.

1912 – 1932 – Construção do edifício da Faculdade de Letras.

1914 – 1918 – Primeira Guerra Mundial.

1933 – Instauração do Estado Novo.

1933 – Ideia de remodelação das instalações universitárias por Ângelo da Fonseca.

1934 – Primeiro plano geral de remodelação da zona universitária por Abel Urbano.

1934 – 1936 – Primeira Comissão de Obras para a Cidade Universitária de Coimbra. Estudos do projeto de urbanização por Raul Lino e Luís Benavente.

1 de dezembro de 1937 – Esboço geral das obras a executar na Alta por Oliveira Salazar apresentando os Princípios de “desafogamento e dignificação monumental” descritos no volume II dos seus *Discursos*.

1939 – 1945 – Segunda Guerra Mundial.

1939 – Plano geral de reestruturação dos espaços escolares.

1939 – 1940 – Segunda Comissão de Obras para a Cidade Universitária de Coimbra.

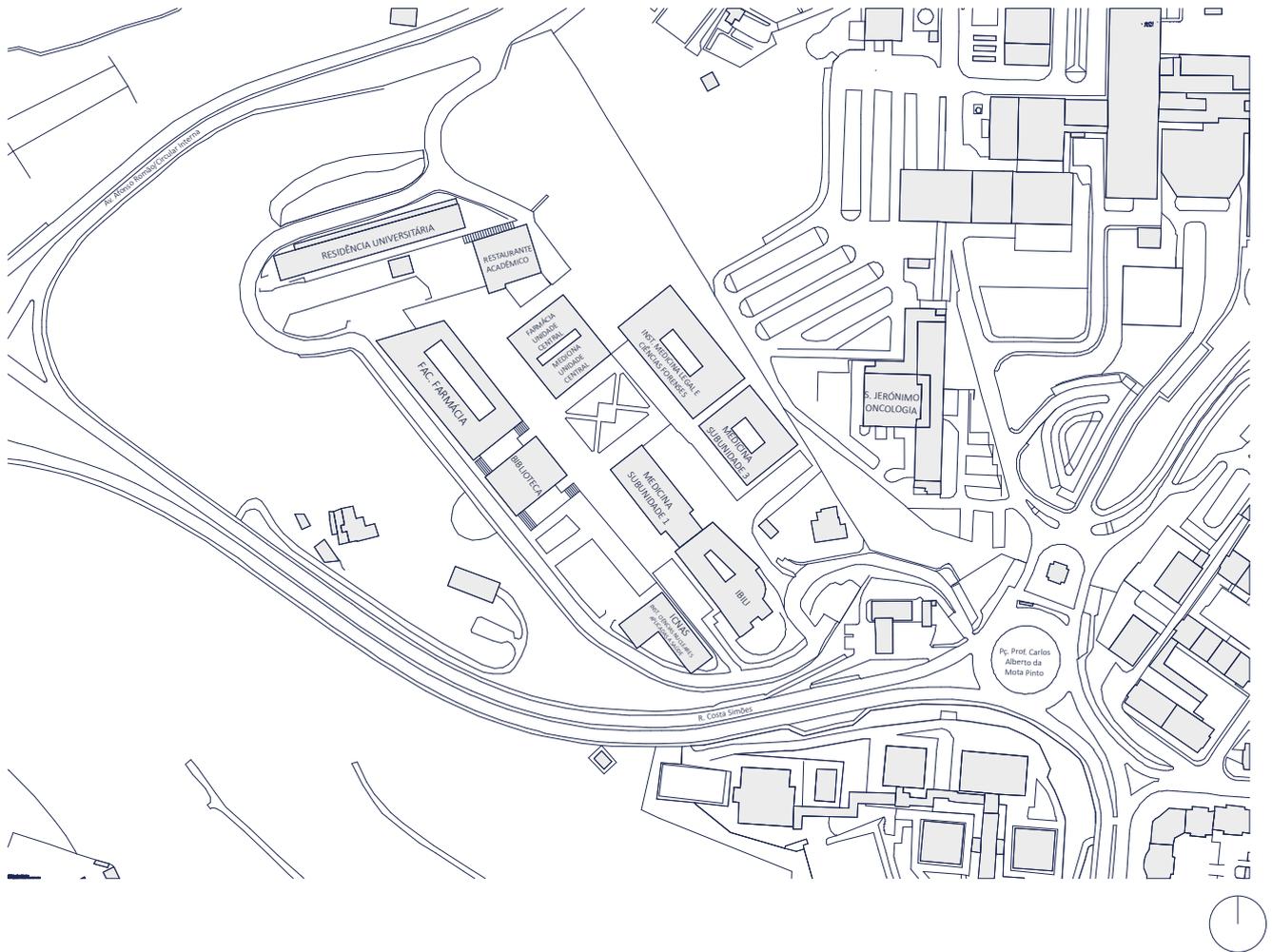


Figura 53. Planta do Polo III da Universidade de Coimbra.

1940 – Plano de Urbanização de Coimbra por Étienne De Gröer.

1941 – Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) comandada por Cottinelli Telmo.

1942 – Planos gerais da Cidade Universitária por Cottinelli Telmo. Duarte Pacheco e Oliveira Salazar aprovam expropriações da primeira, segunda e terceira fases do plano.

1942 – Protestos de alguns proprietários e inquilinos contra os baixos montantes de indenização pelas expropriações.

1943 – Planos gerais da Cidade Universitária por Cottinelli Telmo.

1943 – 1947 – Construção do primeiro edifício do Plano, o Arquivo da Universidade, dirigido por Cottinelli Telmo, mas assinado por Alberto José Pessoa.

1944 – Aproximadamente 2 mil estudantes na universidade.

1944 – 1948 – Construção da Escadaria Monumental.

1944 – Estátuas de D. Dinis e D. João III, por Francisco Franco.

1945 – 1951 – Construção da Faculdade de Letras.

1947 – Destruição dos restos do castelo.

1948 – 1966 – Após o falecimento de Cottinelli Telmo, Cristino da Silva assume a direção de obras.

1949 – Demolições e rebaixamentos na Rua Larga, Largo do Castelo e Largo da Feira.

Década de 1950 – Plano Geral da Cidade Universitária de Coimbra por Cristino da Silva.

1950 – 1960 – Planeamento do Bairro Norton de Matos.

1950 – 1956 - Remodelação da antiga Faculdade de Letras para abrigar a Biblioteca Geral.

1952 – 1956 – Construção da Faculdade de Medicina (projeto de Cottinelli Telmo, terminado por Cristino da Silva).

1953 – Plano Regulador de Coimbra por Antão de Almeida Garrett. Revisão do Plano de Urbanização apresentado por De Gröer.

1954 – Debate promovido pela Associação Acadêmica de Coimbra, com foco principal na falta de residências.

- 1957** – Parecer ao Plano Regulador de Coimbra por Antão de Almeida Garret.
- 1962** – Plano Regulador da Cidade de Coimbra por Almeida Garrett.
- 1964 – 1969** - Construção do edifício da Matemática.
- 1965** – Instalação do Instituto de Antropologia no Colégio de São Bento.
- 1966 – 1975** – Construção do edifício dos Departamentos de Física e Química.
- 1967** – Decisão da transferência do Hospital para a periferia de Coimbra, zona de Celas.
- 1968** – Decisão de comprar a Quinta do Espinheiro para a construção do novo Hospital da Universidade de Coimbra.
- 1969** – Contestação estudantil, marcando o início de uma fase intensa da luta contra o regime autoritário.
- 1970** – Universidade atinge aproximadamente 10 mil estudantes.
- 1970** – Plano de Urbanização de Coimbra de ordenamento do Concelho, pelo engenheiro Manuel da Costa Lobo.
- 1972** – Surgimento do ensino das Engenharias em Coimbra.
- 1974** – Revolução de 25 de abril de 1974, marcando o fim do regime ditatorial.
- 1974** – Plano Geral de Urbanização de Coimbra pelo Engenheiro Manuel Costa Lobo.
- 1974 – 1976** – Processo SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local).
- 1975** – PREC (Processo Revolucionário em Curso).
- 1975** – Inaugura-se o edifício dos Departamentos de Química e Física, porém o término da obra não foi publicamente assinado.
- 1981** – Estudo preliminar de definição das Zonas de Intervenção de Proteção do Polo II da Universidade de Coimbra.
- 1983** – Criação de um Grupo de Trabalho para a Coordenação dos Assuntos relacionados com a instalação do **Polo II**, formado por representantes da Universidade, da Direcção-Geral de Ensino Superior (DGES) e da Direcção-Geral para as Comunidades Europeias (DGCE) (Professor Dr. Jorge dos Santos Veiga, vice-reitor da Universidade de Coimbra; Professor Dr. José Veiga Torres, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC); Engenheiro Joaquim Augusto Pereira Trindade de Sá Furtado,

representante da Assessoria de Planeamento da Universidade de Coimbra; Arquiteto Nuno Sepúlveda, Engenheiro Adriano dos Santos Oliveira, e Arquiteto João Pedro Magalhães Silva, representantes da DGCE e da DGES).

1984 – Planta de zoneamento do **Polo II** pelo Arquiteto Magalhães Silva.

1985 – Plano Geral de Ordenamento do **Polo II** da Universidade de Coimbra.

1987 – Transferência do hospital do Colégio de São Jerónimo e do Colégio das Artes para um novo edifício destinado aos Hospitais da Universidade na zona de Celas em Coimbra.

1989 – Concurso Público para o Estudo Prévio do Plano de Pormenor do **Polo II**.

1990 – Plano de Pormenor do **Polo II** projetado pelos arquitetos Mercês Vieira e Camilo Cortesão.

1990 – Programa Preliminar do Plano de Pormenor do **Polo III** de autoria do arquiteto Eduardo Rebello de Andrade, divulgado pela Universidade de Coimbra.

1990 – Início ao concurso público para a seleção dos projetos destinados aos edifícios do **Polo III**.

1991 – 1996 – Construção do Departamento de Engenharia Eletrotécnica no **Polo II**, pelo arquiteto Gonçalo Byrne.

1991 – 2000 – Construção do departamento de Engenharia Civil no **Polo II**, pelo arquiteto Fernando Távora.

1993 – Plano Diretor Municipal de Coimbra.

1993 – 1996 – Construção do Departamento de Engenharia Mecânica no **Polo II**, pelos arquitetos Manuel Tainha e Alexandre Marquês Pereira.

1993 – Construção do edifício do Instituto Biomédico de Investigação da Luz e da Imagem (IBILI) e da Subunidade 1 no **Polo III**, pelo arquiteto Eduardo Rebello de Andrade.

1993 – 2000 – Construção do Auditório da Faculdade de Direito no **Polo I**, pelo arquiteto Fernando Távora.

1994 – Retificação do Plano Diretor Municipal de 1983.

1994 – Plano Diretor Municipal de Coimbra.

1995 – Concurso de ideias para a recuperação e reutilização do Colégio de São Jerónimo, do Colégio das Artes, do Laboratório Químico e da área envolvente, com projeto vencedor do arquiteto Gonçalo Byrne.

1996 – 1997 – Início do funcionamento do **Polo II** da Universidade de Coimbra.

1996 – 1999 – Construção da Residência Universitária 1, e da Cantina Universitária do **Polo II** da Universidade de Coimbra, pelos arquitetos Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus.

1998 – Centro de Inovação e Transferências do Saber na reabilitação da Casa Costa Alemão no **Polo II** da Universidade de Coimbra, pelo arquiteto José António Bandeirinha.

1998 – Departamento de Engenharia Química no **Polo II**, pelo arquiteto Vasco Cunha.

1999 – Centro Cultural na reabilitação da Casa de Pedra no **Polo II**, pelo arquiteto João Mendes Ribeiro.

2000 – Reformulação do Plano de Pormenor do **Polo III** da Universidade de Coimbra.

2001 – 2004 – Construção da Unidade Pedagógica Central da FCTUC no **Polo II** da Universidade de Coimbra, pelos arquitetos Manuel Aires Mateus e Francisco Aires Mateus.

2001 – 2007 – Construção da Residência Universitária do **Polo III** da Universidade de Coimbra, pela arquiteta Paula Santos.

2002 – 2010 – Construção do Instituto de Ciências Nucleares Aplicadas à Saúde (ICNAS) no **Polo III**, pelos arquitetos João Pedro Serôdio e Isabel Furtado.

2003 – Construção da Residência Universitária 2 do **Polo II** da Universidade de Coimbra, pelos arquitetos Carlos Martins e Elisiário Miranda.

2003 – 2006 – Reabilitação do Laboratório Chimico no **Polo I** para a instalação do Museu da Ciência, pelos arquitetos João Mendes Ribeiro, Désirée Pedro e Carlos Antunes.

2004 – 2008 – Construção da Faculdade de Farmácia no **Polo III**, pelos arquitetos Pedro Matos Gameiro e Carlos Crespo.

2007 - Inauguração da Cantina e Restaurante Universitário do **Polo III**, pelos arquitetos Lima Gaspar e Lobato Santos.

2009 - Inauguração da Unidade Central do **Polo III**, pelos arquitetos José Barra e Tiago Barreiros.

2009 - Inauguração da Biblioteca no **Polo III**, pelos arquitetos Cadaval de Sousa e Costa Lopes.

2013 – Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, classificada como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.

2015 – Aproximadamente 25 mil estudantes na Universidade de Coimbra.

2016 - Inauguração do edifício da Subunidade 3 no **Polo III**, pelo ateliê Serôdio e Furtado.



Figura 54. Proposta de instalação dos gerais na zona da Alta de Coimbra.



Figura 55. Rua da Sofia com esquema compositivo de autoria de Sandra Pinto.

3.1. Polo I

O reconhecimento de Coimbra por sua universidade tal como perdura hoje, surge em 1527, quando D. João III ordena a reforma do Mosteiro de Santa Cruz para desenvolver um polo escolar privado (Rosmaninho, 2006). Dois anos antes da transferência definitiva da universidade de Lisboa para Coimbra em 1 de março de 1537, o monarca inicia o processo de ampliação e criação dos colégios através do desenvolvimento de uma rua axial a partir do Mosteiro e junto ao centro urbano da Baixa, formando um eixo universitário na denominada *Rua de Santa Sophia*⁶², atual Rua da Sofia.

Apesar da abertura dessa nova rua, em outubro do mesmo ano da transferência, o monarca decide que os *gerais* ficariam na zona da Alta (Figura 54), enquanto os colégios religiosos e habitações na Rua Nova da Baixa (Figura 55). Essa decisão surge quando “se constatou a insuficiência da nova estrutura e a impossibilidade do seu crescimento segundo os mesmos princípios de ordem e de proporção⁶³” (Rosmaninho, 2006, p. 22), levando a ocupar os espaços despovoados da zona da Alta.

Em quinze anos, a transferência da universidade implica um aumento de cinco mil para doze mil habitantes, transformando a cidade de Coimbra em uma “corte universitária” (Rossa W. , 2015, p. 255). Esse crescimento não previsto por D. João III gera impactos urbanos e urbanísticos, sendo necessária alternativas para abrigar todos os estudantes.

⁶² A palavra Sophia vem do vocabulário grego definido como *Ciência* ou *Sabedoria*.

⁶³ Os colégios seguem um rigor geométrico-compositivo utilizando um módulo quadrado de 13,2 metros. Para a criação dos cinco colégios projetados, reconhece-se a utilização de cinco módulos de frente e quatro de fundo, sendo um total de 66 metros por 52,8 metros. Ainda se pretendia a criação de mais dois colégios, um para albergar os *gerais*, esse com o dobro de profundidade que os outros, e o segundo para a extensão do Largo de Sansão (Rossa W. , 2006, p. 20).



Figura 56. Planta da Alta de Coimbra c.1772, autor desconhecido.

Como solução a esse problema, propõe-se um novo plano de construção na zona da Alta de Coimbra, sendo possível ocupar estruturas preexistentes e terrenos vagos, que diferente da Rua da Sofia com um comprimento predeterminado não possibilitava a sua expansão. Como modelo urbanístico para a Alta, adota-se um “sistema reticulado de ruas paralelas e perpendiculares” (Rosmaninho, 2006, p. 16), ajustadas às dimensões em planta dos novos colégios e à topografia preexistente (Figura 56).

Apesar da bipolarização dos espaços académicos entre a Baixa e a Alta, contando com “cerca de 16 colégios, repartidos entre a Rua da Sofia (6 colégios) e a Alta (10 colégios)” (Lobo, 2010, p. 579), essa divisão diminuiu nas décadas seguintes “à medida que mais colégios se estabeleciam nas imediações do agora designado Paço das Escolas” (Rosmaninho, 2006, p. 59). Já na década de 1580, a universidade consolidou-se na Alta, sendo das mais importantes construções do “urbanismo universitário planeado, na Península Ibérica da Idade Média” (Lobo, 2010, p. 579), e os espaços antes residuais, passaram a ser construídos e ocupados, conferindo a Coimbra um único programa urbano: a Universidade (Rossa W. , 2006, p. 23).

Já em meados do século XVIII com a Reforma Pombalina, as novas correntes iluministas, “opõem-se aos programas e práticas pedagógicas das ordens religiosas” (Blanco, 2016, pp. 124-125) ocasionando a expulsão e extinção da Companhia de Jesus. Para seguir com a laicização da universidade, reformulou-se o ensino e deu-se o encerramento dos colégios da Rua da Sofia, que até então eram guiados pelo humanismo cristão.

Em 1834, com a extinção dos colégios universitários, houve o início de uma fase indecisa e confusa sobre o destino dos edifícios da Alta, levando nos anos seguintes ao abandono e venda de imóveis (Rosmaninho, 2006) (Figura 57).

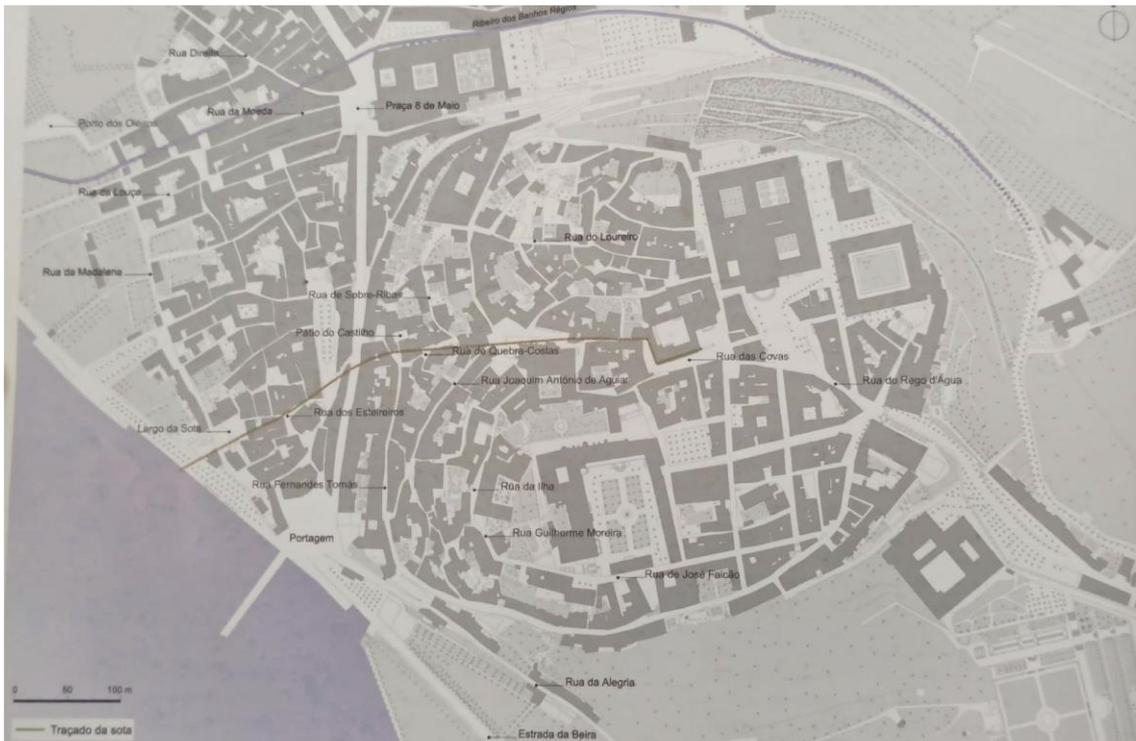


Figura 57. Planta de Coimbra de 1873 – 1874 antes das demolições.

Diante da Implantação da República em 1910, criaram-se estratégias para a resolução dos problemas das instalações de ensino e investigação (Rosmaninho, 2006, p. 60). Com o mau estado das construções existentes e mesmo com a inauguração, em 1932, do edifício da Faculdade de Letras, iniciou-se uma apropriação desordenada com “a edificação de anexos abarracados” (Rosmaninho, 2006, p. 60), prolongando-se até os anos de 1940.

Com a instauração do Estado Novo em 1933, teve início um debate sobre a alteração da localização da Universidade. Apesar das discordâncias, o fator da tradição do espaço alcandorado e principalmente do Paço das Escolas, foi decisivo para mantê-la na Alta. No ano seguinte, Abel Urbano lança o Plano Geral de Remodelação da zona universitária, dando início a Primeira Comissão de Obras dirigida por Raul Lino e Luís Benavente, que apesar do programa redigido, não se executou.

Até que em 1937, ocorreu o arranque político do projeto a partir do prefácio redigido por Oliveira Salazar no volume II dos seus *Discursos*, esboçando o programa determinado para a Cidade Universitária. Além dos princípios defendidos de “desafogamento” e “dignificação monumental”⁶⁴, sua vontade clara de “isolar a Universidade dos quarteirões residenciais” (Rosmaninho, 2006, p. 70) é descrita por Rosmaninho citando Carlos de Almeida:

“Anteviu Salazar, uma Coimbra em exclusivo dedicada ao estudo. Uma <<cidade de opereta vienense>>, onde mestres e intelectuais se arrumariam – quais fetos em formol – em silenciosas mansões rodeadas de jardins. Com a inerente carga visionária, entronizaria a ambicionada segregação de classe [...]” (Almeida *apud* Rosmaninho, N., 2006, p. 70).

⁶⁴ No prefácio de Salazar, tendo como exemplo o Largo da Feira, pretende-se com o *desafogamento* “a libertação do espaço envolvente, de modo a criar perspectivas mais amplas da Sé”, e com a *dignificação* monumental integrar “a igreja num discurso urbanístico monumental, diminuindo a sua supremacia” (Rosmaninho, 2006, p. 114). Ou seja, com esses dois princípios, é explícito o desprezo político pelo patrimônio e pela arquitetura tradicional, dando apenas importância a essa nova arquitetura que representa o poder político da época.



Figura 58. Planta dos prédios particulares demolidos para a construção da Cidade Universitária.



Figura 59. Quarta planta para a Cidade Universitária de Coimbra por Cottinelli Telmo, 1943.

Sendo antes a Alta uma zona sem segregações entre espaços escolares, habitacionais e comerciais, que “se encontrava vivificada por um activo comércio, ocupando o rés-do-chão de inúmeros prédios, vocacionado para a satisfação das necessidades diárias e ocasionais da população” (Rosmaninho, 2006, p. 62), veio a ser destruída com o ideal político de Salazar.

Com a criação da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC) no ano de 1941, é evidente a elitização e a falta de representatividade de género na escolha dos dirigentes. Elegeram-se Maximino Correia, Manuel Duarte Moreira de Sá e Mello, Cottinelli Telmo, Armando Stichini Viela e Baltazar de Castro para estudarem os planos apresentados nas comissões anteriores e organizarem os programas definitivos, além de elaborarem, administrarem e fiscalizarem os projetos das obras.

Apesar do vasto grupo da Comissão, Cottinelli Telmo é quem toma frente nos planos gerais da Cidade Universitária em 1942. Realizam-se dois planos, o primeiro intitulado “ensaio de conjunto de massas conciliando os vários dados do problema” e o segundo como “planta inicial da Cidade Universitária de Coimbra”, sendo essa a base para as “expropriações aprovadas por Duarte Pacheco e Oliveira Salazar” (Rosmaninho, 2006, p. 323). Ainda no mesmo ano, a falta de debate público antes do início das demolições e os baixos montantes de indenização, causaram protestos pelos afetados pelas expropriações. Apesar de algumas pessoas manifestarem sua aversão em público, permanecia um discurso progressista sobre a renovação da cidade nos meios de comunicação (Rosmaninho, 2006).

No total, demoliram-se 202 edifícios para a construção de novos blocos de grandes dimensões destinados às Faculdades (Figura 58), e para a realização desses novos edifícios, efetuaram-se grandes desaterros para regularizar a topografia. Nos planos de Cottinelli Telmo, é visível o “entendimento essencialmente plástico do urbanismo, preocupando-se sobretudo com os volumes, as linhas de fuga, as praças, a simetria” (Rosmaninho, 2006, p. 75).

Tendo como referência o Paço das Escolas, a criação da atual Rua Larga impõe-se de forma retilínea e direcionada à Porta Férrea, tornando-se o eixo

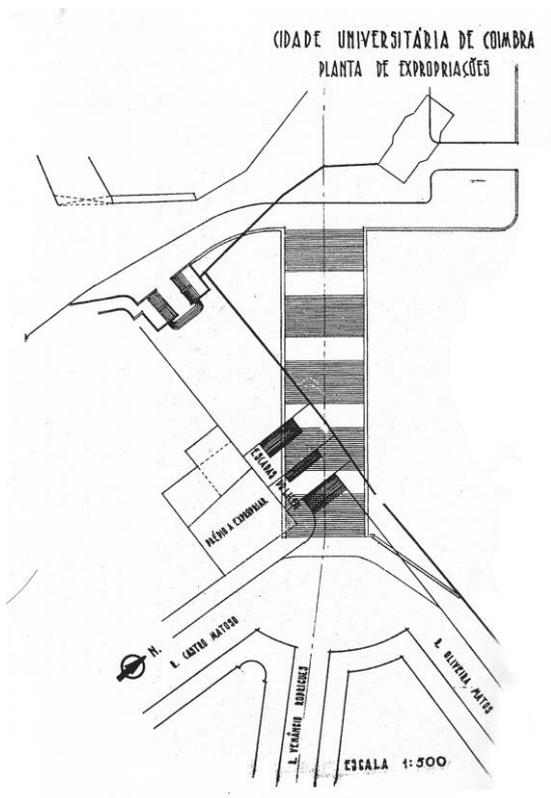


Figura 60. Planta de demolição das escadas existentes para a construção da Escadaria Monumental.

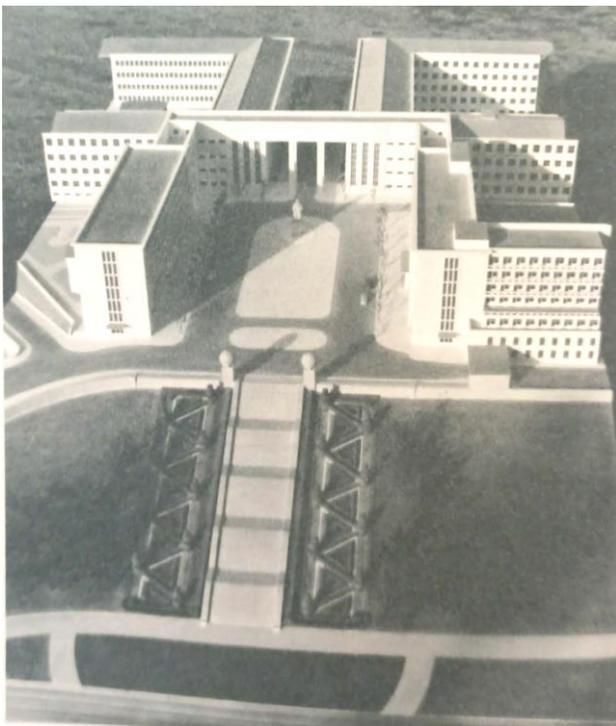


Figura 61. Maquete do plano para a Cidade Universitária de Coimbra.

principal dessa nova Cidade Universitária (Figura 59). A liberdade dada a Cottinelli Telmo, permitiu também a demolição dos Colégios de São Boaventura, de São Paulo Eremita e dos Lóis, podendo planejar quase de raiz toda a Universidade. Ainda pensando na monumentalidade e imponência dessa rua, Duarte Pacheco sugeriu a criação da Escadaria Monumental, contrariando a topografia e enfrentando-a numa subida de 125 degraus (Figuras 60 e 61). Como afirma Rosmaninho:

“Cottinelli Telmo e Duarte Pacheco imaginaram, em *travelling* cinematográfico, o efeito da súbita aparição da estátua de D. Dinis e do vasto espaço envolvente, encerrado num pórtico imponente. Assim se intensificaria um dos princípios estéticos mais caros do regime: a monumentalidade” (Rosmaninho, 2006, p. 77).

Além do pórtico não ter sido concretizado, a vista para a estátua de D. Dinis e o Largo envolvente só são perceptíveis por pessoas sem mobilidade condicionada nos últimos degraus da escadaria, dificultando também a chegada a essa zona. Junto a esse problema, o sistema viário é assente em três eixos ortogonais (Largo de D. Dinis, Rua Larga e Praça da Porta Férrea; Ruas de S. Pedro e de S. João; e Rua dos Estudos e Largo do Museu) (Rosmaninho, 2006), o qual permanece até hoje, e força os pedestres a desviarem dos automóveis estacionados (com exceção do Largo do Museu) e em locomoção, além da perda de qualidade do espaço público (Figuras 62 a 67).

Ainda com os desaterros, surgiram outros obstáculos visíveis atualmente, como a marcação pelas pedras vistas nos declives da fachada sul do Colégio de São Jerónimo e da esquina sudoeste do Colégio das Artes, além do difícil acesso a eles pela Rua dos Estudos.

Com elevação do Largo da Feira, onde hoje funciona um estacionamento, alterou-se a memória do local que antes era marcado pelo uso público de diversas pessoas, além de ser um ponto de reunião de estudantes para tratar assuntos importantes, como Rosmaninho refere:

“Em 1867, Augusto Mendes Simões de Castro considerou-o <<um dos mais espaçosos e belos>> de Coimbra, devido aos <<edifícios notáveis>>



Figura 62. Fotografia do Largo de Dom Dinis



Figura 63. Fotografia da Rua Larga atualmente.



Figura 64. Fotografia do Largo da Porta Férrea atualmente.



Figura 65. Fotografia da Rua de São João com vista para o Museu Machado de Castro atualmente.



Figura 66. Fotografia da Rua dos Estudos atualmente.



Figura 67. Fotografia do Largo Marquês de Pombal (do Museu) atualmente.

que o circundam, nomeadamente o Colégio dos Lóios, o <<grande chafariz>>, o <<majestoso templo da Sé Nova>> e o Colégio das Artes. Para a sua animação contribuía o mercado que se realizava as terças-feiras e o fato de ser <<muito frequentado nas amenas noites de luar, principalmente pelos estudantes>>. [...] Este espaço era, portanto, <<um verdadeiro fórum conimbricense, uma espécie de propriedade acadêmica>>. E assim permaneceu até ser destruído pela CAPOCUC” (Rosmaninho, 2006, p. 115), (Figuras 68 e 69).

Com o falecimento de Cottinelli Telmo em 1948, Cristino da Silva assumiu o papel de vogal-arquiteto da CAPOCUC. Marcado por seu estilo nacionalista, com “feição monumental e fascista” (Rosmaninho, 2006), seguiu os princípios do plano de seu antecessor, procurando concluir as obras já iniciadas. Dentre elas as demolições e rebaixamentos na Rua Larga, Largo do Castelo e Largo da Feira; a remodelação da antiga Faculdade de Letras para abrigar a Biblioteca Geral; a construção da Faculdade de Medicina e a Construção do edifício da Matemática que só veio a ser concluída em 1969.

Já o Colégio de São Jerónimo e o Colégio das Artes, que estava previsto serem demolidos (Figura 70), sobreviveram graças à “incapacidade de elaborar, com brevidade necessária, o projeto do novo hospital escolar. [...] A decisão de o [hospital] construir fora da Alta deveu-se por isso mais à exiguidade do espaço do que à valorização histórica e artística dos colégios” (Rosmaninho, 2006, p. 241). Esse acontecimento torna ambos os colégios não integrados e conectados urbanisticamente com o todo, mostrando, novamente, a falta da importância dada ao existente (Figuras 71 e 72).

Essa resolução da transferência do hospital do Colégio de São Jerónimo e do Colégio das Artes para um novo edifício destinado aos Hospitais da Universidade na periferia de Coimbra, foi consequência da falta de espaço para abrigar todos os departamentos. Decorrente disso, os estudantes enfrentavam a falta de casa, o que os levou a ocupar a “área que compreende e envolve a Rua da Matemática e ainda a área que circunda o Salão Trindade ao alto da Couraça de Lisboa” (Rosmaninho, 2006, p. 75), configurando a morfologia desse local, e sua monofuncionalidade pela



Figura 68. Fotografia do Largo da Feira em meados dos anos de 1870.



Figura 69. Fotografia do Largo da Feira atualmente.



Figura 70. Plano Geral para a Cidade Universitária de Coimbra, por Cristino da Silva.



Figura 71. Fotografia da entrada para o espaço entre os Colégios das Artes e de São Jerónimo pela rua dos Estudos.



Figura 72. Fotografia da entrada para o espaço entre os Colégios das Artes e de São Jerónimo pelo Largo D. Dinis.

falta de residências universitárias, comércios e serviços, situações que ainda hoje prevalecem. Como salienta Gonçalo Byrne (2003) no livro *Cidade Sofia*:

“Desapareceram as residências, as “repúblicas”, os cafés, os restaurantes, as lojas e reforçou-se uma componente monofuncional e o carácter de gueto deste campus, como espaços de ensino que funcionam só de dia. Outro aspecto é que ao fazer uma intervenção “de Estado” se criou um corpo de cidadela, que foi obrigado a sofrer alterações significativas, algumas igualmente violentas, com o “boom” do crescimento do número de estudantes a partir dos anos sessenta e setenta.” (Byrne, 2003, pp. 218-219).

Por último, nota-se a falta de mobiliário urbano nos projetos construídos durante o Estado Novo, que até hoje se confirma. A única referência que se tem, foca-se nos candeeiros de iluminação pública, desenhados ao detalhe, enquanto os outros aspectos são deixados à parte. Rosmaninho evidencia essa escolha da seguinte forma:

“Os discursos monumental, moderno e tradicionalista plasmaram-se com singularidade nos candeeiros de iluminação pública, o único mobiliário urbano previsto pela CAPOCUC para a Cidade Universitária de Coimbra, além dos bancos de pedra colocados ao longo da fachada da Faculdade de Medicina voltada para a Rua Larga” (Rosmaninho, 2006, p. 255).

Após essa análise histórica, conclui-se que, apesar do grande lastro temporal e as diversas remodelações sofridas no Polo I (Figura 73), sendo considerada patrimônio mundial da humanidade pela UNESCO apenas em 2013, não se realizaram mudanças significativas desde o Estado Novo. Apesar de ser um espaço determinado por sua monumentalidade e monofuncionalidade, é possível existirem alternativas para torná-lo mais receptível não só aos estudantes, mas também à comunidade local. No desenvolvimento da dissertação, apresentam-se as análises decorrentes dos métodos utilizados nessa pesquisa, para demonstrar através da arquitetura como é possível reconhecer os problemas dos espaços e melhorá-los.

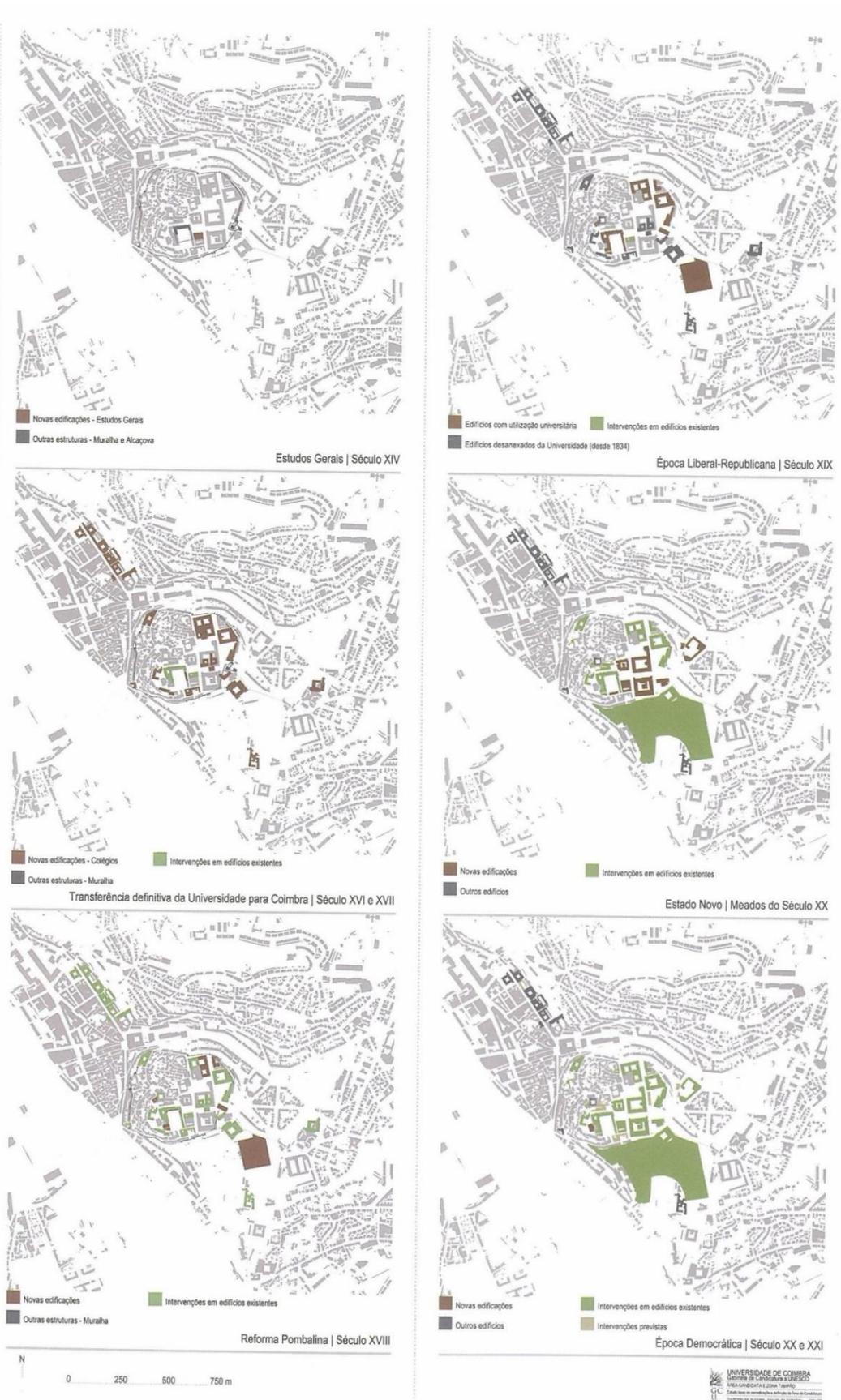


Figura 73. Estudo base de periodização da área de Coimbra candidata a Patrimônio Mundial da UNESCO.

3.2. Polo II

A partir da década de 1960, o aumento do número de estudantes na Universidade provocou um elevado crescimento demográfico da cidade de Coimbra. Com o surgimento dos novos cursos de Engenharia na cidade em 1972, tornou-se inconcebível a criação de mais edifícios na zona da Alta, já densamente ocupada. Como alternativa, criaram-se Planos de desconcentração da universidade com o desenvolvimento de dois novos Polos na periferia da cidade, o Polo II e o Polo III. Este subcapítulo, foca no desenvolvimento do Polo II, desde o seu Plano de Pormenor de autoria dos arquitetos Mercês Vieira e Camilo Cortesão, até ao estado em que se encontra hoje.

Apesar de existirem menções a zona da Portela nos Planos de De Gröer, na década de 1940 e de Almeida Garrett em 1962, é no Plano de Costa Lobo, nos anos de 1970, que se faz referência a esta zona como um local para a Expansão Espacial do Ensino Superior. Porém, apenas em 1981 se realizou o Estudo preliminar de definição das Zonas de Intervenção de Proteção do Polo II da Universidade de Coimbra.

Dando seguimento a esse estudo, em 1983 criou-se um Grupo de Trabalho para a Coordenação dos Assuntos relacionados com a instalação do Polo II. A equipe formada por representantes da Universidade, da DGES e da DGCE (Professor Dr. Jorge dos Santos Veiga, vice-reitor da Universidade de Coimbra; Professor Dr. José Veiga Torres, da FCTUC; Engenheiro Joaquim Augusto Pereira Trindade de Sá Furtado representante da Assessoria de Planeamento da Universidade de Coimbra; Arquiteto Nuno Sepúlveda, Engenheiro Adriano dos Santos Oliveira, e Arquiteto João Pedro Magalhães Silva, representantes da DGCE e da DGES) (Pinheiro, 2001, p. 61), reflete em semelhança ao CAPOCUC do ano de 1941, a falta da presença de mulheres na tomada de decisões.

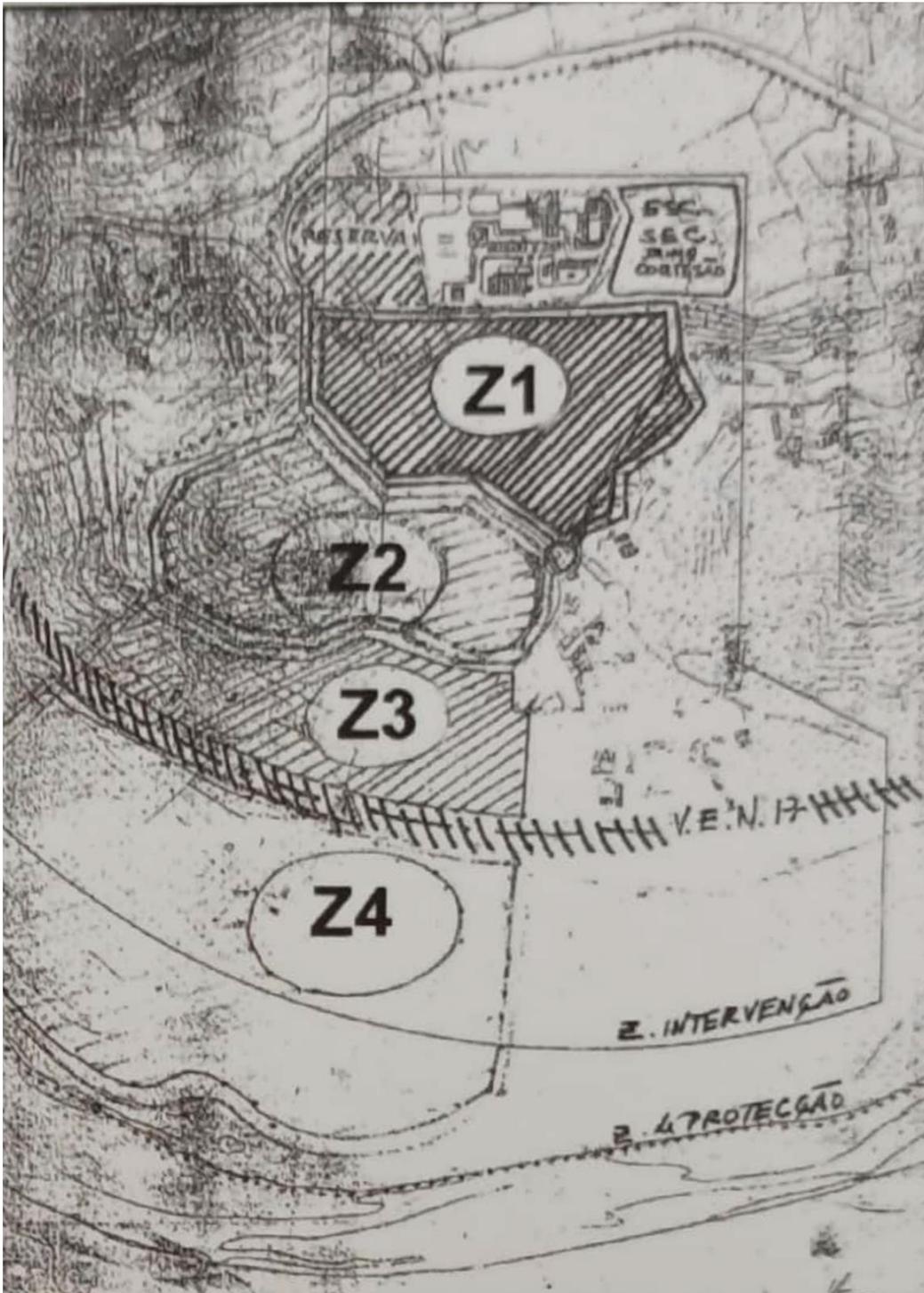


Figura 74. Planta de zonamento do Polo II, 1984, pelo Arquiteto João Pedro Magalhães Silva.

O relatório entregue pelo Grupo em 1984, determinava três requisitos principais para o Plano, sendo esses: “aquisição de terrenos; estudos de planeamento e; programas preliminares das futuras instalações” (Grupo Coordenador para o Polo II da Universidade de Coimbra, 1984). No mesmo ano, o arquiteto Magalhães Silva lançou a Planta de zonamento do Polo II, com um total de quatro zonas, sendo essas:

“Zona I – Equipamentos centrais de apoio (refeitório central, convívio, associação académica, espaços administrativos centrais, secretarias, auditório e salas para colóquios, conferências etc., correios, banco, livrarias, cafés, papelarias etc..

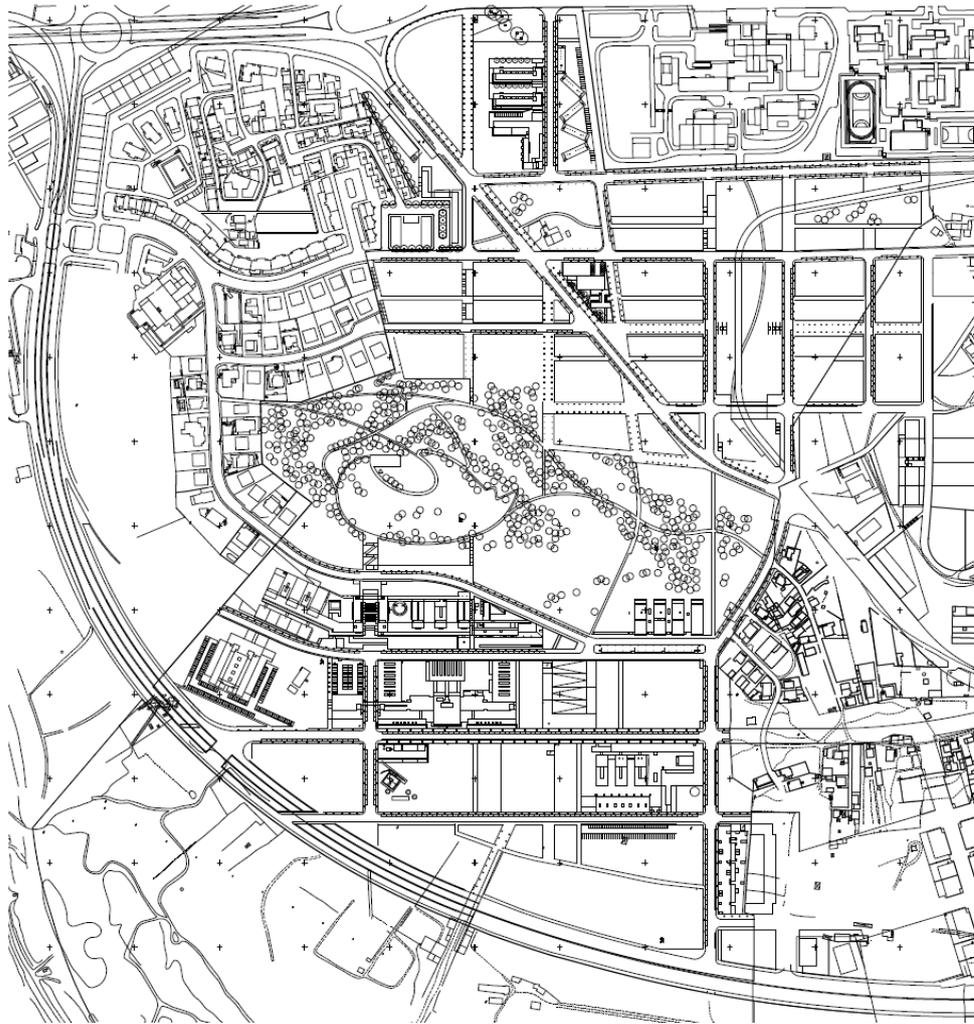
Zona II – F.C.T.U.C. – Departamento de Tecnologia (aulas, gabinetes, anfiteatros, laboratórios de ensino etc. e Institutos).

Zona III – Faculdade de Economia, Habitação Académica (7,5 ha a 10 ha na zona de maior declive na encosta sul do morro do Pinhal de Marrocos) e áreas de reserva.

Zona IV – Zona destinada aos espaços verdes e equipamentos desportivos, e ainda como zona de reserva. Devem ser previstas instalações desportivas constituídas por:

- Um campo de prática de *rugby*;
- Um campo de prática de futebol;
- Uma pista de corrida;
- Quatro *courts* de ténis;
- Uma piscina coberta;
- Um pavilhão gimnodesportivo (na 2ª fase);
- Um pavilhão de desportos náuticos” (Silva *apud* Pinheiro, F., 2001, p. 65), (Figura 74).

Esse plano de zonamento foi seguido com algumas alterações de prioridades em relações às zonas por onde se iniciar, devido à falta de verbas na compra de terrenos. Atualmente, não há a concretização da Zona IV, além da



Figuras 75 e 76. Planta e maquete do Plano de Pormenor do Polo II por Mercês Vieira e Camilo Cortesão.

Faculdade de Economia ainda estar localizada na Avenida Doutor Dias da Silva, na zona de Santo António dos Olivais.

Definido o zoneamento, em 1985 publicou-se o Plano Geral de Ordenamento do Polo II da Universidade de Coimbra. Priorizou-se o controle do planeamento para evitar um crescimento desordenado dessa nova parcela de cidade por meio dos lotes de construção e da estrutura viária. Finalmente, no ano de 1989, iniciou-se o Concurso Público para o Estudo Prévio do Plano de Pormenor do Polo II, com o projeto ganhador de Mercês Vieira e Camilo Cortesão.

O Plano escolhido caracterizou-se pela “definição de uma metodologia de construção do território ao mesmo tempo directiva, porque estabelece regras precisas de ocupação do espaço público e do espaço privado (mais precisamente “parcelarizado”) e participada, porque possibilita integrar intervenções necessariamente diferidas no tempo, e que se pretendem de autoria diversificada” (Vieira & Cortesão, 2003, p. 224). Em seguida, determinaram regras da malha urbana, adaptando-as sobre as curvas de nível, e dando prioridade à criação de uma imagem urbana com a colocação dos edifícios de grande escala com sua fachada principal voltada para sul, e encostando os edifícios ao norte do Plano na rua limítrofe de maior desnível.

A escala determinada é aproximada aos dos tecidos urbanos próximos já consolidados, seguindo a métrica adotada no Bairro Norton de Matos⁶⁵. Como analisa Madalena Cunha Matos, o “plano [Polo II] procura reproduzir um tecido urbano denso, segundo uma grelha ortogonal apenas pontualmente inflectida por imperativos topográficos” (Matos, 1999, p. 475) (Figuras 75 e 76).

Os lotes definidos para construção têm uma mesma geometria formal, contando com “múltiplos e submúltiplos de um módulo de 4,5 metros” (Vieira & Cortesão, 2003, p. 226), dos quais os edifícios elegidos para os ocuparem deveriam seguir o Plano de Pormenor. Como coloca Fernando Seabra Santos em 2003 no livro *CidadeSofia*:

⁶⁵ O Bairro Norton de Matos foi planeado e construído durante o Estado Novo para realojar os moradores expulsos da zona da Alta de Coimbra.



Figura 77. Fotografia do alçado norte do Departamento de Engenharia Mecânica.



Figura 78. Fotografia do alçado norte da Residência Universitária 2 do Polo II.



Figura 79. Fotografia do alçado leste do Departamento de Engenharia Civil.



Figura 80. Fotografia do alçado norte do Departamento de Engenharia Informática.

“No âmbito do Plano de Pormenor do Pólo II, da autoria dos Arquitectos Camilo Cortesão e Mercês Vieira, está prevista a instalação dos departamentos de engenharia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, já concluídos, e também a chamada Unidade Pedagógica Central desta Faculdade e ainda os edifícios das Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação, de Ciências do Desporto e Educação Física, e de Geociências (Geografia e Geologia), Residências, Restaurantes, Comércio e Serviços, Habitação, uma extensa zona para a prática de desporto informal e sobretudo espaço de expansão para futuras actividades da Universidade completam as opções deste Plano” (Santos, 2003, pp. 229-230).

Selecionados os projetos dos departamentos, iniciaram-se as construções. O primeiro edifício do Polo a ser construído foi o Departamento de Engenharia Eletrotécnica e Informática, pelo arquiteto Gonçalo Byrne em 1991, e o último foi a Residência Universitária 2, pelos arquitetos Carlos Martins e Elisiário Miranda, em 2003. Todas as construções são listadas na cronologia inicial do capítulo.

No Polo II os departamentos fecham-se aos seus pátios interiores, protegidos através dos muros e fachadas inativas, carecendo de relações diretas com o espaço público, a rua, e com os outros departamentos (Figuras 77 a 80). Esse isolamento interior contribui para a falta de movimento e visibilidade no espaço urbano durante os horários não letivos.

Somado a isso, a construção da Avenida da Boavista, a sul dos edifícios, caracterizada pela locomoção de automóveis em alta velocidade com um elevado volume de tráfego, criou uma barreira entre o Polo II e o Rio Mondego, necessitando de algumas passarelas pedonais para atravessá-la. Essa alternativa torna o Polo menos integrado e conectado com sua envolvente, situação que será verificada no subcapítulo 3.4.



Figura 81. Fotografia do alçado sul do Departamento de Engenharia Civil.



Figura 82. Fotografia do espaço não construído entre a Residência Universitária 2 e o Departamento de Engenharia Mecânica.

Sendo as construções do Polo II mais recentes e numa zona antes não edificada e periférica, diferente do Polo I, ainda não se verifica a concretização das ideias propostas de espaços desportivos, comércio, serviços e habitações. Conquanto Mercês Vieira e Camilo Cortesão afirmarem que “A concretização dos programas de comércio e de habitação e a construção das praças públicas e dos espaços verdes, é, entretanto, indispensável para o sucesso do modelo proposto, que se baseia numa vida urbana que só a complexidade dos usos permite” (Vieira & Cortesão, 2003, p. 227).

Visto que atualmente o plano não está completo, admite-se que essa “vida urbana” ainda não está consolidada, sendo apenas mais uma “corte universitária” (Rossa W. , 2015, p. 255). Adiciona-se que “[...] um Plano demasiado rígido impede qualquer adaptação circunstancial o que, na nossa realidade, pode significar a sua inaplicabilidade” (Santos, 2003, p. 228). É o caso do Polo II que segue uma métrica e um plano onde todas as construções estão previstas, situação que não favorece os processos naturais da cidade, com sua densificação e complexidade.

A proposta do Plano de estender a cidade para uma área periférica não ocupada, necessita de tempo e verba para sua concretização, refletindo hoje espaços não construídos, a falta de movimento e aparente desertificação (Figura 81 e 82), causando uma maior insegurança ao se locomover nessa zona. Citando Carlos Encarnação, verifica-se a complexidade desse plano:

“Veja-se, por exemplo, o polo II que cresceu esticando a cidade, colocando estabelecimentos universitários no meio de coisa nenhuma. Estabelecimentos universitários de grande qualidade em relação aos anteriores, mas onde não havia infra-estruturas de apoio, infra-estruturas de ligação, onde não havia uma coisa básica que era um modelo de transportes. Isso, portanto, aumentou a conflitualidade desta zona nova” (Encarnação, 2003, p. 236).

Portanto, sendo a cidade um sistema vivo e em constante mudança, se torna extremamente complexo criar uma “parcela de cidade”. Fernando Seabra Santos admite que “a componente do planejamento urbano que tem a ver com a compreensão social da cidade e com a tradução quantitativa dessa realidade é determinante” (Santos, 2003, p. 228). Em parte, a componente quantitativa é um fator extremamente importante, porém não se deve deixar de lado a experiência qualitativa que levou a essa componente.

Concluindo, apesar das características físicas do Polo II, é possível melhorar essa zona por meios mais simples, como por exemplo a colocação de mobiliário urbano, incentivo e criação de atividades não universitárias, dentre muitas outras possibilidades, as quais são expressas nos capítulos seguintes, visando libertar o espaço da monofuncionalidade e promover maior acessibilidade.

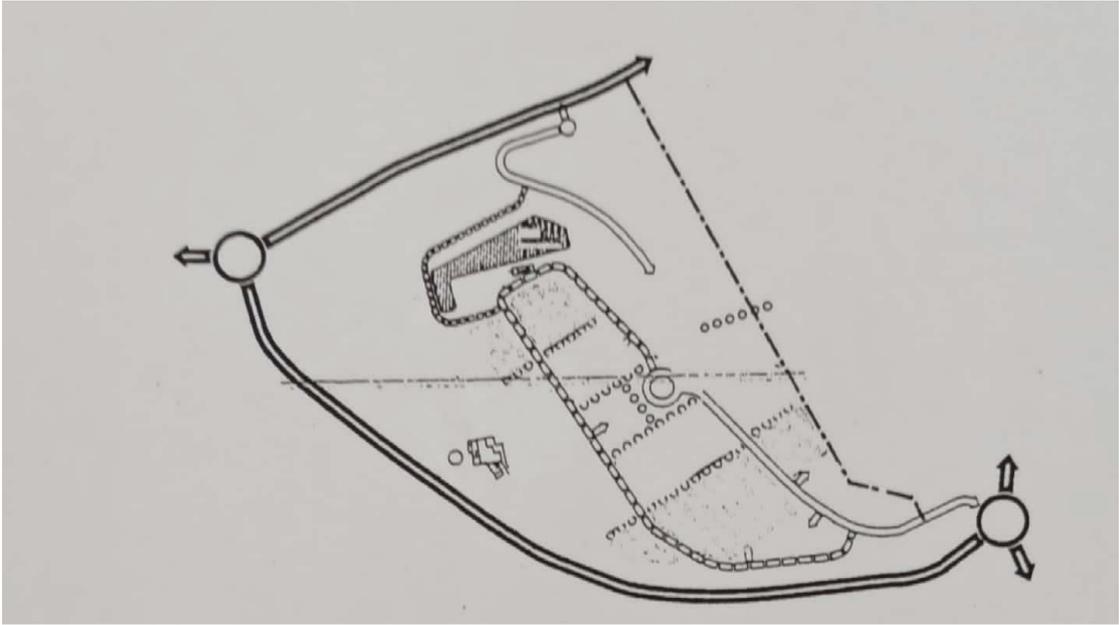


Figura 83. Estudo preliminar do Plano de Pormenor do Polo III.

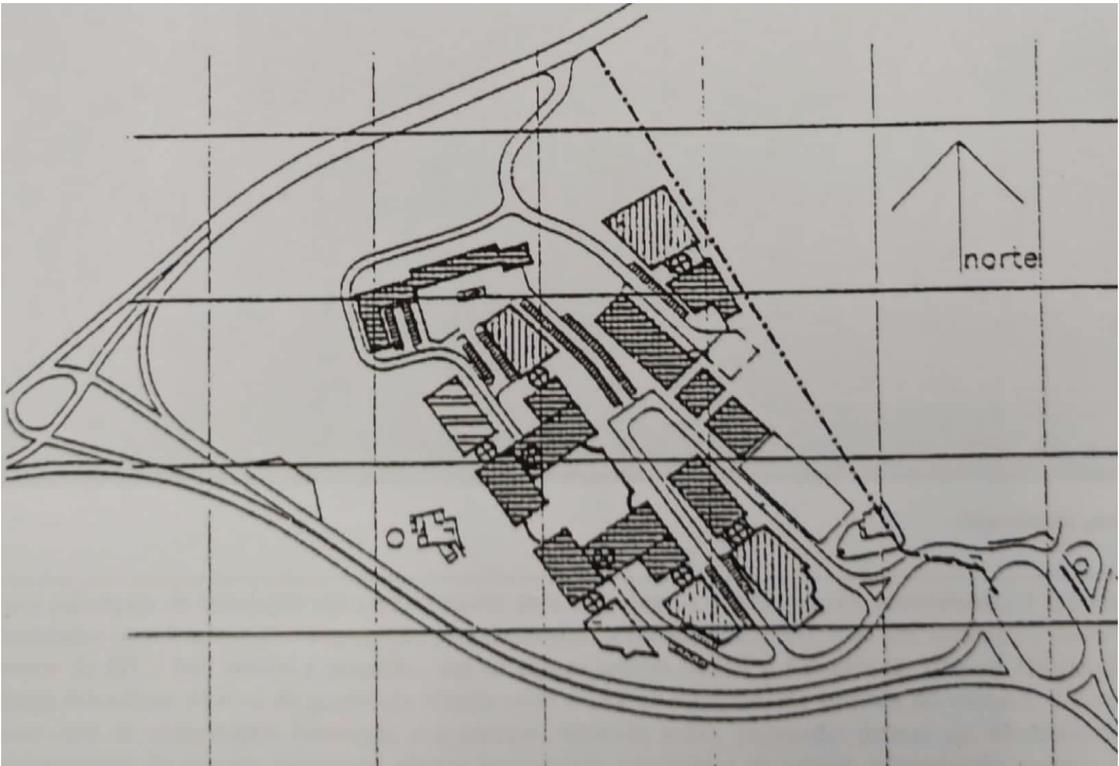


Figura 84. Plano de Pormenor do Polo III por Rebello de Andrade.

3.3. Polo III

Analogamente ao subcapítulo anterior, este foca-se no Polo III da Universidade de Coimbra a partir do Plano de Pormenor realizado em 1989 pelo arquiteto Rebello de Andrade até a atualidade, associando as decisões tomadas com suas consequências. Como já referido, o Polo III surge a partir da criação dos Planos de desconcentração da Universidade. Diferente do Polo II, em que se abre um Concurso Público para o Estudo Prévio do Plano de Pormenor em 1989, o projeto para o Plano de Pormenor do Polo III foi diretamente entregue ao arquiteto Eduardo Rebello de Andrade, o qual já fazia parte da elaboração do Plano Geral da Universidade de 1987 (Bernardino, 2012) (Figuras 83 e 84).

A zona periurbana de Celas, onde se instala o Polo III, é referenciada no Plano de De Gröer na década de 1940, sendo um espaço “constituído por várias ruas residenciais relativamente largas, custosas, ladeadas de casas relativamente novas e tendo frequentemente inclinações demasiado fortes” (De Gröer *apud* Fernandes, J., 2008, pp.254-255). Logo, o Polo se instala em uma área com uma topografia acidentada, sendo seu limite determinado pelos traçados viários, marginado por uma circular interna e com seu limite nascente marcado por uma reta fronteira aos Hospitais da Universidade (Matos, 1999, p. 480). Segundo Madalena Cunha Matos “A instalação junto ao Hospital significa uma centralização dos espaços de ensino e investigação da área da Medicina da Universidade de Coimbra; o seu âmbito mono-disciplinar singulariza-o desde logo no conjunto dos *campi* portugueses” (Matos, 1999, p. 480).

Porém no Plano, expressa-se a vontade de criar um Polo interligado com a cidade, evitando a configuração de *campus*: “Ficam delineadas como grandes prioridades no Plano de Pormenor do Pólo III [...] instalações acadêmicas e a habitação, a interdependência funcional entre Faculdade e Hospitais, a interligação Universidade-Empresas, a integração urbanística, harmónica e humanizada, entre Cidade e Universidade” (Assessoria de Planeamento *apud* Bernardino, R., 2012 pp.124-125). Portanto, diferente do Polo II com a pretensão de “criar cidade” em um espaço sem nenhuma infraestrutura prévia, a intenção do Plano do Polo III é de



Figura 85. Fotografia com vista para o IBILI a partir da entrada pelo posto de abastecimento.



Figura 86. Fotografia do IBILI e da Subunidade 1.

o tornar parte da cidade a partir das vias já existentes, evitando ser mais um *campus* monofuncional.

Essa vontade é expressa a partir da proposta de instalação da Faculdade de Medicina, não apenas com serviços de apoio a ela associados, residências para estudantes, professores e funcionários, mas juntamente com espaços comerciais, serviços, e outros equipamentos públicos para a população não estudantil, sendo organizado da seguinte forma:

“Campus de 110.000 m² destina-se a uma população de 1880 pessoas

Área total prevista de construção 70.500 m²

Instituições acadêmicas, 25.500 m²

I&D e apoio a comunidade, 25.500 m² - IBILI e outras subunidades

Serviços centrais e de Apoio, 10.350 m²

Residências 7.350 m²

Centro desportivo 1800 m²” (Matos, 1999, p. 480).

Devido à dificuldade na obtenção de financiamento, realiza-se a compra parcial dos terrenos, sendo o primeiro edifício construído apenas em 1993, o qual abriga o Instituto Biomédico de Investigação da Luz e da Imagem (IBILI) e a Subunidade 1 (Figura 85 e 86), também do arquiteto Rebello de Andrade. Já com o loteamento do Plano definido, configurado por grandes áreas de polígonos regulares e profundos, dá-se início ao Concurso Público para a seleção dos edifícios do Polo III. Os projetos escolhidos, caracterizam-se por serem de jovens coletivos de arquitetas e arquitetos por seleção anônima, marcando uma diferença em relação aos edifícios do Polo II que foram direcionados aos arquitetos escolhidos para os projetar. Portanto, verifica-se uma arquitetura contemporânea no Polo III, marcada pelo uso de texturas nas fachadas e espaços de transição do exterior para o interior dos edifícios, sendo suas construções listadas em ordem cronológica apresentada no início do capítulo.

Apesar do início do concurso para a seleção dos projetos ser de 1990, nos anos 2000 realizou-se a reformulação do Plano com a “introdução de novos dados

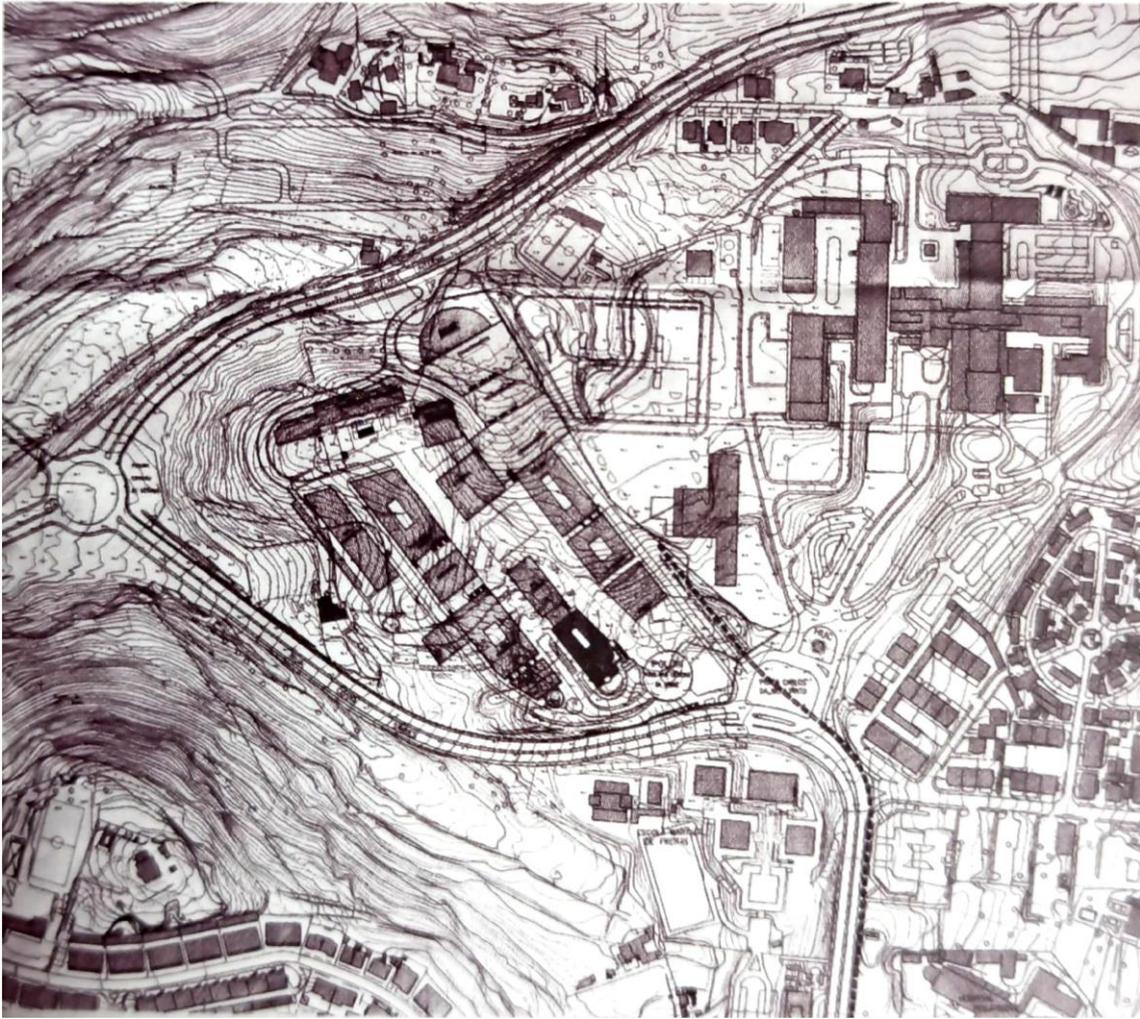


Figura 87. Plano de Pormenor do Polo III.



Figuras 88 e 89. Fotografias do acesso pelo posto de abastecimento ao Polo III.

de programa, de onde avultam, entre outros, a introdução da Faculdade de Farmácia e de novos índices de estacionamento preconizados pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC)” (Andrade, R & Fernandes, L *apud* Bernardino, R., 2012, p.128), além da eliminação do centro desportivo⁶⁶.

Devido à demora para a sua concretização, o Plano sofre diversas retificações nos anos seguintes, sendo a principal alteração “a incorporação da parcela ocupada pelo posto de abastecimento, cuja permanência no local estaria limitada no tempo, e alteração da Entrada Principal para junto da Praça Carlos da Mota Pinto, de mais fácil acessibilidade automóvel e proximidade da rede de transportes públicos” (Bernardino, 2012, p. 129) (Figura 87). Essa entrada configura o principal acesso pedonal ao Polo III, e ainda se verifica a construção do posto de abastecimento, agora abandonado (Figuras 88 e 89). Como é comprovado nos capítulos seguintes, esse espaço surge como um dos focos de maior percepção de insegurança pelos usuários. Citando Armando Rabaça “O plano para o Polo 3 da Universidade de Coimbra não estabelece relações de continuidade com a cidade. É concebido como uma entidade autónoma, ligada à cidade por um estreito e difícil caminho que passa por trás de uma estação de combustíveis. No interior falta-lhe clareza e hierarquia espacial” (Rabaça, 2015, p. 253), situação a aprofundar no subcapítulo seguinte.

Também se propõe a criação de zonas verdes para proporcionar espaços de lazer e estabilizar as encostas nos limites do Polo, além de uma praça central marcando o principal ponto de conexão do Polo. Como apontado por Raquel

⁶⁶ Atenta-se que apenas em 2020 é licenciado o loteamento do Polo III (Silva, 2020). Nas palavras de João Gabriel Silva, ex-Reitor da Universidade de Coimbra: “Assim que iniciei funções como Reitor, a 1 de março de 2011, demos imediata atenção ao licenciamento do Pólo III para resolver o problema dos acessos por sabermos que, sem esse licenciamento, as novas regras de financiamento tornavam impossível obter verbas para a continuação do Pólo. [...] Inesperadamente, a meio de novembro de 2018, sem pré-aviso, uma Chefe de Divisão da CMC dirige ao Vice-Reitor Vítor Murtinho uma carta informando de um despacho de indeferimento do loteamento, exarado pelo Vice-Presidente da Câmara Carlos Cidade. Só agora, decorridos dois anos e meio, é finalmente aprovado o loteamento, com poucas diferenças em relação ao projeto submetido em maio de 2018.” (Silva, 2020).

Bernardino “As zonas verdes serviriam como faixa protectora da área do pólo e ligação entre edifícios, contribuindo para um maior conforto dos caminhos pedonais e áreas exteriores de convívio. O volume de circulação automóvel dentro do pólo prevê-se baixo, reduzido ao mínimo” (Bernardino, 2012, p. 126). Atualmente, não se verifica a existência de zonas verdes para espaços de lazer, e devido à falta de mobiliário urbano e árvores, os espaços são utilizados apenas para passagem e não para permanência. Contudo, apesar da criação dessa faixa verde referida por Bernardino, o que se encontra hoje são zonas sem manutenção e mal iluminadas, que criam barreiras e tornam o espaço menos integrado e conectado com a cidade, situações que também se verificam no Polo II. O que se confirma é a proibição de acessos de automóveis no interior do polo.

Por fim, apesar dos planos dos Polos II e III indicarem a intenção de não serem espaços monofuncionais, não se consegue atingir ainda essa ideia. A malha regular determinada que preenche a topografia, a falta de permeabilidade com a cidade, a não criação de novos programas e atividades, a escassez de mobiliários urbanos e zonas de lazer são alguns pontos que impedem o uso dessas zonas por pessoas que não fazem parte da Universidade, e favorecem a sua desertificação durante a noite.



Figuras 90 e 91. Fotografias do estacionamento irregular de automóveis no Largo D. Dinis.

3.4. Comparações entre os Polos

Depois de conhecidos os contextos de cada Polo, parte-se agora para uma comparação crítica das características dos seus espaços, para uma reflexão sobre a vivência que estes permitem.

Estas características são expressas nas plantas de análise dos Polos Universitários (Apêndice II), permitindo tirar algumas conclusões, que são apresentadas a seguir divididas pelos seguintes temas: rotas para automóveis e estacionamento, rotas pedonais e espaços de transição exterior/interior, alçados dos edifícios, muros e declives e mobiliário urbano existente.

ROTAS PARA AUTOMÓVEIS E ESTACIONAMENTOS:

Polo I – Os eixos viários que se verificam hoje no Polo I, são os mesmos determinados durante o Estado Novo que configuram a malha ortogonal e os lotes dos edifícios, constituindo três eixos principais (Couraça dos Apóstolos, Rua de São João e Rua de São Pedro; Largo Marquês de Pombal e Rua dos Estudos; convergindo na Rua Larga e Largo D. Dinis). O acesso pelos automóveis é realizado principalmente pela rua paralela aos Arcos com chegada ao Largo D. Dinis. Devido ao elevado fluxo de automóvel e ao estacionamento nessa zona durante o horário letivo, o Largo se configura como um espaço de passagem ao invés de permanência, onde as pessoas precisam desviar dos carros estacionados e em locomoção. Além dos estacionamentos previstos, em determinados horários verifica-se a parada irregular de automóveis (Figura 90 e 91), aumentando ainda mais a falta de qualidade do espaço público.

Os estacionamentos localizados entre o Colégio de São Jerónimo e o Colégio das Artes, nas traseiras do Departamento de Matemática e do Colégio de S. Jerónimo, e no Largo da Feira (Figura 92) refletem a prioridade dada aos automóveis em detrimento dos pedestres.

CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

-  Rotas para automóveis
-  Rotas/aceessos condicionados para automóveis
-  Faixa de pedestre
-  Estacionamento para automóveis

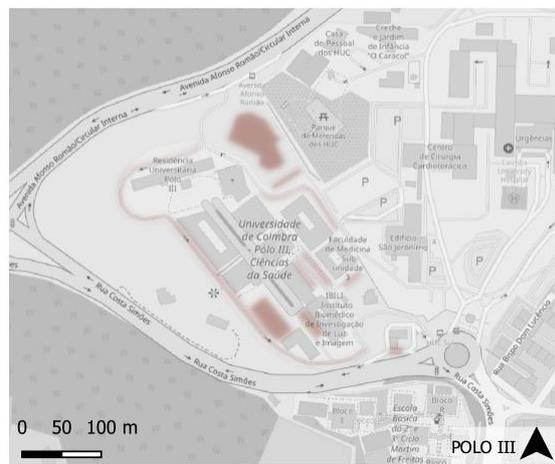
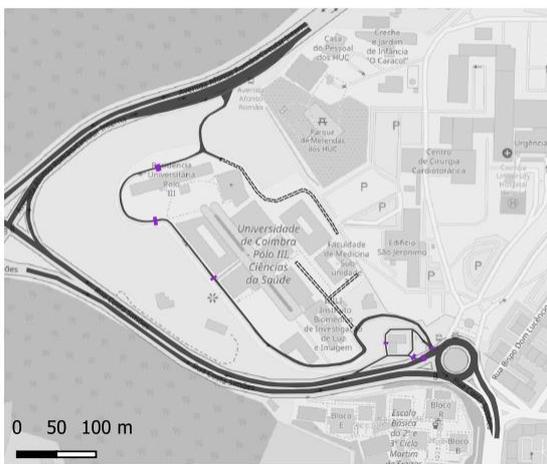
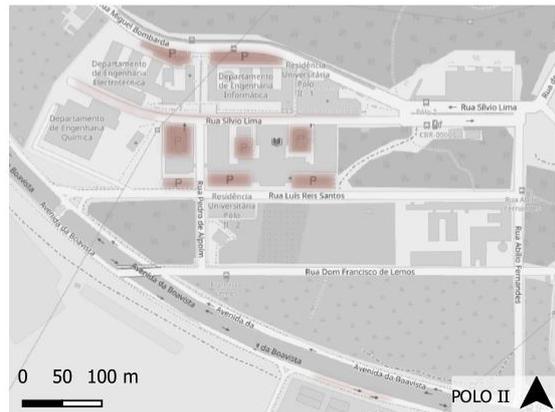
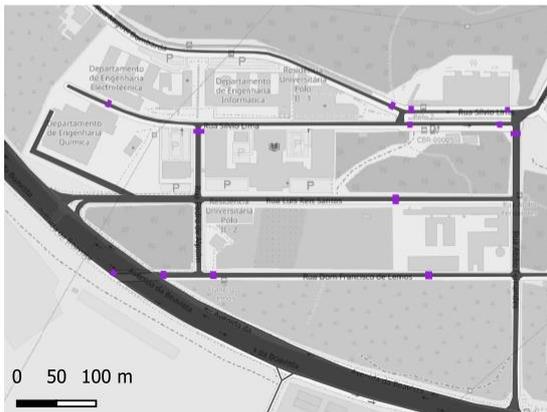
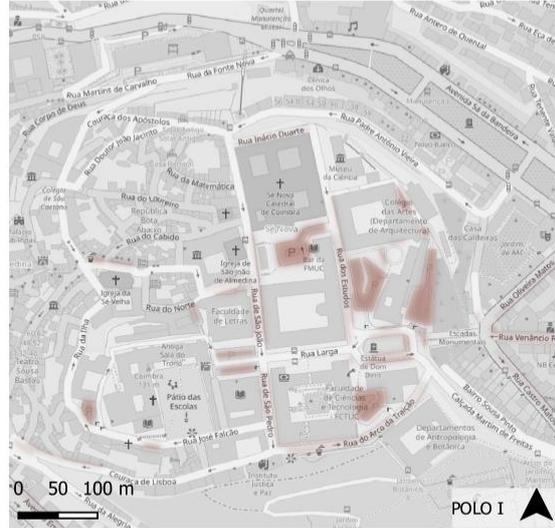
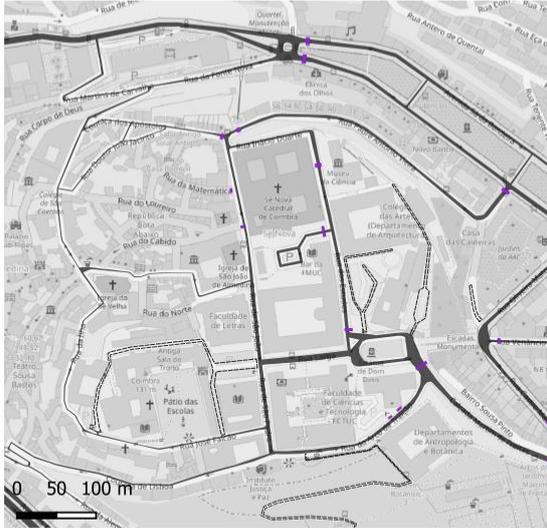


Figura 92. Plantas de comparação das vias de automóveis e estacionamento nos três Polos Universitários de Coimbra.

Polo II – Diferente do Polo I, como já visto anteriormente, as construções para o Polo II se iniciam na década de 1990, sendo as vias de automóveis configuradas por maiores dimensões em largura e extensão (Figura 92), mas em semelhança, determina a malha ortogonal a seguir na construção dos edifícios. O Polo II é determinado por 5 vias principais no seu interior (Ruas Sílvio Lima, Luís Reis dos Santos e D. Francisco de Lemos, paralelas entre si e perpendiculares às Ruas Pedro de Alpoim e Abílio Fernandes), e delimitado pela grande Avenida da Boavista ao sul e pela Rua Miguel Bombarda a norte, sendo essa localizada na cota mais alta. Verifica-se a falta de continuidade das Ruas Sílvio Lima (Figura 93) e Luís Reis dos Santos, dificultando a permeabilidade com a cidade, e a barreira criada pela Avenida da Boavista com o Rio Mondego.

No Polo II, o fluxo de automóveis é menor que no Polo I pelo fato das vias não serem utilizadas para acesso a outros espaços fora do Polo, caracterizando a falta de movimento durante os fins de semana e favorecendo corridas ilegais durante a noite, como será analisado nos subcapítulos seguintes. Os espaços de estacionamento, localizados nas entradas e traseiras dos edifícios (Figura 92), transmitem um aspecto de abandono e vazio urbano, aumentando a percepção de insegurança.



Figura 93. Fotografia do limite da Rua Sílvio Lima no Polo II.



Figura 94. Fotografia aérea da entrada para o Polo III pela Praça Professor Carlos Alberto da Mota Pinto. Fonte: Google Earth.

Polo III – Sendo a construção do Polo III a mais recente de entre os três, dá-se prioridade ao acesso apenas pedonal no interior do Polo, com exceção de algumas rotas condicionadas para automóveis (Figura 92). Delimitado pela circular interna a norte e pela rua Costa Simões a sul, ambas com grande fluxo de automóveis, o acesso principal é feito a partir rotunda da Praça Professor Carlos Alberto da Mota Pinto com a entrada por detrás de um posto de abastecimento abandonado que desemboca na parte sul do Polo nas ruas que o circundam (Figura 94). As zonas de estacionamento estão localizadas ao longo dessas ruas nas traseiras dos edifícios, e em espaços ainda não construídos (Figura 92).

CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

- Rotas pedonais preparadas
- - - Rotas pedonais condicionadas em determinado horário
- Rotas pedonais informais

- Estacionamento para bicicletas
- Paragens de autocarro
- Espaço de transição exterior/interior

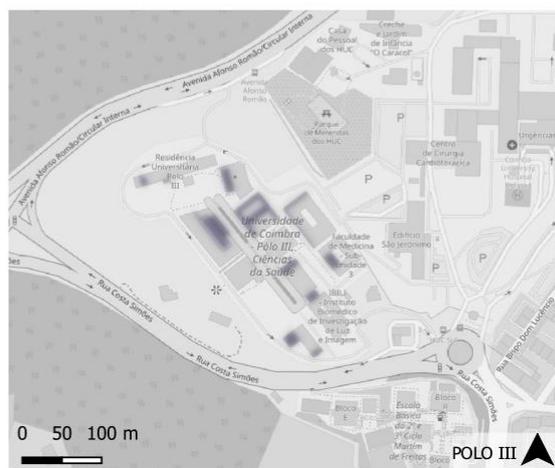
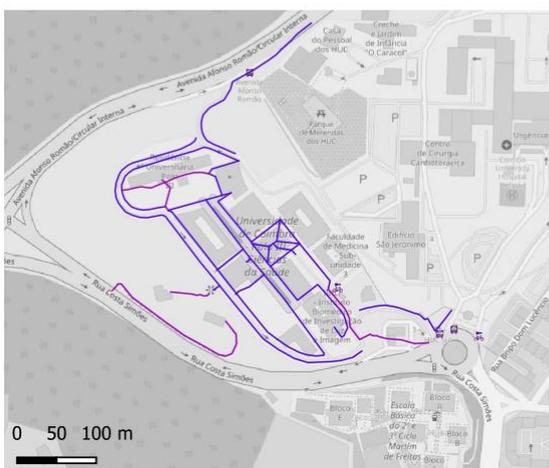
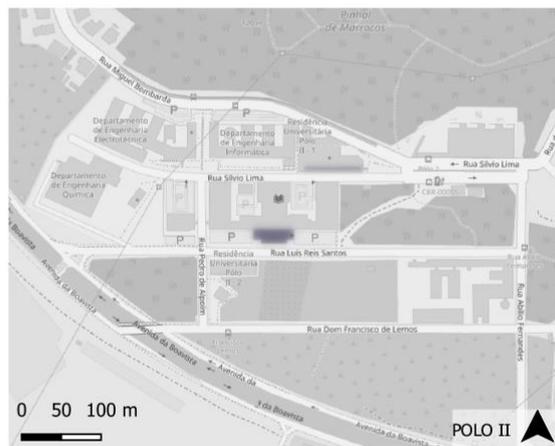
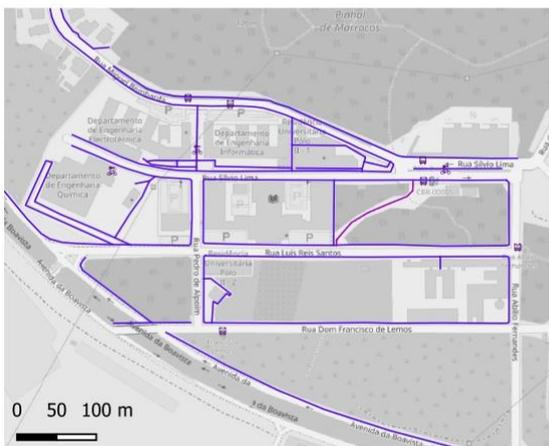
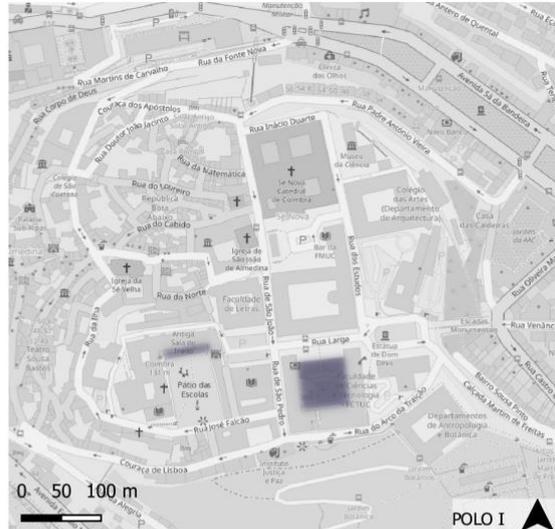


Figura 95. Plantas de comparação das rotas pedonais e espaços de transição nos três Polos Universitários de Coimbra.

ROTAS PEDONAIS E ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO EXTERIOR/INTERIOR:

Polo I – As rotas pedonais pavimentadas no Polo I acompanham os eixos viários existentes, que com exceção da Rua Larga, tem uma largura mínima para passagem, impedindo a vivência urbana. Em sua maioria, as rotas não estão preparadas para os pedestres, principalmente no percurso que envolve o Caminho das Virgens, a passagem entre o Museu da Ciência e o Colégio das Artes, o lado leste da Rua dos Estudos, o acesso aos Colégios das Artes e de São Jerónimo, e a traseira da Faculdade de Letras (Figura 95).

No espaço que envolve o Caminho das Virgens (Figuras 96 e 97), a antiga Cantina Universitária⁶⁷ (Figuras 98 e 99), e a traseira do Colégio das Artes (Figura 100), apesar de seu potencial visual e de usos, não existe iluminação e informação direcional, sendo um espaço utilizado apenas pelas pessoas que conhecem a zona, e por estudantes que o utilizam para chegar ao departamento em que estudam.

Junto à parte traseira dos Arcos, mesmo sendo pavimentada, a falta de visibilidade e integração com o todo, torna o espaço inseguro durante a noite. Os únicos espaços de transição existentes se localizam no Departamento de Química e Física, de uso público e sem restrição de horário, e no Paço das Escolas, restrita a entrada após o horário letivo e bloqueado o acesso público durante a pandemia⁶⁸ (Figura 95). O espaço público do Departamento de Química e Física tem uma grande área livre, com um café e uma cantina universitária (Figura 101), porém para além do acesso a esses locais, seu uso é baixo. Também contém uma vista panorâmica para a parte sul da cidade, mas não existem informações direcionais para esse miradouro (Figura 102).

⁶⁷ A antiga Cantina Universitária, conhecida como Cantinas Verdes, encontra-se desocupada e abandonada, se tornando num espaço com acúmulo de lixo, com pichações de caráter fascista e propício ao uso desse espaço para atividades ilícitas, tornando-o extremamente inseguro, principalmente durante a noite.

⁶⁸ Visto que esta dissertação se realizou durante a pandemia decorrente do COVID-19, apresentam-se as situações observadas e analisadas nesse período.



Figura 96. Fotografia da entrada para o Caminho das Virgens ao lado da Escadaria Monumental.

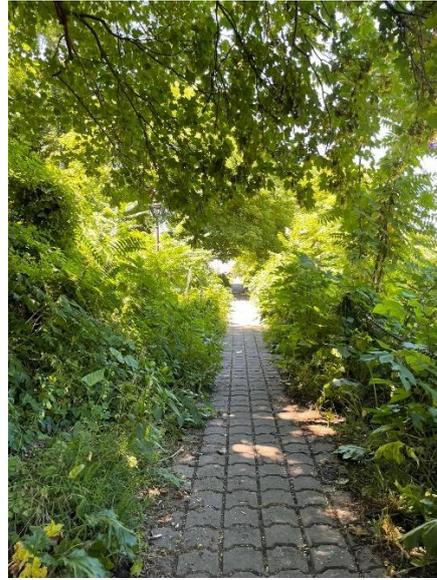


Figura 97. Fotografia no interior do Caminho das Virgens.



Figura 98. Fotografia das Antigas Cantinas Verdes.



Figura 99. Fotografia da vista para a cidade a partir das Antigas Cantinas Verdes.



Figura 100. Fotografia do espaço entre o Colégio das Artes e a Faculdade de Psicologia.



Figuras 101 e 102. Fotografias do espaço do Departamento de Química e Física e do miradouro.

Já na Escadaria Monumental, que surge no plano de Cottinelli para a criação de um eixo visual, observa-se um elevado movimento de universitários utilizando-a para acesso e permanência, e na cota baixa, uma maior vivência entre estudantes e não estudantes (Figura 103). Em semelhança a essa Escadaria, no centro do edifício de Engenharia Eletrotécnica e Informática no Polo II, Gonçalves Byrne projeta uma arquibancada acompanhada de escadas laterais e cria um eixo visual com a rua Pedro de Alpoim (Figura 104). Diferente do Polo I, que se inicia em uma rua movimentada com diversas funções comerciais e de serviços, no Polo II, a rua referenciada não tem movimento e vivência, se tornando um espaço utilizado para assistir as corridas ilegais que ocorrem.

Polo II – No Polo II, observa-se que as rotas pedonais pavimentadas são poucas (Figura 95), e o material escolhido não é apropriado, criando obstáculos na rua e aumentando o risco de queda (Figura 105 a 107). Aqui, os passeios também acompanham as ruas, porém existem atalhos por meio de zonas sem tratamento, como é o caso da passagem criada pelos próprios usuários para ir da Rua Luís Reis dos Santos à Rua Sílvio Lima (Figuras 108 e 109), onde estão localizadas as paragens de autocarro. Nota-se também que as rotas pavimentadas existentes se localizam no lado das ruas onde se localizam os edifícios (Figura 95). A extensão dos quarteirões não conta com atravessamentos pedonais, tornando a caminhada do pedestre monótona e mais extensa para chegar aos edifícios. Recentemente adicionou-se uma escada ao lado leste do departamento de Engenharia Civil, porém ainda sem pavimento, nem corrimões (Figura 110), que junto com a falta de iluminação, torna o espaço extremamente inseguro devido ao risco de queda e outros fatores de percepção do espaço.



Figura 103. Fotografia da Escadaria Monumental com vista para a Rua Oliveira Matos no Polo I.



Figura 104. Fotografia da Escadaria entre os Departamentos de Engenharia Mecânica e Informática para a Rua Pedro de Alpoim no Polo II.



Figuras 105, 106 e 107. Fotografia do pavimento nos espaços públicos do Polo II.



Figuras 108 e 109. Fotografias do atalho criado no Polo II.



Figura 110. Fotografia da escada lateral do Departamento de Engenharia Civil no Polo II.



Figuras 111 e 112. Fotografia da torre de transmissão de energia elétrica, e o Centro Cultural na Casa das Pedras no Polo II.

Na Rua D. Francisco Lemos, o lado sul não possui calçada, apesar de estar localizada uma paragem de autocarro (Figura 95) e no lado norte, as pedras escolhidas para o pavimento se deslocam, que junto com a adição de árvores no centro da largura da calçada, impede a circulação segura dos pedestres.

A oeste da Rua Sílvio Lima, onde se encontra o departamento de Engenharia Química, o eixo não tem continuidade (Figura 95), terminando em um espaço de vegetação não tratado e sem iluminação, e que sendo uma zona acedida apenas pelos estudantes desse departamento e pelos que utilizam o estacionamento subterrâneo localizado no departamento de Engenharia Eletrotécnica, se configura como uma das ruas menos movimentadas do Polo II. Ainda nessa rua, existe um acesso pouco visível ao Centro Cultural na Casa das Pedras (Figura 112), ao lado de uma torre de transmissão de energia (Figura 111), cuja proximidade frequente pode causar problemas à saúde.

Polo III – Diferentes dos Polos anteriores, o Polo III dá prioridade ao uso exclusivo por pedestres no seu interior. Com o pavimento mais preparado para o uso pedonal, verificam-se mais atravessamentos entre os lotes, e a criação de espaços de transição do exterior para o interior em todos os edifícios (Figura 95), sendo dos principais pontos de permanência pelos usuários. Para além das rotas no interior do Polo, os únicos percursos de acesso se realizam pela traseira dos edifícios, e o principal acesso por um caminho estreito passando por um posto de abastecimento abandonado, como já referido anteriormente. Também na fachada sudeste da Residência Universitária, onde está localizada a entrada, encontra-se uma zona sem tratamento de pavimento (Figuras 113 e 114). Apesar do grande declive existente entre o Polo e a zona oeste, existe a possibilidade da criação de percursos lúdicos nessa faixa verde existente (Figura 115), assim criando caminhos alternativos de chegada.



Figuras 113 e 114. Fotografias dos acessos à Residência Universitária no Polo I.



Figura 115. Fotografia aérea da faixa verde no declive envolvente do Polo III. Fonte: Google Earth.



Figura 116. Fotografia aérea da parte nordeste do Polo I. Fonte: Google Earth.

ALÇADOS DOS EDIFÍCIOS, MUROS E DECLIVES, E MOBILIÁRIO URBANO EXISTENTE:

Polo I – Logo de início, nota-se que a zona com maior declive e muros, está localizada na parte nordeste do Polo I (Figura 116 e 117), contando também com as traseiras dos edifícios sem relação com a rua. Essas características impedem a integração e conectividade com a cidade e o interior do Polo, além de aumentar a percepção de insegurança pelos utilizadores, como será analisado nos próximos subcapítulos. O Polo é definido por um elevado declive na zona nordeste, que vai se diluindo com a Rua Padre António Vieira a norte e com a rua dos Arcos a sudeste, sendo a oeste constituído para uma morfologia mais orgânica na relação entre as construções e a topografia (Figura 117).

Os alçados principais dos edifícios se encontram nas zonas com maiores dimensões, com exceção da Faculdade de Medicina em que o alçado tardoz encontra-se no Largo da Feira (Figura 117). Observa-se que os edifícios construídos durante o Estado Novo, mantêm uma relação ortogonal com o espaço público, o que os distingue dos Colégios das Artes e de S. Jerónimo, com seus alçados principais voltados para um espaço irregular. Como visto anteriormente, esses dois Colégios eram previstos serem demolidos, sendo o Plano desenvolvido para a construção de novos edifícios relacionando-os com o Largo D. Dinis e a Rua dos Estudos. Logo, o que se percebe hoje, é a falta de integração deles com o resto do Plano, com os acessos rodeados por muros de contenção (Figura 117), e em conflito com os automóveis.

Em relação ao mobiliário urbano, apenas se encontram bancos de pedra na Rua Larga, no Largo da Porta Férrea acompanhados por árvores, e no Largo da Feira com vista para o estacionamento (Figura 117), sendo apenas os localizados em frente a Faculdade de Medicina previstos no Plano, como já referido.

CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

- Alçado principal
- Alçado tardoz e/ou sem relação com a rua
- Muros e/ou declives

- 🗑️ Contentores de lixo e/ou ecopontos
- 🚶 Mobilitário urbano
- 🌳 Árvores

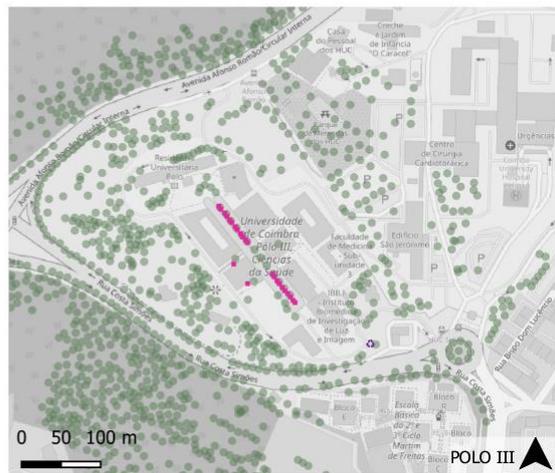
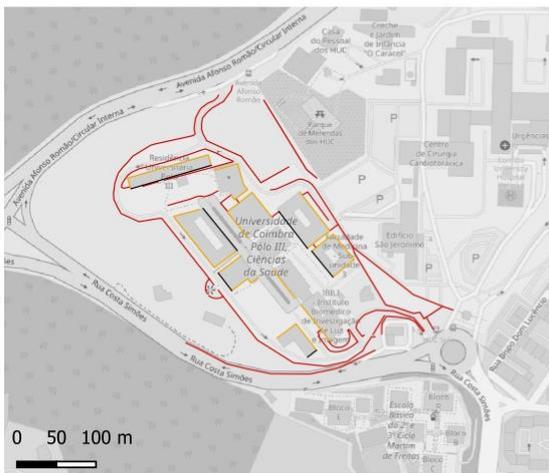
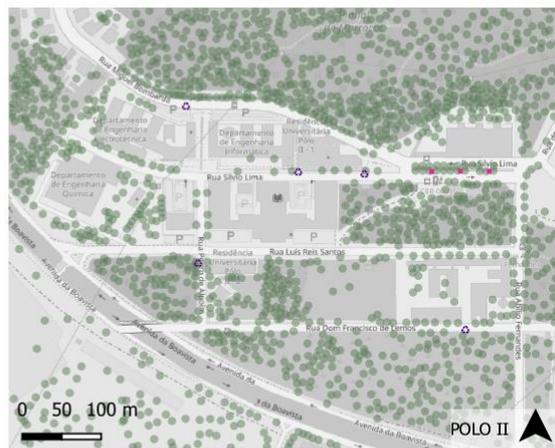
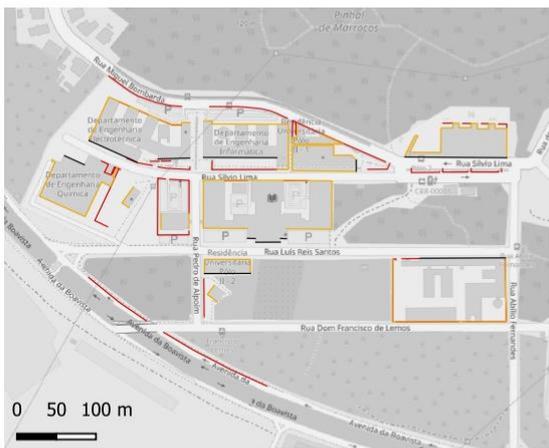
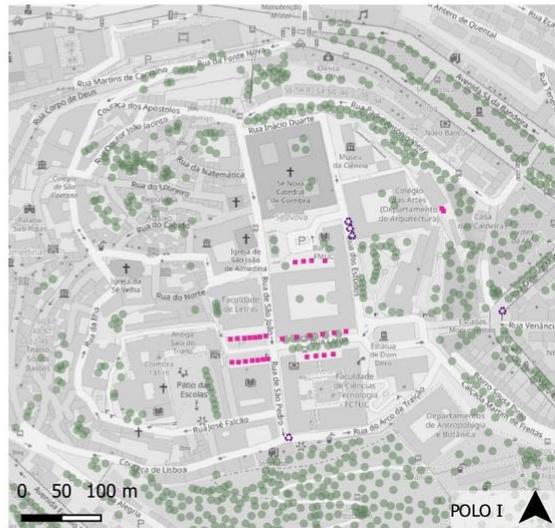
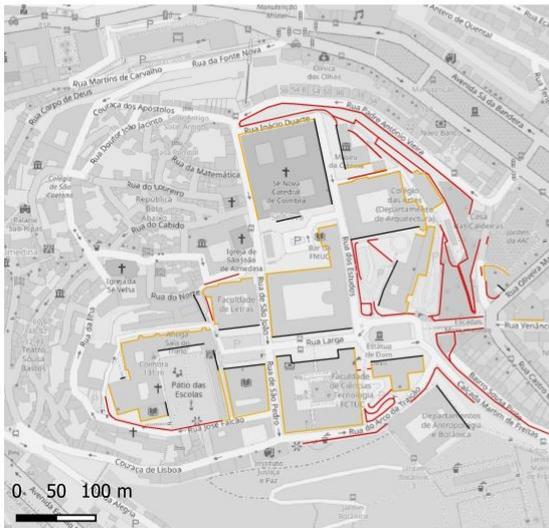


Figura 117. Plantas de comparação dos aspectos morfológicos e características complementares dos três Polos Universitários de Coimbra.

Polo II – Diferente dos outros Polos, o Polo II tem uma topografia menos acidentada apesar da inclinação que se encontra no sentido norte sul. Na parte norte, encontram-se muros de baixa altura que fazem a separação entre o estacionamento na traseira dos departamentos de Engenharia Eletrotécnica e Informática, e a rua (Figura 117), criando uma barreira física e tornando a calçada dessa rua estreita (Figura 118). Os alçados principais dos edifícios não parecem seguir uma lógica em comum, com exceção de estarem paralelos entre si. Em consequência da escolha de alçados cegos e muros envolvendo os edifícios, esses se configuram fechados ao seu interior e evitam qualquer relação com o espaço público, transformando o Polo em um lugar monótono e sem movimento.

Também não se verifica a existência de mobiliário urbano e espaços de lazer. Talvez como intenção de projeto, os muros baixos criados no separador da Rua Sílvio Lima (Figuras 117 e 119) são utilizados como bancos pelos estudantes, o que transparece a necessidade de se adquirir mais mobiliário urbano.



Figura 118. Fotografia da Rua Miguel Bombarda no Polo II. Fonte: Google Earth



Figura 119. Fotografia do separador na Rua Sílvia Lima no Polo II.

Polo III – Esse Polo encontra-se localizado em uma colina rodeada por um elevado declive (Figura 117), tendo a menor diferença de cotas na zona sul onde se encontra com a Praça Professor Carlos Alberto da Mota Pinto e a entrada dos Hospitais.

A Residência Universitária surge como “um elemento charneira no remate visual de ambos os eixos de circulação viária de acesso ao Polo III, a Circular Interna numa cota mais baixa e a Rua Costa Simões, mas também, na aproximação pedonal pelos acessos da cota alta, que lhe partem da rotunda dos HUC” (Pedro, 2015, p. 275). Porém, na zona traseira da residência, a rua é estreita acompanhada por uma encosta coberta de vegetação e pela falta de iluminação durante a noite.

O excesso de muros de contenção e a falta de ligação com a sua envolvente, o torna mais um *campus* universitário. Um dos questionamentos também a se fazer é sobre a barreira existente entre o Polo e os Hospitais (Figura 117), nos quais os estudantes de medicina também têm aulas. A falta de ligação direta faz com que esses estudantes tenham que sair do *campus* passando pelo posto de abastecimento abandonado para aceder à zona dos hospitais, porém pode existir uma forma mais direta e agradável de realizar esse percurso rompendo com a barreira existente (Figura 120).

No quesito do mobiliário urbano, verifica-se a existência de bancos localizados no eixo perpendicular à Residência Universitária, os quais são acompanhados de árvores para sombreamento (Figura 121). A Praça Central não contribui para a permanência de pessoas devido à falta desses dois elementos (Figura 122).



Figura 120. Fotografia do limite entre o Polo III e os Hospitais.

Figura 121. Fotografia dos bancos entre a Faculdade de Farmácia e a Unidade Central no Polo III.

Figura 122. Fotografia da Praça Central no Polo III.

Apesar dos planos do Polo II e III serem da década de 1990, ainda não estão totalmente construídos. Em ambos se percebe a falta de manutenção e muitos espaços não construídos e sem uso. Como afirma Fernando Seabra:

“E destes planos concretizou-se até hoje [2003] uma pequeníssima parcela. O mais adiantado, o Polo II, foi previsto com cerca de 90 hectares dos quais apenas 17 estão infra-estruturados, e apenas 6 estão construídos. [...] Em todos esses anos ainda não foi possível fazer o principal acesso a esse Polo – a Avenida da Boavista. Cerca de 3500 estudantes, e correspondentes docentes e funcionários, estão a chegar ao Polo II pelas “traseiras”” (Santos, 2003, p. 230).

No exemplo do Polo II, o principal acesso pedonal se realiza por uma rua sem calçada e sem informações direcionais. No Polo III, a entrada é dada por um posto de abastecimento abandonado, sendo a mais próxima das paragens de autocarro. Claro que para os alunos, docentes e funcionários que possuem automóvel próprio, existe uma maior facilidade de acesso e estacionamento, com exceção do Polo I, que durante os períodos de aulas atinge sua lotação máxima nos locais permitidos e não permitidos para estacionar, configurando uma perda elevada de qualidade do espaço público. Acrescenta-se que em nenhum dos Polos existem indicações de rotas para pessoas com deficiência, sendo elevado o número de escadas e declives a enfrentar.

Na conferência internacional Cidade Sofia em 2003, propõe-se “comparar as propostas do Plano com a sua concretização e analisar as atuais perspectivas de colmatação, complemento e utilização da estrutura criada” (Vieira & Cortesão, 2003, p. 227). Apesar de ser um importante passo, continua a ser composto apenas por especialistas da área do urbanismo, arquitetura e engenharia, sem considerar os que já lá estudam, vivem e utilizam. Citando Carlos Encarnação “A Universidade tem de discutir com a Cidade os seus problemas. Quando tem projectos para a cidade deve discuti-los com a cidade, assim como a cidade tem à mão o capital enorme de conhecimentos e de capacidades da Universidade, de que tem de socorrer-se” (Encarnação, 2003, p. 238).

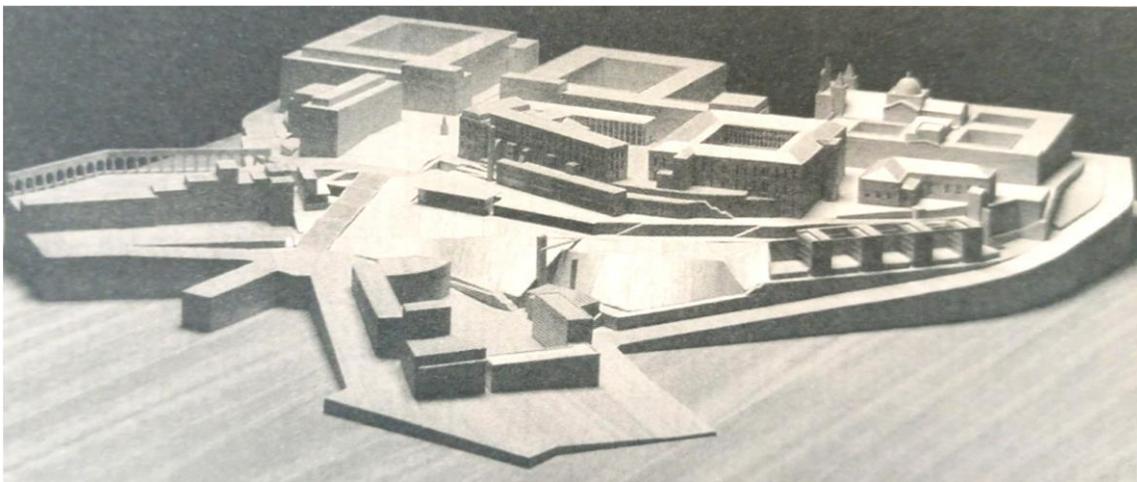


Figura 123. Maquete do projeto de Gonçalo Byrne para o Concurso de ideias para a recuperação e reutilização do Colégio de São Jerónimo, do Colégio das Artes, do Laboratório Químico e da área envolvente.

Em 1995, inicia-se o Concurso de ideias para a recuperação e reutilização do Colégio de S. Jerónimo, do Colégio das Artes, do Laboratório Químico e da área envolvente. Com o projeto ganhador de Gonçalo Byrne (Figura 123), pretende-se desenvolver “na Alta, para evitar a actual monofuncionalidade, outras valências de natureza cultural, como por exemplo a área museológica, bem como residências, comércio e serviços” (Santos, 2003, p. 229). Com exceção da reabilitação do Laboratório Chimico para abrigar o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra em 2006, pelos arquitetos João Mendes Ribeiro, Désirée Pedro e Carlos Antunes, o projeto ainda não está concretizado.

Concluindo, o Polo I tem um grande lastro temporal sofrendo diversas modificações urbanas, e os Polos II e III são mais contemporâneos, incorporados em zonas desocupadas numa cidade já consolidada. Independente da história de cada um, cuja importância se reconhece, todos os três Polos convivem hoje, sendo necessário analisar os aspectos físicos atuais para poder contribuir com alternativas de melhoria dos seus espaços.

No seguinte capítulo dá-se continuidade a análise do espaço urbano e é feita a ponderação das ferramentas e métodos de análise apresentados no subcapítulo 2.2, adaptando-os ao contexto de Coimbra para a realização do trabalho de campo. Esse, consiste em realizar atividades com pessoas que utilizam os espaços da Universidade, mais especificamente em seus três Polos Universitários, para em seguida coletar dados que permitam identificar se existem diferenças na percepção de (in)segurança por parte de mulheres, homens e pessoas não-binárias, e quais as condições espaciais que tornam um espaço mais seguro.

Foi proposta a análise apenas dos Polos Universitários com a participação de estudantes para, assim, restringir a pesquisa a essa população alvo, a fim de perceber os critérios de (in)segurança no espaço segundo a população estudantil.

CAPÍTULO 4

GÊNERO E FRUIÇÃO NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS
DE COIMBRA



Figura 124. Diagrama de trabalho da dissertação.

A participação da comunidade é essencial para o desenvolvimento de análises críticas aos espaços e propostas de melhorias. Logo, no presente capítulo realiza-se uma revisão dos principais conceitos apresentados focando-nos nos que contribuíram para o desenvolvimento das ferramentas participativas de análise dos Polos Universitários de Coimbra.

Como visto anteriormente, as urbes são a expressão física das sociedades, portanto não são neutras, e os espaços condicionam os comportamentos. No caso do Polo I, a monumentalidade expressa é um reflexo da política ditatorial de Salazar, implicando a segregação social com a inserção da Universidade separada dos outros programas. Nos Polos II e III, apesar de serem de épocas distintas, reproduzem a segregação de programas, e das próprias disciplinas da Universidade, logo dos alunos, gerando também uma menor troca interdisciplinar. Os Planos de Pormenor realizados para os três Polos, apesar de serem Planos para a construção da Universidade, não contaram com a participação da população nas tomadas de decisões, implicando o surgimento de espaços não aproveitados e monofuncionais.

Ainda hoje, a tendência metodológica das análises urbanas realizadas separa a realidade em camadas e escalas, utilizando maioritariamente técnicas quantitativas mostrando apenas uma parte da realidade (Ciocoletto A. , 2012), estratégia que não explora a complexidade das cidades. Sendo as cidades determinadas além da sua morfologia, pelo cotidiano, usos e comportamentos das pessoas, é favorável o uso da pesquisa qualitativa (Silverman, 2000), permitindo, na arquitetura, uma aproximação das relações entre o espaço e as pessoas na perspectiva dos agentes. A pesquisa qualitativa enfatiza as palavras ao invés da quantificação na coleta e análise de dados, focando-se na interpretação do mundo pelos participantes, o que permite gerar conclusões não antes previstas.

Como vimos, os métodos qualitativos desenvolvidos e utilizados pelo Col.lectiu Punt 6, e por Paula Soto Villágran na análise dos *CETRAM*, têm em comum o uso da etnografia através da realização de caminhadas e observações

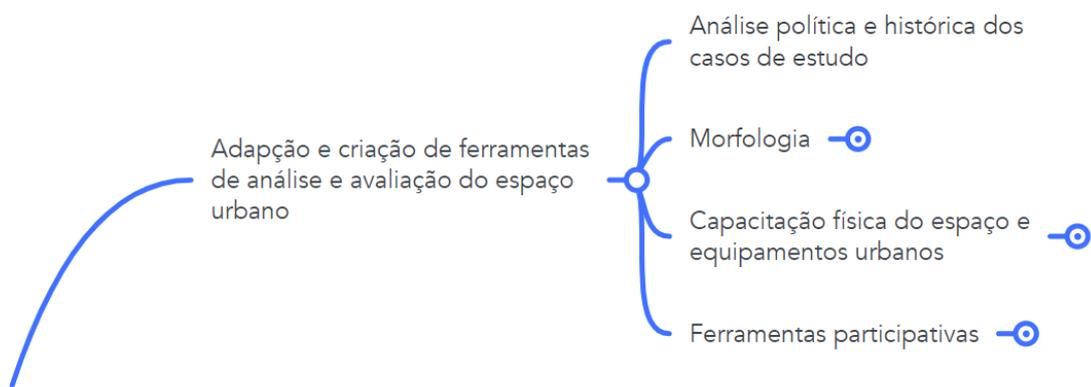


Figura 125. Diagrama de métodos da dissertação.

com a participação da população, e a criação de mapas como forma de representação e expressão. Ambos têm como objetivo escutar a experiência de diversas pessoas e replanejar a cidade em cima de uma necessidade. Ao colocar as mulheres no centro das decisões urbanas, incluem-se outras pessoas envolvidas em seu fluxo (mobilidade dos cuidados)⁶⁹, favorece-se a segurança do espaço e contribui-se para a apropriação dos espaços pelos grupos socialmente minoritários. Como afirma Sofia Castelo sobre a importância da participação das mulheres:

“O desenho urbano pode e deve contribuir de diversas formas para o empoderamento das mulheres no espaço público. Uma perspectiva orientada a partir das mulheres pode revelar prioridades específicas, tais como, entre outras, considerar integrar a vigilância natural e a boa iluminação para reduzir o risco de interação indesejável entre pedestres, ciclistas e percursos de transporte público e a sub-divisão de espaços públicos, como parques, de modo a limitar o controlo do espaço por um determinado grupo de tal modo que diversos sectores sejam acolhedores para diversos tipos de pessoas e necessidades (Johns, 2018). [...] A importância da representação das mulheres na concepção do espaço público não está apenas relacionada com a garantia de direitos iguais de género e benefícios para o espaço público e serviços, mas também com uma questão de justiça social que impacta a capacidade das mulheres de se envolverem na vida pública” (Castelo, 2018, pp. 98-99).

Com o questionamento dos valores tradicionais e da ordem estabelecida, que vem sendo colocados em causa cada vez mais, a arquitetura pode quebrar esse padrão normalizador e normativo, criando formas de construir lugares. O desenvolvimento de novos métodos participativos no processo de projeto é uma oportunidade para envolver todas as pessoas nas decisões a serem tomadas nos espaços públicos, sendo o foco dessa dissertação (Figuras 124 a 128).

⁶⁹ Conceito apresentado no subcapítulo 2.1.



Figuras 126 e 127. Diagramas dos métodos de análise do espaço urbano usados nesta dissertação.

Com o uso da metodologia *bottom-up*, desenvolve-se um sistema participativo de análise do espaço urbano como forma de identificar os aspectos negativos e positivos dos Polos Universitários que influenciam a percepção de segurança por diferentes gêneros. Nos subcapítulos seguintes, apresentam-se as ferramentas utilizadas e sua aplicação nos casos de estudo.

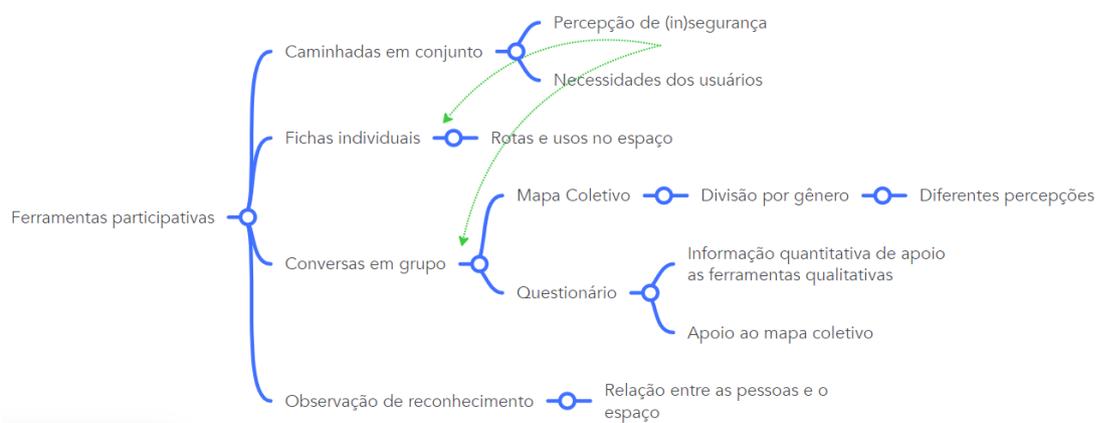


Figura 128. Diagramas dos métodos participativos usados nesta dissertação.

4.1. Introdução aos métodos e justificação da sua aplicação

O urbanismo feminista⁷⁰ é composto pelo diálogo e empatia, sem hierarquia, respeitando todos os conhecimentos e sem padronização dos corpos, considerando as diferentes experiências. Para sua aplicação, relaciona-se o tempo e espaço, considerando as necessidades, percepções e oportunidades das pessoas. Entendendo isso, a metodologia desenvolvida engloba ferramentas participativas associadas com a análise morfológica do espaço, de forma a identificar quais são as características espaciais que fazem com que um lugar seja mais ou menos seguro, e/ou seja percebido como tal em função do gênero. Para responder a essa questão, desenvolvem-se quatro métodos de análise participativa, sustentadas pela análise da capacitação física do espaço.

Pretende-se identificar as percepções de segurança e insegurança indicadas pelos participantes, associá-las com as constantes formais para possibilitar comparações entre espaços aparentemente distintos, explorar as implicações funcionais e sociais da forma urbana e sua relação com a atividade pedonal, e detectar quais os aspectos físicos que promovem ou não a segurança. Para atingir esses objetivos, são mostrados a seguir os métodos desenvolvidos em ordem de relevância, sendo a caminhada em conjunto apoiada pelas fichas individuais, questionários e mapas coletivos, e pelas questões morfológicas através da capacitação física dos espaços, essa última apresentada no subcapítulo 3.4. No Polo I também realiza-se a observação de reconhecimento, a qual consiste em observar a forma como as pessoas interagem entre si e com o espaço, sendo uma ferramenta de apoio a se desenvolver futuramente.

Os métodos apresentados a seguir, tiveram como base os estudos apresentados no subcapítulo 2.2 e foram afinados seguindo os conselhos dados por Sara Ortiz Escalante durante a entrevista realizada (Apêndice I). Portanto as ferramentas postas em prática foram as seguintes:

⁷⁰ Conceito apresentado no capítulo 2.

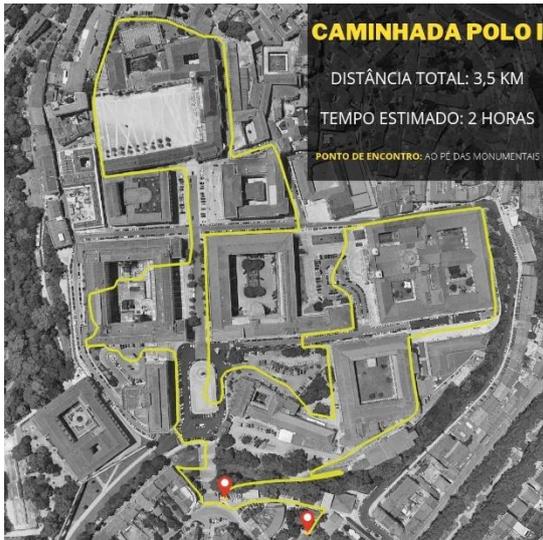


Figura 129. Percurso da caminhada no Polo I.



Figura 130. Percurso da caminhada no Polo II.

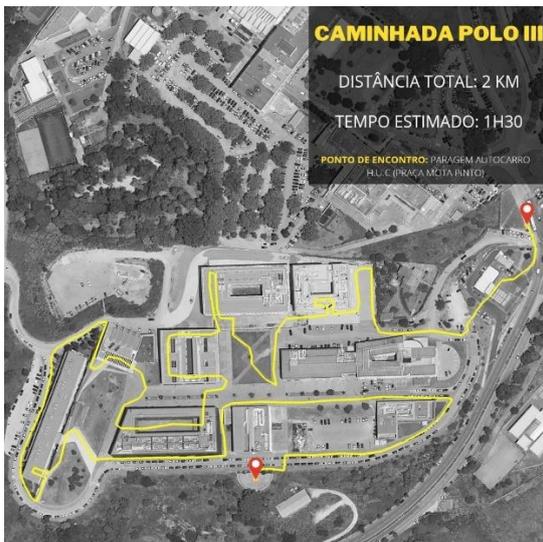


Figura 131. Percurso da caminhada no Polo III.

CAMINHADAS EM CONJUNTO

O uso das caminhadas exploratórias como método, inter-relacionando o tempo e o espaço na cidade, é uma das contribuições feministas para a análise do espaço através da ação-investigação (Muxí, et al., 2019). Os estudos feministas e de gênero abrem uma linha crítica sobre a forma de fazer e pensar a cidade e seu impacto na vida das pessoas, questionando a visão universal e homogênea sobre as experiências de vida, a qual se tem em conta tanto para a análise, como para a construção da cidade (Ciocoletto A. , 2012). Logo, essa ferramenta tem como objetivo principal analisar a percepção de (in)segurança nos Polos Universitários de Coimbra através do ato de caminhar.

Através da adaptação do método dos mapas perceptivos desenvolvido pelo Col.lectiu Punt 6⁷¹, foram incluídas questões sobre percepção de segurança nas fichas desenvolvidas para a caminhada em conjunto, para facilitar a reflexão enquanto se está no espaço a ser discutido.

Para a recolha de informação, desenvolve-se uma ficha informativa (Apêndice III) com algumas questões a atentar e identificar no mapa no decorrer do percurso. Essas questões baseiam-se no questionário de *Diagnóstico Urbano con perspectiva de Género (DUG)* desenvolvido pelo Col.lectiu Punt 6, tendo sido adaptado para o contexto de Coimbra. Os locais a que se referem as respostas são identificados por tramas para facilitar a expressão no mapa pelos participantes durante a caminhada.

São formados dois grupos para percorrer cada Polo em diferentes horários (dia e noite), sendo a rota previamente determinada pela pesquisadora de forma a evitar repetir caminhos e possibilitar a passagem em todos os espaços do polo (Figuras 129 a 131). A formação de grupos em diferentes horários possibilita a

⁷¹ Com os mapas perceptivos desenvolvidos pelo Col.lectiu Punt 6, pretende-se obter a descrição dos aspectos sentimentais relacionados com espaço e tempo. Tem a necessidade da formação de grupos separados por gênero, para ser um espaço seguro e confortável para a partilha de experiências específicas de mulheres, pessoas não binárias e homens. Para mais informações consultar o subcapítulo 2.2.

presença de mais pessoas e permite a avaliação das diferenças nas percepções durante o dia e durante a noite.

A seguir apresentam-se as questões acompanhadas da explicação de sua importância:

- Espaços em que sentiu confortável e/ou segura(o); espaços que se sentiu desconfortável e/ou insegura(o) - Possibilita a identificação dos pontos de (in)segurança nos espaços marcados pelos participantes e se existem diferenças na percepção por gêneros.

- Os espaços estão equipados, por exemplo, com bancos, sombras, iluminação? Onde sente falta? – Permite saber se existe a necessidade de mais mobiliário urbano e onde.

- Existem espaços abandonados, não mantidos e sujos ou parcelas de terra não construídas nas rotas realizadas? – O preenchimento dessa questão no mapa, reflete a falta de cuidado com os espaços, a não finalização de obras e a falta de manutenção, propiciando o não pertencimento ao espaço pelos estudantes e o seu uso para atividades ilícitas.

- Qual é para você o espaço mais representativo do Polo? – Propõe-se entender qual local os estudantes percebem como o principal do Polo, possibilitando análises do uso dado a esse espaço e o porquê de sua importância.

- A localização é clara e as informações direcionais são fornecidas para permitir a orientação no espaço em todos os momentos? Sente necessidade de mais informação em algum espaço? – O fato de saber onde está e aonde vai, contribui para a inteligibilidade do espaço, favorecendo a mobilidade e a segurança das pessoas.

Essa ferramenta representa uma primeira reflexão proposta aos participantes sobre o Polo em que estudam, que associada com os métodos seguintes, permite uma análise mais profunda sobre essas questões propostas.

PERCURSO INDIVIDUAL

Para o percurso individual usa-se uma ficha (Apêndice IV) distribuída para as pessoas participantes da atividade anterior. Propõe-se compreender as rotas usuais que os estudantes realizam dentro do Polo em que estudam, quais os espaços que utilizam e se existem diferenças no uso dos espaços por mulheres, pessoas não binárias e homens.

Diferente da caminhada em conjunto, essa atividade permite uma reflexão introspectiva de cada participante. Em semelhança ao método dos mapas perceptivos, foram incluídas questões para a sinalização dos espaços percebidos como inseguros, mas também das rotas usuais de acesso ao Polo, dos espaços utilizados, se existe uso noturno e espaços socialmente conflituosos, e quais os espaços que perdem o movimento em determinado horário. Com perguntas mais específicas sobre o cotidiano dos participantes, segundo a ferramenta da rede de itinerários cotidianos⁷², pretendeu-se questionar o uso dos Polos apenas durante o horário letivo e deu-se abertura para se expressarem sobre os equipamentos que poderiam existir no Polo ou próximo, para facilitar o desenvolvimento do cotidiano.

A análise dessas fichas contribui para a verificação das rotas realizadas e sua sobreposição permite verificar se existem diferenças entre os percursos escolhidos por mulheres e por homens, assim como perceber se os percursos passam pelos pontos identificados como inseguros ou se os evitam.

Em semelhança a caminhada em conjunto, propõem-se questões para identificar nos lugares do mapa as quais são apresentadas e explicadas a seguir:

- Qual o percurso que realiza usualmente para aceder ao departamento em que estuda? – Saber quais as rotas mais utilizadas por cada gênero e se existem locais que evitam.

⁷² A ferramenta da rede de itinerários cotidianos, desenvolvida pelo Col.lectiu Punt 6, propõe entender os horários, atividades e o local onde essas se desenvolvem, para possibilitar a identificação dos usos do espaço pelas pessoas e da necessidade de mais programas e equipamentos no bairro em questão. Para mais informações consultar o subcapítulo 2.2.

- Qual o departamento e outros espaços que utiliza? – Identificar quais departamentos são utilizados pelos participantes e se existe algum uso em outros espaços para além do ensino.

- Existem espaços em que se sente desconfortável e/ou insegura(o)? Quais? – Marcar a insegurança percebida durante o preenchimento da ficha individual, num momento mais introspectivo.

- Você utiliza espaços do Polo durante a noite? Quais? – Verificar se o Polo é utilizado apenas nos horários letivos, e se o uso noturno se dá dentro do departamento ou no espaço público.

- As rotas para pedestres são suficientemente iluminadas a noite? Quais locais que não são? – Perceber quais os locais que necessitam de iluminação de acordo com os próprios usuários.

- Existem áreas que em determinado momento perdem toda a atividade? Quais? – Comprovar a monofuncionalidade do Polo, ou de espaços específicos.

- Existem espaços socialmente conflituosos (com grupos dominantes, crime etc.) que não podem ser desfrutados livremente? – Identificar aspectos sociais que impedem o usufruto do espaço, e associá-los com seus aspectos físicos.

Ao fim do preenchimento da ficha, pede-se para completar uma tabela com as atividades que o participante realiza no decorrer da semana e os respectivos espaços utilizados, para possibilitar identificar se o uso dado ao Polo é apenas para estudo. Acompanhada dessa tabela, pergunta-se se existem equipamentos no Polo ou próximo para realizar as tarefas do dia a dia, e se existe a necessidade de alguns específicos. Com essa questão, pretende-se obter respostas para possíveis sugestões de novos programas para o Polo, de forma a facilitar a vida tanto das pessoas que o utilizam, como das que não, podendo assim criar uma maior vivência e fluxo de pessoas para além do horário letivo.

CONVERSA EM GRUPO

Essa última ferramenta utiliza-se como apoio às anteriores, podendo confirmar ou não as conclusões feitas e permite aprofundar os motivos das percepções de segurança e insegurança de cada um relacionando-as com os aspectos espaciais. Inicialmente, realizou-se um teste para a conversa em grupo via plataforma *zoom*, sendo necessário o acesso à internet e limitando as pessoas que não teriam essa possibilidade. Foram utilizadas fotografias dos espaços em questão como forma de iniciar a discussão entre os participantes, acompanhando-as de desenhos técnicos para sua localização e morfologia. Porém, verificou-se a falta de relação entre os participantes, sendo difícil a formação de grupos que pudessem conversar simultaneamente, e a dificuldade em escreverem no mapa por um meio digital. Assim, devido a necessidade de ser mais dinâmico, optou-se pela realização presencial.⁷³

Como forma de adaptá-la ao regime presencial e criar meios de encaminhar a conversa, realizaram-se alterações, sendo essas, a formulação de um questionário (Apêndice V) e mapas coletivos (plantas dos Polos em tamanho A1; Apêndice VI), contribuindo com a criação de um espaço de troca e reflexão entre participantes. Também se realizaram alterações relativas à ferramenta dos mapas comunitários⁷⁴. Ao invés de localizá-los em um lugar público no chão, optou-se pela realização no claustro do Colégio das Artes de forma a evitar aglomerações. Foram disponibilizadas mesas e cadeiras, e o mobiliário desenvolvido por Marina Gasparini⁷⁵, o qual serviu de expositor das plantas de análise das percepções de segurança obtidas com as caminhadas em conjunto.

O questionário serviu como base para direcionar o assunto a ser tratado e ajudar aos participantes a se expressarem no mapa coletivo, sendo neste caso

⁷³ A conversa em grupo foi realizada no claustro do Colégio das Artes ao ar livre, seguindo as normas da DGS para evitar o contágio pela COVID-19.

⁷⁴ Os mapas coletivos se basearam no método dos mapas comunitários desenvolvidos pelo Col.lectiu Punt 6. Para mais informações consultar o subcapítulo 2.2.

⁷⁵ Ver dissertação de mestrado *SPACE INVADERS: elementos flexíveis para apropriação [cri]ativa do espaço* (Gasparini, M. 2021).

CAMINHADA EXPLORATÓRIA NA UC

**EI, VOCÊ ESTUDANTE DA UC!
VENHA PARTICIPAR DAS ATIVIDADES PARA
EXPLORAR OS TRÊS POLOS UNIVERSITÁRIOS
DE COIMBRA!**

**QUEREMOS SABER COMO PERCEBEM E
VIVENCIAM ESSES ESPAÇOS!**

TRABALHO DE PESQUISA REALIZADO NO ÂMBITO DA DOUTORANDA DE
MESTRADO EM ARQUITETURA



PARA QUÊ?

ANALISAR A PERCEÇÃO DE (IN)SEGURANÇA NOS
POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA E
IDENTIFICAR QUAIS SÃO OS ELEMENTOS
ESPACIAIS QUE CONTRIBUÍM PARA ESSA
SENSAÇÃO.



COMO?

REALIZANDO PERCURSOS E CONVERSAS
EM GRUPO COM ESTUDANTES DE
DIFERENTES GÊNEROS QUE USUFRUEM
DOS ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE, MAIS
ESPECIFICAMENTE DOS POLOS I, II E III.

QUAIS ATIVIDADES?

PERCURSOS EM CONJUNTO
PERCURSO INDIVIDUAL
CONVERSA EM GRUPO



ATENÇÃO!

SEGUINDO AS NORMAS PREVENTIVAS DA
DGS CONTRA A COVID-19, TODOS DEVEM
USAR MÁSCARA FACIAL, MANTER DISTÂNCIA
FÍSICA DE DOIS METROS E DESINFETAR AS
MÃOS COM FREQUÊNCIA



VAMOS CAMINHAR?

CASO SE INTERESSE EM
PARTICIPAR, ENTRE EM
CONTATO RESPONDENDO
AQUI OU EM:

✉ GABRIELLAZAROV@OUTLOOK.COM

**CAMINHADA SÁBADO AS 20:30 NO POLO
II!**

Consegue ir?

SIM 67% **NÃO** 33%

CAMINHADA POLO II
DISTÂNCIA TOTAL: 2,7 KM
TEMPO ESTIMADO: 1H40
PONTO DE ENCONTRO: REFEITÓRIO CHURRASCO
TERÇA



**Conversa em
grupo na relva
do DARQ**

VENHA CONHECER A PESQUISA (IN)SECURITY
WALKS E PARTICIPE NA ÚLTIMA ETAPA
DESSE PROJETO!

SERÁ UMA CONVERSA EM GRUPO COM
DURAÇÃO MÉDIA DE 90 MINUTOS EM UM
AMBIENTE ABERTO COM COFFEE BREAK



*Tudo pronto para o primeiro
percurso de amanhã!*

*Semana que vem já terão novos
grupos! Vem participar!*



É só responder esse story!

Figuras 132 a 141. Divulgação da pesquisa e chamada de pessoas através do Instagram (@in.security_walks).

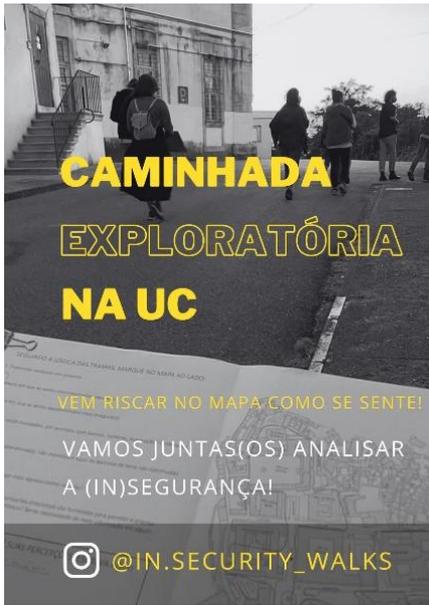
composto por 6 âmbitos de análise (participação; espaço público: espaço de relação e socialização; equipamentos e outros serviços; mobilidade e relações; segurança; habitação) baseados no *DUG* pelo Col.lectiu Punt 6⁷⁶. Seguindo as recomendações para a realização dos mapas perceptivos⁷⁷ e por Sara Ortiz Escalante (Apêndice I), disponibilizam-se dois mapas para cada Polo, estando em mesas separadas com o intuito de criar grupos de mulheres e pessoas não binárias, separadas dos homens, para que assim pudessem falar sobre questões de assédio, olhares maliciosos, medo etc. em um ambiente mais confortável, e sem julgamentos para essa troca e reflexão.

Diferente da caminhada em conjunto, com um percurso predeterminado, o mapa coletivo permite maior abertura sobre os espaços questionados pelas pessoas. Para a escolha do dia da conversa, foram realizadas enquetes nas redes sociais, e chamadas privadas aos participantes das atividades anteriores. Os mapas também ficaram expostos das 13 horas até as 18 horas, permitindo uma maior participação de pessoas, porém impossibilitando uma conversa final com todas.

As atividades são de participação voluntária, logo, apenas as pessoas interessadas em contribuir na pesquisa participaram. Para a chamada dessas pessoas, realizou-se a divulgação da atividade através das mídias sociais (Facebook e Instagram) (Figuras 132 a 141), como também por meio de cartazes colocados em espaços de maior fluxo, como os restaurantes universitários, e entrega de folhetos (Figuras 142 a 144) contendo o e-mail e Instagram criado para a pesquisa (@in.security_walks), para assim chegar a pessoas que não utilizam as redes sociais. Com esse tipo de abordagem foi possível contar com a participação de pessoas diversas que utilizam os espaços da Universidade, como estudantes dos três Polos, mas também, pesquisadores e funcionários. Apesar dos esforços, a maioria das pessoas que participaram estudam no Polo I, o que implicou uma maior quantidade de dados dessa zona em relação aos outros Polos.

⁷⁶ Ferramenta apresentada no subcapítulo 2.2.

⁷⁷ Ferramenta apresentada no subcapítulo 2.2.



Figuras 142 a 144. Poster e folhetos para divulgação da pesquisa e chamada de pessoas.

Em todos os procedimentos, as questões colocadas aos participantes buscaram abranger seis âmbitos, utilizados pelo Col.lectiu Punt 6 para o diagnóstico urbano com perspectiva de gênero⁷⁸, sendo esses:

Ambiente com comunidade – Espaços comuns para o desenvolvimento cotidiano. Identificação de usos e atividades que propiciam a diversidade de pessoas, levando a uma maior segurança, apropriação e pertença pela comunidade. (Memória social, programas sociais, apoio a associações existentes).

Ambiente visível – Possibilitar ver e ser vista, através da iluminação, vigilância informal, visibilidade social e simbólica (imagem e valorização das mulheres na sociedade; anúncios publicitários não sexistas; nomes de ruas, esculturas; não normalização da violência contra a mulher).

Ambiente vigiado – Através da vigilância informal. Maneira solidaria e não autoritária através da mescla de usos, socialização dos vizinhos, edifícios com espaços de relação e de cuidados e para emergências.

Ambiente equipado – Necessário para poder viver e desenvolver a vida cotidiana a uma distância e tempo adequado. Identificação do conjunto de atividades cotidianas e necessidades básicas, áreas monofuncionais vazias em determinados horários, oferta de equipamentos e adequação dos horários, e variedade de usos.

Ambiente sinalizado – Contribui para a inteligibilidade do espaço. Identificação de sinalizações que promovam a orientação das pessoas nos espaços, informação de equipamentos urbanos, sinais com figuras femininas, crianças, idosos, e informação de mudanças de níveis (escadas).

Ambiente vital – Imprescindível para o desenvolvimento e funcionamento da cidade. Existência de conexões de transportes mais importantes, comércios diversos, e oferta cultural ampla.

⁷⁸ *Diagnostico Urbano con perspectiva de género (DUG)* (Casanovas, et al., 2014), apresentado no subcapítulo 2.2.

OBSERVAÇÃO DE RECONHECIMENTO

Essa atividade visa uma aproximação etnográfica aos casos de estudo através da observação dos espaços centrais⁷⁹ nos três Polos Universitários, para registrar quais são as características sociais das pessoas que os utilizam (gênero, estudante ou não estudante)⁸⁰, e como essas pessoas se movimentam e interagem entre si diante das condições espaciais. Para tal, estabelecem-se os horários e espaços de observação, segundo regras a identificar.

Como forma de não afetar o ambiente a se observar, optou-se pelo método de observação estruturada acompanhada da observação simples, sendo a primeira descrita como:

“uma técnica na qual o pesquisador emprega regras explicitamente formuladas para a observação e registro de comportamento. As regras informam os observadores sobre o que eles devem procurar e como devem registrar o comportamento. Cada pessoa que faz parte da pesquisa (chamaremos essas pessoas de "participantes") é observada por um período pré-determinado, usando as mesmas regras” (Bryman, 2012, p. 272)⁸¹.

Já a observação simples, consiste em “formas de observação nas quais o observador é discreto e não é observado por aqueles que estão sendo observados. Com a observação simples, o observador não tem influência sobre a situação observada” (Bryman, 2012, p. 273)⁸².

⁷⁹ Consideram-se centrais os espaços com maior fluxo de pessoas

⁸⁰ Como forma de ilustrar os critérios utilizados para assinalar as questões identitárias, são realizados desenhos de observação dessas pessoas.

⁸¹ Tradução da autora: “is a technique in which the researcher employs explicitly formulated rules for the observation and recording of behaviour. The rules inform observers about what they should look for and how they should record behaviour. Each person who is part of the research (we will call these people ‘participants’) is observed for a predetermined period of time using the same rules.” (Bryman, 2012, p. 272).

⁸² Tradução da autora: “forms of observation in which the observer is unobtrusive and is not observed by those being observed. With simple observation, the observer has no influence over the situation being observed” (Bryman, 2012, p. 273).



Figuras 145 e 146. Desenho de observação de pessoas consideradas estudantes homens.



Figura 147. Desenho de observação de pessoa considerada estudante mulher.



Figura 148. Desenho de observação de pessoa considerada mulher não estudante.



Figura 149. Desenho de observação de pessoa considerada homem não estudante.

Portanto, como forma de conhecer o espaço e as pessoas que o utilizam, propõe-se registrar a forma como os “participantes” (Bryman, 2012, p. 272) se movimentam no espaço e suas características identitárias. Sendo o objetivo compreender o ambiente em horários específicos sem alterá-lo com a presença do observador, a junção da observação estruturada e simples adequa-se a proposta.

Para a realização dessa atividade, primeiro é necessário estabelecer os tempos de observação e as regras para o registro do comportamento. Os horários definem-se de acordo com as atividades acadêmicas, sendo as nove e meia da manhã o início das aulas, à uma e meia da tarde a pausa para o almoço, as oito da noite o fim das aulas, sendo que após esse horário não há atividades. Portanto, estabelecem-se quatro momentos diferentes, o primeiro de chegada à Universidade, o segundo de convívio e movimentação, o terceiro de dispersão dos estudantes ao fim das aulas, e o último de falta de movimento.

Propõe-se dois locais de observação para cada polo, durante 20 minutos em cada período (manhã, tarde e noite; durante semana e fim de semana). Através da indicação na planta do Polo em questão, marcam-se os percursos realizados pelos observados, sendo utilizadas quatro cores para definir os traços representando o movimento das diferentes pessoas (vermelho para estudantes mulheres, laranja para não estudantes mulheres, azul para estudantes homens e verde para não estudantes homens), e pontos representando permanência ou pausa (Apêndice XXVI). Como forma de justificar o binarismo de gênero e identificação de universitários ou não, utiliza-se o desenho para representar as características dos observados (Figuras 145 a 149). Esse procedimento foi realizado apenas no Polo I, propondo-se como futuro desenvolvimento sua concretização nos outros Polos.

Considerando que a proposta da dissertação consiste em compreender e analisar as diferentes percepções de (in)segurança de pessoas diversas que utilizam os mesmos espaços, a relevância dessa ferramenta se justifica por ser um momento de contato com o ambiente em estudo. Diferente da “visita de reconhecimento” (Casanovas, et al., 2014) apresentada pelo Col.lectiu Punt 6, que consiste em identificar pontos relevantes que justifiquem a vida cotidiana do bairro a partir de atividades em conjunto, a proposta da observação de reconhecimento consiste em obter dados da influência do espaço na forma como as pessoas se comportam, se movem e interagem entre si.

Portanto, a junção de todos esses métodos de análise, contribui para a pesquisa de forma cruzada, pois a partir das ferramentas qualitativas, é possível identificar os espaços mais inseguros e os mais seguros para em seguida perceber quais os aspectos espaciais desses locais que contribuem com tais percepções.

Através do uso do *QGIS*⁸³ realiza-se a sobreposição de todas as informações coletadas durante essas práticas qualitativas, possibilitando a realização de mapas temáticos para a compreensão visual e analítica dos dados.

Concluindo, os métodos aqui usados, baseiam-se numa abordagem interdisciplinar, que vai para além da teoria e atua na prática, buscando entender e analisar o espaço urbano e edificado e sua influência na vida das pessoas. No próximo subcapítulo, apresentam-se os resultados coletados com o uso de todas essas ferramentas e as possíveis conclusões.

⁸³ *Quantum Geographic Information System.*

4.2. Aplicação dos métodos nos casos de estudo

Depois de explicados os procedimentos realizados no subcapítulo anterior, nesse subcapítulo apresentam-se os resultados obtidos a partir do uso das ferramentas apresentadas por ordem de execução e importância para a percepção de (in)segurança nos espaços dos Polos Universitários de Coimbra. Portanto a primeira é a caminhada em conjunto, seguida dos percursos individuais, e terminando com a conversa em grupo, com o uso do questionário e criação dos mapas coletivos. A seguir expõem-se as análises realizadas com o uso de cada método, organizando-as de acordo com cada Polo Universitário. No capítulo 5 é feita a análise comparativa dos resultados aqui obtidos, na busca da resposta à problemática levantada com este trabalho.

CAMINHADAS EM CONJUNTO NO POLO I

Para a realização da caminhada em conjunto, contou-se com a participação das pessoas que se voluntariaram através da divulgação realizada. A confirmação pelos participantes ficou aberta até o dia anterior, para possibilitar a contagem de quantas fichas, canetas e pranchetas levar, e os lanches oferecidos para cada um. O ponto de encontro foi marcado ao pé da Escadaria Monumental, sendo um local conhecido por todos e possibilitando o início do percurso pelo Caminho das Virgens. Para a definição do percurso, foram realizadas diversas visitas ao Polo pela autora, sendo que a cada visita realizou-se um esquema do percurso até a sua definição final (Apêndice XXVII).

A primeira caminhada a ser realizada no Polo I, foi no dia 14 de maio de 2021 durante o dia, contando com a participação de quatro pessoas do gênero feminino. Essa atividade foi o primeiro teste, levando a alteração de alguns tipos de representação das tramas associadas as questões. Depois da afinação de algumas situações, a segunda caminhada a ser efetuada ocorreu no dia 22 de maio à noite, participando onze pessoas no total, sendo seis do gênero feminino e cinco do gênero masculino. A última caminhada nesse Polo foi no dia 24 de junho de dia,

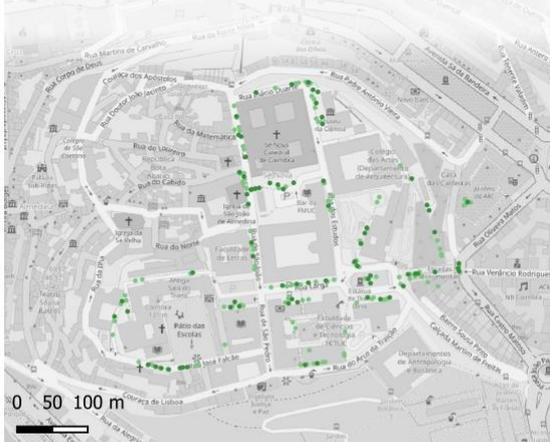
PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO I

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite

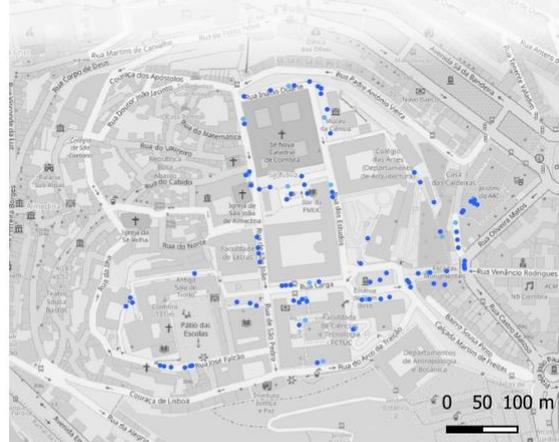
Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário

13 participantes sendo:
12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino

6 participantes sendo:
6 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 22/05 à noite, 14/05 e 24/06 de dia

19 participantes sendo: 12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 6 pessoas do gênero masculino



Figura 150. Planta de percepção de segurança no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

com a participação de quatro pessoas, sendo duas do gênero feminino, uma do gênero não binário, e outra do gênero masculino. No total dezoito pessoas participaram das caminhadas em conjunto no Polo I, sendo doze do gênero feminino, uma do gênero não binário, e seis do gênero masculino.

Ao fim dessa primeira atividade, distribuíram-se as fichas individuais para o percurso individual, das quais dez obtiveram resposta, contando com seis participantes do gênero feminino e quatro do gênero masculino. Portanto, com o preenchimento das fichas em ambas as atividades, conta-se um total de vinte e nove participantes, dezoito do gênero feminino, um do gênero não binário, e dez do gênero masculino.

A partir dos resultados obtidos com essas duas ferramentas, possibilitou-se a coleta de informações com a identificação dos pontos de (in)segurança, usos dos espaços, falta de mobiliário urbano e capacitação física dos espaços, permitindo a criação de mapas temáticos.

Com o mapa “Percepção de segurança por participantes no Polo I” (Figura 150 e Apêndice VII) é possível identificar as zonas mais seguras do Polo, considerando apenas aquelas em que se obteve uma resposta mínima de 48% dos participantes (quatorze pessoas), expressas a seguir:

O Largo Marquês de Pombal identifica-se como seguro por 83% (dez participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 100% (seis participantes) do gênero masculino.

A Rua Inácio Duarte identifica-se como segura por 90% (nove participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 100% (cinco participantes) do gênero masculino.

A Rua Couraça dos Apóstolos no lado do Museu Machado de Castro, identifica-se como segura por 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (onze participantes) e masculino (quatro participantes).

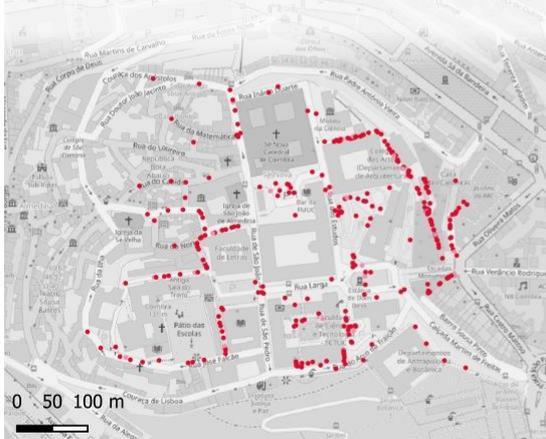
PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO I

LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite

Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário

13 participantes sendo:
12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino

6 participantes sendo:
6 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 22/05 à noite, 14/05 e 24/06 de dia

19 participantes sendo: 12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 6 pessoas do gênero masculino



Figura 151. Planta de percepção de insegurança no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

A Rua Larga no lado da Faculdade de Medicina, identifica-se como segura por 92% (doze participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 100% (seis participantes) do gênero masculino.

O Largo D. Dinis, na calçada em frente ao departamento de Matemática, identifica-se como segura por 80% (oito participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 100% (cinco participantes) do gênero masculino.

Por último, a Escadaria Monumental identifica-se como segura por 90% (nove participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 80% (quatro participantes) do gênero masculino.

De maneira oposta, o mapa “Percepção de insegurança por participantes no Polo I” (Figura 151 e Apêndice VIII) possibilita identificar as zonas mais inseguras do Polo, a partir das que se obteve resposta mínima de 48% dos participantes (quatorze pessoas), expressas a seguir:

A zona das Antigas Cantinas Verdes, identifica-se como insegura 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (doze participantes), e do gênero masculino (cinco participantes).

De igual forma, o caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência, identifica-se como insegura por 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (dezessete participantes) e do gênero masculino (cinco participantes).

O espaço entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência, identifica-se como insegura por 77% (dez participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 100% (cinco participantes) do gênero masculino.

A zona junto ao alçado tardoz da Faculdade de Letras, identifica-se como insegura por 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (onze participantes), e do gênero masculino (quatro participantes).

A Rua de Entre-Colégios, identifica-se como insegura por 90% (nove participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 100% (cinco participantes) do gênero masculino.

CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO I

Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 22/05 à noite, 14/05 e 24/06 de dia, e nas fichas individuais

29 participantes sendo: 18 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 10 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contenedor de lixo
- Falta de faixa de pedestre
- Sem acessibilidade para PcD
- Indicado mas não especificado
- Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo

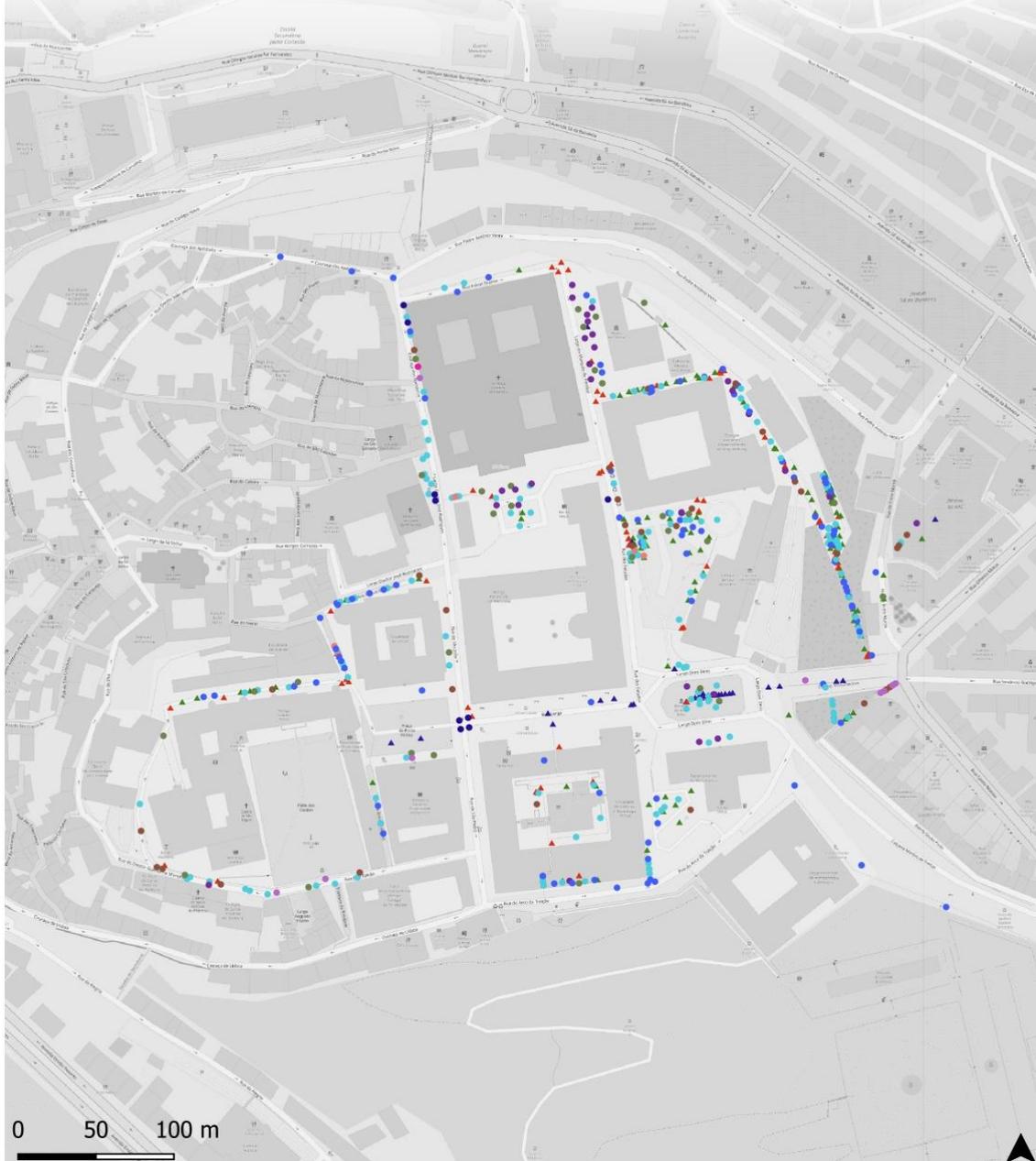


Figura 152. Planta de capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto.

A escada de acesso ao Departamento de Matemática pela Rua do Arco da Traição, identifica-se como insegura por 80% (oito participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 100% (cinco participantes) do gênero masculino.

Por último, o estacionamento do Departamento de Matemática, identifica-se como inseguro por 91% (dez participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 60% (três participantes) do gênero masculino.

Observam-se alguns locais que tiveram maior discrepância na percepção de (in)segurança entre diferentes gêneros, sendo esses:

O Caminho das Virgens, identifica-se como inseguro por 73% (onze participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 50% (dois participantes) do gênero masculino.

O Largo da Feira, identifica-se como inseguro por 69% (onze participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 13 % (um participante) do gênero masculino. Observa-se que apenas as mulheres se sentiram inseguras nesse espaço durante a noite.

O Largo Dom Dinis, identifica-se como inseguro por 36% (quatro participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 50% (três participantes) do gênero masculino.

O espaço de transição entre o Departamento de Química e Física, identifica-se como inseguro por 70% (sete participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 60% (três participantes) do gênero masculino, sendo à noite o maior índice de insegurança.

Na Rua Entre Muros verifica-se a maior discrepância entre gêneros, sendo identificado como inseguro por 100% (doze participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e apenas 20% (um participante) do gênero masculino.



Figura 153. Fotografia do Largo Marquês de Pombal durante a caminhada em conjunto.



Figura 154. Fotografia da Rua Inácio Duarte durante a caminhada em conjunto.



Figura 155. Fotografia da Rua Couraça dos Apóstolos com vista para o Museu Machado de Castro durante a caminhada em conjunto.



Figura 156. Fotografia da Rua Larga com vista para a Faculdade de Medicina durante a caminhada em conjunto.

Com o mapa de “Capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo I” (Figura 152 e Apêndice IX), identificam-se os seguintes equipamentos em falta, associados com a percepção de (in)segurança mostradas acima:

Largo Marquês de Pombal (Figura 153): falta de iluminação, por três participantes; falta de mobiliário urbano, por dez participantes; falta de sombra e árvores por cinco participantes; e falta de informação direcional por oito participantes. Apenas um participante considerou esse espaço como o mais representativo do Polo. Portanto, apesar de ser uma zona majoritariamente segura, verifica-se a falta de elementos urbanos básicos para uma maior vivência, como por exemplo a colocação de bancos.

Rua Inácio Duarte (Figura 154): falta de iluminação, por dois participantes; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído por um participante; e falta de informação direcional no cruzamento com o Largo Marquês de Pombal, por quatro participantes. Apesar da calçada ser estreita e permitir a passagem de carros na rua, sua segurança pode ser consequência do amplo campo de visão que existe para norte.

Rua Couraça dos Apóstolos, lado Museu Machado de Castro (Figura 155): nenhum equipamento em falta foi identificado. Esse espaço, que marca a entrada ao Museu, é bem iluminada durante a noite, é amplo e permite o encontro de pessoas, contudo falta mobiliário urbano para promover a permanência nesse local. Está situado na transição entre a Sé Velha e a Sé Nova.

Rua Larga no lado da Faculdade de Medicina (Figura 156): falta de informação direcional e faixa de pedestre no cruzamento com a Rua da São João, por duas e quatro pessoas, respectivamente; e marcado como o espaço mais representativo do Polo por cinco pessoas. Sendo essa a rua com maior dimensão em largura e mais movimento do Polo, a existência de árvores e bancos favorece seu uso para permanência durante o dia. Porém, uma participante identifica a obstrução da iluminação durante a noite, causada pelas árvores.



Figuras 157 e 158. Fotografias do Largo Dom Dinis com vista para o Departamento de Matemática.



Figuras 159 e 160. Fotografias da Escadaria Monumental utilizada para a praxe acadêmica, e durante a caminhada em conjunto.



Figuras 161 e 162. Fotografias das Antigas Cantinas Verdes e sua vista para a cidade, durante a caminhada em conjunto.

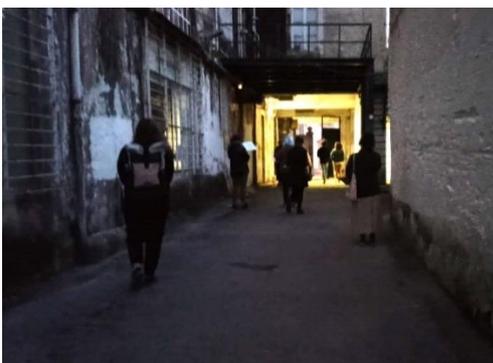


Figura 163. Fotografia do caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência durante a caminhada em conjunto.

Largo D. Dinis, na calçada em frente ao departamento de Matemática (Figuras 157 e 158): falta de mobiliário urbano, por duas pessoas. Sendo essa zona parte do eixo criado durante o Estado Novo (Largo da Porta Férrea, Rua Larga, Largo Dom Dinis, Escadaria Monumental), verifica-se uma maior largura da calçada, a qual é ladeada pelos alçados principais dos departamentos, implicando um maior fluxo durante o dia e de ponto de encontro entre estudantes.

Escadaria Monumental (Figuras 159 e 160): falta de iluminação, por uma pessoa; escala não apropriada por uma pessoa; e como o espaço mais representativo do Polo por duas pessoas. Durante as observações realizadas⁸⁴ (Apêndice XXVI) no Polo I, aponta-se o uso da Escadaria, para além do deslocamento, como um espaço de permanência, sendo os degraus e muros utilizados como bancos, e em alguns momentos específicos para a realização da praxe acadêmica⁸⁵.

Zona das Antigas Cantinas Verdes (Figuras 161 e 162): falta de iluminação, por quatro pessoas; falta de mobiliário urbano, por uma pessoa; falta de sombra e árvores, por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído por dezenove pessoas; e falta de informação direcional por uma pessoa. Como visto anteriormente⁸⁶ a antiga Cantina Universitária, conhecida como Antigas Cantinas Verdes, encontra-se desocupada e abandonada, se tornando um espaço com acúmulo de lixo, com pichações de caráter fascista e propício ao uso para atividades ilícitas, tornando-o extremamente inseguro, principalmente durante a noite. Visto que existiu um programa nesse local, é possível retomar a vivência dessa zona, com seu potencial de transição para os departamentos, e sua visibilidade.

⁸⁴ Realizaram-se observações de reconhecimento do Polo I nos seus dois espaços centrais, Largo Dom Dinis e Escadaria Monumental, durante o período da manhã, tarde e noite, obtendo o registro das rotas realizadas por pessoas estudantes e não estudantes dos diferentes gêneros, e os pontos de parada.

⁸⁵ A praxe acadêmica representa um dos “actos cerimoniais da comunidade universitária” (Frias, 2003, p. 81). Sendo a “Praxe Acadêmica, que em Portugal designa as tradições estudantis, refere-se, em primeiro lugar, às diversas humilhações, mais ou menos ritualizadas, que os estudantes mais antigos, os “doutores”, impõem aos mais novos, os caloiros” (Frias, 2003, p. 81).

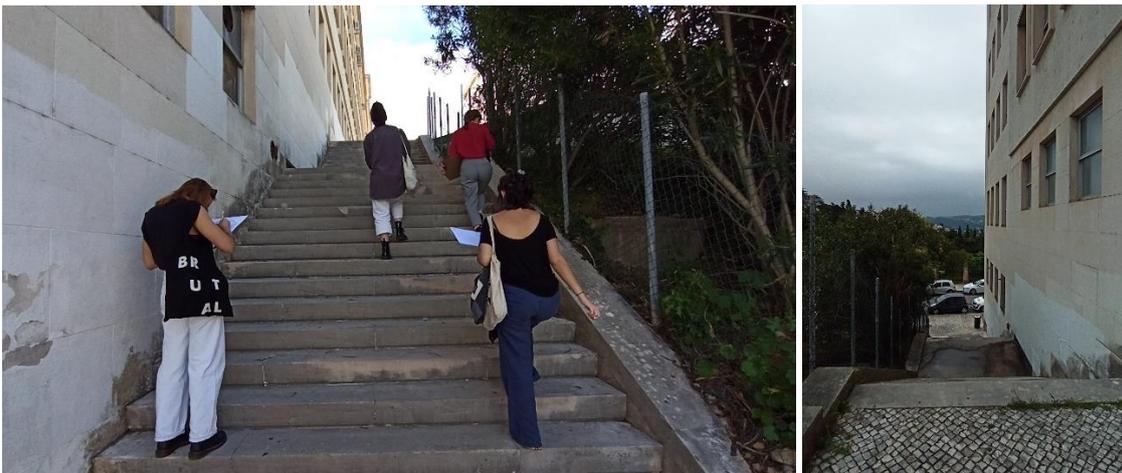
⁸⁶ Subcapítulo 3.4



Figuras 164 e 165. Fotografias junto ao alçado tardoz da Faculdade de Letras durante a caminhada em conjunto.



Figuras 166 e 167. Fotografias da Rua Entre-Colégios durante a caminhada em conjunto e durante a realização de obras.



Figuras 168 e 169. Fotografias da escada de acesso ao estacionamento do Departamento de Matemática pela Rua do Arco da Traição, durante a caminhada em conjunto.

Caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência (Figura 163): falta de iluminação, por seis pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por onze pessoas; informação direcional por sete pessoas. Apesar de ser um espaço de passagem utilizado por estudantes, o caminho está constrangido por um muro separando o Museu da Ciência, e pela fachada norte do Colégio das Artes, tornando-o estreito. A falta de iluminação e manutenção do espaço, em junção com a falta de visibilidade, contribui para a percepção de insegurança, como verificado.

Zona junto ao alçado tardoz da Faculdade de Letras (Figuras 164 e 165): falta de iluminação, por seis pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido sujo e/ou não construído, por três pessoas; e falta de informação direcional por duas pessoas. Esse espaço possui obstruções visuais causadas pelos ângulos do edifício de Matemática, e apesar de ter vista para o Largo Doutor José Rodrigues, as fachadas dos edifícios que o circundam não tem relação com a rua. Junto a esses problemas, esse lugar é utilizado como estacionamento, criando barreiras físicas e visuais, que com a falta de iluminação durante a noite, aumenta a percepção de insegurança.

Rua de Entre-Colégios (Figuras 166 e 167): falta de iluminação, por duas pessoas; e espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído por uma pessoa. Localizada entre o Paço das Escolas e a Biblioteca Geral, essa rua estreita entre dois edifícios de grande escala, não possui pavimento para pedestres separado da rota dos automóveis. Durante a caminhada uma das participantes mencionou que “mudava seu percurso durante a noite para não passar na rua [de Entre-Colégios], porque se sente encurralada, como se algum carro a fosse sequestrar na entrada/saída da rua”. Como possíveis características que contribuem para essa sensação identifica-se a falta de iluminação e visibilidade, falta também de rotas alternativas, a escala da rua em comparação com a altura dos edifícios, sendo a rua estreita cercada por construções altas, e o fato de cruzar a sul com a Rua José Falcão, a qual permite a locomoção e paragem de automóveis.



Figura 170. Fotografia do estacionamento do Departamento de Matemática durante a caminhada em conjunto.

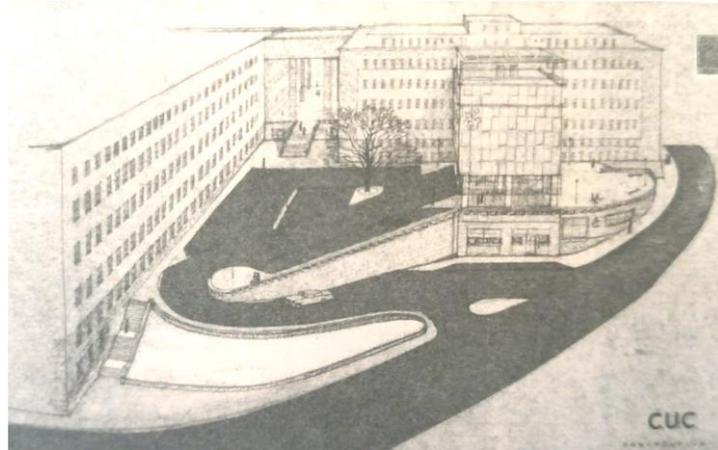


Figura 171. Perspectiva da fachada sul do edifício da Matemática e da fachada nascente da Química, por Lucínio Guia da Cruz.



Figura 172. Fotografia a partir da cota mais alta do Cominho das Virgens.



Figura 173. Fotografia do espaço que sucede o Caminho das Virgens durante a caminhada em conjunto.



Figuras 174 e 175. Fotografias do estacionamento no Largo da Feira durante a caminhada em conjunto.

Escada de acesso ao Departamento de Matemática pela Rua do Arco da Traição (Figuras 168 e 169): iluminação, por duas pessoas; e espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído por duas pessoas. Essa escada faz a ligação de uma rua escura e sem movimento durante a noite, ao estacionamento do Departamento. Além desse aspecto, a visibilidade é mínima, impossibilitando “ver e ser vista”⁸⁷.

Estacionamento do Departamento de Matemática (Figura 170): falta de iluminação, por duas pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por uma pessoa; e espaço abandonado, não mantido sujo e/ou não construído por seis pessoas. O uso desse espaço como estacionamento determina-se durante o Estado Novo com a construção do Departamento (Figura 171), sendo dada pouca relevância aos pedestres que utilizam essa zona para acessar o edifício ou como passagem. Apesar do uso, esse espaço tem potencial para ser utilizado por pessoas, devido à sua dimensão num local de transição para a zona universitária.

Caminho das Virgens (Figuras 172 e 173): falta de iluminação, por nove pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por dezenove pessoas; falta de informação direcional, por nove pessoas. Esse caminho, utilizado como alternativa a Escadaria Monumental, está situado no limite entre o Polo e o restante tecido urbano, enfrentando o desnível da topografia de forma mais sutil. A sua não manutenção, implica a obstrução da vista para leste pela vegetação, que junto com a falta de iluminação, tornam o espaço pouco visível. Porém, vê-se potencial nesse espaço, que dá acesso também as Antigas Cantinas Verdes, atualmente abandonada, podendo através da manutenção e cuidado, abrigar novos programas e usos.

Largo da Feira (Figuras 174 e 175): falta de mobiliário urbano, por cinco pessoas; falta de sombra e árvores por quatro pessoas; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por duas pessoas; e falta de informação direcional

⁸⁷ Conceito apresentado no subcapítulo 2.1



Figura 176. Fotografia do Largo Dom Dinis sem automóveis para a realização do Rally de Portugal 2021.



Figura 177. Fotografia do Largo Dom Dinis durante a realização da praxe académica.



Figuras 178 e 179. Fotografias do espaço de transição entre o Departamento de Química e Física durante a caminhada em conjunto.



Figuras 180 e 181. Fotografias da Rua Entre Muros à noite e durante a caminhada em conjunto.

por duas pessoas. Como visto anteriormente, esse espaço era conhecido pelo elevado uso pelos estudantes, contando com a realização de feiras e reuniões públicas. Atualmente, dominada pelo uso do automóvel, não tem vivência. Como comentado por uma participante durante a caminhada “sinto medo por ser um espaço amplo e vazio com muitos carros estacionados”. Nessa referência, percebe-se que apesar do amplo campo visual, existem obstáculos físicos e visuais causados pelo estacionamento de carros, e a falta de alçados ativos e rotas alternativas, provocam a perda de movimento, sendo alguns dos aspectos que causam insegurança.

Largo D. Dinis: falta de mobiliário urbano, por duas pessoas; falta de sombra e árvores, por duas pessoas; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por uma pessoa; falta de informação direcional por uma pessoa; e como mais representativo do Polo, por quatorze pessoas. Em semelhança ao Largo da Feira, apesar de ser um espaço amplo, não possui mobiliário urbano, estando cercado por automóveis, como refere uma das participantes “espaço perde segurança muito pela quantidade de carros”. Apesar da sua monumentalidade (Figura 176), não foi um fator mencionado durante as atividades. O Largo também é utilizado como um espaço de passagem, e não de permanência, como verificado nas observações realizadas (Apêndice XXVI), e sua dimensão contribui com o uso para a realização de praxes acadêmicas (Figura 177), situação que causa insegurança em algumas pessoas.

Espaço de transição entre o Departamento de Química e Física (Figuras 178 e 179): falta de iluminação, por seis pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por uma pessoa; falta de mobiliário urbano, por uma pessoa; falta de sombra e árvores por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por sete pessoas; e falta de informação direcional por cinco pessoas. Nesse espaço, muitos participantes o indicam como inseguro, devido à falta de fluxo de pessoas durante a noite, e manutenção. Como comentado em uma das fichas "nas Químicas ocorre uma transição estranha e contrastante de valorização,

iluminação de espaços". Esse espaço amplo, não possui mobiliário urbano suficiente, porém tem um grande potencial para a realização de atividades dentro ou fora do âmbito acadêmico.

Rua Entre Muros (Figuras 180 e 181): falta de iluminação, por uma pessoa; falta de sombra e árvores por uma pessoa; e espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por duas pessoas. Essa rua se localiza entre o Caminho das Virgens e as cantinas centrais, dando acesso a Associação Acadêmica e a Rua Padre Antônio Vieira. Mesmo sendo um eixo de ligação entre diferentes pontos, não possui um pavimento apropriado para o uso de pedestres e como citado por uma participante é dado “privilégio aos carros”. Além dessas questões, durante a conversa em grupo com o preenchimento do mapa coletivo, uma mulher indica a ocorrência de assédio sexual nessa rua e seu medo ao passar novamente por esse caminho, levando-a a alterar sua rota. Citando Ana Falú “violências que nas mulheres são aleatórias e podem acontecer a qualquer mulher em qualquer território, constitui um limite a liberdade e ao exercício dos direitos cidadãos” (Falú, 2016, p. 7)⁸⁸.

⁸⁸ Tradução pela autora: “Violencias que en las mujeres son aleatorias y pueden suceder a cualquier mujer en cualquier territorio, constituyendo un límite a la libertad y al ejercicio de los derechos ciudadanos” (Falú, 2016, p. 7).

USO DOS ESPAÇOS NO POLO I

Resultados coletados com o preenchimento das fichas individuais por estudantes do polo I
10 participantes sendo: 6 pessoas do gênero feminino; 4 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



Figura 182. Planta de uso dos espaços no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas individuais.

PERCURSO INDIVIDUAL NO POLO I

Como já referido anteriormente, a ferramenta do percurso individual no Polo I contou com a participação de dez pessoas, sendo seis do gênero feminino e quatro do gênero masculino. Com os resultados obtidos através das fichas individuais, foi possível tirar conclusões parciais, porém sem generalizações, devido ao baixo número da amostra, sobre as rotas usuais dos participantes, os espaços utilizados, associados a percepção de insegurança, espaços socialmente conflituosos, áreas que perdem toda a atividade em determinado horário, e a necessidade de novos equipamentos para facilitar o dia a dia dessas pessoas.

A partir do mapa "Uso dos espaços no Polo I" (Figura 182 e Apêndice X), observa-se a sobreposição dos resultados obtidos com o preenchimento das fichas individuais, possibilitando refletir sobre a forma como o Polo é utilizado. Portanto, a seguir colocam-se os principais questionamentos derivados dessa análise, para posteriormente associá-las com todos os outros métodos.

Os participantes dessa atividade, não possuem automóvel, sendo a mobilidade realizada através de transportes públicos, bicicleta e a pé. Com a sobreposição das rotas usuais de pessoas do gênero feminino e do gênero masculino, colocam-se as seguintes análises:

A rota do Caminho das Virgens, utilizado apenas por uma mulher durante o dia para acessar o Colégio das Artes, é sentida como a mais insegura pelas participantes, e assinalada como um dos espaços socialmente conflituosos. Essa participante comenta que "gosto de dia, mas a noite não passo aqui" (Figuras 183 e 184), refletindo o medo causado pelos aspectos físicos, mencionados anteriormente, e sociais pelo seu uso para atividades ilícitas e interações indesejadas entre pedestres.

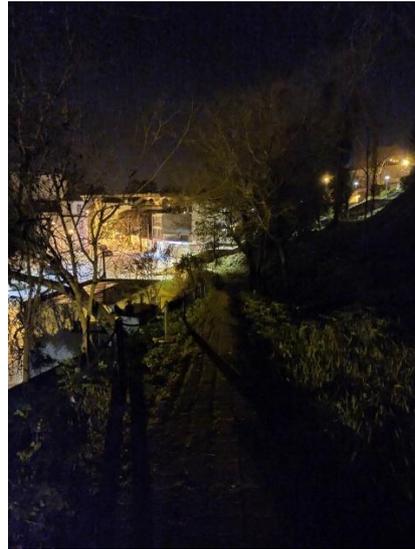


Figura 183 e 184. Fotografias do Caminho das Virgens de dia e à noite.



Figura 185. Fotografia do espaço entre o Colégio das Artes e a Faculdade de Psicologia com vista para a escada abandonada que dá acesso às antigas Cantinas Verdes.



Figura 186 e 187. Fotografia da escada de acesso à biblioteca do CES, e da entrada do Centro Cultural Dom Dinis.

Seguindo por essa rota, encontra-se o espaço entre a Faculdade de Psicologia e o Colégio das Artes, sendo também localizado o acesso ao Centro de Estudos Sociais (CES) e ao Centro Cultural D. Dinis (Figuras 185 a 187), utilizada por duas pessoas para acessar o Departamento de Arquitetura. Na dissertação de mestrado *Plataforma de Mapeamento da Percepção do Medo das Mulheres no Espaço Urbano*, por Helena Almeida (2018), a qual consiste na criação de uma “plataforma *Web* responsiva que possa analisar “os geradores” de medo das mulheres e perceber de que forma estes podem influenciar a sua autoexclusão social” (Almeida, 2018, p. VIII) na cidade de Coimbra, essa zona é indicada por uma mulher como um espaço inseguro. Na descrição, comenta que sofreu uma situação de perseguição e intimidação por um homem desconhecido durante o período da noite enquanto estava sozinha (Almeida, 2018, p. 120).

Os aspectos físicos desse espaço, determinam-se por traseiras dos edifícios, e que apesar de terem entradas para o CES e ao Centro Cultural D. Dinis, não existe relação entre o interior e o exterior, além da falta de manutenção e de mobiliário urbano, não permitem seu uso para permanência e não proporcionam a vigilância informal⁸⁹.

O caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência (Figura 188), é utilizado por três mulheres para aceder ao elevador do Colégio das Artes, que apesar de ser uma zona identificada como insegura, é necessária para realizar esse acesso. Na entrada norte, que se encontra com o Largo Marques de Pombal, no dia 17 de janeiro de 2022, inaugurou-se a instalação artística de Bordalo II, a qual consiste na criação de uma coruja a partir do uso de materiais reciclados⁹⁰ (Figura

⁸⁹ Durante a entrevista realizada com Sara Ortiz Escalante (Apêndice I), esta refere que “Compreendemos a vigilância de uma forma informal [...] E que está ligada aos cuidados que existem entre o interior e o exterior, que podem ser físicos, mas também podem ser sociais, de cuidados para a comunidade, de saber que se algo lhe acontecer pode ir a uma loja, a um bar, a um lugar pertencente a alguma organização que também o pode ajudar neste processo, que há atividade e pessoas que conhece que o podem ajudar” (Escalante, 2021).

⁹⁰ Nas palavras de Bordalo II: “Para mim, fazer um trabalho numa Universidade em que se cultiva tudo o que deve ser a base de uma sociedade sustentável é importante, porque o meu trabalho é precisamente chamar a atenção e tocar em pontos relevantes. [Esta obra] é uma coruja nova, com as pernas esticadas, a tentar alcançar os seus objetivos. Há uma divisão na peça, com um lado mais clássico, que se agarra melhor a estas paredes mais antigas, e outro lado mais direcionado ao futuro, mais colorido, onde nascem novas ideias e novas problemáticas, para que tudo funcione melhor no futuro”. Contato feito por e-mail.



Figura 188. Fotografia do caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência pelo Largo Marquês de Pombal.



Figura 189. Fotografia da intervenção no Alçado norte do Colégio das Artes por Bordalo II. Foto por Carina Pacheco.



Figura 190. Fotografia da entrada ao espaço entre os Col. De S. Jerónimo e das Artes pelo Largo D. Dinis.

189). Ainda não é possível analisar qual o impacto dessa obra no uso do espaço, mas a aceitação e inclusão de obras artísticas num espaço constituído maioritariamente por uma arquitetura ditatorial, pode contribuir para uma maior reflexão e vivência.

No Largo da Feira, identifica-se o uso de permanência noturna por um homem, porém nas três rotas marcadas, sendo uma delas por uma mulher, demonstram o propósito apenas de passagem. Esse espaço está marcado pela sua falta de movimento, e descrito por uma participante que "nem de dia é usado", sendo composto por apenas duas entradas/saídas, impedindo rotas alternativas.

Já o Largo D. Dinis, comprava-se seu uso para passagem, como identificado nas observações de reconhecimento (Figura 191 e Apêndice XXVI), sendo que a maioria das rotas que passam por esse espaço, provêm da rua dos Arcos. Uma participante associa a insegurança sentida nesse espaço à realização de praxes⁹¹, identificando como um espaço socialmente conflituoso. Se verifica também a falta de movimento nessa zona durante a noite.

O acesso ao espaço entre os Colégios das Artes e de São Jerónimo a partir do Largo D. Dinis é indicado como a rota mais utilizada. É marcado por um elevado conflito entre automóveis e pedestres (Figura 190), como citado por um participante: "andar aqui é um jogo de concentrar a abertura mais larga entre carros estacionados e, depois, de evitar ser atropelado. Tudo porque o passeio junto ao Colégio de S. Jerónimo é insuficiente", e afirmado por uma participante: "queria um melhor acesso ao Colégio das Artes". Como visto anteriormente⁹², essa zona não estava prevista para ser mantida no Plano Geral da Cidade Universitária de Coimbra de 1950 por Cristino da Silva, gerando conflitos na ligação com a estrutura global do Polo.

⁹¹ Ver figura 177.

⁹² Subcapítulo 3.4

Por último, o espaço entre o Departamento de Química e Física foi identificado como socialmente conflituoso por três pessoas. Junto com a falta de movimento durante a noite, contribui com a percepção de insegurança. Apenas um homem marcou o uso noturno desse lugar, porém nenhum participante opta por realizar sua rota passando por esse espaço.

Devido ao fato de a amostra ter poucos participantes, não é possível generalizar se existem locais em que as mulheres evitam passar, mas comprova-se o uso do Largo D. Dinis como um lugar de passagem e não de permanência. Também se verifica, em sua maioria, participantes que estudam no Colégio das Artes, podendo-se confirmar que a rota mais utilizada para seu acesso se dá pelo Largo D. Dinis (Figura 182 e Apêndice X).

Com o preenchimento da tabela com as atividades realizadas durante a semana, comprova-se o uso do Polo I apenas para atividades letivas, porém são propostos outros equipamentos, e são deixadas críticas ao espaço, sendo esses expostos abaixo separados pelo gênero das pessoas que os escreveram:

Gênero feminino: "Mercados/vendinhas no Polo I"; "no Polo I não possui mercados/farmácias muito próximas, principais faltas nesse espaço"; "os espaços do Polo I, no geral, perdem atividade durante a noite"; "as ruas são estreitas e não dão visibilidade, que é necessária para se sentir segura. Também são escuras demais durante a noite"; "sinto falta de serviços básicos próximos ao Polo I, como supermercados e farmácia"; "gosto dos espaços que têm elementos naturais. Pena é ter de passar pelo estacionamento cheio de carros, que ocupa aquela área toda e fica sem ninguém à noite porque é apenas um espaço de passagem"; "o espaço que uso a noite é apenas o percurso de volta para casa. Os arcos têm luzes na parte da frente, mas não iluminam muito porque são apenas para mostrar os arcos e até encadeiam porque estão no chão, batem nos olhos ao passar muito perto, mesmo não iluminando bem a envolvente"; "zonas de estacionamento geralmente perdem toda a atividade ao final do dia até a manhã seguinte, no entanto elas são sempre desagradáveis e a noite podem ser inseguras"; "[Espaços conflituosos] não tenho conhecimento de um local específico. Pode acontecer em qualquer lado";

"multibanco no darq [Departamento de Arquitetura]"; "deveria ter mais espaços exteriores para estudo e trabalhar".

Gênero masculino: "Seria conveniente um mercado, padaria, etc, no Polo I. Apenas um de cada não é o suficiente, variedade também é importante"; "o espaço público não é bem povoado, não me sinto confortável a caminho porque o automóvel tem prioridade dentro da rua, e no verão o sol é agressivo e nem sempre é possível resguardar-me"; "agora é um estacionamento, um espaço seco"; "Universidade sem vida, é um espaço monofuncional"; "necessidade de mercados grandes, ginásio, residência universitária para estudantes internacionais no Polo I, lavanderia, multibancos, centro cívico para a população, bancos e mais espaços verdes (Dom Dinis, Paço das Escolas)"; "espaços abertos aos alunos a qualquer hora e dia, para trabalhar individualmente ou em grupo, tanto para trabalhos da faculdade como desenvolvimento de projetos pessoais"; "equipamentos de espaço público, que permita promover uma vivência no Polo I mais agradável, tais como, melhor iluminação em determinadas zonas, manutenção e aumento de equipamentos de permanência (bancos, jardins, etc)"

Concluindo, são propostos os seguintes programas, alterações e equipamentos urbanos: mercados, padarias, farmácias, ginásio, residência universitária para estudantes internacionais, lavanderia, multibancos e centro cívico; diminuição do acesso e estacionamento de automóveis nos espaços públicos, adição de elementos naturais, espaços exteriores para trabalhar, espaços abertos 24 horas para estudo e desenvolvimento de projetos pessoais; mais iluminação, manutenção e equipamentos de permanência, como bancos, jardins, árvores, sombras etc. Isso permitiria um uso mais plural e durante mais tempo, evitando a monofuncionalidade e a sua ocupação maioritariamente de dia.



Figura 192. Fotografia das plantas de (in)segurança expostas, durante a conversa em grupo, sobre o mobiliário desenvolvido para a dissertação *Space Invaders*.



Figura 193. Fotografia das pessoas participantes preenchendo os mapas coletivos.



Figuras 194 e 195. Fotografia das pessoas do gênero feminino e não binário durante o preenchimento do mapa coletivo do Polo I.



Figura 196. Fotografia das pessoas do gênero masculino durante o preenchimento do mapa coletivo do Polo I.



Figura 197. Fotografia da organização das mesas para colocação dos mapas a serem preenchidos. Foto por Gonçalo Queirós.

CONVERSA EM GRUPO

Como forma de comprovar e detalhar as conclusões obtidas com os procedimentos anteriores, o último método qualitativo utilizado é a conversa em grupo, através do uso de um questionário de apoio para o preenchimento de mapas coletivos.

Portanto, a conversa se deu no claustro do Colégio das Artes, sendo expostas as plantas de (in)segurança, realizadas a partir das informações obtidas com as caminhadas, para ajudar na explicação da pesquisa (Figura 192), e a colocação dos mapas dos Polos Universitários em mesas separadas por gênero (Figuras 193 a 197), contando com a entrega dos questionários para todas as pessoas que se voluntariaram. No total, trinta e uma pessoas participaram, sendo quatorze do gênero feminino, duas do gênero não binário, e quinze do gênero masculino. Devido ao elevado número de participantes do Polo I, não foi possível obter respostas no questionário sobre o Polo II e III, implicando também a baixa interação com o mapa dessas duas zonas. A seguir, mostram-se os resultados obtidos através do questionário:

QUESTIONÁRIO

Com o preenchimento dos questionários, com alguns exemplos expressos nas figuras 198 a 201, foi possível obter respostas quantitativas (Apêndice XI) e qualitativas relativas ao uso do Polo I, sendo as mais significantes:

Quando realizada alguma intervenção ou evento de grande impacto no bairro ou cidade (por exemplo o cortejo das festas estudantis), executou-se uma consulta prévia com a comunidade? – Treze pessoas do gênero feminino e não binário afirmam que não, enquanto cinco pessoas do gênero masculino dizem que não, e oito pessoas não comentaram (três do gênero feminino e não binário, e cinco do gênero masculino). Com essa pergunta, propõe-se verificar se existe participação da comunidade estudantil na tomada de decisões que causem impacto na cidade, mostrando a diferença entre os gêneros. Não é possível concluir

QUESTIONÁRIO	SIM	NÃO
Já participou ou tem conhecimento da realização de atividades participativas com a comunidade local e estudantil?		X
Quando realizada alguma intervenção ou evento de grande impacto no bairro ou cidade (por exemplo o cortejo das festas estudantis), executou-se uma consulta prévia com a comunidade?		X
A Universidade promove ajudas especiais, como moradias acessíveis, para grupos em risco de exclusão (mulheres sozinhas, famílias monomarentais/monoparentais, idosos, migrantes, pessoas com mobilidade diferenciada etc.)?		X
As residências estudantis são suficientes para atender a procura? As que existem são próximas ao polo?		X
Existem equipamentos e serviços de apoio próximos ao polo, como creches e escolas públicas, onde estudantes e funcioná(ri)as(ões) possam levar crianças de diferentes idades? O horário de funcionamento permite buscar a criança após o término das aulas?		X
São oferecidos serviços de transporte público que garanta a mobilidade de todas as pessoas mediante os horários, localização das paragens, número de linhas etc. permitindo o fácil acesso do polo a outros pontos da cidade?		X
Os espaços públicos e departamentos do polo são acessíveis?		X
Existem serviços essenciais, como mercados e farmácias, e equipamentos de uso cotidiano, como centros culturais ou sociais, próximos ao polo (até 10 minutos a pé)? Caso não, existe transporte público que facilite os percursos?	X	
Existem espaços que possam ser utilizados para estudo, trabalho em grupo ou workshops organizados por alunos, dentro e fora do horário letivo?	X	
Existem espaços que permitam conversar, ler ou descansar?	X	
Existem espaços que permitam e promovam o encontro e atividade de jovens?	X	
Existem espaços que promovam a comunicação e convívio de pessoas de diferentes idades e origens?	X	
Existem iniciativas que promovam o uso dos espaços do polo fora do horário letivo? Como por exemplo o uso dos pátios dos departamentos.		X
Os passeios/calçadas devem permitir a realização de diferentes atividades para além de ser um espaço de circulação e fluxos. Dito isso, é dada prioridade as pessoas que se movem a pé, com a possibilidade de se sentar, reunir, conversar ou conviver nas ruas do polo?	X	
As medidas dos passeios/calçadas são adequadas para a passagem de carrinho infantil, cadeira de rodas com acompanhante, carrinho de compras etc.?		X
Existem espaços intermédios de relação entre os departamentos e os espaços públicos que permitam o uso para diferentes atividades de forma segura, com boa iluminação e visibilidade?	X	

	SIM	NÃO
Existem banheiros públicos próximos aos espaços movimentados?		X
Existem bicicletários suficientes e em ambientes vigiados (vigilância informal)?	X	
Existem contentores de lixo orgânico e para reciclagem?		X
As rotas a pé são suficientemente iluminadas?		X
Existem mapas do polo claros e legíveis, com informações de onde ir em caso de emergência, contatos de emergência, localização de equipamentos?		X
Existem espaços no polo ou próximo, que promovam o convívio intergeracional e intercultural?		X
Existem espaços de convívio, onde se possa conversar, se exercitar, e espaços mais tranquilos para ler, estudar, meditar?		X
Os espaços estão equipados com bancos (a cada 200 metros), sombras e iluminação suficientes?		X
Existem espaços abandonados ou não mantidos que poderiam ser utilizados por pessoas que frequentam e as que não frequentam o polo?		X
São utilizados espaços do polo, sejam esquinas, calçada das entradas aos departamentos ou espaços abandonados como espaços de convívio?	X	
Existem representações ou recordações da história do polo e da cidade que façam referência a toda a comunidade sem discriminações?		X
As mulheres e outras minorias sociais são visibilizadas no espaço público pelos seus contributos a sociedade da mesma forma que os homens? Por exemplo em nomes de praças, parques, ruas, jardins, placas explicando seus contributos para a sociedade, esculturas não sexualizadas etc.		X
É possível se locomover em segurança no polo em questão?	X	
Quais outros equipamentos você gostaria que tivesse no polo?		
Para você, qual o melhor lugar do polo I, II e/ou III?		
Para você, qual o pior lugar do polo I, II e/ou III?		
Que sugestão daria para criar uma maior interação entre estudantes e a população local?		
O que significa a insegurança para você?		

Figura 198. Fotografia do preenchimento do questionário por uma participante do gênero feminino.

QUESTIONÁRIO	SIM	NÃO
Já participou ou tem conhecimento da realização de atividades participativas com a comunidade local e estudantil?	✓	
Quando realizada alguma intervenção ou evento de grande impacto no bairro ou cidade (por exemplo o cortejo das festas estudantis), executou-se uma consulta prévia com a comunidade?		?
A Universidade promove ajudas especiais, como moradias acessíveis, para grupos em risco de exclusão (mulheres sozinhas, famílias monomarentais/monoparentais, idosos, migrantes, pessoas com mobilidade diferenciada etc.)?		X
As residências estudantis são suficientes para atender a procura? As que existem são próximas ao polo?		X
Existem equipamentos e serviços de apoio próximos ao polo, como creches e escolas públicas, onde estudantes e funcioná(ri)as(ões) possam levar crianças de diferentes idades? O horário de funcionamento permite buscar a criança após o término das aulas?		X
São oferecidos serviços de transporte público que garanta a mobilidade de todas as pessoas mediante os horários, localização das paragens, número de linhas etc. permitindo o fácil acesso do polo a outros pontos da cidade?	✓	
Os espaços públicos e departamentos do polo são acessíveis?		X
Existem serviços essenciais, como mercados e farmácias, e equipamentos de uso cotidiano, como centros culturais ou sociais, próximos ao polo (até 10 minutos a pé)? Caso não, existe transporte público que facilite os percursos?	X	
Existem espaços que possam ser utilizados para estudo, trabalho em grupo ou workshops organizados por alunos, dentro e fora do horário letivo?	X	
Existem espaços que permitam conversar, ler ou descansar?	X	
Existem espaços que permitam e promovam o encontro e atividade de jovens?	✓	
Existem espaços que promovam a comunicação e convívio de pessoas de diferentes idades e origens?		X
Existem iniciativas que promovam o uso dos espaços do polo fora do horário letivo? Como por exemplo o uso dos pátios dos departamentos.		X
Os passeios/calçadas devem permitir a realização de diferentes atividades para além de ser um espaço de circulação e fluxos. Dito isso, é dada prioridade as pessoas que se movem a pé, com a possibilidade de se sentar, reunir, conversar ou conviver nas ruas do polo?		X
As medidas dos passeios/calçadas são adequadas para a passagem de carrinho infantil, cadeira de rodas com acompanhante, carrinho de compras etc.?		X
Existem espaços intermédios de relação entre os departamentos e os espaços públicos que permitam o uso para diferentes atividades de forma segura, com boa iluminação e visibilidade?		X

	SIM	NÃO
Existem banheiros públicos próximos aos espaços movimentados?		X
Existem bicicletários suficientes e em ambientes vigiados (vigilância informal)?		X
Existem contentores de lixo orgânico e para reciclagem?	X	
As rotas a pé são suficientemente iluminadas?		X
Existem mapas do polo claros e legíveis, com informações de onde ir em caso de emergência, contatos de emergência, localização de equipamentos?		X
Existem espaços no polo ou próximo, que promovam o convívio intergeracional e intercultural?		X
Existem espaços de convívio, onde se possa conversar, se exercitar, e espaços mais tranquilos para ler, estudar, meditar?		X
Os espaços estão equipados com bancos (a cada 200 metros), sombras e iluminação suficientes?		X
Existem espaços abandonados ou não mantidos que poderiam ser utilizados por pessoas que frequentam e as que não frequentam o polo?	✓	
São utilizados espaços do polo, sejam esquinas, calçada das entradas aos departamentos ou espaços abandonados como espaços de convívio?	✓	
Existem representações ou recordações da história do polo e da cidade que façam referência a toda a comunidade sem discriminações?		X
As mulheres e outras minorias sociais são visibilizadas no espaço público pelos seus contributos a sociedade da mesma forma que os homens? Por exemplo em nomes de praças, parques, ruas, jardins, placas explicando seus contributos para a sociedade, esculturas não sexualizadas etc.		X
É possível se locomover em segurança no polo em questão?		X
Quais outros equipamentos você gostaria que tivesse no polo?		
Para você, qual o melhor lugar do polo I, II e/ou III?		
Para você, qual o pior lugar do polo I, II e/ou III?		
Que sugestão daria para criar uma maior interação entre estudantes e a população local?		
O que significa a insegurança para você?		

Figura 199. Fotografia do preenchimento do questionário por um participante do gênero masculino.

mas visto que, historicamente as mulheres são excluídas das decisões políticas que afetam a apropriação do espaço urbano, pode ser que implique que quase nenhuma pessoa do gênero feminino e não binário tenha participado de uma consulta prévia.

As residências estudantis são suficientes para atender a procura? As que existem são próximas ao Polo? – Nessa questão verifica-se a falta de residências estudantis pela resposta de onze pessoas do gênero feminino e não binário e onze do gênero masculino que afirmam não existir. A proposta colocada na ficha individual, vista anteriormente, de existir uma residência universitária no Polo I, confirma-se com essa pergunta.

Os espaços públicos e departamentos do Polo são acessíveis? – Quatro pessoas do gênero feminino afirmaram que sim, doze afirmaram que não, enquanto nove pessoas do gênero masculino afirmaram que sim e seis que não. Essa diferença nas respostas entre os gêneros mostra a visão que as mulheres têm do espaço urbano, preocupando-se com a necessidade de existirem mais espaços acessíveis para pessoas com deficiência, mas também para a passagem de carrinhos infantis.

Existem iniciativas que promovam o uso dos espaços do Polo fora do horário letivo, como por exemplo o uso dos pátios dos departamentos? – Quatorze pessoas do gênero feminino e não binário afirmaram que não, e de forma igual, doze pessoas do gênero masculino. Comprovada a falta de uso do Polo para além do horário letivo, a criação de atividades nesse espaço pode contribuir para uma maior vivência e menor monofuncionalidade, e conseqüentemente uma maior percepção de segurança.

QUESTIONÁRIO	SIM	NÃO
Já participou ou tem conhecimento da realização de atividades participativas com a comunidade local e estudantil?	X	
Quando realizada alguma intervenção ou evento de grande impacto no bairro ou cidade (por exemplo o cortejo das festas estudantis), executou-se uma consulta prévia com a comunidade?		X
A Universidade promove ajudas especiais, como moradias acessíveis, para grupos em risco de exclusão (mulheres sozinhas, famílias monomarentais/monoparentais, idosos, imigrantes, pessoas com mobilidade diferenciada etc.)?		
As residências estudantis são suficientes para atender a procura? As que existem são próximas ao polo?		X
Existem equipamentos e serviços de apoio próximos ao polo, como creches e escolas públicas, onde estudantes e funcionárias(os) possam levar crianças de diferentes idades? O horário de funcionamento permite buscar a criança após o término das aulas?		
São oferecidos serviços de transporte público que garanta a mobilidade de todas as pessoas mediante os horários, localização das paragens, número de linhas etc. permitindo o fácil acesso do polo a outros pontos da cidade?		
Os espaços públicos e departamentos do polo são acessíveis?		X
Existem serviços essenciais, como mercados e farmácias, e equipamentos de uso cotidiano, como centros culturais ou sociais, próximos ao polo (até 10 minutos a pé)? Caso não, existe transporte público que facilite os percursos?	X	
Existem espaços que possam ser utilizados para estudo, trabalho em grupo ou workshops organizados por alunos, dentro e fora do horário letivo?	X	
Existem espaços que permitam conversar, ler ou descansar?	X <i>poucos</i>	
Existem espaços que permitam e promovam o encontro e atividade de jovens?	X	
Existem espaços que promovam a comunicação e convívio de pessoas de diferentes idades e origens?	X <i>poucos</i>	
Existem iniciativas que promovam o uso dos espaços do polo fora do horário letivo? Como por exemplo o uso dos pátios dos departamentos.	X	
Os passeios/calçadas devem permitir a realização de diferentes atividades para além de ser um espaço de circulação e fluxos. Dito isso, é dada prioridade as pessoas que se movem a pé, com a possibilidade de se sentar, reunir, conversar ou conviver nas ruas do polo?	X	X
As medidas dos passeios/calçadas são adequadas para a passagem de carrinho infantil, cadeira de rodas com acompanhante, carrinho de compras etc.?		X
Existem espaços intermédios de relação entre os departamentos e os espaços públicos que permitam o uso para diferentes atividades de forma segura, com boa iluminação e visibilidade?		X

	SIM	NÃO
Existem banheiros públicos próximos aos espaços movimentados?	X	
Existem bicicletários suficientes e em ambientes vigiados (vigilância informal)?		X
Existem contentores de lixo orgânico e para reciclagem?		X
As rotas a pé são suficientemente iluminadas?		X
Existem mapas do polo claros e legíveis, com informações de onde ir em caso de emergência, contatos de emergência, localização de equipamentos?		X
Existem espaços no polo ou próximo, que promovam o convívio intergeracional e intercultural?		X
Existem espaços de convívio, onde se possa conversar, se exercitar, e espaços mais tranquilos para ler, estudar, meditar?		X
Os espaços estão equipados com bancos (a cada 200 metros), sombras e iluminação suficientes?		X
Existem espaços abandonados ou não mantidos que poderiam ser utilizados por pessoas que frequentam e as que não frequentam o polo?	X	
São utilizados espaços do polo, sejam esquinas, calçada das entradas aos departamentos ou espaços abandonados como espaços de convívio?		X
Existem representações ou recordações da história do polo e da cidade que façam referência a toda a comunidade sem discriminações?		X
As mulheres e outras minorias sociais são visibilizadas no espaço público pelos seus contributos a sociedade da mesma forma que os homens? Por exemplo em nomes de praças, parques, ruas, jardins, placas explicando seus contributos para a sociedade, esculturas não sexualizadas etc.		X
É possível se locomover em segurança no polo em questão?	X	
Quais outros equipamentos você gostaria que tivesse no polo? <i>Mais espaços verde de usufruto</i>		
Para você, qual o melhor lugar do polo I, II e/ou III? <i>Clareira</i>		
Para você, qual o pior lugar do polo I, II e/ou III? <i>Vizinhos à noite</i>		
Que sugestão daria para criar uma maior interação entre estudantes e a população local? <i>Hortes comunitárias</i>		
O que significa a insegurança para você? <i>Pouca de liberdade Falta de grupos de homens ou homem em zonas pouco movimentadas ou com competidores.</i>		

Figura 200. Fotografia do preenchimento do questionário por uma participante do gênero feminino.

QUESTIONÁRIO	SIM	NÃO
Já participou ou tem conhecimento da realização de atividades participativas com a comunidade local e estudantil?		X
Quando realizada alguma intervenção ou evento de grande impacto no bairro ou cidade (por exemplo o cortejo das festas estudantis), executou-se uma consulta prévia com a comunidade?		X
A Universidade promove ajudas especiais, como moradias acessíveis, para grupos em risco de exclusão (mulheres sozinhas, famílias monomarentais/monoparentais, idosos, imigrantes, pessoas com mobilidade diferenciada etc.)?		
As residências estudantis são suficientes para atender a procura? As que existem são próximas ao polo?	X	
Existem equipamentos e serviços de apoio próximos ao polo, como creches e escolas públicas, onde estudantes e funcionárias(os) possam levar crianças de diferentes idades? O horário de funcionamento permite buscar a criança após o término das aulas?		
São oferecidos serviços de transporte público que garanta a mobilidade de todas as pessoas mediante os horários, localização das paragens, número de linhas etc. permitindo o fácil acesso do polo a outros pontos da cidade?	X	
Os espaços públicos e departamentos do polo são acessíveis?	X	X
Existem serviços essenciais, como mercados e farmácias, e equipamentos de uso cotidiano, como centros culturais ou sociais, próximos ao polo (até 10 minutos a pé)? Caso não, existe transporte público que facilite os percursos?	X	
Existem espaços que possam ser utilizados para estudo, trabalho em grupo ou workshops organizados por alunos, dentro e fora do horário letivo?		X
Existem espaços que permitam conversar, ler ou descansar?	X	
Existem espaços que permitam e promovam o encontro e atividade de jovens?		X
Existem espaços que promovam a comunicação e convívio de pessoas de diferentes idades e origens?		X
Existem iniciativas que promovam o uso dos espaços do polo fora do horário letivo? Como por exemplo o uso dos pátios dos departamentos.		X
Os passeios/calçadas devem permitir a realização de diferentes atividades para além de ser um espaço de circulação e fluxos. Dito isso, é dada prioridade as pessoas que se movem a pé, com a possibilidade de se sentar, reunir, conversar ou conviver nas ruas do polo?	X	X
As medidas dos passeios/calçadas são adequadas para a passagem de carrinho infantil, cadeira de rodas com acompanhante, carrinho de compras etc.?		X
Existem espaços intermédios de relação entre os departamentos e os espaços públicos que permitam o uso para diferentes atividades de forma segura, com boa iluminação e visibilidade?		X

	SIM	NÃO
Existem banheiros públicos próximos aos espaços movimentados?		X
Existem bicicletários suficientes e em ambientes vigiados (vigilância informal)?	X	
Existem contentores de lixo orgânico e para reciclagem?		X
As rotas a pé são suficientemente iluminadas?	X	
Existem mapas do polo claros e legíveis, com informações de onde ir em caso de emergência, contatos de emergência, localização de equipamentos?		X
Existem espaços no polo ou próximo, que promovam o convívio intergeracional e intercultural?		X
Existem espaços de convívio, onde se possa conversar, se exercitar, e espaços mais tranquilos para ler, estudar, meditar?	X	
Os espaços estão equipados com bancos (a cada 200 metros), sombras e iluminação suficientes?		X
Existem espaços abandonados ou não mantidos que poderiam ser utilizados por pessoas que frequentam e as que não frequentam o polo?	X	
São utilizados espaços do polo, sejam esquinas, calçada das entradas aos departamentos ou espaços abandonados como espaços de convívio?	X	
Existem representações ou recordações da história do polo e da cidade que façam referência a toda a comunidade sem discriminações?		X
As mulheres e outras minorias sociais são visibilizadas no espaço público pelos seus contributos a sociedade da mesma forma que os homens? Por exemplo em nomes de praças, parques, ruas, jardins, placas explicando seus contributos para a sociedade, esculturas não sexualizadas etc.		X
É possível se locomover em segurança no polo em questão?	X	
Quais outros equipamentos você gostaria que tivesse no polo? <i>Salas de estudo abertas</i>		
Para você, qual o melhor lugar do polo I, II e/ou III? <i>Área de estudo das químicas</i>		
Para você, qual o pior lugar do polo I, II e/ou III? <i>Corredor das químicas, interior departamento das Matemáticas</i>		
Que sugestão daria para criar uma maior interação entre estudantes e a população local? <i>Espacos multiculturais / Comers</i>		
O que significa a insegurança para você? <i>Espacos Sombrios, escuros, frios</i>		

Figura 201. Fotografia do preenchimento do questionário por um participante do gênero masculino.

Existem espaços intermédios de relação entre os departamentos e os espaços públicos que permitam o uso para diferentes atividades de forma segura, com boa iluminação e visibilidade? – Treze pessoas do gênero feminino e não binário afirmam que não, igualmente do gênero masculino. Com essa questão, verifica-se a falta de equipamentos no Polo que, apesar de ter espaços amplos, não propiciam a realização de atividades e usos variados.

As rotas a pé são suficientemente iluminadas? – Quatorze pessoas do gênero feminino e não binário marcaram que não, enquanto dez do gênero masculino afirmaram que não. Essa diferença é um reflexo da percepção de insegurança, que sendo maior nas mulheres, a falta de visibilidade aumenta essa sensação.

Existem mapas do Polo claros e legíveis, com informações de onde ir em caso de emergência, contatos de emergência, localização de equipamentos? – Apenas uma pessoa do gênero masculino afirmou que sim, enquanto todos os outros participantes marcaram que não. Essa situação contribui para a não denúncia de situações de assédio sexual, além da falta de informação direcional dos equipamentos, tornando mais difícil a locomoção no Polo por quem não o conhece.

Os espaços estão equipados com bancos (a cada 200 metros), sombras e iluminação suficientes? – Quinze pessoas do gênero feminino e não binário, e quatorze do gênero masculino afirmaram que não. A falta desse mobiliário urbano, como já verificado com a análise das “Características complementares do Polo I” (Apêndice II), implica a não permanência de pessoas nos espaços, além de dificultar o percurso de pessoas idosas, com mobilidade reduzida etc. por não existirem lugares de pausa.

Existem representações ou recordações da história do Polo e da cidade que façam referência a toda a comunidade sem discriminações? – Treze pessoas do gênero feminino e não binário, e onze do gênero masculino, afirmam que não. O não reconhecimento da história desse Polo, é marcado desde o Estado Novo com as demolições realizadas e a desvalorização e esquecimento da arquitetura local.

Talvez a criação de um espaço expositivo com fotografias da Alta antes de ser demolida, acompanhadas de testemunhos dos antigos moradores, enquanto ainda vivos, e o questionamento da ditadura de Salazar, possa ser importante para travar o esquecimento da história dessa zona e gerar reflexões entre os jovens universitários e as pessoas viveram essa época. Também se propõe a exposição de outros momentos históricos da Universidade e acontecimentos que marcaram Portugal, reconhecendo a participação e contribuições das mulheres para a sociedade.

As mulheres e outras minorias sociais são visibilizadas no espaço público pelos seus contributos à sociedade da mesma forma que os homens? Por exemplo em nomes de praças, parques, ruas, jardins, placas explicando seus contributos para a sociedade, esculturas não sexualizadas etc.? – Quatorze pessoas do gênero feminino e não binário, e treze do gênero masculino, responderam que não. A importância da representatividade das mulheres proporciona, entre outros fatores, a luta contra o machismo e o epistemicídio das contribuições delas para a sociedade, situação que se verifica, por exemplo, nos documentos do Processo SAAL em que se ocultam os nomes de muitas mulheres que participaram (Antunes, 2021)⁹³.

É possível se locomover em segurança no Polo em questão? – cinco pessoas do gênero feminino e não binário, e sete do gênero masculino afirmaram que sim, enquanto nove do gênero feminino e não binário, e oito do gênero masculino que não. Essa questão reflete a necessidade da pesquisa qualitativa, que apesar dos números estarem equilibrados, os motivos para a insegurança diferem.

Na pergunta realizada “o que significa a insegurança para você?” as repostas entre os diferentes gêneros foram distintas, sendo as das mulheres e pessoas não binárias marcadas pelo medo do assédio, de grupo de homens

⁹³ Tema da tese de doutorado da Arquiteta Lia Gil Antunes apresentado no V Congresso Internacional Arquitectura e Género. Para mais informações consultar: Antunes, L. G. (2021). *Uma leitura feminista do processo SAAL (1974-1976): Aproximações críticas iniciais*. V Congresso Internacional Arquitectura e Género. Acção! Feminismos e a Especialização Das Resistências. Livro De Resumos, 93.

enquanto sozinhas, de terem sua integridade física e moral afetadas. Enquanto os homens responderam que a insegurança significa um lugar frio e escuro, ou o medo de sofrer um assalto e ser agredido. Abaixo selecionam-se algumas respostas obtidas para essa questão, separadas por gênero:

Gênero feminino: “me sentir com medo de andar sozinha e ir a lugares com muitos homens e pouca iluminação e muito isolados”; “perda de liberdade, medo de grupos de homens ou homem em zonas pouco movimentadas ou mal movimentadas”; “sentir a necessidade de andar na rua olhando para trás, atenta aos sons, as pessoas, sem estar relaxada, andando em alerta”; “insegurança significa que quando preciso de andar a noite sozinha, andar sempre a olhar para trás, com canivete no bolso e sempre a falar ao telemóvel”; “ter medo de andar sozinha, ter medo de ser assediada em espaços públicos que não estão ativos seja pela falta de luz, seja por serem mal frequentados”.

Gênero não binário: “Insegurança significa não se sentir confortável para se expressar livremente em espaços públicos”.

Gênero masculino: “sentir medo ou desconforto”; “escuridão, desconforto”; “o sentimento de não estar confortável, de sentir que minha integridade física está em risco”; “insegurança significa não poder andar de forma livre e solta pela cidade, andar com a sensação de que a qualquer altura poderíamos ser assaltados”; “estar em risco de ser assaltado e/ou agredido, sem defesas”; “estar em constante perigo de ser atropelado ao circular a pé ou bicicleta”; “espaços sombrios, escuros, frios”.⁹⁴

Para além de compreender as diferentes experiências, logo, diferentes percepções de segurança por mulheres, pessoas não binárias e homens, o questionário conta com mais quatro perguntas como forma de gerar uma discussão conjunta e aprofundar as respostas. Com o objetivo de entender os problemas do espaço urbano, as possíveis soluções para favorecer o uso do Polo e diminuir a falta de movimento e interação com a população local, essas questões são expostas a

⁹⁴ As respostas podem ser verificadas no Apêndice XI.

seguir, acompanhadas das respostas dadas, comparando-as com as obtidas durante as caminhadas no Polo I:

Quais outros equipamentos você gostaria que tivesse no Polo? – Os equipamentos que coincidiram com os propostos nas caminhadas são: mercados, farmácias, mais espaços verdes (praças, jardins, árvores), espaços de permanência com bancos, áreas exteriores e salas interiores para estudo e projetos pessoais, espaços abertos 24 horas para estudo, e mais iluminação no espaço público. Acrescentam-se os outros equipamentos propostos apenas no questionário: creches, posto policial, espaços interiores e exteriores para convivência dos alunos dentro e fora do horário letivo (salas com sofás e área para descanso), ecopontos, ciclovias, sanitários públicos, mais opções de mobilidade (bicicletas de uso público e adição de horários e linhas de autocarro), serviço de bilheteria para abastecimento de cartões SMTUC⁹⁵, e mais opções de comércio.

Para você, qual é o melhor lugar do Polo I, II ou III? – Essa pergunta foi proposta com a intenção de perceber quais espaços são mais estimados pelas pessoas participantes do gênero feminino e não binário, e masculino, e analisar seus aspectos espaciais. Para realizar comparações, as respostas a seguir são separadas pelo gênero das pessoas que responderam:

Gênero feminino e não binário – Colégios das Artes (mencionando o claustro durante dias de sol) e de São Jerónimo; Faculdade de Letras; Paço das Escolas; Jardim da Associação Acadêmica de Coimbra; e o Largo D. Dinis. A esse último acrescenta-se o comentário da participante “por ser ampla e iluminada, embora careça de pontos de estadia”, o que confirma a falta de permanência nesse espaço.

Gênero masculino - Colégio das Artes (mencionando o claustro); espaço de transição e miradouro do Departamento de Química e Física; Largo D. Dinis; Largo da Feira; e Escadaria Monumental (especificamente à noite).

⁹⁵ SMTUC é acrônimo de Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra.

Com essas respostas especificadas de acordo com os gêneros das pessoas, observa-se que apenas dois espaços coincidem, o Colégio das Artes e o Largo D. Dinis. As pessoas do gênero feminino e não binário optam por espaços interiores, enquanto as pessoas do gênero masculino, por espaços exteriores, situação que reflete a falta de apropriação do espaço público por parte das mulheres e pessoas não binárias. Atenta-se que o espaço de transição e o miradouro do Departamento de Química e Física, e o Largo da Feira, foram percebidos como inseguros pela maioria das mulheres durante as caminhadas no Polo I, e mencionados como uns dos melhores espaços do Polo por alguns participantes homens.

Para você, qual o pior lugar do Polo I, II ou III? – Semelhante à questão anterior, essa é proposta para comparar os espaços mencionados com os percebidos como inseguros nas caminhadas, e verificar diferenças entre os gêneros dos participantes. A seguir mostram-se as respostas distinguidas pelos gêneros das pessoas:

Gênero feminino e não binário – Espaço de transição do Departamento de Química e Física; Caminho das Virgens; Escadaria Monumental; Rua Entre Muros à noite; acesso ao espaço entre os Colégios das Artes e de São Jerónimo; Rua Larga; e as traseiras dos edifícios acadêmicos.

Gênero masculino - Espaço de transição do Departamento de Química e Física; Caminho das Virgens; espaço entre a traseira do Colégio das Artes e a Faculdade de Psicologia; Largo D. Dinis; Estacionamento do Departamento de Matemática; Largo da Feira; e as traseiras dos edifícios acadêmicos.

Já nessa questão, as respostas coincidem em três lugares. No espaço de transição do Departamento de Química e Física, no Caminho das Virgens, e na generalidade as traseiras dos edifícios do Polo. Tais locais também são percebidos como inseguros durante as caminhadas em conjunto e nas fichas individuais.

Que sugestão daria para criar uma maior interação entre estudantes e a população local? – Com essa questão, pretendeu-se obter sugestões de programas e atividades que pudessem gerar mais movimento no Polo e torná-lo parte da vivência da cidade. Dentre as sugestões estão: transformar os espaços vazios em

áreas de convivência com a adição de bancos; exposição dos projetos acadêmicos para consulta da população; uso de atividades letivas para exercitar o aprendizado na prática enquanto se ajuda a população local; criação de atividades participativas dentro dos cursos universitários abertas ao público; eventos públicos bem divulgados que envolvam a população local; criação de espaços direcionados para os jovens e a população idosa; espaços verdes com programas sociais; centro cívico; hortas comunitárias; restrições ao estacionamento de automóveis; e mais acessos ao Polo.

As respostas obtidas com essa pergunta, refletem a vontade das pessoas participantes em integrar o ensino acadêmico na cidade, desde a criação de atividades como exposições de trabalhos, ao uso do conhecimento teórico na prática. Essa abordagem, junto com a manutenção do espaço para permitir a acessibilidade para pessoas com deficiência, a colocação de bancos em pontos estratégicos, e incentivo de novas atividades dentro e fora dos horários acadêmicos, podem permitir democratizar o acesso aos espaços do Polo e trazer mais vivência, alterando sua configuração monofuncional, criando urbanidade e consequentemente aumentando a percepção de segurança.



Figura 202. Fotografia do mapa coletivo do Polo I preenchido por pessoas do gênero feminino e não binário.



Figura 203. Fotografia do mapa coletivo do Polo I preenchido por pessoas do gênero masculino.

MAPAS COLETIVOS

Por último, na elaboração dos mapas coletivos do Polo I (Figuras 202 a 205; e Apêndice XII), não se observam grandes diferenças sobre os equipamentos em falta, mas sim sobre questões sociais, sendo essas:

Espaço inseguro e/ou desconfortável: quinze pessoas do gênero feminino e não binário assinalaram no mapa espaços inseguros, enquanto apenas sete do gênero masculino. O foco maior de insegurança por essas dezenove pessoas, se concentra na zona traseira dos Arcos, e no percurso do Caminho das Virgens até a traseira do Colégio das Artes.

Ocorrência de assédio sexual: duas pessoas do gênero feminino assinalaram no mapa já ter sofrido assédio sexual na Rua Entre Muros e na Rua Oliveira Matos, situação não comentada no mapa coletivo dos homens.

Em relação aos pontos que coincidem em ambos os mapas, observam-se:

Excesso e/ou prioridade automóveis: no Largo da Feira, e no espaço entre os Colégios das Artes e de São Jerónimo.

Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade: Caminho das Virgens, espaço entre o Colégio das Artes e a Faculdade de Psicologia, Largo Marquês de Pombal, Rua do Arco da Traição e Largo Doutor José Rodrigues.

Observa-se que a percepção de insegurança é maior entre mulheres e pessoas não binárias que nos homens, o que confirma e reflete como as opressões e assédios sexuais sofridos por mulheres afetam a apropriação e uso livre dos espaços. Através das sugestões dadas pelos participantes, é possível melhorar esses locais, gerando mais movimento e conseqüentemente uma maior vigilância informal, que contribui para a percepção de segurança.

A seguir é feita a análise dos outros dois Polos seguindo a mesma dinâmica apresentada do Polo I, para no capítulo 5 apresentar uma análise comparativa entre os três Polos.

COMENTÁRIOS NO MAPA COLETIVO DO POLO I POR PESSOAS DO GÊNERO FEMININO E NÃO BINÁRIO

Resultados coletados durante a conversa em grupo em 14/10

16 participantes sendo: 14 pessoas do gênero feminino; 2 pessoas do gênero não binário

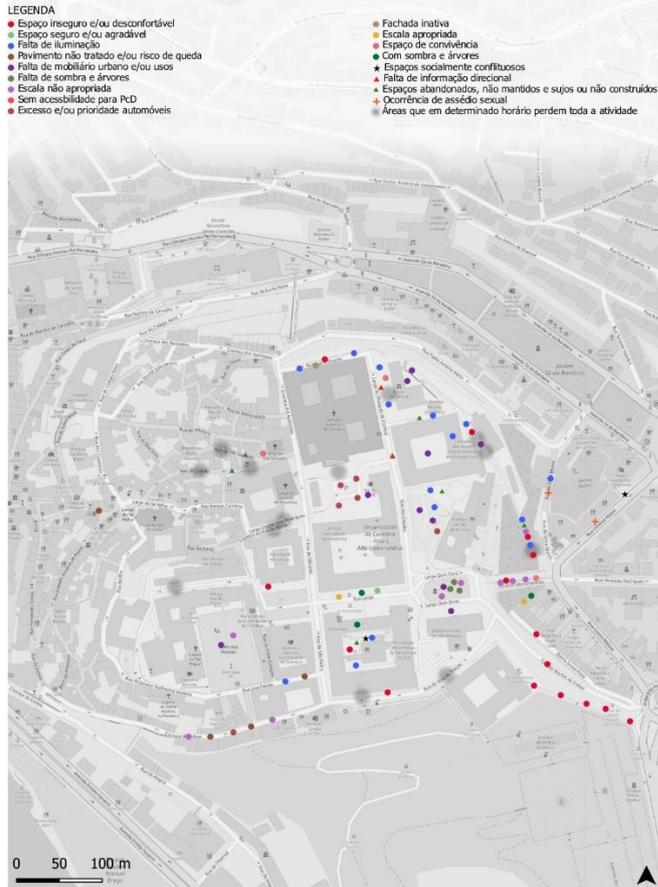


Figura 204. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo I por pessoas do gênero feminino e não binário.

COMENTÁRIOS NO MAPA COLETIVO DO POLO I POR PESSOAS DO GÊNERO MASCULINO

Resultados coletados durante a conversa em grupo em 14/10

15 participantes sendo: 15 pessoas do gênero masculino

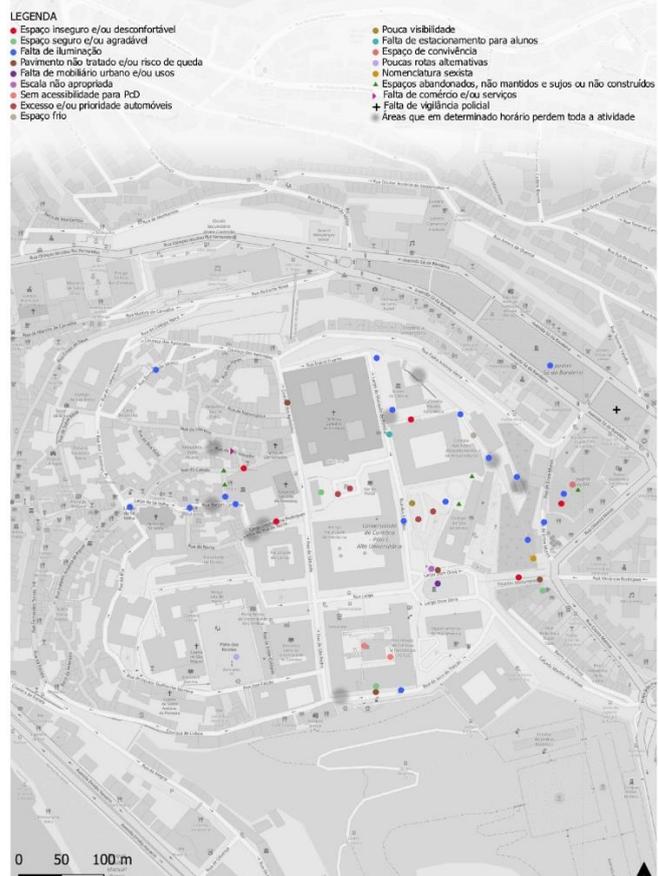


Figura 205. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo I por pessoas do gênero masculino.

CAMINHADAS EM CONJUNTO NO POLO II

A primeira caminhada em conjunto a ser efetuada no Polo II, deu-se no dia 5 de junho durante a noite, participando onze pessoas no total, sendo cinco do gênero feminino e seis do gênero masculino. A última caminhada nesse Polo foi no dia 28 de junho de dia, com a participação de cinco pessoas, sendo duas do gênero feminino, uma do gênero não binário, e duas do gênero masculino. No total dezesseis pessoas participaram das caminhadas em conjunto no Polo II, sendo nove do gênero feminino, uma do gênero não binário, e seis do gênero masculino. Ao fim dessa primeira atividade, distribuíram-se as fichas individuais da ferramenta do percurso individual, das quais quatro obtiveram resposta, contando com uma participante do gênero feminino, uma do gênero não binário e dois participantes do gênero masculino. Portanto, com o preenchimento das fichas em ambas as atividades, conta-se um total vinte e um participantes, dez do gênero feminino, um do gênero não binário, e nove do gênero masculino.

Diferente do Polo I, no mapa “Percepção de segurança por participantes no Polo II” (Figura 206; e Apêndice XIII) apenas uma zona se identifica como segura por mais de 50% dos participantes, sendo essa a plataforma de acesso ao Departamento de Informática, por 56% (cinco participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 60% (três participantes) do gênero masculino.

PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO II

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite

Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário

10 participantes sendo:
9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino

7 participantes sendo:
7 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 05/06 à noite e 28/06 de dia

17 participantes sendo: 9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 7 pessoas do gênero masculino

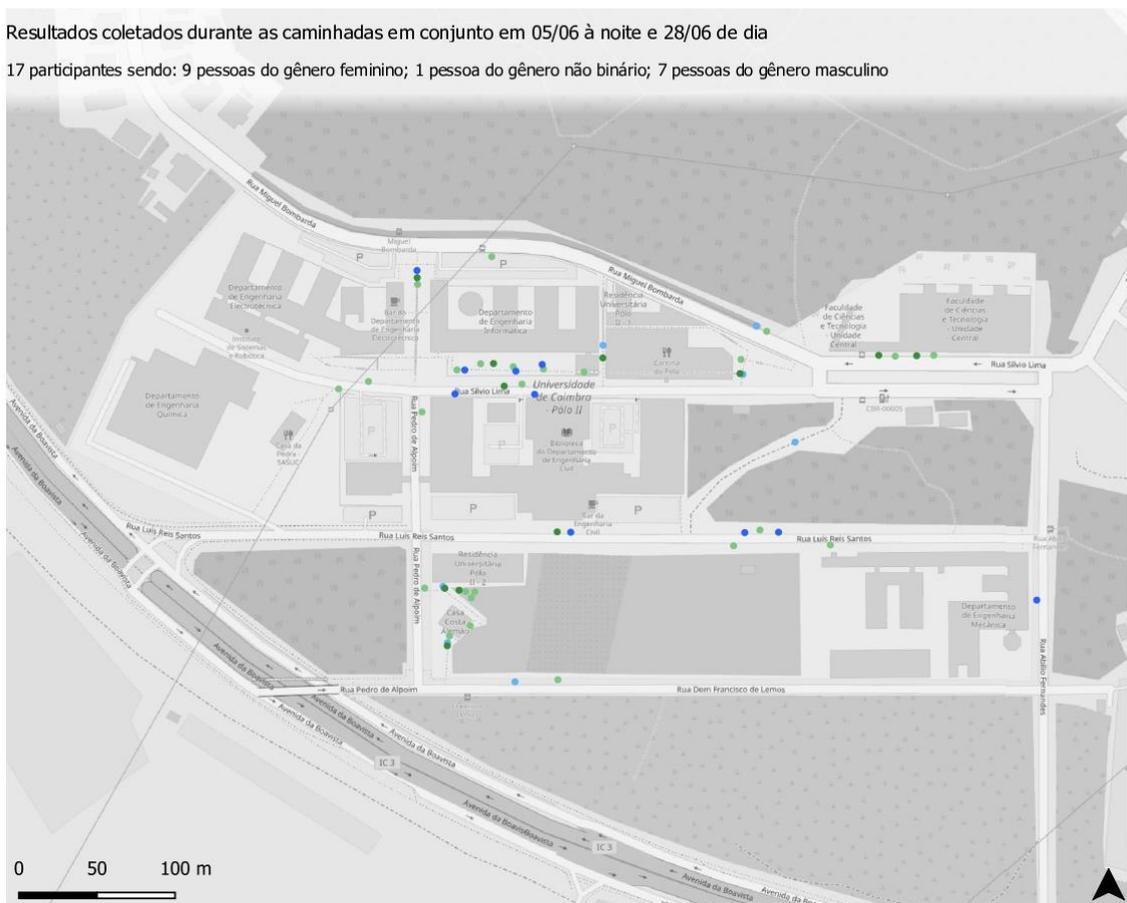


Figura 206. Planta de percepção de segurança no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

Portanto, a seguir são expressos apenas os espaços referenciados no mapa “Percepção de insegurança por participantes no Polo II” (Figura 207; e Apêndice XIV), dando prioridade aos que tiveram uma taxa de resposta igual ou superior a 48%.

O acesso por galeria sob o edifício do Departamento de Informática, identifica-se como insegura por 89% (oito participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 100% (três participantes) do gênero masculino.

A Rua Miguel Bombarda, identifica-se como insegura por 89% (oito participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 80% (quatro participantes) do gênero masculino.

A Escadaria entre os Departamentos de Engenharia Eletrotécnica e Informática, identifica-se como insegura por 78% (sete participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 75% (três participantes) do gênero masculino.

A cobertura da cantina universitária com acesso à Residência Universitária 1, identifica-se como insegura por 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (nove participantes), e do gênero masculino (seis participantes).

A Rua D. Francisco de Lemos, identifica-se como insegura por 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (dez participantes), e do gênero masculino (seis participantes).

A Rua Pedro de Alpoim, identifica-se como insegura por 80% (oito participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 100% (três participantes) do gênero masculino.

A Rua Sílvio Lima em frente ao Departamento de Engenharia Química, identifica-se como insegura por 80% (oito participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e por 100% (cinco participantes) do gênero masculino.

Nota-se um contraste na percepção de insegurança na Rua Luís Reis dos Santos, contando com 71% (cinco participantes) das pessoas do gênero feminino, e 33% (uma pessoa) do gênero masculino.

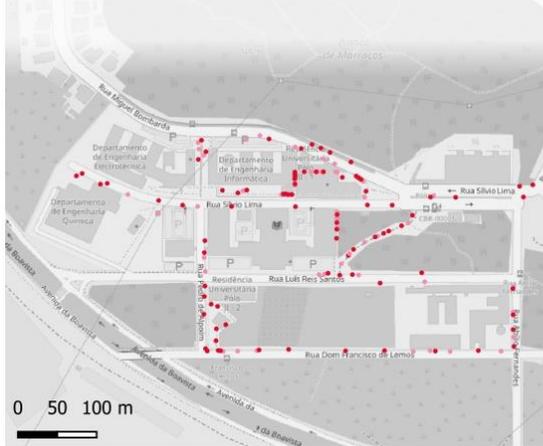
PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO II

LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite

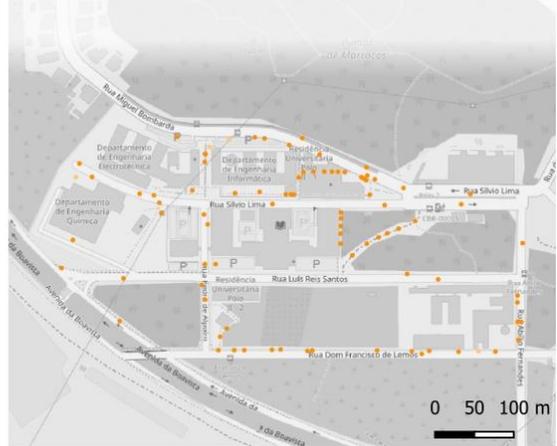
Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário

10 participantes sendo:
9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino

7 participantes sendo:
7 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 05/06 à noite e 28/06 de dia

17 participantes sendo: 9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 7 pessoas do gênero masculino



Figura 207. Planta de percepção de insegurança no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

Com o mapa de “Capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo II” (Figura 208; e Apêndice XV), identificam-se os seguintes equipamentos em falta, associados com a percepção de (in)segurança mostradas acima:

Plataforma de acesso ao Departamento de Informática (Figuras 209 e 210): falta de iluminação, por três pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por uma pessoa; falta de mobiliário urbano, por duas pessoas; falta de sombra e árvores, por duas pessoas; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por três pessoas.

Esse espaço, apesar da falta de equipamentos urbanos, é percebido como o único seguro do Polo II. Localizado na transição da cota inferior para o nível do conjunto dos edifícios, “verifica-se uma transferência da procurada urbanidade exterior para o interior dos volumes longitudinais, onde atravessamentos corporizam o imaginário de ruas, galerias, escadarias e átrios” (Coelho, 2015, p. 61). Sugere-se que a visibilidade, a largura da plataforma e a não monotonia gerada pelos diferentes níveis criados contribui para essa percepção.

Porém, observa-se que para aceder a essa plataforma sem utilizar as escadas, é preciso passar por uma galeria (Figuras 211 e 212), a qual foi indicada como insegura pela maioria dos participantes. A falta de movimento nesse espaço, de rotas alternativas e falta de visibilidade, pode favorecer interações indesejáveis entre pedestres.

CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO II

Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 05/06 à noite e 28/06 de dia, e nas fichas individuais

21 participantes sendo: 13 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 7 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contenedor de lixo
- Falta de faixa de pedestre
- Sem acessibilidade para PcD
- Indicado mas não especificado
- ▲ Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo



Figura 208. Planta de capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

Rua Miguel Bombarda: falta de iluminação, por cinco pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por uma pessoa; falta de mobiliário urbano, por três pessoas; falta de sombra e árvores, por duas pessoas; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por doze pessoas; e falta de informação direcional por nove pessoas. Essa rua encontra-se na cota mais elevada do Polo, marcando o limite entre o Polo e o Pinhal de Marrocos. Como visto anteriormente, o lado norte dessa rua possui uma calçada estreita com árvores ao meio, impedindo a passagem pedonal livre e criando obstáculos com a falta de manutenção do pavimento, aumentando o risco de queda. Já no lado sul, existe visibilidade para a Residência Universitária 1, que marca um eixo vertical visual (Figura 213), porém sem relação com a rua, sendo o acesso a esse edifício dado por uma escada estreita e não visível (Figura 214), como mencionado por uma participante "escadas da residência inseguras e abandonadas". Outra participante alerta que o "espaço é amplo em um dos lados, porém com pouca sombra, sem cuidado, sem mobiliário urbano para pedestre. Visto que é ao lado de uma residência universitária, teria que ser considerado maior cuidado com o espaço". Relativamente a parte da rua na traseira do Departamento de Informática, identifica-se o uso do espaço para estacionamento, com um obstáculo físico marcado por um muro baixo (Figura 215), tornando a passagem para pedestre estreita, citando um dos participantes "o espaço de estacionamento não é agradável, o que é um contraste com o outro lado da rua que é tão arborizado" (Figura 216).

Escadaria entre os Departamentos de Engenharia Eletrotécnica e Informática (Figura 217): falta de iluminação, por quatro pessoas; falta de mobiliário urbano por duas pessoas; falta de sombra e árvores por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por seis pessoas; e a identificação como o espaço mais representativo do Polo por quatro pessoas. Como mencionado⁹⁶, essa Escadaria faz referência a Escadaria Monumental do Polo I, transmitindo sua monumentalidade, e cercado por dois edifícios, aspectos que transmitem as seguintes sensações descritas por participantes: "a escada do

⁹⁶ Subcapítulo 3.4.



Figura 209 e 210. Fotografia da plataforma de acesso ao Dep. de Informática, durante a caminhada em conjunto.



Figuras 211 e 212. Fotografias da galeria de acesso à plataforma, durante a caminhada em conjunto.



Figura 213. Fotografia da Rua Miguel Bombarda com vista para a Residência Universitária 1, durante a caminhada em conjunto.

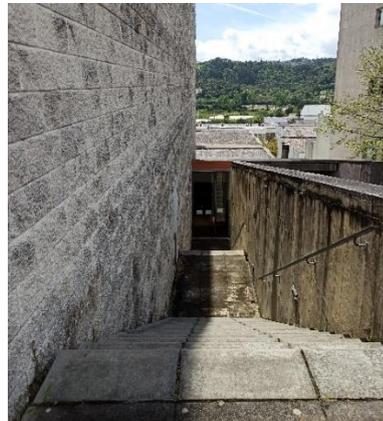


Figura 214. Fotografia das escadas de acesso à Residência Universitária 1 a partir da Rua Miguel Bombarda.

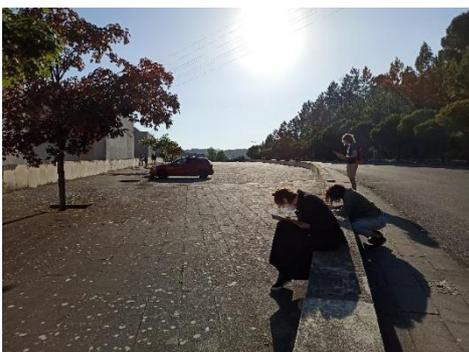


Figura 215. Fotografia do muro separando o estacionamento e a calçada da Rua Miguel Bombarda, durante a caminhada em conjunto.

Figura 216. Fotografia da traseira do Departamento de Informática e vista para sul, a partir da Rua Miguel Bombarda, durante a caminhada em conjunto.

edifício é tão grande que se torna desconfortável"; "vista deslumbrante, porém paredes altas são intimidadoras" (Figuras 218 e 219). Apesar da vista para sul, o principal ponto visual a partir desses edifícios, o espaço amplo em forma de arquibancada, não é acessível para pessoas com deficiência, e fora do horário letivo não tem movimento. Junto com o tipo de material utilizado para o piso, a falta de manutenção das pedras soltas (Figura 220) gera risco de queda, como mencionado por uma participante, "sem alunos, parece abandonado; e as pedras de pavimento estão soltas".

Cobertura da Cantina Universitária com acesso à Residência Universitária 1: iluminação, por duas pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda por uma pessoa; e espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído por dezenove pessoas. Esse espaço permite o acesso secundário à Residência junto às janelas dos quartos térreos (Figuras 221 e 222), porém nenhum participante da caminhada tinha conhecimento dessa rota acedida por escadas (Figuras 223 e 224). Verifica-se a falta de manutenção do pavimento e a falta de qualquer tipo de mobiliário urbano, aparentando ser um espaço sobrando na concepção do projeto.

Rua D. Francisco de Lemos: falta de iluminação, por quatro pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por dez pessoas; falta de mobiliário urbano, por uma pessoa; escala não apropriada, por uma pessoa; falta de faixa de pedestre, por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por vinte e uma pessoas; falta de informação direcional, por quatro pessoas. Essa rua, em semelhança com a Rua Miguel Bombarda, marca o limite entre o Polo e um espaço verde sem tratamento, configurada a norte por edifícios com alçados inativos, e a sul por um espaço aparentemente abandonado (Figura 225). Como referido por um participante, "a rua só possui estrutura em um lado, e o edifício é hostil, me parece um muro" (Figura 226). Além do aspecto físico dos edifícios fechados ao seu interior, o pavimento da calçada está falho e a localização das árvores em seu meio, contribui para o risco de queda, que junto com a falta de iluminação e movimento, gera uma percepção maior de insegurança, refletindo o comentário de alguns participantes: "calçada e altura das árvores péssimas"; "falta



Figura 217. Fotografia do conjunto dos edifícios dos Departamentos de Eletrotécnica e Informática com a Escadaria ao centro, vista a partir da Rua Pedro de Alpoim.



Figura 218. Fotografia da Escadaria a partir da Rua Miguel Bombarda.



Figura 219. Fotografia dos acessos aos Departamentos sob a Escadaria.



Figura 220. Fotografia da pedra solta usada no pavimento, durante a caminhada



Figuras 221 e 222. Fotografias da cobertura da Cantina e acesso à Residência, durante a caminhada em conjunto.



Figuras 223 e 224. Fotografias das escadas de acesso à cobertura, durante a caminhada em conjunto.

luz; falta calçada de um lado, e o lado que tem é ruim, estreita com árvores que deformam as pedras"; "calçada irregular, faixa de pedestre apagada, falta sinalização"; "rua sem iluminação; totalmente deserta"; "alto muro (edificado) de um lado e do outro mato, o que dá a sensação de insegurança".

Rua Pedro de Alpoim: falta de iluminação, por duas pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por duas pessoas; e espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por quatro pessoas. Essa rua configura-se por sua vista a norte para a escadaria entre os departamentos de Engenharia Eletrotécnica e Informática (Figura 229), e a sul para a Avenida da Boavista (Figura 227). A extensão do seu eixo direcionado para a arquibancada formada pela escadaria, contribui para a realização de corridas ilegais de carros, situação verificada durante a caminhada em conjunto e com o preenchimento das fichas individuais. O acesso a residência universitária 2 (Figura 228) realiza-se por essa rua, e sua entrada com pouca visibilidade numa rua com conflitos sociais, favorece a invasão desse edifício e furto de equipamentos dos moradores, situação mencionada durante a caminhada em conjunto.

Rua Sílvio Lima em frente ao Departamento de Engenharia Química: falta de iluminação, por três pessoas; falta de mobiliário urbano, por três pessoas; falta de sombra e árvores, por uma pessoa; escala não apropriada, por uma pessoa; e espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por oito pessoas. Essa rua que a oeste faz o acesso ao Departamento de Engenharia Química, não tem continuidade e termina em uma zona com vegetação não tratada, obstruindo a visibilidade (Figura 230). A existência de uma torre de transmissão de energia (Figura 231), é um fator de risco para a saúde e contribui também para a percepção de insegurança nesse espaço. Um dos participantes comenta: "torre de alta tensão perigo; beco estranho (possivelmente venda de entorpecentes)".



Figura 225. Fotografia da Rua D. Francisco de Lemos com vista para o lado sul da rua.



Figura 226. Fotografia da Rua D. Francisco de Lemos com vista para o Departamento de Engenharia Mecânica, durante a caminhada em conjunto.



Figura 227. Fotografia da Avenida da Boavista a partir da Rua Pedro de Alpoim.



Figura 228. Fotografia da entrada para a Residência Universitária 2 a partir da Rua Pedro de Alpoim, durante a caminhada em conjunto.



Figura 229. Fotografia com vista para o Departamento de Engenharia Eletrotécnica e para a entrada para o Departamento de Engenharia Civil a partir da Rua Pedro de Alpoim, durante a caminhada em conjunto.

Rua Luís Reis dos Santos: falta de iluminação, por cinco pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda; falta de mobiliário urbano por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por oito pessoas; falta de informação direcional por cinco pessoas; e identificação como o espaço mais representativo do Polo por três pessoas. O Departamento de Engenharia Civil, tem seu alçado principal voltado para essa rua, sendo o único edifício com espaço de transição (Figura 232). Porém a existência nas laterais de espaços vazios sem pavimento (Figura 233), transmite uma sensação de abandono, sendo um aspecto que contribui para a insegurança, como afirma um participante “inseguro nos espaços vazios do Departamento de Engenharia Civil”. Nessa mesma zona, se situa a entrada para uma sala de estudo aberta 24 horas, estando entre dois espaços sem tratamento e iluminação suficiente (Figura 234).



Figura 230. Fotografia da Rua Sílvia Lima com vista para o Departamento de Engenharia Química e uma zona com vegetação não tratada. Foto tirada durante a caminhada em conjunto.



Figura 231. Fotografia da Rua Sílvia Lima com vista para a torre de transmissão de energia elétrica, durante a caminhada em conjunto.



Figura 232. Fotografia do espaço de transição do Departamento de Engenharia Civil, durante o fim da caminhada em conjunto.



Figura 233. Fotografia da Rua Luís Reis dos Santos com vista para o Departamento de Engenharia Civil.



Figura 234. Fotografia do acesso à sala de estudo 24 horas do Departamento de Engenharia Civil a partir da Rua Luís Reis dos Santos.

PERCURSO INDIVIDUAL NO POLO II

Com as fichas coletadas com a ferramenta do percurso individual contou com a participação de quatro pessoas, sendo uma do gênero feminino, uma do gênero não binário e duas do gênero masculino. Com os resultados obtidos (Figura 235; e Apêndice XVI), é possível tirar conclusões parciais, porém sem generalizações, devido ao baixo número de participantes da amostra. As pessoas que preencheram essas fichas, utilizam diferentes meios de mobilidade, sendo esses o uso da bicicleta, do automóvel, e a pé. Essa situação implica diferentes percepções do espaço. A seguir mostram-se os pontos que coincidiram entre os participantes, porém não é possível tirar conclusões sobre as diferenças nas rotas.

Espaços socialmente conflituosos – Identificado por todos os participantes, principalmente, na Rua Pedro de Alpoim, seguindo para a Rua Luís Reis dos Santos, confirmando o uso desses espaços para a realização de corridas ilegais. Menciona-se o comentário de uma participante: "Durante um dia normal com atividades não há mal nenhum, nem qualquer tipo de insegurança, o problema é ao fim de semana. O Polo II é conhecido por ter corridas ilegais de carros entre outras atividades associadas a isso. Quando acontecem torna-se inseguro a todos os níveis. Além disso, sendo uma zona só com uma utilização torna tudo muito pior. Para mim, o Polo II está mal construído, organizado, planejado e mal gerido. Podia ser um espaço incrível e tornou-se num espaço medíocre".

Através de alguns testemunhos expressos nas fichas individuais, é possível compreender a sensação que esse Polo transmite: "Na minha opinião, não existem equipamentos suficientes no Polo; acho que faz falta uma pequena mercearia, o Continente está próximo, mas o espaço de pedestre até lá não é agradável"; "o Polo II é completamente isolado do resto da cidade e entre os departamentos. Não há opção de alimentação nem lazer nas proximidades"; "como tenho aula até mais tarde, às vezes, faço o caminho de volta e é muito escuro, principalmente próximo a Residência Universitária 2 e a curva da Rua Rebolim" (Figura 236); "todas as ruas do Polo II diminuem drasticamente a atividade a noite, na maioria das vezes que ando a noite não vejo ninguém".

USO DOS ESPAÇOS NO POLO II

Resultados coletados com o preenchimento das fichas individuais por estudantes do polo II

4 participantes sendo: 1 pessoa do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 2 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade

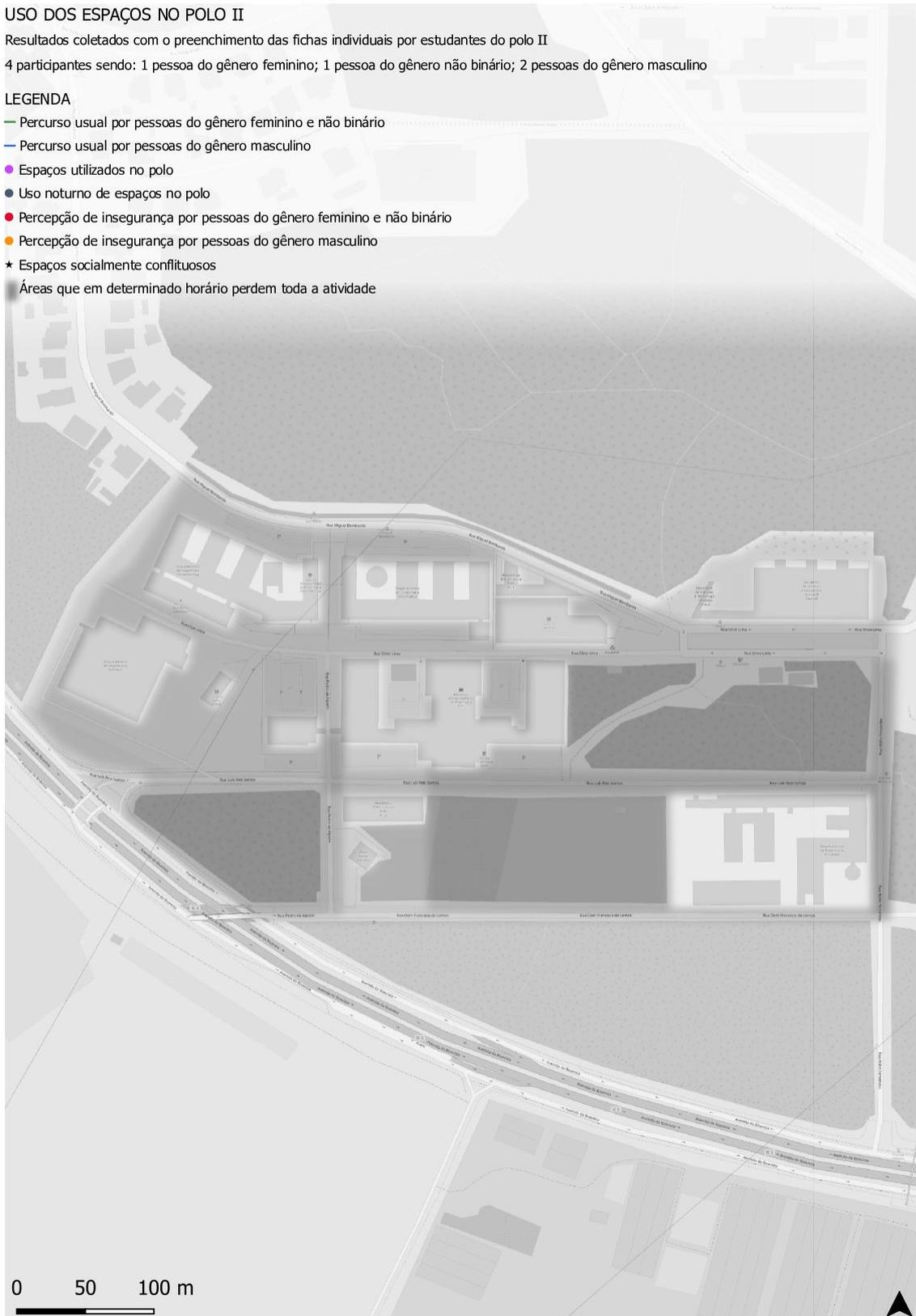


Figura 235. Planta de uso dos espaços no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas individuais.

Portanto, comprova-se o uso do Polo II apenas para o ensino, e diferente do Polo I que está no centro da cidade, esse Polo está afastado e não possui serviços e comércios básicos para desenvolver o dia a dia. Esses fatores, contribuem para a falta de movimento e o uso para atividades ilegais como as corridas de carros, sendo frequente a ronda policial durante a noite (Figura 237).



Figura 236. Fotografia da curva de acesso do Polo II para a Rua Rebolim. Fonte: Google Earth.



Figura 237. Fotografia da polícia realizando a ronda na Rua Sílvio Lima, durante a caminhada em conjunto.

CONVERSA EM GRUPO

Como dito anteriormente, durante a conversa em grupo não foi possível obter respostas sobre o Polo II no preenchimento dos questionários devido a participação apenas de estudantes do Polo I, nem respostas suficientes nos mapas coletivos (Figuras 238 a 241; e Apêndice XVII). Os comentários feitos são generalistas, mencionando três situações principais: falta de movimento, sem acessibilidade para pessoas com deficiência, e percepção de insegurança.

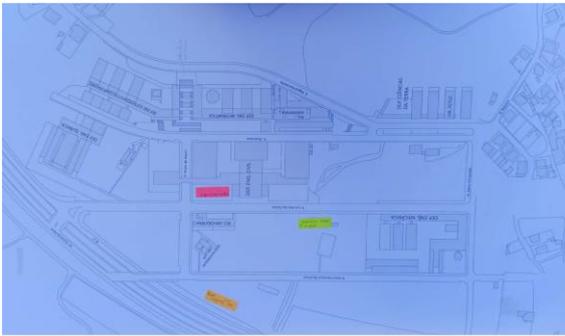


Figura 238. Fotografia mapa coletivo do Polo II preenchido por pessoas do gênero feminino e não binário.

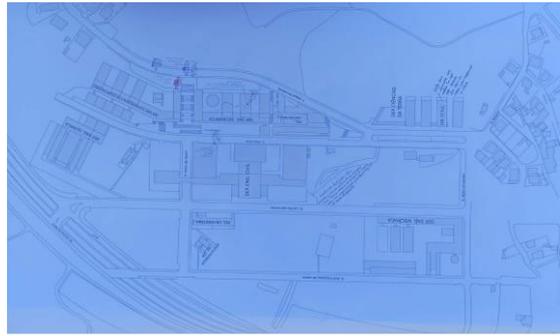


Figura 239. Fotografia mapa coletivo do Polo II preenchido por pessoas do gênero masculino.



Figura 240. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo II por pessoas do gênero feminino e não binário.

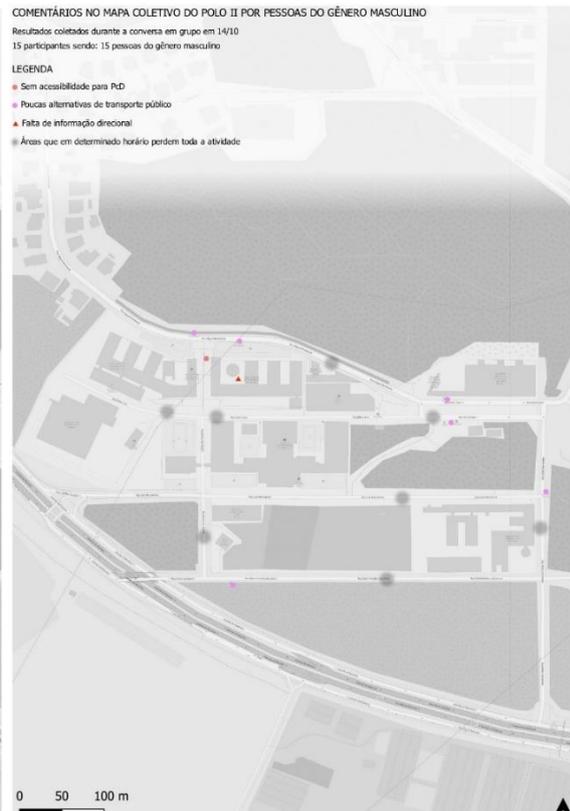


Figura 241. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo II por pessoas do gênero masculino.

CAMINHADAS EM CONJUNTO NO POLO III

A primeira caminhada a ser efetuada no Polo III ocorreu no dia 11 de junho de dia, participando três pessoas, sendo uma do gênero feminino e duas do gênero masculino. A última caminhada nesse Polo foi no dia 12 de junho à noite, com a participação de cinco pessoas, sendo duas do gênero feminino, uma do gênero não binário, e duas do gênero masculino. No total oito pessoas participaram das caminhadas em conjunto no Polo III, sendo três do gênero feminino, uma do gênero não binário, e quatro do gênero masculino. Ao fim dessa primeira atividade, distribuíram-se as fichas individuais do percurso individual, das quais quatro obtiveram resposta, contando com quatro participantes do gênero feminino. Portanto, com o preenchimento das fichas em ambas as atividades, conta-se um total doze participantes, sete do gênero feminino, um do gênero não binário, e quatro do gênero masculino. Entre os três Polos, esse foi o que obteve menos respostas.

A partir do mapa “Percepção de segurança por participantes no Polo III” (Figura 242; e Apêndice XVIII) é possível identificar as zonas mais seguras do Polo, considerando apenas as que se obteve resposta mínima de 42% dos participantes (cinco pessoas), expressas a seguir:

No espaço de transição da Subunidade 3 de Medicina, 100% (três participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário se sentiram seguras, e 75% (três participantes) do gênero masculino.

No espaço de transição da Faculdade de Farmácia, 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (quatro participantes), e do gênero masculino (cinco participantes) se sentiram seguras.

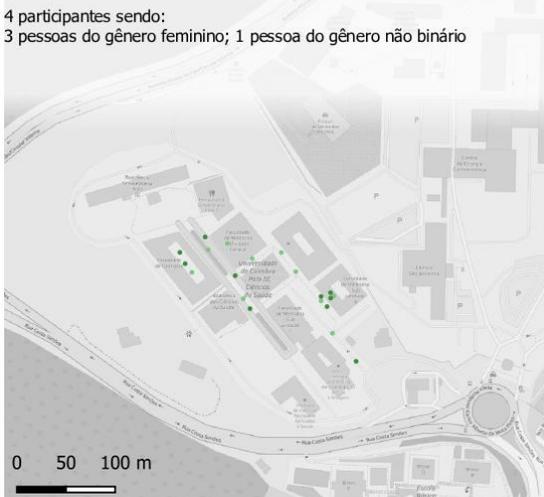
PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO III

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite

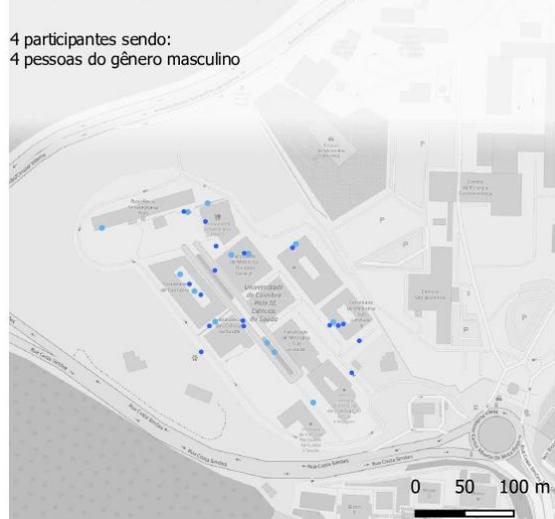
Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário

4 participantes sendo:
3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino

4 participantes sendo:
4 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 12/06 à noite e 11/06 de dia

8 participantes sendo: 3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 4 pessoas do gênero masculino

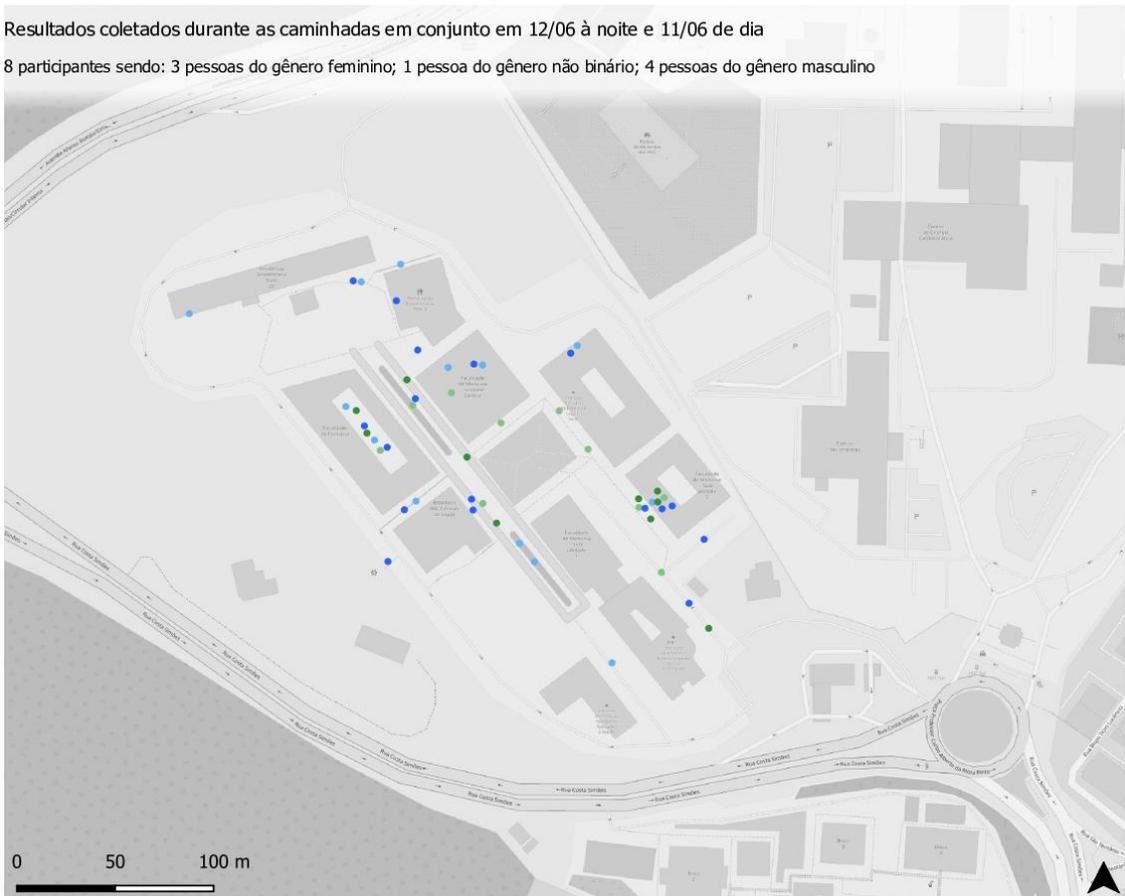


Figura 242. Planta de percepção de segurança no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

De maneira oposta da percepção de segurança, o mapa “Percepção de insegurança por participantes no Polo III” (Figura 243; e Apêndice XIX) possibilita identificar as zonas mais percebidas como inseguras do Polo, expressas a seguir:

No acesso pelas bombas de abastecimento, 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (cinco participantes), e do gênero masculino (três participantes) se sentiram inseguras.

Na traseira da Residência Universitária, 100% das pessoas do gênero feminino e não binário (quatro participantes), e do gênero masculino (dois participantes) se sentiram inseguras.

O espaço que obteve uma maior discrepância na percepção de (in)segurança pelos diferentes gêneros está entre o Restaurante Acadêmico e a Residência Universitária, onde 100% (três participantes) das pessoas do gênero feminino e não binário, e 33% (um participante) do gênero masculino se sentiram inseguras.

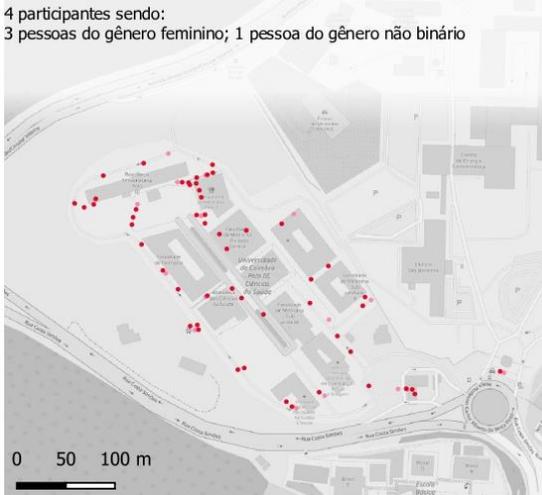
PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO III

LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite

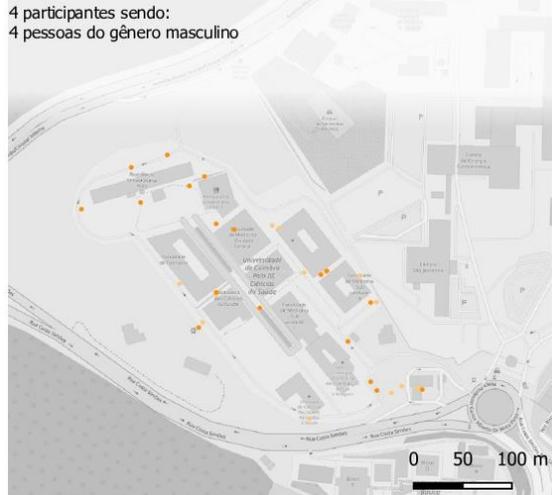
Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário

4 participantes sendo:
3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino

4 participantes sendo:
4 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 12/06 à noite e 11/06 de dia

8 participantes sendo: 3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 4 pessoas do gênero masculino



Figura 243. Planta de percepção de insegurança no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

Com o mapa de “Capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo III” (Figura 244; e Apêndice XX), identificam-se os seguintes equipamentos em falta, associados com a percepção de (in)segurança mostradas acima:

No espaço de transição da Subunidade 3 de Medicina não foi indicado nenhum equipamento em falta, sendo esse o espaço identificado como seguro por todos os participantes. Nesse lugar existe iluminação ativada por movimento, bancos e acesso para pessoas com deficiência (Figuras 245 a 247), sendo alguns dos motivos que justificam essa percepção.

No espaço de transição da Faculdade de Farmácia: falta de mobiliário urbano, por uma pessoa. Em semelhança ao espaço anterior, esse foi identificado como seguro por todas as pessoas, sendo configurado por um *foyer* que realiza a transição do exterior para o interior, contando com a iluminação do espaço durante à noite (Figura 248 e 249), e com a localização do banco *Santander* no rés do chão, possibilitando o uso, também, por outras pessoas fora da comunidade acadêmica. Essas características contribuem para uma maior visibilidade e movimento de pessoas nessa zona, podendo ser incrementada com a colocação de mobiliário urbano para permanência.

No acesso pelas bombas de abastecimento: falta de iluminação, por quatro pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda, por duas pessoas; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por cinco pessoas; e falta de informação direcional por uma pessoa. Como já referido anteriormente, esse espaço, atualmente abandonado, confere o principal acesso pedonal ao Polo III, que junto com a falta de informação direcional não permite que as pessoas que não conhecem o Polo se locomovam em segurança. Durante a noite esse espaço não garante iluminação (Figura 250), aumentando o risco de queda por conta dos obstáculos físicos, e a percepção de insegurança.

CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO III

Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 05/06 à noite e 28/06 de dia, e nas fichas individuais

12 participantes sendo: 7 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 4 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo
- Falta de faixa de pedestre
- Sem acessibilidade para PcD
- Indicado mas não especificado
- Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo

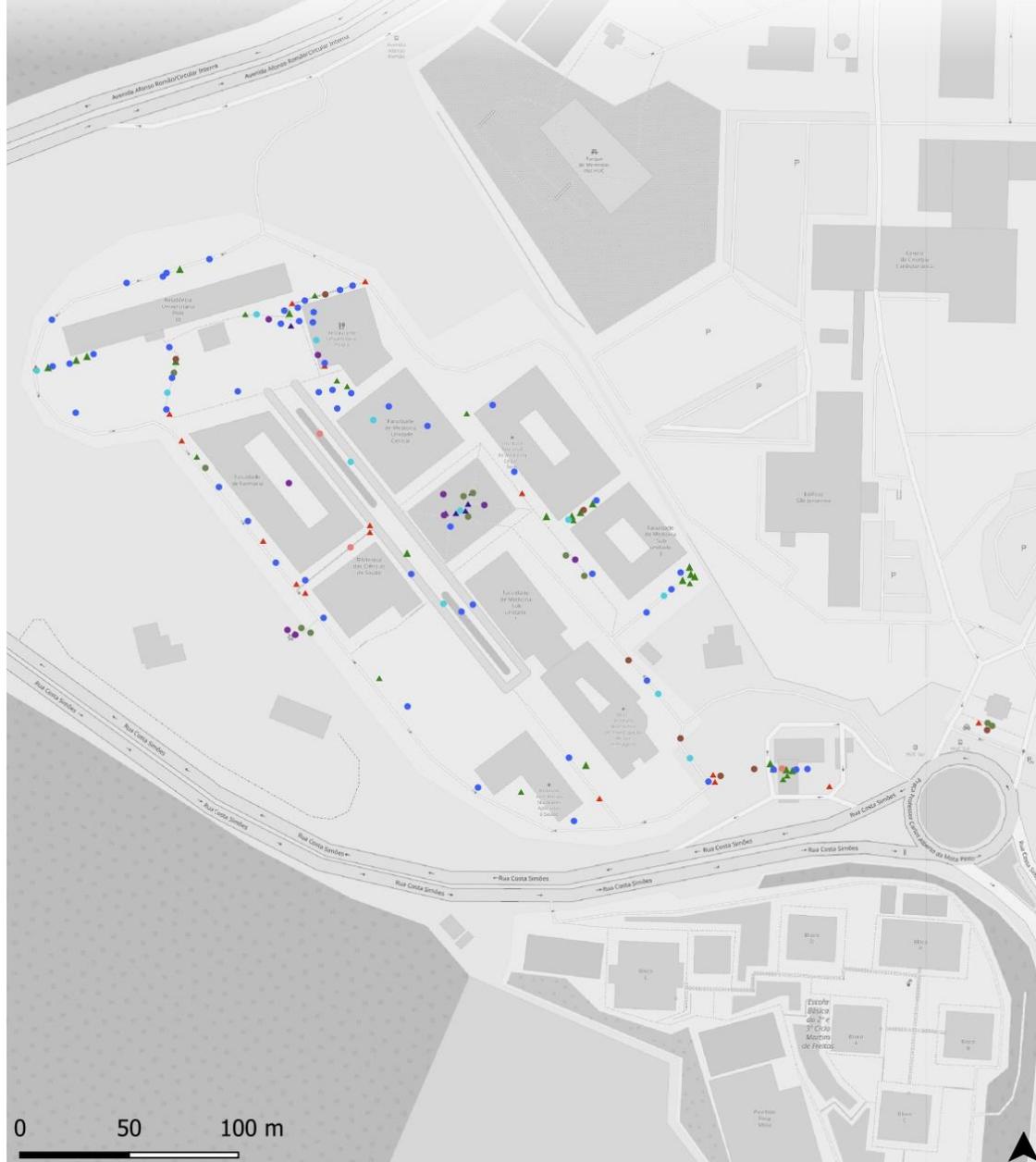


Figura 244. Planta de capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais.

Traseira da Residência Universitária: falta de iluminação, por cinco pessoas; e espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por uma pessoa. Esse espaço, marca o limite norte do Polo, estando a calçada restringida pelo declive topográfico no lado sul, e pela rua com fluxo de automóveis ao lado norte (Figura 251). A falta de iluminação e movimento nessa zona, contribui para a percepção de insegurança.

Espaço entre o Restaurante Acadêmico e a Residência Universitária (Figura 252): falta de iluminação, por nove pessoas; pavimento não tratado e/ou risco de queda por uma pessoa; falta de mobiliário urbano, por uma pessoa; espaço abandonado, não mantido, sujo ou não construído, por quatro pessoas; falta de informação direcional, por uma pessoa; e indicado com o espaço mais representativo do Polo, por uma pessoa. Esse espaço foi o mais indicado como tendo falta de iluminação, sendo que durante a caminhada em conjunto, as pessoas participantes necessitaram utilizar lanternas para conseguir enxergar o caminho e preencher a ficha (Figura 253). A falta de movimento, iluminação e mobiliário urbano aumentam a percepção de insegurança.



Figura 245. Fotografia do alçado sudoeste do edifício da Subunidade 3.



Figura 246. Fotografia do espaço de transição da Subunidade 3 durante as caminhadas em conjunto.



Figura 247. Fotografia do espaço de transição da Subunidade 3 durante as caminhadas em conjunto.



Figura 248. Fotografia do foyer da Faculdade de Farmácia durante a caminhada em conjunto de dia.



Figura 249. Fotografia do foyer da Faculdade de Farmácia durante a caminhada em conjunto à noite.



Figura 250. Fotografia do posto de abastecimento durante a caminhada em conjunto.



Figura 251. Fotografia do declive na traseira da Residência Universitária.



Figuras 252 e 253. Fotografias do Restaurante Acadêmico e ao fundo a Residência Universitária e durante a caminhada em conjunto à noite.



PERCURSO INDIVIDUAL NO POLO III

Como apenas mulheres participaram dessa atividade, não é possível comparar as rotas realizadas por diferentes gêneros, mas é plausível justificar a entrada pelas bombas de abastecimento de forma pedonal, e pela rua traseira a ela por meio de automóvel. Todas as participantes que preencheram as fichas individuais moram na Residência Universitária, sendo a sua opção de acesso pelo caminho não pavimentado na face sul do edifício (Figura 254; e Apêndice XXI).

USO DOS ESPAÇOS NO POLO III

Resultados coletados com o preenchimento das fichas individuais por estudantes do polo III
4 participantes sendo: 4 pessoas do gênero feminino

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



Figura 254. Planta de uso dos espaços no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas individuais.

CONVERSA EM GRUPO

Em semelhança ao Polo II, durante a conversa em grupo não foi possível obter respostas sobre o Polo III no preenchimento dos questionários, sendo também insuficiente o preenchimento dos mapas coletivos (Apêndice XXII). Os comentários feitos são generalistas, mencionando três situações principais: falta de movimento, sem acessibilidade para pessoas com deficiência, excesso de automóveis nas ruas que circundam os edifícios do Polo, e espaços não construídos (Figuras 255 a 258).



Figura 255. Fotografia mapa coletivo do Polo III preenchido por pessoas do gênero feminino e não binário.



Figura 256. Fotografia mapa coletivo do Polo III preenchido por pessoas do gênero masculino.



Figura 257. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo III por pessoas do gênero feminino e não binário.



Figura 258. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo III por pessoas do gênero masculino.

Concluindo, com o uso desses métodos participativos, foi possível identificar as zonas percebidas como inseguranças e seguranças nos Polos Universitários de Coimbra, associadas à capacitação física do espaço e a falta de equipamentos urbanos, contando com a presença de noventa e dois participantes. Sabendo que há espaços com potencial, mas que atualmente possuem problemas, pode-se tentar, com a ajuda das pessoas, indicar alguns lugares que tem capacidade para serem melhorados.

Logo, essa análise é importante e inclusiva, porque vai buscar a participação da comunidade estudantil, reconhecendo as opressões sociais sofridas por diferentes gêneros, visando o reconhecimento dos aspectos espaciais que promovem essa condição para assim, possibilitar a criação de espaços de melhor vivência e habitabilidade. No próximo capítulo, realiza-se o cruzamento de todas as informações e conclusões parciais obtidas.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO: CONDIÇÕES ESPACIAIS QUE
PROMOVEM A (IN)SEGURANÇA

Concluídas as análises contempladas pelos diferentes métodos apresentados, agora realiza-se a comparação de todos os resultados obtidos de forma a encontrar padrões espaciais nos espaços percebidos como seguros e inseguros pelos participantes dessa pesquisa.

Através da análise das características complementares dos Polos Universitários, foi possível identificar os aspectos morfológicos e os equipamentos existentes em cada Polo. O uso da ferramenta da caminhada em conjunto, permitiu entender quais os espaços percebidos como seguros e inseguros, associados com a capacitação física e a falta de equipamentos urbanos indicadas pelos participantes. Pelas fichas individuais, possibilitou-se compreender o uso dado aos espaços dos Polos e as rotas usuais dos participantes. E com a conversa em grupo, através do questionário e do mapa coletivo, promoveu-se uma reflexão aprofundada sobre os aspectos anteriores e a sugestão de possíveis soluções para romper a monofuncionalidade dos Polos e gerar mais movimento para além dos horários letivos. Logo, os procedimentos utilizados se complementam e permitem conclusões mais aprofundadas sobre os aspectos físicos do Polos Universitários de Coimbra que promovem a percepção de (in)segurança no espaço urbano.

Com a separação realizada por gêneros, procurou-se identificar os fatores espaciais e sociais que contribuem ou desfavorecem a capacidade dos estudantes em se apropriarem do espaço. Incluir a percepção de segurança na análise do espaço urbano, permite reconhecer como a violência de gênero condiciona as diferentes experiências de mulheres e homens no espaço urbano. Como afirma-se na publicação *Entornos Habitables* (2016):

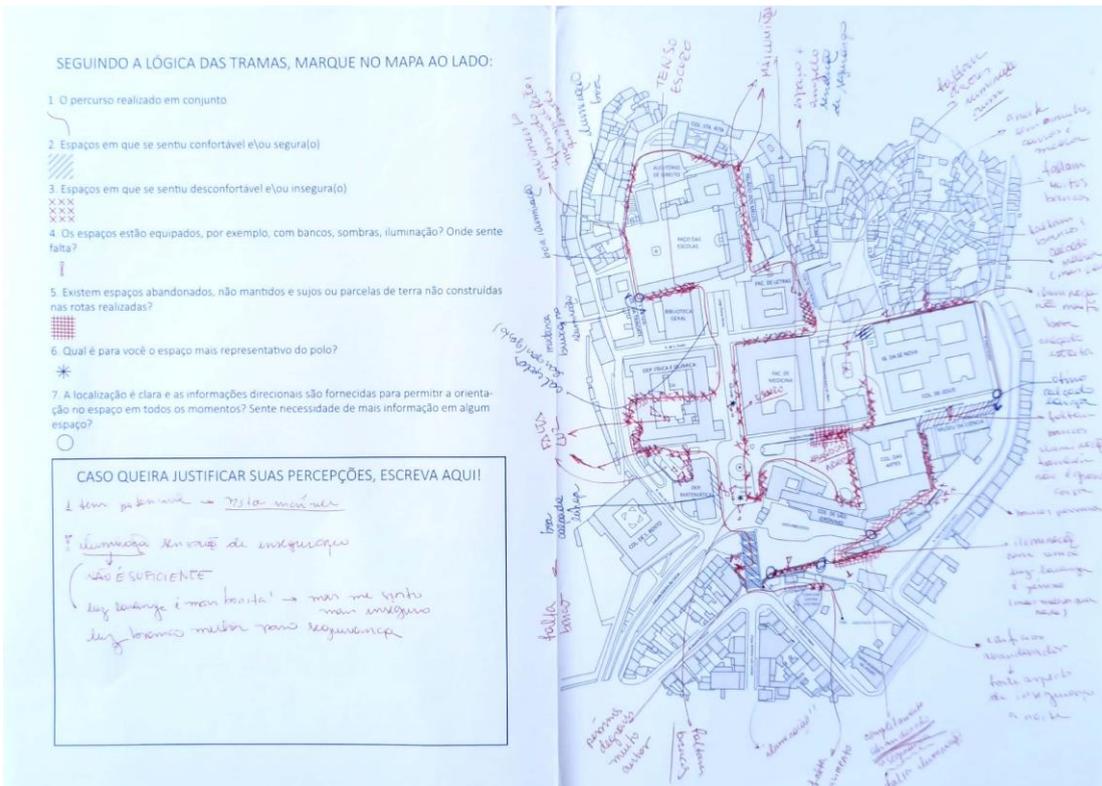


Figura 259. Fotografia do mapa preenchido durante a caminhada em conjunto no Polo I à noite por uma participante do gênero feminino. Em vermelho expressam-se os aspectos negativos e em azul os aspectos positivos.

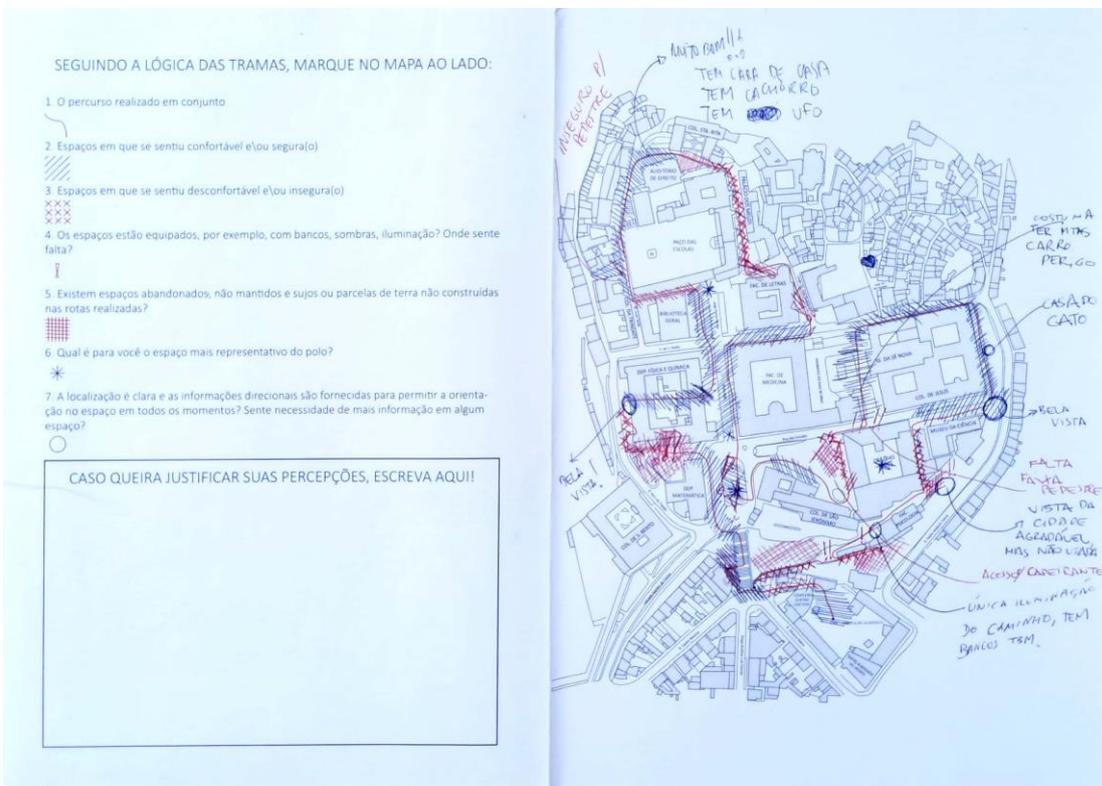


Figura 260. Fotografia do mapa preenchido durante a caminhada em conjunto no Polo I à noite por um participante do gênero masculino. Em vermelho expressam-se os aspectos negativos e em azul os aspectos positivos.

“Incluir a percepção de segurança na análise, permite tomar consciência e responder a como o medo limita a liberdade e a mobilidade das mulheres, principalmente nas atividades noturnas, tanto em âmbito de recreação como de trabalho, e especialmente nos trajetos (Laub, 2007) e o uso de determinados espaços, levando a um menor sentimento de pertença, e portanto de menor participação ativa das mulheres” (Gutiérrez, Ciocoletto, Escalante, Casanovas, & Salinas, 2016, p. 16)⁹⁷

No exemplo de duas fichas preenchidas durante a caminhada em conjunto no Polo I à noite, é perceptível a diferença na percepção de segurança de uma participante do gênero feminino e um do gênero masculino, através da predominância de cores diferentes em função do gênero, onde em azul estão representados os aspectos positivos, e em vermelho os aspectos negativos (Figuras 259 e 260). Para possibilitar a comparação das percepções de (in)segurança por diferentes gêneros nos Polos, as informações obtidas com o preenchimento dos sessenta mapas coletados com as fichas das caminhadas em conjunto e com as fichas individuais, foram passadas para o *Excel*, possibilitando a criação dos mapas temáticos (Apêndices II, VII ao XXV), através do *software QGIS*, que traduzem de forma visual esses dados.

Nesse capítulo procura-se responder à questão de investigação apresentada na introdução deste trabalho:

Como é que o desenho urbano contribui para a percepção de (in)segurança na cidade, e como utilizá-lo em prol da inclusão?

⁹⁷ Tradução da autora: “Incluir en el análisis la percepción de inseguridad también permite tomar conciencia y responder a cómo el miedo limita la libertad y la movilidad de las mujeres principalmente en las actividades nocturnas, tanto en ámbitos de recreación como de trabajo, y especialmente en los trayectos (Laub 2007) y el uso de determinados espacios, provocando que el sentimiento de pertenencia sea menor y, por lo tanto, se dé menos participación activa de las mujeres.” (Gutiérrez, Ciocoletto, Escalante, Casanovas, & Salinas, 2016, p. 16).

PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite

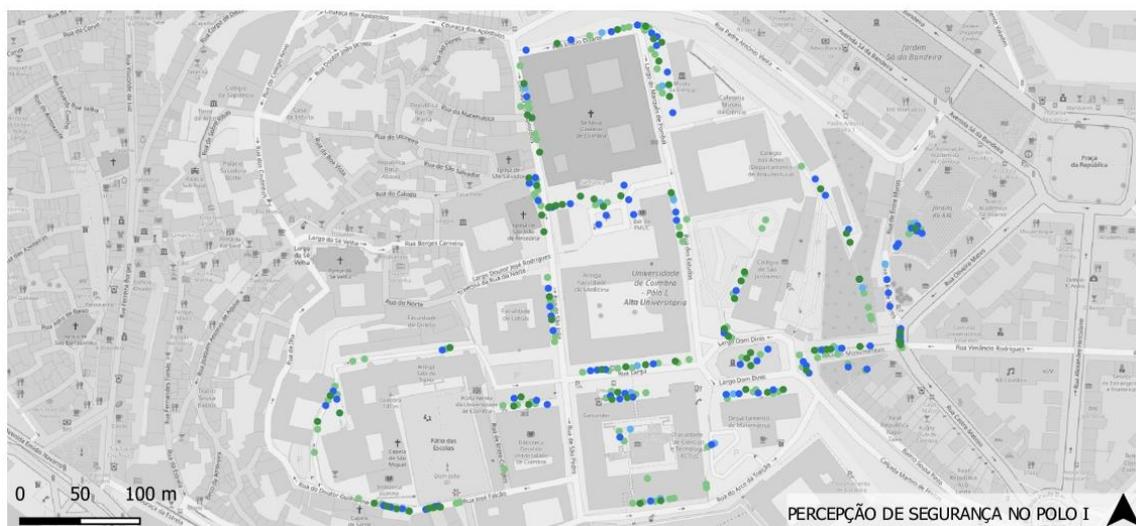
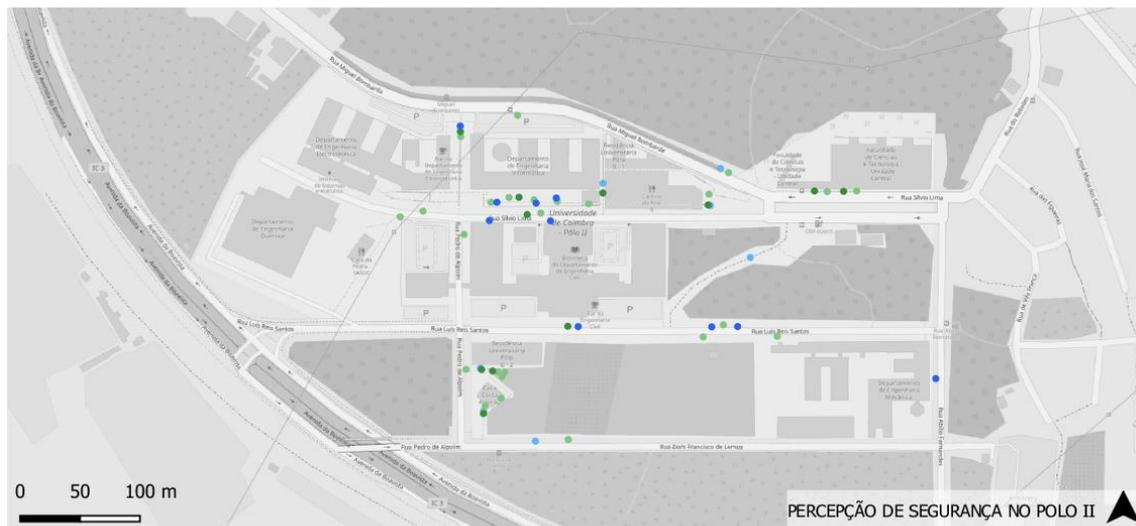


Figura 261. Planta de Percepção de Segurança por Participantes nos Polos Universitários.

Para atingir esse objetivo, é feita a comparação das percepções de (in)segurança nos três Polos, e são identificadas as constantes formais que favorecem esses sentimentos. A seguir apresenta-se o cruzamento das informações coletadas através dos métodos participativos com os aspectos espaciais de cada Polo, possibilitando indicar os problemas e as alternativas para uma maior fruição no espaço urbano.

Na planta de “Percepção de segurança por participantes nos Polos Universitários” (Figura 261), os pontos indicados concentram-se principalmente no interior dos Polos. Os aspectos físicos positivos e negativos dos espaços em cada Polo relativamente à percepção de segurança, são expressos em uma tabela comparativa (Figura 264).

No caso do Polo I, o maior foco de percepção de segurança, localiza-se no eixo do Largo da Porta Férrea, Rua Larga, Largo D. Dinis e Escadaria Monumental. Esses espaços configuram-se por serem mais integrados, pois possuem rotas alternativas e constituem o acesso central aos outros espaços do Polo. Juntamente a isso, são delimitados pelos alçados principais dos departamentos que envolvem essa zona, caracterizando os seus acessos principais (Figura 262). Também a dimensão das calçadas e a localização das paragens de autocarro na Rua Larga, contribuem para um maior movimento nessa zona durante o dia. Apesar da monumentalidade desse eixo, isso não foi citado pelos participantes como um aspecto negativo, mas a quantidade de zonas de grandes dimensões sem mobiliário urbano e o excesso de automóveis são fatores que impossibilitam a permanência nesses espaços, logo implicam uma menor vivência e uso.

Em semelhança a esses espaços, o Largo Marquês de Pombal é percebido como seguro pela maioria dos estudantes. Esse Largo configura-se por ter implantada a fachada principal do Museu de Ciência, e ter uma calçada larga que cruza com a Rua Inácio Duarte, promovendo uma visibilidade para a parte norte da cidade, situações mencionadas como positivas durante as caminhadas. Apesar de estar no limite do Polo, a dimensão desse espaço e a visibilidade contribuem para essa percepção, porém é indicada negativamente a falta de mobiliário urbano para possibilitar a permanência nesse espaço (Figura 263).

CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS
LEGENDA

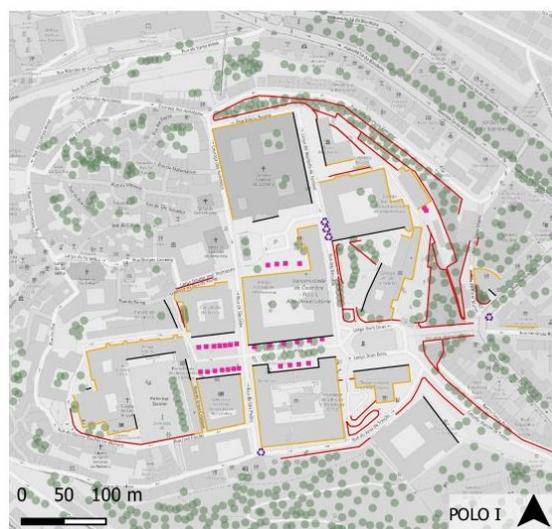
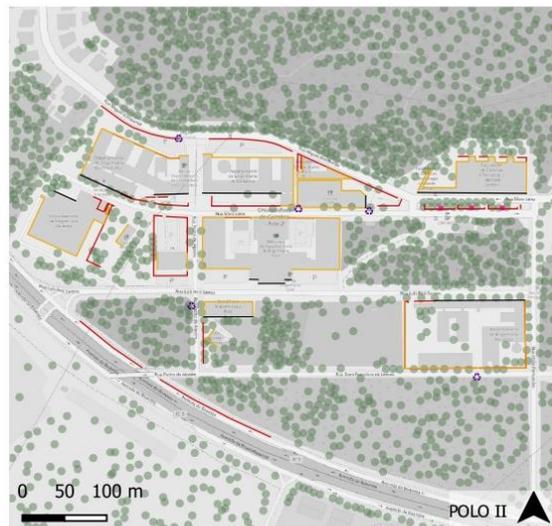
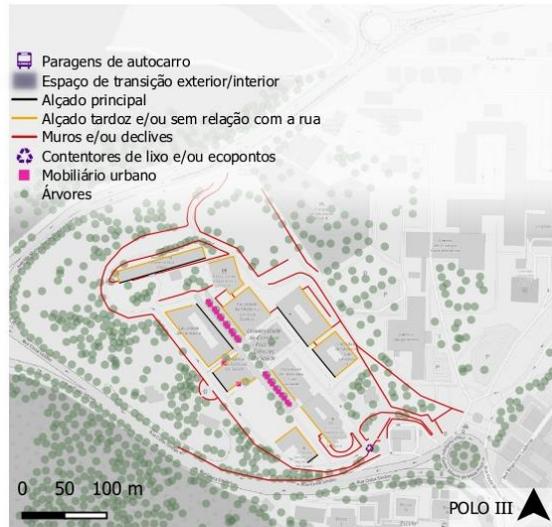
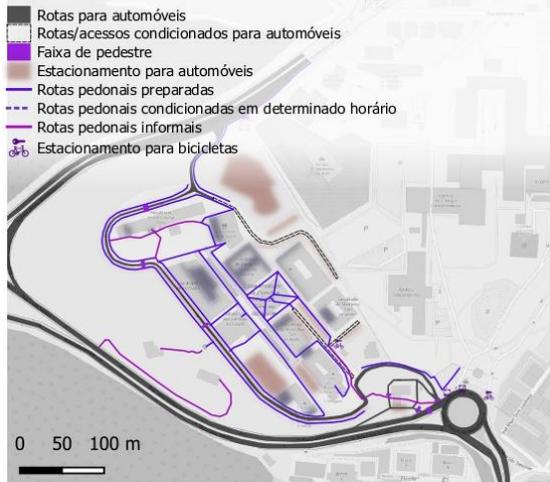


Figura 262. Planta das Características Complementares dos Polos Universitários.

No Polo II, o único espaço percebido com seguro foi a plataforma de acesso ao Departamento de Informática. O fato de ser um espaço amplo, com diferentes níveis, contribui para a não monotonia do espaço, e possibilita uma rota alternativa. Tendo vista para a Rua Sílvio Lima, a qual constitui o principal eixo de acesso aos departamentos, existe um maior movimento durante o dia, o que contribui com uma maior vigilância informal.

Já no Polo III, existe uma grande diferença em comparação aos outros Polos, porque este revelou uma maior percepção de segurança nos espaços de transição entre os departamentos. Como é possível verificar (Figura 262), todos os edifícios desse Polo possuem uma mesma configuração relativa aos espaços de transição, sendo na Subunidade 3 e na Faculdade de Farmácia os maiores focos de percepção de segurança. Ambos têm iluminação durante a noite, e movimento durante o dia, tendo visibilidade para os espaços que os circundam.

Portanto, conclui-se que os aspectos que contribuem para a percepção de segurança são: calçadas largas; localização dos alçados principais dos edifícios; rotas alternativas; paragens de autocarro; existência de bancos e árvores; fachadas ativas; espaço amplo; campo amplo de visão; espaço de transição do exterior para o interior; acesso para pessoas com deficiência; iluminação; diferentes usos; e vigilância informal derivada do movimento e permanência de pessoas (Figura 264).

CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- ▲ Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo

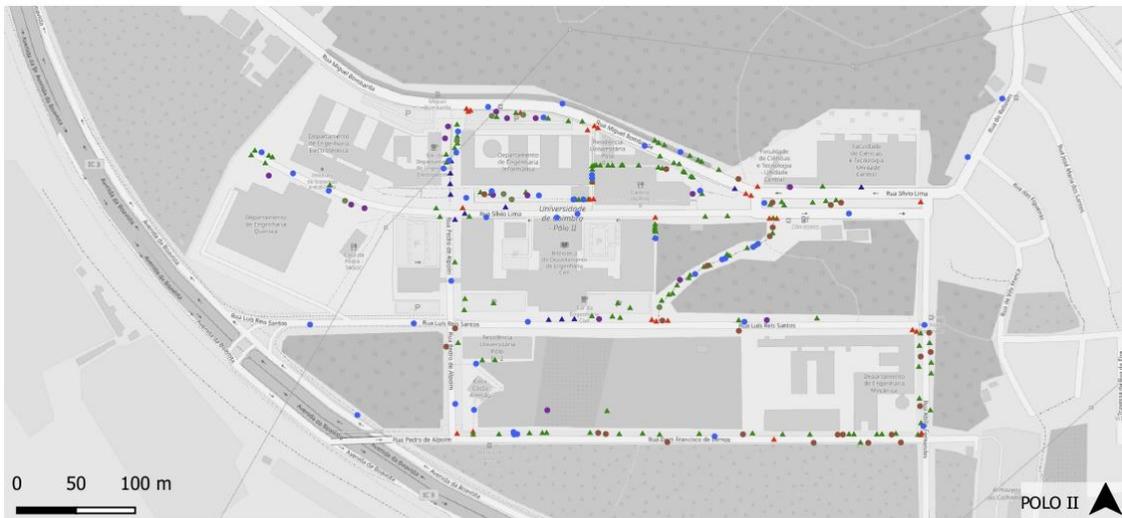
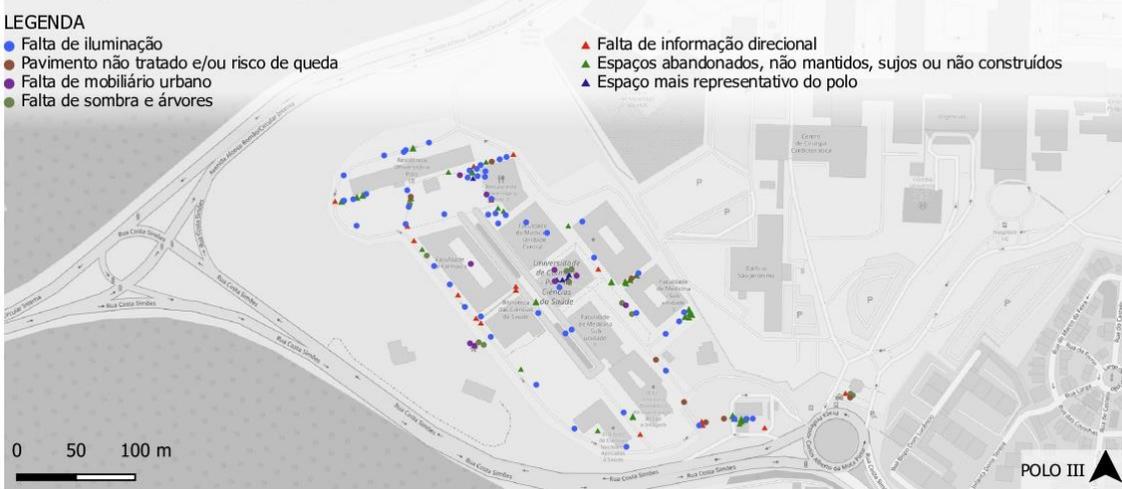


Figura 263. Planta de Capacitação Física e Falta de Equipamentos Urbanos nos Polos Universitários.

LOCAL	GÊNERO	PERCEPÇÃO DE (IN)SEGURANÇA	ASPECTOS FÍSICOS POSITIVOS	ASPECTOS FÍSICOS NEGATIVOS	ASPECTOS SOCIAIS
Rua Larga (Polo I)	Feminino e não binário	92% perceberam como segura	Calçada larga	Obstrução da iluminação pelas árvores	Falta de movimento durante a noite
			Alçados principais dos edifícios	Falta de informação direcional	Elevado fluxo de pessoas durante o dia
			Rotas alternativas	Falta de faixa de pedestre	Falta de permanência
	Masculino	100% perceberam como segura	Eixo principal de acesso aos outros espaços do Polo I		
			Paragens de autocarro		
			Indicado como o espaço mais representativo do Polo I		
Existência de bancos e árvores					
		Espaço amplo			
Largo D. Dinis (Polo I)	Feminino e não binário	64% perceberam como seguro	Espaço central do Polo	Falta de mobiliário urbano	Falta de movimento durante a noite
			Espaço amplo	Falta de sombra e árvores	Realização de praxes académicas
			Visibilidade	Espaço não mantido	Falta de permanência
	Masculino	50% perceberam como seguro	Alçados principais dos edifícios	Falta de informação direcional	
				Conflito automóveis e pedestres	
				Espaço maioritariamente para passagem	
Largo Marquês de Pombal (Polo I)	Feminino e não binário	83% perceberam como seguro	Calçada larga	Falta de iluminação	Falta de movimento durante a noite
	Masculino	100% perceberam como seguro	Alçado principal do Museu da Ciência	Falta de mobiliário urbano	Falta de permanência
			Vista abrangente para norte	Falta de sombra e árvores	
		Transição entre o Polo I e o restante do tecido urbano	Falta de informação direcional		
Plataforma de acesso ao Departamento de Informática (Polo II)	Feminino e não binário	56% perceberam como segura	Transição da cota inferior para o nível dos edifícios	Falta de iluminação	Falta de movimento durante a noite
			Visibilidade	Pavimento não tratado e risco de queda	
			Largura da Plataforma	Falta de mobiliário urbano	
	Masculino	60% perceberam como segura	Não monotonia pelos diferentes níveis criados	Falta de sombra e árvores	
			Rota alternativa	Espaço não mantido	
				Acesso para PcD por uma galeria estreita e sem visibilidade	
Espaço de transição da Subunidade 3 (Polo III)	Feminino e não binário	100% perceberam como seguro	Transição do exterior para o interior	Falta maior relação com o interior do departamento	Falta de movimento durante a noite
			Acesso para PcD		Permanência durante o dia
	Masculino	75% perceberam como seguro	Banco		
			Visibilidade para os espaços exteriores		
		Iluminação ativada por movimento			
Espaço da transição da Faculdade de Farmácia (Polo III)	Feminino e não binário	100% perceberam como seguro	Transição do exterior para o interior	Falta de mobiliário urbano	Falta de movimento durante a noite
			Visibilidade para os espaços exteriores		Elevado fluxo de pessoas durante o dia
			Iluminação durante a noite		Apesar de baixo, existe o uso de pessoas fora da comunidade académica para acessar o banco Santander
	Masculino	100% perceberam como seguro	Vegetação nos alçados internos do <i>foyer</i>		
			Acesso para PcD		
			Visibilidade para os espaços exteriores		
		Localização do banco <i>Santander</i> no rés do chão			

Figura 264. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como seguros pelos participantes nos três Polos Universitários. Indicam-se os aspectos físicos positivos, mas também os negativos e os aspectos sociais, como forma de sugerir melhorias nos espaços.

Em contraponto, na planta de “Percepção de insegurança por participantes nos Polos Universitários” (Figura 265), os pontos indicados concentram-se principalmente nos limites dos Polos e em espaços exíguos. Os aspectos físicos negativos dos espaços mais sentidos como inseguros em cada Polo são expressos em uma tabela comparativa, porém acompanham-se os aspectos positivos como forma de identificar o potencial desses locais (Figuras 266, 267 e 268).

No caso do Polo I, o maior foco de insegurança localiza-se nas Antigas Cantinas Verdes. Esse espaço caracteriza-se por estar no limite este do Polo, cercado pelas traseiras dos edifícios e por um elevado declive, sem rotas alternativas (Figura 262). Apesar dos problemas apresentados (Figura 266), desde o abandono após o fechamento da cantina, até aos problemas sociais, é possível reativar essa zona com a criação de novos programas e realizar a ligação ao espaço entre o Colégio das Artes e a Faculdade de Psicologia através do tratamento da zona de vegetação que acompanha o muro de contenção. O acesso pelo Caminho das Virgens já proporciona um eixo de ligação da cota mais baixa junto à Escadaria Monumental até esse espaço, que através da manutenção e tratamento, pode contribuir para a sua revitalização.

No caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência, utilizado maioritariamente pelos estudantes que precisam acessar o Centro de Estudos Sociais, o Centro Cultural D. Dinis, a Faculdade de Psicologia e o elevador do Colégio das Artes, vê-se potencial de melhoria através do desmonte das plataformas anexadas ao alçado norte do Colégio das Artes e a consequente demolição do muro que o separa do Largo Marquês de Pombal, gerando uma maior visibilidade.

Diferente desses espaços, o Largo da Feira é amplo e conta com o alçado principal da Igreja da Sé Nova, porém atualmente é utilizado como estacionamento, situação que não permite sua apropriação e permanência. Talvez retomando a história desse Largo antes das demolições do Estado Novo, seja possível promover atividades diversas, como por exemplo a realização de feiras. Mas vê-se como essencial a colocação de mobiliário urbano nessa zona (Figura 263) e alternativas ao estacionamento de automóveis.

PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite

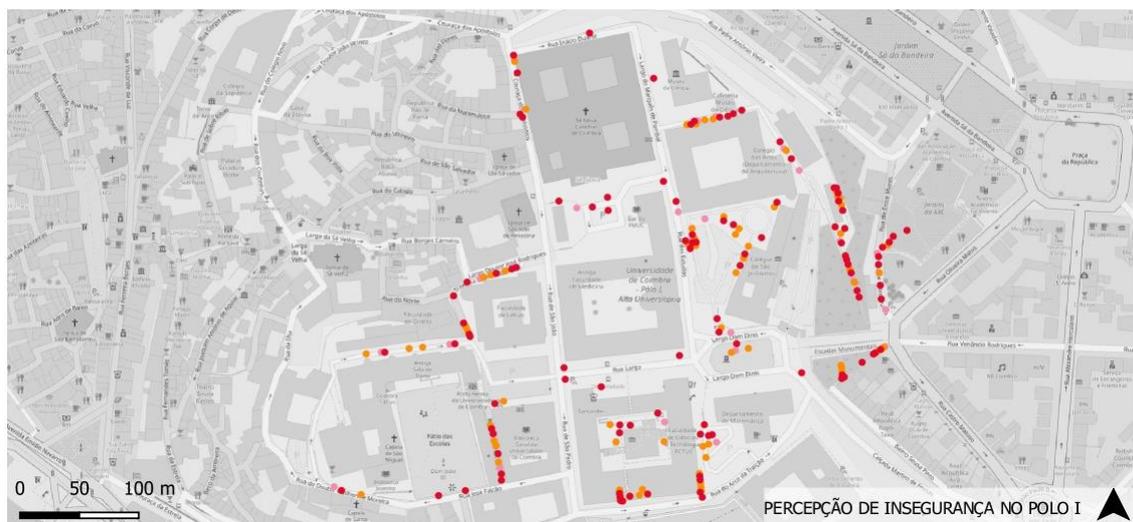
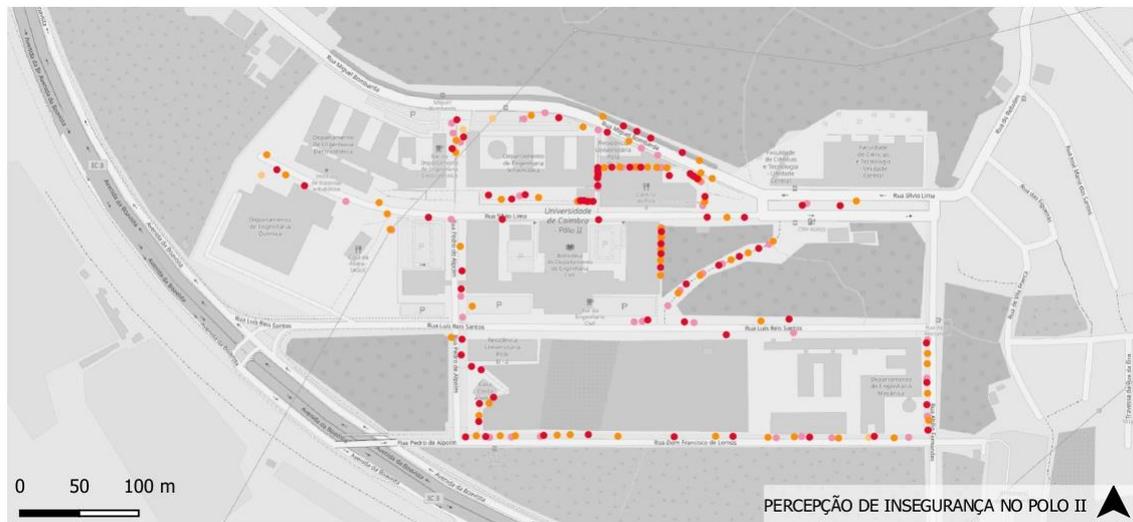
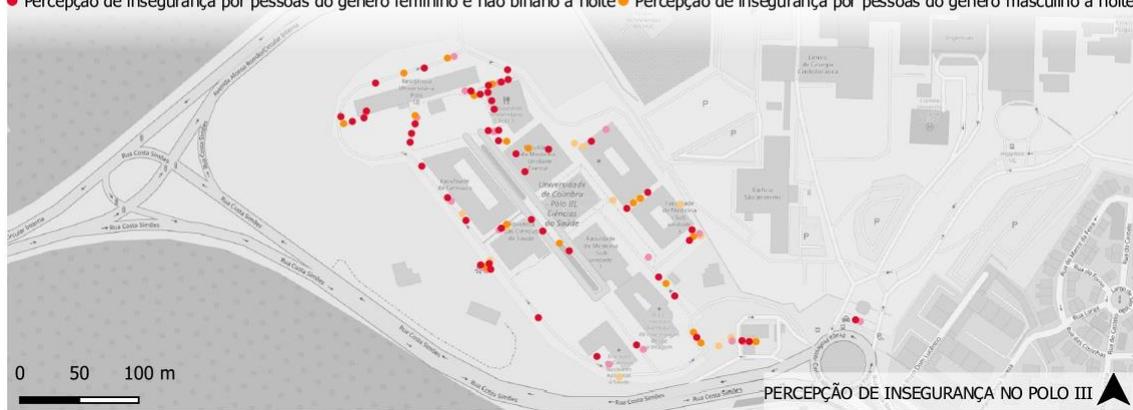


Figura 265. Planta de Percepção de Insegurança por Participantes nos Polos Universitários.

LOCAL	GÊNERO	PERCEPÇÃO DE (IN)SEGURANÇA	ASPECTOS FÍSICOS POSITIVOS	ASPECTOS FÍSICOS NEGATIVOS	ASPECTOS SOCIAIS
Caminho das Virgens (Polo I)	Feminino e não binário	73% perceberam como inseguro	Transição entre o Polo I e o restante do tecido urbano	Falta de iluminação	Socialmente conflituoso durante a noite
			Visibilidade para leste	Obstrução da vista pela vegetação	Nomenclatura sexista
	Masculino	50% perceberam como inseguro	Alternativa de acesso ao Polo I pelo desnível mais sutil	Cercado por muros e traseiras dos edifícios	Maior percepção de insegurança por mulheres durante a noite
			Acesso as Antigas Cantinas Verdes	Falta de manutenção	Falta de movimento principalmente durante a noite
			Potencial para abrigar novos usos	Pavimento não tratado e risco de queda	Não permite a vigilância informal
				Falta de informação direcional	
Antigas Cantinas Verdes (Polo I)	Feminino e não binário	100% perceberam como inseguro	Espaço amplo com vista para nordeste	Falta de iluminação	Pichações de caráter fascista
			Potencial de transição para os departamentos	Falta de mobiliário urbano	Socialmente conflituoso durante a noite
			Existiu um programa neste local	Falta de sombra e árvores	Uso para atividade ilícitas
	Masculino	100% perceberam como inseguro	Potencial para abrigar novos usos	Espaço abandonado	Percepção de insegurança por todos os participantes
			Possui acessos as salas de prática de yoga organizadas pela AAC	Falta de informação direcional	Não permite a vigilância informal
			Possibilidade de tratamento da vegetação para criação de novos percursos de acesso	Acúmulo de lixo	
			Elevado declive sem proteção, gerando risco de queda		
			Localizado no limite do Polo, junto às traseiras dos edifícios		
			Sem rotas alternativas		
Caminho entre o Col. das Artes e o Museu da Ciência (Polo I)	Feminino e não binário	100% perceberam como inseguro	Acesso ao limite leste do Polo I	Falta de iluminação	Falta de movimento principalmente durante a noite
			Possibilidade de abertura para o Largo Marquês de Pombal	Pavimento não tratado e risco de queda	Apenas utilizado por quem necessita desse caminho para aceder aos departamentos
			Acesso ao elevador do Col. das Artes	Espaço abandonado	Não permite a vigilância informal
			Acesso a Fac. de Psicologia	Falta de informação direcional	
	Masculino	100% perceberam como inseguro	Acesso ao Centro de Estudos Sociais	Passagem estreita	
			Acesso ao Centro Cultural D. Dinis	Restringido pela fachada norte do Col. das Artes e um muro separando o Museu da Ciência	
				Sem rotas alternativas	
				Falta de visibilidade	
			Obstrução da vista por colunas e escadas		
			Sob uma plataforma anexada ao Col. das Artes sem uso		
			Fachadas inativas		
Largo da Feira (Polo I)	Feminino e não binário	69% perceberam como inseguro	Espaço amplo	Falta de mobiliário urbano	Falta de movimento principalmente durante a noite
			Antes do Estado Novo usava-se para reuniões, econtros e feiras, podendo ser retomado esses usos	Falta de sombra e árvores	Sem permanência
			Amplo campo visual	Espaço abandonado	Percebido como inseguro apenas por mulheres durante a noite
	Masculino	13% perceberam como inseguro	Acesso a Igreja da Sé Nova	Falta de informação direcional	Apenas um homem indicou o uso desse espaço para permanência
			Espaço de transição da cota mais baixa para o nível do Polo I	Fachadas da Fac. de Medicina sem relação com o Largo	
				Estacionamento de automóveis	
			Obstáculos físicos e visuais causados pelos automóveis		
			Sem rotas alternativas		
Rua Entre Muros (Polo I)	Feminino e não binário	100% perceberam como insegura	Eixo de ligação entre a Rua Padre António Vieira e o acesso ao Polo I	Falta de iluminação	Ocorrência de assédio sexual indicado por uma mulher
			Acesso ao Jardim da AAC	Falta de sombra e árvores	Socialmente conflituoso durante a noite
	Masculino	20% perceberam como insegura	Acesso dos funcionários para a Cantina Universitária	Espaço abandonado	Maior percepção de insegurança por mulheres durante a noite
			Localização da lavanderia dos SASUC	Pavimento não tratado e risco de queda	Discrepância na percepção de insegurança entre gêneros
			Possibilidade da apropriação do espaço utilizado como estacionamento, com a criação de zonas de permanência e convívio		
				Privilégio ao estacionamento de automóveis	
				Rua restringida por muros e edifícios	

Figura 266. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como inseguros pelos participantes no Polo I. Indica-se os aspectos físicos negativos, mas também os positivos e os aspectos sociais, como forma de reconhecer o potencial desses locais para sugerir melhorias nos espaços.

LOCAL	GÊNERO	PERCEPÇÃO DE (IN)SEGURANÇA	ASPECTOS FÍSICOS POSITIVOS	ASPECTOS FÍSICOS NEGATIVOS	ASPECTOS SOCIAIS
Rua Miguel Bombarda (Polo II)	Feminino e não binário	89% perceberam como insegura	Espaço amplo Amplio campo de visão para sul em alguns espaços livres Possibilidade da apropriação do espaço utilizado como estacionamento, com a criação de zonas de permanência e convívio Possibilidade de continuação da malha urbana e integração do Polo II	Falta de iluminação Pavimento não tratado e risco de queda Falta de mobiliário urbano Falta de sombra e árvores	Excesso de pichações demonstram o não cuidado e apreciação do espaço pelas pessoas Falta de vigilância informal Falta de movimento
	Masculino	80% perceberam como insegura		Espaço abandonado Falta de informação direcional Muros e alçados que impedem a relação da rua com os edifícios Limite marcado entre o Polo II e o Pinhal de Marrocos Acesso à Residência Universitária por uma escada estreita e pouco visível Obstáculo físico faz a separação da zona de estacionamento e da calçada, tornando-a estreita	
Rua Dom Francisco de Lemos (Polo II)	Feminino e não binário	100% perceberam como insegura	Espaço amplo Possibilidade do desenvolvimento de uma zona desportiva a sul Espaço verde tratado na face norte da Residência Universitária 2	Falta de iluminação Pavimento não tratado e risco de queda Falta de mobiliário urbano Escala não apropriada	Falta de movimento Percebido como inseguro por todos os participantes Falta de vigilância informal
	Masculino	100% perceberam como insegura		Falta de faixa de pedestre Espaço abandonado Falta de informação direcional Alçados inativos Edifícios sem relação com a rua Falta de calçada no lado sul da rua Espaço verde sem tratamento na parte sul Monotonia Localização do alçado tardoz do Dep. de Engenharia Mecânica Baixa altura e má localização das árvores na calçada Limite marcado entre o Polo II e uma zona verde sem tratamento Sem acesso para PcD	
Rua Pedro de Alpoim (Polo II)	Feminino e não binário	80% perceberam como insegura	Possibilidade do desenvolvimento de uma zona de lazer no espaço abandonado a oeste	Falta de iluminação Pavimento não tratado e risco de queda Espaço abandonado	Corridas ilegais de carros Socialmente conflituoso Falta de movimento principalmente durante a noite
	Masculino	100% perceberam como insegura		Entrada para a Residência Universitária 2 com pouca visibilidade Edifícios sem relação com a rua Limite sul da rua com vista para a Avenida da Boavista e sem continuidade	Ronda de policiais durante a noite Situação de invasão e furto na Residência Universitária 2 Falta de vigilância informal
Rua Sílvia Lima (Polo II)	Feminino e não binário	80% perceberam como insegura	Possibilidade de continuação da malha urbana e integração do Polo II a oeste	Falta de iluminação Falta de mobiliário urbano Falta de sombra e árvores Escala não apropriada Espaço não mantido	Falta de movimento principalmente durante a noite Falta de vigilância informal
	Masculino	100% perceberam como insegura		Rua sem continuidade a oeste Zona de vegetação não tratada a oeste, obstruindo a visibilidade Existência de uma torre de transmissão de energia próximo aos departamentos	
Rua Luís Reis dos Santos (Polo II)	Feminino e não binário	71% perceberam como insegura	Espaço de transição no alçado principal do Departamento de Engenharia Civil Identificado como o espaço mais representativo do Polo II	Falta de iluminação Pavimento não tratado e risco de queda	Corridas ilegais de carros Socialmente conflituoso
	Masculino	33% perceberam como insegura	Possibilidade de percursos lúdicos no espaço sem tratamento a norte	Falta de mobiliário urbano Espaço abandonado Falta de informação direcional Excesso de espaços sem tratamento	Falta de movimento principalmente durante a noite Ronda de policiais durante a noite

Figura 267. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como inseguros pelos participantes no Polo II. Indicam-se os aspectos físicos negativos, mas também os positivos e os aspectos sociais, como forma de reconhecer o potencial desses locais para sugerir melhorias nos espaços.

LOCAL	GÊNERO	PERCEPÇÃO DE (IN)SEGURANÇA	ASPECTOS FÍSICOS POSITIVOS	ASPECTOS FÍSICOS NEGATIVOS	ASPECTOS SOCIAIS
Acesso pelas bombas de abastecimento (Polo III)	Feminino e não binário	100% perceberam como insegura		Falta de iluminação	Sem movimento principalmente durante a noite
	Masculino	100% perceberam como insegura		Pavimento não tratado e risco de queda	Espaço apenas para passagem
Traseira da Residência Universitária (Polo III)	Feminino e não binário	100% perceberam como insegura		Espaço abandonado	
	Masculino	100% perceberam como insegura		Falta de informação direcional	
Espaço entre o Restaurante Acadêmico e a Residência Universitária (Polo III)	Feminino e não binário	100% perceberam como inseguro	Espaço amplo Situado entre dois programas que podem permitir uma maior apropriação do espaço público	Estacionamento de automóveis	Falta de movimento principalmente durante a noite
	Masculino	33% perceberam como inseguro		Obstruções físicas e visuais	
	Feminino e não binário	100% perceberam como insegura		Falta de iluminação	Sem movimento
	Masculino	100% perceberam como insegura		Pavimento não tratado e risco de queda	Espaço pouco utilizado por pedestres
	Feminino e não binário	100% perceberam como inseguro		Calçada estreita	
	Masculino	33% perceberam como inseguro		Calçada constrangida pelo declive marcando o limite do Polo e pela rua de acesso e estacionamento de automóveis	
	Feminino e não binário	100% perceberam como inseguro		Falta de iluminação	Falta de movimento principalmente durante a noite
	Masculino	33% perceberam como inseguro		Falta de mobiliário urbano	Percepção como insegura por todas as mulheres e pessoa não binária
	Feminino e não binário	100% perceberam como inseguro		Espaço não mantido	
	Masculino	33% perceberam como inseguro		Falta de informação direcional	
	Feminino e não binário	100% perceberam como inseguro		Espaço no limite do Polo, sem ligação com o restante da malha urbana	
	Masculino	33% perceberam como inseguro			

Figura 268. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como inseguros pelos participantes no Polo III. Indica-se os aspectos físicos negativos, mas também os positivos e os aspectos sociais, como forma de reconhecer o potencial desses locais para sugerir melhorias nos espaços

Já na Rua Entre Muros, identificada pela ocorrência de assédio sexual, a falta de movimento junto com a falta de iluminação e obstruções físicas e visuais, são aspectos que facilitam a interação indesejada entre pedestres. Como alternativas propõe-se a colocação de mais iluminação, o tratamento dos espaços sobranceiros e utilizados como estacionamento, para assim abrigar novos usos com a colocação de mobiliário urbano (Figura 266). Almeja-se trazer mais movimento a essa rua para, através da vigilância informal, evitar que ocorram situações de assédio e outros tipos de violência.

No Polo II, observa-se que os focos de percepção de insegurança localizam-se principalmente nas ruas que marcam o limite do Polo com a restante malha urbana, acompanhados de espaços sem tratamento e construídos sem mobiliário urbano (Figura 263), e pelas fachadas inativas dos edifícios (Figura 262). Essa configuração se apresenta nas ruas Miguel Bombarda, D. Francisco de Lemos, Pedro de Alpoim, Sílvio Lima, e Luís Reis dos Santos, as quais foram identificadas como as mais inseguras do Polo. Para além dos aspectos físicos, a falta de movimento e de diversidade de usos, para além do ensino, e a realização de corridas ilegais durante a noite, contribuem para a percepção de insegurança nesses espaços (Figura 267).

Já no Polo III, o acesso pedonal principal se dá pelas bombas de abastecimento abandonadas (Figura 262), sendo necessária a demolição dessa estrutura e a criação de caminhos tratados e acessíveis, acompanhados de informação direcional e mobiliário urbano, possibilitando a locomoção de pedestres em segurança e com qualidade.

Na traseira da Residência Universitária, apesar do aparente tratamento da vegetação que preenche o declive, não existe iluminação suficiente durante a noite (Figura 263), elevando não só a percepção de insegurança, como a própria insegurança pelo risco de queda (Figura 268). Visto que é um espaço marcado pelo limite do Polo, e sem relação com o restante da malha urbana, torna-se difícil sugerir melhorias a nível de novos usos e aumento de movimento, porém é possível aumentar a percepção de segurança através da adição de iluminação e do tratamento e manutenção da calçada.

Por último, no espaço entre o Restaurante Acadêmico e a Residência Universitária, observa-se a discrepância entre gêneros onde todas as mulheres e pessoa não binária se sentiram inseguras, enquanto apenas um homem percebeu esse espaço como inseguro (Figura 268). Durante a noite, não existe iluminação e falta tratamento do pavimento, elevando também aqui o risco de queda e a falta de visibilidade. Reconhece-se, no entanto, que esse espaço é amplo (Figura 262), e está situado entre dois programas que podem permitir uma maior apropriação do espaço público com a colocação de mobiliário urbano, tratamento do pavimento e iluminação durante a noite.

Concluindo, os aspectos que contribuem para a percepção de insegurança (Figuras 266, 267 e 268) são: falta de iluminação; obstrução da vista; espaços cercados por muros e traseiras dos edifícios; falta de manutenção; pavimento não tratado gerando risco de queda; falta de informação direcional; falta de mobiliário urbano; falta de sombra e árvores; espaços abandonados e/ou não construídos; acúmulo de lixo; falta de rotas alternativas; passagem estreita; curto campo de visão; fachadas inativas; obstáculos físicos e visuais causados pelo estacionamento de automóveis; excesso de muros que impedem a relação com os edifícios; baixa altura e má posição de árvores nas calçadas; espaços no limite do Polo sem ligação com o restante da malha urbana; nomenclaturas sexistas e pichações de caráter autoritário.

Todos esses aspectos contribuem para: a falta de movimento; a maior percepção de insegurança durante a noite principalmente por mulheres; o seu uso para atividades ilícitas e interações indesejáveis entre pedestres, como a ocorrência de assédio sexual e outras formas de violência; falta de permanência de pessoas, logo menor vigilância informal. E contribuem também para a discrepância de gênero identificada com o preenchimento dos questionários, em que as mulheres optam por espaços interiores, enquanto os homens pelo uso do espaço urbano.

Com isso comprova-se que as mulheres sentem mais insegurança que os homens, o que implica também que elas evitem a frequência de determinados lugares, e conseqüentemente, não têm o pleno direito à cidade.

Esses aspectos físicos e sociais identificados, proporcionam uma menor apropriação e vivência da cidade por mulheres e outros grupos socialmente minoritários. É possível melhorar a fruição do espaço por todas as pessoas através das alternativas apresentadas, junto com propostas de novos usos e programas sugeridos na conversa em grupo.

Tendo concluída a análise sobre os aspectos que promovem a percepção de segurança e insegurança no espaço quando aplicadas aos casos de estudo, considera-se necessário fazer uma síntese reflexiva do que se aprendeu em cada capítulo anterior, de forma a concluir mais genericamente sobre esses pressupostos, para uma ponderação final acerca deste tema.

Na primeira parte, “Enquadramento e definição de conceitos”, estabelecem-se as diferenças entre o sexo e o gênero, e como a dicotomia, feminino e masculino é expressa na cidade. A partir da reflexão desse capítulo, foi possível compreender que as opressões sofridas por mulheres e outras minorias sociais no espaço urbano, existem e validam a análise dos Polos Universitários de Coimbra a partir de uma perspectiva de gênero.

De forma a aprofundar o tema, no segundo capítulo “Análises do espaço urbano face às questões de gênero e segurança” apresentam-se as críticas de arquitetas feministas às diretrizes quantitativas do urbanismo normativo, o qual padroniza o corpo do homem como norma na construção das cidades, sendo necessárias reflexões e questionamentos que gerem alternativas no processo projetual, de forma a incluir todas as pessoas na tomada de decisões.

Em continuidade, com a apresentação dos métodos desenvolvidos pelo Col.lectiu Punt 6 e por Paula Soto Villagrán, compreende-se que a mobilidade das mulheres e dos homens difere, sendo que a maioria delas realizam mais paradas ao longo das suas rotas diárias derivadas dos papéis sociais, os quais as impõem a realização de tarefas reprodutivas, a chamada “mobilidade do cuidado” (Madariaga I. S., 2004). Com a inserção da percepção de segurança nessa análise, é possível reconhecer as opressões que diferentes mulheres sofrem para além da segurança definida por lei, e como o medo limita a mobilidade e a apropriação do espaço público por elas.

Esse capítulo, possibilitou a ponderação dos métodos qualitativos de análise do espaço urbano para o desenvolvimento de ferramentas a aplicar no contexto de Coimbra. Com o estudo do Col.lectiu Punt 6, forneceram-se meios para realizar a análise e o diagnóstico de determinado contexto urbano, tendo como essencial a participação da comunidade. Já com os apresentados por Paula Soto Villagrán, foi possível ter uma base para o desenvolvimento das plantas de análise e das amostras quantitativas derivadas das ferramentas participativas, e compreender a importância da percepção de (in)segurança no espaço urbano pelas mulheres. Logo, esses dois estudos se complementam para o desenvolvimento dos métodos utilizados nessa dissertação na medida que ambos têm como centro a participação da comunidade e em especial as experiências de diferentes mulheres no espaço urbano, fornecendo informações necessárias para a sugestão de melhorias nos espaços em análise.

No capítulo “Caracterização espacial dos Polos Universitários de Coimbra” seguiu-se para a análise do espaço físico dos casos de estudo, os três Polos Universitários de Coimbra, com enfoque nas alterações espaciais decorrentes de cada período político de Portugal para a sua situação atual, através de uma abordagem histórica. Nele foi possível compreender as diferenças espaciotemporais e morfológicas de cada Polo e a sua evolução, permitindo a avaliação dos casos de estudo de forma coesa para a aplicação e cruzamento dos métodos qualitativos nesse contexto. Também, como forma de sugerir alternativas aos problemas identificados, saber a história de cada Polo, em especial do Polo I, contribuiu para o reconhecimento do valor social de cada espaço e a possível retomada de atividades existentes antes das demolições durante o Estado Novo, além de (re)conhecer os espaços para analisá-los.

Na quarta parte, “Gênero e fruição nos Polos Universitários de Coimbra”, apresentaram-se os métodos desenvolvidos que tiveram como base a reflexão dos estudos do Col.lectiu Punt 6, de Paula Soto Villagrán, e foram afinados segundo as diretrizes dadas por Sara Ortiz durante a entrevista realizada (Apêndice I). Portanto, para analisar os problemas do desenho urbano dos três Polos Universitários de Coimbra, foram desenvolvidos três métodos de análise participativa, sustentados

pela análise da capacitação física e morfológica do espaço apresentada no capítulo 3, e uma ferramenta etnográfica.

Por ordem de relevância, a primeira ferramenta foi a caminhada em conjunto, seguindo para o percurso individual e terminando com a conversa em grupo. Esses métodos priorizaram a percepção dos utilizadores, sendo eles que indicaram os espaços em que se sentiram inseguros ou seguros, e onde e quais equipamentos urbanos são necessários para a melhoria desses locais. A observação de reconhecimento⁹⁸ surge como uma análise de apoio utilizada no Polo I e pensada como um desenvolvimento futuro.

A caminhada em conjunto teve como principal objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos Polos Universitários de Coimbra através do ato de caminhar. Para a recolha de informação, foi desenvolvida uma ficha informativa com algumas questões a atentar e identificar no mapa no decorrer do percurso, permitindo uma primeira reflexão sobre os espaços dos Polos, e se eles fornecem o básico para uma mobilidade segura e com qualidade. Foram formados dois grupos para percorrer cada Polo em diferentes horários de dia e de noite, sendo a rota previamente determinada pela autora, de forma a evitar repetir caminhos e possibilitar a passagem em todos os espaços. A formação de grupos em diferentes horários possibilitou a presença de mais pessoas, mas principalmente, permitiu a avaliação das diferenças nas percepções durante o dia e durante a noite, tendo sido comprovada a maior percepção de insegurança durante a noite, principalmente por mulheres.

Na segunda ferramenta, o percurso individual, utilizou-se uma ficha individual distribuída para as pessoas participantes da atividade anterior. A proposta foi identificar quais os usos dados aos espaços dos Polos pelos usuários. Com perguntas mais específicas sobre o cotidiano dos participantes, pretendeu-se questionar o uso dos Polos apenas durante o horário letivo e deu-se abertura para se expressarem sobre os equipamentos que poderiam existir no Polo ou próximo,

⁹⁸ Ferramenta etnográfica.

para facilitar o desenvolvimento do cotidiano e gerar mais movimento, rompendo com a monofuncionalidade dos Polos.

Por último, foi realizada a conversa em grupo no claustro do Colégio das Artes, contando com o apoio de um questionário base para a criação de mapas coletivos. O questionário serviu como base para direcionar o assunto a ser tratado e ajudar os participantes a se expressarem no mapa coletivo, sendo composto por 6 âmbitos de análise do espaço urbano: a participação; o espaço público, contando com os espaços de convívio e de relação; os equipamentos urbanos; a mobilidade; a segurança; e a habitação. Para o preenchimento dos mapas, foram colocadas mesas separadas com o intuito de criar grupos de mulheres e pessoas não binárias⁹⁹, separadas dos homens, para que assim pudessem falar sobre questões de assédio, olhares maliciosos e do medo ao andar na rua, em um ambiente mais confortável, e sem julgamentos para essa troca e reflexão.

Assinala-se uma importante amostra coletada com o questionário. Quando os participantes foram perguntados sobre “o que significa a insegurança para você?”, as respostas obtidas refletiram a diferença desse sentimento entre os gêneros. Algumas pessoas do gênero feminino afirmaram que insegurança é: “me sentir com medo de andar sozinha, ir a lugares com muitos homens, pouca iluminação e muito isolados”; “ter medo de andar sozinha, ter medo de ser assediada em espaços públicos que não estão ativos seja pela falta de luz, seja por serem mal frequentados”. Observa-se aqui, que o medo se dá não só pelo espaço físico, mas por interações indesejadas entre pedestres, e de terem seus corpos sexuais invadidos, sendo o agente descrito como um homem.

Já com as respostas dadas por participantes do gênero masculino, observa-se o contraste relativo as mulheres. Alguns afirmaram que insegurança significa: “espaços sombrios, escuros, frios”; “estar em risco de ser assaltado e/ou

⁹⁹ Foi feito um grupo único com mulheres e pessoas não binárias como forma de reconhecer a posição socialmente minoritária desses dois gêneros, logo, possibilitar conversas em um espaço sem julgamentos separado das pessoas do gênero masculino, sendo essas, como visto, as que mais perpetuam as opressões sociais.

agredido”; “estar em constante perigo de ser atropelado ao circular a pé ou bicicleta”. Aqui, os homens assinalaram aspectos espaciais negativos e de insegurança a nível da integridade física, sem um agente em comum. Essa questão comprovou a diferença na percepção de segurança por mulheres e homens, validando a importância desse tema.

A última ferramenta, a observação de reconhecimento, visou uma aproximação etnográfica aos casos de estudo através da observação dos espaços centrais nos três Polos Universitários. O intuito foi compreender quem são as pessoas que os utilizam, identificando o gênero social, se é estudante ou não estudante, e como essas pessoas se movimentam e interagem entre si diante das condições espaciais.

Após a coleta das mais de noventa fichas preenchidas com os métodos participativos, foi possível realizar a sua sobreposição com o programa *QGIS*, possibilitando a análise dos espaços percebidos como seguros e inseguros de forma visual e cruzada. Com esse capítulo final, comprovaram-se as diferenças nas percepções de (in)segurança de pessoas dos diferentes gêneros, sendo as mulheres as mais afetadas pelo medo, privando-as da apropriação do espaço urbano dos Polos Universitários de forma livre. Associada às percepções, identificaram-se os aspectos espaciais que promovem esses sentimentos e possibilitou-se a sugestão de alternativas para romper com a monofuncionalidade dos Polos e aumentar a fruição do espaço urbano por todas as pessoas, podendo eventualmente permitir a sua extensão para os espaços urbanos de uma forma geral, assim evitando reproduzir os aspectos negativos e promover uma maior apropriação da cidade por todas as pessoas.

De forma geral, as características espaciais comuns aos espaços mais sentidos como seguros configuram-se por terem calçadas largas ladeadas pelos alçados principais dos edifícios; rotas alternativas; existência de bancos e árvores; fachadas ativas; campo amplo de visão; iluminação correta durante a noite; espaços de transição do exterior para o interior; e vigilância informal derivada do movimento e permanência de pessoas.

Já os aspectos que contribuem para a percepção de insegurança se configuram pela falta de iluminação; nomenclaturas sexistas; obstrução da vista; espaços cercados por muros e traseiras sem relação com o interior dos edifícios; fachadas inativas; falta de informação direcional e de mobiliário urbano; espaços abandonados ou não construídos com acúmulo de lixo; inexistência de rotas alternativas; passagens estreitas com curto campo de visão; e espaços sem ligação com o restante da malha urbana.

Como consequência desses aspectos espaciais negativos, ocorre, a falta de movimento, gerada principalmente pela monofuncionalidade dos espaços; a maior percepção de insegurança durante a noite principalmente por mulheres; o seu uso para atividades ilícitas e interações indesejáveis entre pedestres, como a ocorrência de assédio sexual; falta de permanência de pessoas, logo menor vigilância informal, situações que contribuem também para a discrepância da percepção de segurança por gênero. Com isso comprova-se que as mulheres se sentem mais inseguranças que os homens, o que implica uma menor fruição do espaço urbano.

Sabendo que as cidades ocidentais em sua maioria não incluem as percepções e experiências de diferentes pessoas no processo projetual, elas não suprem as necessidades de todas, sendo necessária uma revisão a nível espacial e conceitual. O desenho urbano, como mostrado, pode contribuir com a percepção de segurança através da vigilância informal, da multiplicidade de programas que geram movimento em diferentes horários, a iluminação correta, entre outros aspectos que podem ser implementados a curto prazo.

Concluindo, os métodos aqui usados, baseiam-se numa abordagem interdisciplinar, que vai para além da teoria e atua na prática, buscando entender e analisar o espaço urbano e edificado e sua influência na vida das pessoas. Portanto, considera-se pertinente o desenvolvimento de novos métodos participativos no processo de projeto pois gera a oportunidade de envolver todas as pessoas nas decisões a serem tomadas nos espaços públicos, sendo elas as que farão o uso a apropriação deles, e como visto, foi possível identificar os aspectos espaciais positivos e negativos e as possíveis melhorias propostas pelos próprios

utilizadores. Entende-se que, com a arquitetura, é possível melhorar os espaços para possibilitar o uso por diversas pessoas, mas também é necessária uma mudança a nível cultural, de forma a diminuir a desigualdade social existente.

Reconhece-se como desenvolvimento futuro, a possibilidade de uso da análise sintática para realizar uma avaliação tipológica e morfológica de redes urbanas e entender a configuração estrutural dos espaços urbanos e seu impacto potencial no comportamento social¹⁰⁰. Logo, seu uso se daria como um complemento para entender a influência da morfologia urbana nas percepções e relações das pessoas.

Uma vez que esta dissertação se focou apenas na comunidade acadêmica, também se admite como continuidade, a possibilidade de contar com a participação de docentes, funcionários da Universidade e da população local. Abrangendo diferentes pessoas, é possível uma abordagem interseccional para compreender as diferentes formas de opressões que limitam a apropriação do espaço urbano, e, sugerir programas, atividades e outros equipamentos não previstos pelos estudantes.

Com essa dissertação, foi possível compreender novas formas de fazer e pensar a arquitetura para além da teoria aprendida na Universidade, priorizando as pessoas que a utilizam de forma a criar ambientes equitativos. Citando Patrícia Santos Pedrosa:

“Se consideramos que o direito à visibilidade efectiva é um contributo para o direito a existir, os estudantes ao não conhecerem a diversidade crescente de que é feita a profissão, dificilmente serão capazes de

¹⁰⁰ “Na sintaxe espacial, os espaços são entendidos como vazios (ruas, praças, salas, parques etc.). Os vazios são definidos por obstruções que podem restringir o acesso e/ou ocluir a visão (tais como paredes, vedações, mobiliário, divisórias e outros impedimentos)” (Al_Sayed, Turner, Hillier, & Iida, 2014, p. 7).

Tradução pela autora: “In Space Syntax, spaces are understood as voids (streets, squares, rooms, parks, etc.). Voids are defined by obstructions that might either constrain access and/or occlude vision (such as walls, fences, furniture, partitions and other impediments)” (Al_Sayed, Turner, Hillier, & Iida, 2014, p. 7).

contribuir para o questionamento da mesma e para a alteração da sua estrutura patriarcal, classista, racistas e capacitista” (Pedrosa P. , 2018, p. 45).

São necessárias a interdisciplinaridade e a relação com a população durante o curso de arquitetura, para que assim seja possível desenvolver empatia e compreender as necessidades individuais e coletivas das pessoas, objetivos alcançados com essa dissertação. Salienta-se a preocupação desse trabalho em sugerir melhorias nos espaços já construídos e identificar situações a se atentar para a construção de novos espaços, como forma de contribuir para uma sociedade mais equitativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACD 2020 - Sara Ortiz Escalante Col.lectiu Punt 6. (s.d.). Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LgZseUJICkg>
- Al_Sayed, K., Turner, A., Hillier, B., & Iida, S. (2014). *Space Syntax Methodology*. Londres: Bartlett School of Graduate Studies, UCL.
- Alarcão, J. (2008). *Coimbra. A Montagem do Cenário Urbano*. Coimbra: Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra.
- Almeida, H. R. (2018). *Plataforma de Mapeamento da Perceção do Medo das Mulheres no Espaço Urbano*. Coimbra: Dissertação de Mestrado em Design e Multimédia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Antunes. (2021). Uma leitura feminista do processo SAAL (1974-1976): Aproximações críticas iniciais. *V Congresso Internacional Arquitectura e Género. Acção! Feminismos e a Espacialização Das Resistências*, (pp. Livro de Resumos, 93).
- Antunes, L. (2012). Em *Arquitectura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitectura* (p. VIII). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura, Coimbra.
- Antunes, L. (2018). Um relato (feminista) da arquitectura. Em P. Pedrosa, J. Lages, & L. Antunes, *Arquitectas: Modo(s) de (R)existir. Reflexões a partir de um ciclo de conversas* (pp. 77, 78). Lisboa: Mulheres na Arquitectura.
- Araneda, C., & Gatica, B. (2017). Mapping the Crowd from Within. An immersive strategy for the recording and management of visual information. *Proceedings of the 11th Space Syntax Symposium* (pp. 126.1-126.16). Lisbon: The Bartlett Space Syntax Laboratory.
- Bandeirinha, J. A. (2011). *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da FCTUC.
- Barbosa, J. L. (14 de Maio de 2020). Intersectionality and Other Views on Violence Against Women in Times of Pandemic by COVID-19. *Scielo*, p. <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/328/592>.

- Barbosa, J., Lima, R., Martins, G., Lanna, S., & Andrade, M. (14 de Maio de 2020). *Scielo*.
 Fonte: Intersectionality and Other Views on Violence Against Women in Times of
 Pandemic by COVID-19:
<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/328/592>
- Beauvoir, S. (1949). *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard.
- Beauvoir, S. (1970). *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Bernardino, R. (2012). *Coimbra: Arquitectura e Poder. Três Pólos Universitários, Três Episódios na Cultura Arquitectónica Portuguesa*. Coimbra: Dissertação de Mestrado, departamento de arquitetura da FCTUC.
- Berth, J. (2017). Direito a cidades plurais e sem discriminação. *IX Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico*. Florianópolis: Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico.
- Blanco, J. (2016). *Arquitectura Universitaria. Ciudades Patrimonio Mundial*. Madrid: Universidad de Alcalá.
- Boys, J., Bradshaw, F., Darke, J., Foo, B., Francis, S., McFarlane, B., & Roberts, M. (1984). *Making Space: Women and the Man-made Environment*. London: Pluto Press.
- Bryman, A. (2012). *social research methods*. New York: Oxford University Press Inc.
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Londres: Routledge.
- Byrne, G. (2003). Coimbra. Em A. A. Costa, J. Figueira, & N. Grande, *CidadeSofia* (pp. 216-246). Coimbra: Edarq.
- CAFSU. (2003). *Avis du CAFSU sur la sécurité et le sentiment de sécurité pour le projet du Centre de Tennis du Parc Jarry*. Montréal: Office de consultation publique de Montréal.
- CAFSU, & Femmes et Ville. (2004). *Guide des formatrices et formateurs. Pour un environnement urbain sécuritaire. Formation en aménagement sécuritaire*. Montreal: Régie régionale de la santé et des services sociaux de Montréal-Centre.
- Carmo, M., Tavares, I., & Cândido, F. (2020). *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*. Lisboa: Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

- Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6.
- Castelo, S. (2018). Género em arquitectura paisagista: prática e investigação. Em P. Pedrosa, J. Lages, & L. Antunes, *Arquitectas: Modo(s) de (R)existir. Reflexões a partir de um ciclo de conversas* (p. 98). Lisboa: Mulheres na Arquitectura.
- Ciocoletto. (2014). *Espacios para la vida cotidiana. Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de Género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6.
- Ciocoletto, A. (2012). *La incorporación de la experiencia cotidiana en el análisis urbano*. Tesis de Máster Universitario en Gestión y Valoración Urbana. UPC, Departamento de Construcciones Arquitectónicas I, Cataluña, Espanha: Barcelona.
- Coelho, C. (2015). Sedimentar Urbanidade(s) na Universidade. Em D. Pedro, J. A. Bandeirinha, & N. Grande, *700+25. Arquitetura na UniverCidade* (pp. 59-71). Coimbra: CAPC.
- Col.lectiu Punt 6. (2011). Construyendo entornos seguros desde la perspectiva de género. Em F. M, *No surtis sola. Espais públics segurs amb perspectiva de gènere*. Barcelona: Institut de Ciències Polítiques i Socials, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Col.lectiu Punt 6. (2016). *Entornos Habitables. Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6.
- Colomina, B. (1992). *Sexuality and Sapace*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.
- Comunidad Autónoma de Cataluña. (2004). *Ley 2/2004*. Fonte: Legislación Consolidada: <https://www.boe.es/buscar/pdf/2004/BOE-A-2004-12700-consolidado.pdf>
- Crenshaw, K. (1994). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. Em M. A. Fineman, & R. Mykitiuk, *The Public Nature of Private Violence* (pp. 93-118). New York: Routledge.

- Dolores Hayden*. (s.d.). Fonte: The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities: <http://www.doloreshayden.com/the-grand-domestic-revolution>
- Encarnação, C. (2003). Coimbra: Políticas Urbanas. Em J. F. A. A. Costa, *CidadeSofia* (pp. 234-240). Coimbra: Edarq.
- Escalante, S. O. (2014). Espaço público, género e (in)segurança. *Jornadas Urbanismo y Género. Ciudades en Construcción*, pp. 48-67.
- Escalante, S. O. (26 de Março de 2021). Col.lectiu Punt 6. (G. L. Vasconcellos, Entrevistador)
- Falú, A. (2009). *Mujeres en la ciudad. De violencias y derechos*. Santiago de Chile: Red Mujer y Hábitat de América Latina, Ediciones Sur.
- Falú, A. (2016). Prólogo Compartido. Em B. V. Gutiérrez, A. Ciocoletto, S. O. Escalante, R. Casanovas, & M. F. Salinas, *Entornos Habitables. Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno* (pp. 7-9). Barcelona: Col.lectiu Punt 6.
- Fávero, N. (2020). *A Condição das Mulheres no Espaço Público: Territórios de conforto e desconforto na urbanidade contemporânea*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade Arquitetura da Universidade do Porto.
- Ferradás, M. (Abril de 2016). De Arquitetura Feminina à Feminista a Chave para a Verdadeira Mudança. *Arquitetas Invisíveis - Pioneiras N° 1*, p. 2016.
- Figueira, J. (2010). Olhar para as estrelas. *Joelho: Mulheres na Arquitectura*, 16, 17.
- Foucault, M. (1984). *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Frias, A. (2003). Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 81-116.
- Friedman, B. (1963). *The feminine mystique*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company.

- Gastaldo, D., Magalhães, L., Carrasco, C., & Davy, C. (2012). *Body-Map Storytelling as Research: Methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping*.
- Gutiérrez, B. V., Ciocoletto, A., Escalante, S. O., Casanovas, R., & Salinas, M. F. (2016). *Entornos Habitables. Auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6.
- Hanson, S., & Pratt, G. (1995). *Gender, Work and Space*. Londres: Routledge.
- Harouel, J. (1990). *História do Urbanismo*. Campinas: Papirus.
- Hayden, D. (1981). *The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities*. Cambridge: The MIT Press.
- Heynen, H., & Baydar, G. (2005). *Negotiating Domesticity Spatial Productions of Gender in Modern Architecture*. Londres: Routledge.
- Hillier, B., & Hanson, J. (1984). *The social logic of space*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Houaiss, A., & Villar, M. (2003). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa, Tomo I*. Lisboa: Temas e Debates.
- Houaiss, A., & Villar, M. (2003). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Tomo II*. Lisboa: Temas e Debates.
- Jacobs, J. (2011). *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Kessler, G. (2009). *El sentimiento de inseguridad: sociología del temor al delito*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Lefebvre, H. (2001). *O Direito à Cidade*. São Paulo : Centauro.
- Lobo, R. (Setembro de 2006). Rua da Sofia. Um campus universitário em linha. *Monumentos 25*, pp. 24-31.
- Lobo, R. (2010). *A Universidade na Cidade. Urbanismo e Arquitectura Universitários na Península Ibérica da Idade Média e da Primeira Idade Moderna*. Coimbra: Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

- Madariaga, I. S. (2004). *Urbanismo con perspectiva de género*. Sevilla: Instituto Andaluz de la Mujer.
- Madariaga, I. S. (2009). Vivienda, movilidad y urbanismo para la igualdad en la diversidad: ciudades, género y dependencias. *Ciudad y Territorio*, XLI (161-162), 581-598.
- Massey, D. (1994). *Space, Place and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Matos, M. M. (1999). *As cidades e os campi : contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior Técnico de Lisboa.
- McDowell, L. (1983). Towards an Understanding of the Gender Division of Urban Space. *Environment and Planning D: Society and Space*, 1(1), 59-72.
- Menezes, M. R. (2008). *O lugar do pedestre no Plano Piloto de Brasília*. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Universidade de Brasília, DF.
- Millett, K. (1970). *Sexual Politics*. Nova Iorque: Doubleday.
- Mitchell, J. (1971). *Woman's Estate*. London: Pelican Books.
- Montaner, J. M. (2017). *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. São Paulo: Gustavo Gili.
- Moreira, C. (2010). *A geografia e o género: um encontro urbano*. Coimbra: Fundação Eng. António de Almeida.
- Muxí, Z. (2015). Mujeres haciendo ciudades: aprendiendo del pasado. *Kultur: Emancipació, autogestió i canvi*, 2, 111-124.
- Muxí, Z., & Ciocoletto, A. (17 de Julho de 2011). La Ley de Barrios en Cataluña: la perspectiva de género como herramienta de planificación. *Feminismo/s*, pp. 131-153.
- Muxí, Z., Ciocoletto, A., Casanovas, R., Fonseca, M., Escalante, S. O., & Valdivia, B. (2019). *Urbanismo Feminista. Por una transformación radical de los espacios de vida*. Barcelona: Virus Editorial.

- ONU Mulheres. (13 de Abril de 2020). Fonte: Mulheres e meninas devem estar no centro da recuperação da COVID-19, diz chefe da ONU: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-e-meninas-devem-estar-no-centro-da-recuperacao-da-covid-19-diz-chefe-da-onu/>
- Pedro, D. (2015). Residência Universitária do Polo III. Em D. Pedro, J. Bandeirinha, & N. Grande, *700+25 Arquitectura na Univercidade* (pp. 273-283). Coimbra: CAPC.
- Pedrosa, P. (2018). A luta por uma história feminista da arquitectura enquanto direito das mulheres. Em P. Pedrosa, J. Lages, & L. Antunes, *Arquitectas: Modo(s) de (R)existir. Reflexões a partir de um ciclo de conversas* (p. 8). Lisboa: Mulheres na Arquitectura.
- Pedrosa, P. (2018). A Luta por Uma História Feminista da Arquitectura Enquanto Direito das Mulheres. Em P. Pedrosa, J. Lages, & L. Antunes, *Arquitectas: Modo(s) de (R)existir. Reflexões a partir de um ciclo de conversas* (pp. 44-51). Lisboa: Mulheres na Arquitectura.
- Pedrosa, P., Lages, J., & Antunes, L. (2018). *Arquitectas: Modo(s) de (R)existir. Reflexões a partir de um ciclo de conversas*. Lisboa: Mulheres na Arquitectura.
- Piga, B., & Morello, E. (2013). Perceptual simulation for urban design: its use for developing and sharing urban design guidelines. *Proceedings of the 11th conference of the European Architectural Envisioning Association*, (pp. 259-266). Milan.
- Pinheiro, F. (2001). *Polo II: uma nova Universidade*. Coimbra: Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra.
- Rabaça, A. (2015). Arquitectura e Desejo de Comunicação. Em D. Pedro, J. Bandeirinha, & N. Grande, *700+25 Arquitectura na UniverCidade* (pp. 251-259). Coimbra: CAPC.
- Rendell, J. (2000). Introduction: Gender. Em J. Rendell, B. Penner, & I. Borden, *Gender space architecture: an interdisciplinary introduction* (p. 15). Londres: Routledge.

- Rosmaninho, N. (2006). Coimbra no Estado Novo. Em O. Alexandrino, P. França, & V. Manta, *Evolução do Espaço Físico de Coimbra* (pp. 65-91). Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.
- Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Rossa, W. (Setembro de 2006). a "Sofia" Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa. *Monumentos* 25, pp. 16-23.
- Rossa, W. (2006). O Espaço de Coimbra. Da instalação da urbanidade ao fim do antigo regime. Em O. Alexandrino, P. França, & V. Manta, *Evolução do Espaço Físico de Coimbra* (pp. 17-42). Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.
- Rossa, W. (2015). *Fomos condenados à cidade: uma década de estudos sobre património urbanístico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Saini, A. (2017). *Inferior: How Science Got Women Wrong*. Boston: Beacon Press.
- Saini, A. (16 de Outubro de 2017). *UOL Notícias*. Fonte: Ser especialista não liberta (nem Darwin) de preconceitos, diz escritora: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2017/10/16/livro-mostra-como-a-ciencia-se-enganou-com-as-mulheres.htm>
- Santos, F. (2003). Opções estratégicas da Universidade de Coimbra. Em J. F. A. A. Costa, *CidadeSofia* (pp. 228-233). Coimbra: Edarq.
- Savoldi, F. (December de 2016). Women, technology and the spatiality of fear: the challenge of participatory mapping and perceptions of safety in urban spaces. *International Journal of Urban Planning*, pp. 159-168.
- Silva, J. G. (2020). *30 anos para licenciar o Pólo III*. Coimbra: Diário de Coimbra.
- Silverman, D. (2000). *Doing Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage.

- Siqueira, L. d. (2015). *Por onde andam as mulheres? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife*. Mestrado em Desenvolvimento Urbano: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco.
- Sousa, A. d., & Palla, M. A. (Diretores). (1976). *Direito à habitação* [Filme Cinematográfico].
- Souza, A. C. (2019). *Mulher uma força que caminha: estudo de caso em Brasília e Lisboa*. Tese de Doutorado em Transportes: Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Faculdade de Tecnologia, Universidade de Brasília, DF.
- TBTN History. (2021). Fonte: Take Back the Night Foundation: <https://takebackthenight.org/history/>
- The Guardian*. (20 de Janeiro de 2005). Fonte: Why women are poor at science, by Harvard president: <https://www.theguardian.com/science/2005/jan/18/educationsgendergap.genderissues>
- The New York Times*. (8 de Março de 2021). Fonte: Recession With a Difference: Women Face Special Burden: <https://www.nytimes.com/2020/11/17/business/economy/women-jobs-economy-recession.html>
- UMAR. (2018). *UMAR-União de Mulheres Alternativa e Resposta*. Fonte: <https://www.facebook.com/notes/umar-uni%C3%A3o-de-mulheres-alternativa-e-resposta/lan%C3%A7amento-de-estudo-da-umar-sobre-a-viol%C3%Aancia-e-ass%C3%A9dio-sexual-no-contexto-acad/10155528185398616/>
- Valdivia, B., & Ciocchetto, A. (2012). *Estudios urbanos, género y feminismo*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6.
- Vieira, M., & Cortesão, C. (2003). O Pólo II da Universidade de Coimbra: Desenho Urbano e integração na Cidade. Em J. F. A. A. Costa, *CidadeSofia* (pp. 222-227). Coimbra: Edarq.

- Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo.
- Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo.
- Ville de Montréal. (2002). *Pour un environnement urbain sécuritaire. Guide d'aménagement. Programmes Femmes et Ville de la Ville de Montreal*. Montréal: Ville de Montréal.
- Weisman, L. K. (1994). *Discrimination by Design: A Feminist critique pf the man-made environment*. Urbana: Illini Books.
- Wilson, E. (s.d.). *Harvard Design Magazine*. Fonte: Sexuality and Space edited by Beatriz Colomina: <http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/1/sexuality-and-space-edited-by-beatriz-colomina>
- Zárate, M. (2014). Managing fear in public space : young feminists' intersectional experiences through Participatory Action Research. *Les Cahiers du CEDREF*, 2.

CRÉDITOS DAS FIGURAS

Figura 1. Fotografia tirada na Rua Lourenço de Almeida Azevedo, Coimbra. (p.26)

Figura 2. Exposição sobre as mulheres na arquitetura em 1977, organizada por Susana Torre. Maquete conceitual da "casa da mulher americana" de Catherine Beecher. Fonte: FAUENCONTRO, 11 de novembro 2020, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3m71M5KSUh8&feature=emb_title. (Consultado em 11 de novembro de 2020). (p.36)

Figura 3. Mulheres nomeadas e omitidas no diagrama Evolutionary Tree of Post-Modern Architecture, 1960-1980, por Charles Jencks. Fonte: Webinar Zaida Muxí - Mujeres, Casa Y Ciudades: Más Allá Del Umbral, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3PZZNkVwqtk&t=1147s>. (Consultado em 11 de novembro de 2020). (p.36)

Figura 4. Capa do livro *Sexuality and Space*, editado por Beatriz Colomina em 1992. Fonte: Colomina, B. (1992). *Sexuality and Sapace*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press. (p.38)

Figura 5. Secção e planta da Moller House, projeto de Adolf Loos, 1928, com o traçado do olhar do "quarto das mulheres" na área de sentar-se até o jardim traseiro. Fonte: Colomina, B. (1992). *Sexuality and Sapace* (p. 79). Nova Iorque: Princeton Architectural Press. (p.38)

Figura 6. Man drawing a reclining woman, 1525, de Albert Dürer, com a posição de objeto à direita (mulher) e observador à direita (homem). Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/366555> (p.40)

Figura 7. Étant donnés: 1° la chute d'eau / 2° le gaz d'éclairage, 1946-1966, Marcel Duchamp. Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/297096906653844546/> (p.40)

Figura 8. Capa do livro *Physiologie du flâneur*, 1841, de Louis Huart. Fonte: Huart, L. (1841). *Physiologie du flâneur*. França: Aubert et Cie. (p.42)

Figura 9. Frame do documentário Sob Constante Ameaça, de 2018, dirigido por Andrea Dip e Guilherme Peters. O filme possui planos que podem ser vistos tanto na perspectiva das personagens como na de um possível agressor. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TIzROTM5-4M>. (Consultado em novembro de 2020). (p.42)

Figura 10. Diagrama explicando as atividades associadas aos papéis de gênero. Fonte: Ciocoletto, A. *Espacios para la vida cotidiana. Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de género*. p.13. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. (p.54)

Figura 11. Prioridade a esfera produtiva na cidade capitalista e patriarcal. (p.56)

Figura 12. Proposta pelo urbanismo feminista em centralizar o cotidiano, considerando as atividades, os espaços e os tempos. A esfera produtiva está relacionada a atividades remuneradas como a produção de bens e serviços ; a esfera reprodutiva a atividades não remuneradas realizadas no meio doméstico como o fornecimento de moradia, cuidados, alimentação etc.; a esfera pessoal a atividades relacionadas com o desenvolvimento intelectual e pessoal de cada pessoa, como a vida social, lazer, desporto, cuidados etc.; e a esfera comunitária ou política a atividades relacionadas com a participação social, cultural e política, criando condições para a continuidade das gerações. (Ciocoletto, 2014, p. 14). (p.56)

Figura 13. Primeira a esquerda. São Francisco, 1978. Foto por Suzanne Lacy. Fonte: <https://takebackthenight.org/history/>. Consultado em junho de 2021. (p.66)

Figura 14. Primeira a direita. Boston, 1979. Foto por Spencer Grant. Fonte: <https://takebackthenight.org/history/>. Consultado em junho de 2021. (p.66)

Figura 15. Segunda a esquerda. Universidade de Harvard, Radcliffe (antiga instituição de ensino superior para mulheres), 1980. Fonte: <https://takebackthenight.org/history/>. Consultado em junho de 2021. (p.66)

Figura 16. Segunda a direita. Universidade Estadual da Carolina do Norte, 1987. Fotografia por Marc Kawanish. Fonte: <https://takebackthenight.org/history/>. Consultado em junho de 2021. (p.66)

Figura 17. Terceira a esquerda. Faculdade Comunitária em Austin, 2015. Fonte: <https://takebackthenight.org/history/>. Consultado em junho de 2021. (p.66)

Figura 18. Terceira a direita. Universidade de Oregon, 2013. Fonte: <https://takebackthenight.org/history/>. Consultado em junho de 2021. (p.66)

Figura 19. 1- Saber onde está e aonde vai: sinalizações adequadas para indicar nomes de ruas, endereços comerciais, banheiros e telefones; mapas geográficos do bairro em vários locais; indicação de horário comercial nas portas das empresas e de telefones públicos. 2- Ver e ser vista: iluminação que atenda às normas de segurança; eliminação de esconderijos e incentivo de atividades no rés-do-chão; colocar os postes e vasos de forma a não constituir um obstáculo visual; incentivar a vigilância natural através de diferentes funções urbanas, atividades comerciais e montras ao nível das ruas com habitações nos níveis superiores; maximizar a visibilidade nos caixas eletrônicos; e analisar o desenvolvimento de lotes e espaços vagos. 3- Ouvir e ser ouvida: favorecer a vigilância natural por meio de atividades públicas que aumentem o movimento de pessoas; localizar a entrada de banheiros públicos femininos próximos a áreas de elevado movimento. Fonte: CAFSU & Femmes et Ville, *Guide des formatrices et formateurs. Pour un environnement urbain sécuritaire. Formation en aménagement sécuritaire*, 2004, pp. 56-58. Consultado em junho de 2021 em: http://ville.montreal.qc.ca/pls/portal/docs/page/femmes_ville_fr/media/documents/Guide_for_mateurs_environnement_urbain_securitaire.pdf pp. 56-58. (p.70)

Figura 20. 4- Poder escapar e obter auxílio: pontos de taxi próximos à artéria comercial; adição de telefones públicos; patrulhas regulares em ruas comerciais e traseiras de lojas; restringir a entrada a determinadas instalações através de cartões ou código de acesso; estabelecer uma política de segurança e tratamento de reclamações nas vias comerciais; treinar seguranças para responder a casos de assédio, agressão etc.; e possibilitar chamadas de emergência pelos caixas eletrônicos. 5- Viver em um ambiente limpo e acolhedor: incentivar o estabelecimento de atividades diversas e complementares; evitar paredes cegas nos edifícios; possibilitar a circulação de pedestres com medidas para reduzir o tráfego de automóveis; calçadas largas para facilitar o uso de pedestres e aumentar o campo de visão; organização de atividades e aumento do número de transportes públicos e paragens; fornecimento de bicicletários; manutenção regular de banheiros públicos e remoção de pichações; e propiciar um número adequado de contentores de lixo. Fonte: CAFSU & Femmes et Ville, *Guide des formatrices et*

formateurs. Pour un environnement urbain sécuritaire. Formation en aménagement sécuritaire, 2004, pp. 56-58. Consultado em junho de 2021 em: http://ville.montreal.qc.ca/pls/portal/docs/page/femmes_ville_fr/media/documents/Guide_for_mateurs_environnement_urbain_securitaire.pdf pp. 56-58. (p.72)

Figura 21. 6- Atuar em conjunto: consultar a comunidade e comerciantes locais sobre questões de segurança e melhorias; sensibilização sobre a segurança das mulheres; e conduzir auditorias de segurança com mulheres” Fonte: CAFSU & Femmes et Ville, *Guide des formatrices et formateurs. Pour un environnement urbain sécuritaire. Formation en aménagement sécuritaire*, 2004, pp. 56-58. Consultado em junho de 2021 em: http://ville.montreal.qc.ca/pls/portal/docs/page/femmes_ville_fr/media/documents/Guide_for_mateurs_environnement_urbain_securitaire.pdf pp. 56-58. (p.74)

Figura 22. Manifestações pelo direito à habitação pós-revolução de 25 de abril de 1974. Fonte: <https://www.publico.pt/2014/10/31/culturaipsilon/noticia/melhorar-a-vida-e-a-cidade-quarto-a-quarto-1674387> Consultado em junho de 2021. (p.76)

Figura 23. Maria da Paz no documentário *Direito à Habitação*, de 1976. (19’50’’). Fonte: Sousa, A. d., & Palla, M. A. (Diretores). (1976). *Direito à habitação* [Filme Cinematográfico]. https://arqmultimedia.cd25a.uc.pt/pt/mmc/s/744?fbclid=IwAR0J4ggJhF7dL0Q4snTQon3onMfSa014QX_OPMs40_a5t4llcuxv80h67co Consultado em junho de 2021. (p.76)

Figura 24. Fotografia tirada durante a conversa em grupo. Fonte: Casanovas, R., Ciocchetto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.34. (p.84)

Figura 25. Fotografia tirada no ponto de encontro da visita de reconhecimento. Fonte: Casanovas, R., Ciocchetto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.34. (p.84)

Figura 26. Fotografia tirada durante a visita de reconhecimento. Fonte: Casanovas, R., Ciocchetto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.37. (p.86)

Figura 27. Fotografia tirada durante a realização da atividade fotografia do ambiente. Fonte: Casanovas, R., Ciocchetto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.38. (p.86)

Figura 28. Ficha de observação dos participantes para ser preenchido por uma pessoa, considerando aspectos identitários. Fonte: Casanovas, R., Ciocchetto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.97. (p.88)

Figura 29. Fotografia tirada durante a atividade rede cotidiana. Fonte: Casanovas, R., Ciocchetto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.44. (p.90)

Figura 30. Fotografia do mapa de grupo com os elementos favoráveis e desfavoráveis sobrepostos. Fonte: Casanovas, R., Ciocchetto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E.

S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.47. (p.90)

Figura 31. Fotografia tirada durante a caminhada fotográfica. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.48. (p.92)

Figura 32. Fotografia tirada durante a atividade do mapa comunitário. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.51. (p.92)

Figura 33 Fotografia de parte do mapa comunitário preenchido. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.50. (p.94)

Figura 34. Fotografia tirada durante a atividade do mapa comunitário. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.53. (p.94)

Figura 35. Fotografia tirada durante a atividade dos mapas perceptivos. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.55. (p.96)

Figura 36. Fotografia tirada durante a atividade dos mapas perceptivos com o mapa coletivo completo. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.54. (p.96)

Figura 37. Fotografia de parte do mapa coletivo. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.57. (p.96)

Figura 38. Ficha individual de itinerários cotidianos. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.95. (p.98)

Figura 39. Primeira a direita. Fotografia dos grupos debatendo durante a ação coletiva. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.43. (p.100)

Figura 40. Segunda a esquerda. Mapa individual com as rotas, habitação e espaços das atividades. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.43. (p.100)

Figura 41. Tabela individual com os horários de cada atividade cotidiana e o meio de transporte, identificando três desses espaços favoráveis e três desfavoráveis. Fonte: Casanovas, R., Ciocoletto, A., F, S. M., Valdivia, B. G., Martínez, Z. M., & O, E. S. (2014). *Mujeres Trabajando: Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género*. Barcelona: Col.lectiu Punt 6. p.40. (p.100)

Figura 42. Criação de mapas corporais. Fonte: ACD 2020 - Sara Ortiz Escalante Col.lectiu Punt 6, s.d. Consultado em junho de 2021 em: <https://www.youtube.com/watch?v=LgZseUJICkg>. (p.100)

Figura 43. Gráfico com porcentagem de mulheres de 15 anos e mais, que utilizam o CETRAM, segundo a percepção de insegurança (muito segura; segura; insegura; e muito insegura). Amarelo corresponde ao CETRAM Taxqueña, verde ao Pantitlán e vermelho aos Indios Verdes. Fonte: Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo. p.38. (p.108)

Figura 44. Mapa de insegurança, assédio sexual e mobilidade no CETRAM Pantitlán. Os ícones em azul, representam os problemas de insegurança (ausência de policiais, falta de sinalizações, inexistência ou mal estado de iluminações, e falta de câmeras de segurança), em amarelo os problemas associados a mobilidade (falta de escoamento, cruzamentos perigosos, inexistência de rampas, acumulação de sujeira, mal estado das calçadas, e em vermelho, os problemas associados à violência e assédio à mulher (assédio sexual, roubo, estupros, assobios e olhares maliciosos). Fonte: Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo. p.86. (p.110)

Figura 45. Propostas de melhoria no CETRAM Pantitlán. Os ícones em verde relativos à mobilidade de cuidado (banheiros acessíveis e com fraldário, quiosques digitais, mapas de localização, rotas e serviços, áreas de descanso e recreação e estacionamento de bicicleta), à segurança, adição de botões de auxílio, e à acessibilidade (passeios pedonais seguros, sinalizações e biciescola). Fonte: Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo. p.102. (p.110)

Figura 46. Mapa de insegurança, assédio sexual e mobilidade no CETRAM Indios Verdes. Os ícones em azul, representam os problemas de insegurança (ausência de policiais, falta de sinalizações, inexistência ou mal estado de iluminações, e falta de câmeras de segurança), em amarelo os problemas associados a mobilidade (falta de escoamento, cruzamentos perigosos, inexistência de rampas, acumulação de sujeira, mal estado das calçadas, e em vermelho, os problemas associados à violência e assédio à mulher (assédio sexual, roubo, estupros, assobios e olhares maliciosos). Fonte: Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo. p.89. (p.112)

Figura 47. Propostas de melhoria no CETRAM Indios Verdes. Os ícones em verde relativos à mobilidade de cuidado (banheiros acessíveis e com fraldário, quiosques digitais, mapas de localização, rotas e serviços, áreas de descanso e recreação e estacionamento de bicicleta), à segurança, adição de botões de auxílio, e à acessibilidade (passeios pedonais seguros, sinalizações

e biciescola). Fonte: Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo. p.89. (p.112)

Figura 48. Mapa de insegurança, assédio sexual e mobilidade no CETRAM Taxqueña. Os ícones em azul, representam os problemas de insegurança (ausência de policiais, falta de sinalizações, inexistência ou mal estado de iluminações, e falta de câmeras de segurança), em amarelo os problemas associados a mobilidade (falta de escoamento, cruzamentos perigosos, inexistência de rampas, acumulação de sujeira, mal estado das calçadas, e em vermelho, os problemas associados à violência e assédio à mulher (assédio sexual, roubo, estupro, assobios e olhares maliciosos). Fonte: Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo. p.92. (p.114)

Figura 49. Propostas de melhoria no CETRAM Taxqueña. Os ícones em verde relativos à mobilidade de cuidado (banheiros acessíveis e com fraldário, quiosques digitais, mapas de localização, rotas e serviços, áreas de descanso e recreação e estacionamento de bicicleta), à segurança, adição de botões de auxílio, e à acessibilidade (passeios pedonais seguros, sinalizações e biciescola). Fonte: Villagrán, P. (2019). *Análisis de la movilidad, accesibilidad y seguridad de las mujeres en tres Centros de Transferencia Modal (CETRAM) de la Ciudad de México*. Ciudad de México: Banco Interamericano de Desarrollo. p.104. (p.114)

Figura 50. Planta de localização dos Polos Universitários de Coimbra. Fonte: Imagens satélite do google Earth. (p.118)

Figura 51. Planta do Polo I da Universidade de Coimbra. (p.120)

Figura 52. Planta do Polo II da Universidade de Coimbra. (p.122)

Figura 53. Planta do Polo III da Universidade de Coimbra. (p.124)

Figura 54. Proposta de instalação dos gerais na zona da Alta de Coimbra. Fonte: Rossa, W. (setembro de 2006). a "Sofia" Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa. *Monumentos 25*, pp. 16-23. p.20. (p.134)

Figura 55. Rua da Sofia com esquema compositivo de autoria de Sandra Pinto. Fonte: Rossa, W. (setembro de 2006). a "Sofia" Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa. *Monumentos 25*, pp. 16-23. p.20. (p.134)

Figura 56. Planta da Alta de Coimbra c.1772, autor desconhecido. Fonte: Lobo, R. (setembro de 2006). Rua da Sofia. Um campus universitário em linha. *Monumentos 25*, pp. 24-31. p.27. (p.136)

Figura 57. Planta de Coimbra de 1873 – 1874 antes das demolições. Fonte: Alarcão, J. (2008). *Coimbra. A Montagem do Cenário Urbano*. Coimbra: Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra. p.16. (p.138)

Figura 58. Planta dos prédios particulares demolidos para a construção da Cidade Universitária. Fonte: Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p.161. (p.140)

Figura 59. Quarta planta para a Cidade Universitária de Coimbra por Cottinelli Telmo, 1943. Fonte: Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p.80. (p.140)

Figura 60. Planta de demolição das escadas existentes para a construção da Escadaria Monumental. Fonte: Bernardino, R. (2012). *Coimbra: Arquitectura e Poder. Três Pólos Universitários, Três Episódios na Cultura Arquitectónica Portuguesa*. Coimbra: Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitetura da FCTUC. p. 72. (p.142)

Figura 61. Maquete do plano para a Cidade Universitária de Coimbra. Fonte: Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p.96. (p.142)

Figura 62. Fotografia do Largo de Dom Dinis. (p.144)

Figura 63. Fotografia da Rua Larga atualmente. (p.144)

Figura 64. Fotografia do Largo da Porta Férrea atualmente.

Figura 65. Fotografia da Rua de São João com vista para o Museu Machado de Castro atualmente. (p.144)

Figura 66. Fotografia da Rua dos Estudos atualmente. (p.144)

Figura 67. Fotografia do Largo Marquês de Pombal (do Museu) atualmente. (p.144)

Figura 68. Fotografia do Largo da Feira em meados dos anos de 1870. Fonte: Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p.166. (p.146)

Figura 69. Fotografia do Largo da Feira atualmente. (p.146)

Figura 70. Plano Geral para a Cidade Universitária de Coimbra, por Cristino da Silva. Fonte: Rosmaninho, N. (2006). *O Poder da Arte: O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p.89. (p.146)

Figura 71. Fotografia da entrada para o espaço entre os Colégios das Artes e de São Jerónimo pela rua dos Estudos. (p.146)

Figura 72. Fotografia da entrada para o espaço entre os Colégios das Artes e de São Jerónimo pelo Largo de D. Dinis. (p.146)

Figura 73. Estudo base de periodização da área de Coimbra candidata a Patrimônio Mundial da UNESCO. Fonte: Rossa, W. (setembro de 2006). a "Sofia" Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa. *Monumentos* 25, pp. 16-23. (p.148)

Figura 74. Planta de zonamento do Polo II, 1984, pelo Arquiteto João Pedro Magalhães Silva. Fonte: Pinheiro, F. (2001). *Polo II: uma nova Universidade*. Coimbra: Prova Final de

Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra.p.65. (150)

Figuras 75 e 76. Planta e maquete do Plano de Pormenor do Polo II por Mercês Vieira e Camilo Cortesão. Fonte: Bernardino, R. (2012). *Coimbra: Arquitectura e Poder. Três Pólos Universitários, Três Episódios na Cultura Arquitectónica Portuguesa*. Coimbra: Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitectura da FCTUC. pp. 104 e 110. (p.152)

Figura 77. Fotografia do alçado norte do Departamento de Engenharia Mecânica. (p.156)

Figura 78. Fotografia do alçado norte da Residência Universitária 2 do Polo II. (p.156)

Figura 79. Fotografia do alçado leste do Departamento de Engenharia Civil. (p.156)

Figura 80. Fotografia do alçado norte do Departamento de Engenharia Informática. (p.156)

Figura 81. Fotografia do alçado sul do Departamento de Engenharia Civil. (p.158)

Figura 82. Fotografia do espaço não construído entre a Residência Universitária 2 e o Departamento de Engenharia Mecânica. (p.158)

Figura 83. Estudo preliminar do Plano de Pormenor do Polo III. Fonte: Matos, M. M. (1999). *As cidades e os campi: contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior Técnico de Lisboa. p.481. (p.160)

Figura 84. Plano de Pormenor do Polo III por Rebello de Andrade. Fonte: Matos, M. M. (1999). *As cidades e os campi: contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior Técnico de Lisboa. p. 481. (p.160)

Figura 85. Fotografia com vista para o IBILI a partir da entrada pelo posto de abastecimento. (p.162)

Figura 86. Fotografia do IBILI e da Subunidade 1. (p.162)

Figura 87. Plano de Pormenor do Polo III. Fonte: Costa, A. A., Figueira, J., & Grande, N. (2003). *CidadeSofia*. Coimbra: Edarq. (p.164)

Figuras 88 e 89. Fotografias do acesso pelo posto de abastecimento ao Polo III. (p.164)

Figuras 90 e 91. Fotografias do estacionamento irregular de automóveis no Largo Dom Dinis. (p.168)

Figura 92. Plantas de comparação das vias de automóveis e estacionamentos nos três Polos Universitários de Coimbra. (p.170)

Figura 93. Fotografia do limite da Rua Sílvio Lima no Polo II. (p.172)

Figura 94. Fotografia aérea da entrada para o Polo III pela Praça Professor Carlos Alberto da Mota Pinto. Fonte: Google Earth. (p.172)

Figura 95. Plantas de comparação das rotas pedonais e espaços de transição nos três Polos Universitários de Coimbra. (p.174)

Figura 96. Fotografia da entrada para o Caminho das Virgens ao lado da Escadaria Monumental. (p.176)

Figura 97. Fotografia no interior do Caminho das Virgens. (p.176)

Figura 98. Fotografia das Antigas Cantinas Verdes. (p.176)

Figura 99. Fotografia da vista para a cidade a partir das Antigas Cantinas Verdes. (p.176)

Figura 100. Fotografia do espaço entre o Colégio das Artes e a Faculdade de Psicologia. (p.176)

Figura 101. Fotografia do espaço do Departamento de Química e Física. (p.176)

Figura 102. Fotografia do espaço Departamento de Química e Física com vista para o “miradouro”. (p.176)

Figura 103. Fotografia da Escadaria Monumental com vista para a Rua Oliveira Matos no Polo I. (p.178)

Figura 104. Fotografia da Escadaria entre os Departamentos de Engenharia Mecânica e Informática para a Rua Pedro de Alpoim no Polo II. (p.178)

Figuras 105, 106 e 107. Fotografia do pavimento nos espaços públicos do Polo II. (p.178)

Figuras 108 e 109. Fotografias do atalho criado no Polo II. (p.178)

Figura 110. Fotografia da escada lateral do Departamento de Engenharia Civil no Polo II. (p.178)

Figuras 111 e 112. Fotografia da torre de transferência de energia elétrica, e o Centro Cultural na Casa das Pedras no Polo II. (p.178)

Figuras 113 e 114. Fotografias dos acessos à Residência Universitária no Polo I. (p.180)

Figura 115. Fotografia aérea da faixa verde no declive envolvente do Polo III. Fonte: Google Earth. (p.180)

Figura 116. Fotografia aérea da parte nordeste do Polo I. Fonte: Google Earth. (p.180)

Figura 117. Plantas de comparação dos aspectos morfológicos e características complementares dos três Polos Universitários de Coimbra. (p.182)

Figura 118. Fotografia da Rua Miguel Bombarda no Polo II. Fonte: Google Earth. (p.184)

Figura 119. Fotografia do separador na Rua Sílvia Lima no Polo II. (p.184)

Figura 120. Fotografia do limite entre o Polo III e os Hospitais. (p.186)

Figura 121. Fotografia dos bancos entre a Faculdade de Farmácia e a Unidade Central no Polo III. (p.186)

Figura 122. Fotografia da Praça Central no Polo III. (p.186)

Figura 123. Maquete do projeto de Gonçalo Byrne para o Concurso de ideias para a recuperação e reutilização do Colégio de São Jerónimo, do Colégio das Artes, do Laboratório Químico e da área envolvente. Fonte: Costa, A. A., Figueira, J., & Grande, N. (2003). *CidadeSofia*. Coimbra: Edarq. p.219. (p.188)

Figura 124. Diagrama de trabalho da dissertação. (p.192)

Figura 125. Diagrama de métodos da dissertação. (p.194)

Figuras 126 e 127. Diagramas dos métodos de análise do espaço urbano usados nesta dissertação. (p.196)

Figura 128. Diagramas dos métodos participativos usados nesta dissertação. (p.198)

Figura 129. Percurso da caminhada no Polo I. (p.200)

Figura 130. Percurso da caminhada no Polo II. (p.200)

Figura 131. Percurso da caminhada no Polo III. (p.200)

Figuras 132 a 141. Divulgação da pesquisa e chamada de pessoas através do *Instagram* (@in.security_walks). (p.210)

Figuras 142 a 144. Poster e folhetos para divulgação da pesquisa e chamada de pessoas. (p.212)

Figuras 145 e 146. Desenho de observação de pessoas consideradas estudantes homens. (p.216)

Figura 147. Desenho de observação de pessoa considerada estudante mulher. (p.216)

Figura 148. Desenho de observação de pessoa considerada mulher não estudante. (p.216)

Figura 149. Desenho de observação de pessoa considerada homem não estudante. (p.216)

Figura 150. Planta de percepção de segurança no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.222)

Figura 151. Planta de percepção de insegurança no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.224)

Figura 152. Planta de capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto. (p.226)

Figura 153. Fotografia do Largo Marquês de Pombal durante a caminhada em conjunto. (p.228)

Figura 154. Fotografia da Rua Inácio Duarte durante a caminhada em conjunto. (p.228)

Figura 155. Fotografia da Rua Couraça dos Apóstolos com vista para o Museu Machado de Castro durante a caminhada em conjunto. (p.228)

Figura 156. Fotografia da Rua Larga com vista para a Faculdade de Medicina durante a caminhada em conjunto. (p.228)

Figuras 157 e 158. Fotografias do Largo Dom Dinis com vista para o Departamento de Matemática. (p.230)

Figuras 159 e 160. Fotografias da Escadaria Monumental utilizada para a praxe acadêmica, e durante a caminhada em conjunto. (p.230)

Figuras 161 e 162. Fotografias das Antigas Cantinas Verdes e sua vista para a cidade, durante a caminhada em conjunto. (p.230)

Figura 163. Fotografia do caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência durante a caminhada em conjunto. (p.230)

Figuras 164 e 165. Fotografias junto ao alçado tardoz da Faculdade de Letras durante a caminhada em conjunto. (p.232)

Figuras 166 e 167. Fotografias da Rua Entre-Colégios durante a caminhada em conjunto e durante a realização de obras. (p.232)

Figuras 168 e 169. Fotografias da escada de acesso ao estacionamento do Departamento de Matemática pela Rua do Arco da Traição, durante a caminhada em conjunto. (p.232)

Figura 170. Fotografia do estacionamento do Departamento de Matemática durante a caminhada em conjunto. (p.234)

Figura 171. Perspectiva da fachada sul do edifício da Matemática e da fachada nascente da Química, por Lucínio Guia da Cruz. (p.234)

Figura 172. Fotografia a partir da cota mais alta do Cominho das Virgens. (p.234)

Figura 173. Fotografia do espaço que sucede o Caminho das Virgens durante a caminhada em conjunto. (p.234)

Figuras 174 e 175. Fotografias do estacionamento no Largo da Feira durante a caminhada em conjunto. (p.234)

Figura 176. Fotografia do Largo Dom Dinis sem automóveis para a realização do Rally de Portugal 2021. (p.236)

Figura 177. Fotografia do Largo Dom Dinis durante a realização da praxe acadêmica. (p.236)

Figuras 178 e 179. Fotografias do espaço de transição entre o Departamento de Química e Física durante a caminhada em conjunto. (p.236)

Figuras 180 e 181. Fotografias da Rua Entre Muros à noite e durante a caminhada em conjunto. (p.236)

Figura 182. Planta de uso dos espaços no Polo I. Informações coletadas com as respostas das fichas individuais. (p.240)

Figura 183 e 184. Fotografias do Caminho das Virgens de dia e à noite. (p.242)

Figura 185. Fotografia do espaço entre o Colégio das Artes e a Faculdade de Psicologia com vista para a escada abandonada que dá acesso às antigas Cantinas Verdes. (p.242)

Figura 186 e 187. Fotografia da escada de acesso à biblioteca do CES, e da entrada do Centro Cultural Dom Dinis. (p.242)

Figura 188. Fotografia do caminho entre o Colégio das Artes e o Museu da Ciência pelo Largo Marquês de Pombal. (p.244)

Figura 189. Fotografia da intervenção no Alçado norte do Colégio das Artes por Bordalo II. Foto por Carina Pacheco. (p.244)

Figura 190. Fotografia da entrada ao espaço entre os Col. De S. Jerónimo e das Artes pelo Largo D. Dinis. (p.244)

Figura 191. Preenchimento dos percursos realizados pelas pessoas observadas no Largo D. Dinis durante o período da tarde na observação de reconhecimento. (p.246)

Figura 192. Fotografia das plantas de (in)segurança expostas, durante a conversa em grupo, sobre o mobiliário desenvolvido para a dissertação *Space Invaders*. (p.250)

Figura 193. Fotografia das pessoas participantes preenchendo os mapas coletivos. (p.250)

Figuras 194 e 195. Fotografia das pessoas do gênero feminino e não binário durante o preenchimento do mapa coletivo do Polo I. (p.250)

Figura 196. Fotografia das pessoas do gênero masculino durante o preenchimento do mapa coletivo do Polo I. (p.250)

Figura 197. Fotografia da organização das mesas para colocação dos mapas a serem preenchidos. Foto por Gonçalo Queirós. (p.250)

Figura 198. Fotografia do preenchimento do questionário por uma participante do gênero feminino. (p.252)

Figura 199. Fotografia do preenchimento do questionário por um participante do gênero masculino. (p.252)

Figura 200. Fotografia do preenchimento do questionário por uma participante do gênero feminino. (p.254)

Figura 201. Fotografia do preenchimento do questionário por um participante do gênero masculino. (p.254)

Figura 202. Fotografia do mapa coletivo do Polo I preenchido por pessoas do gênero feminino e não binário. (p.266)

Figura 203. Fotografia do mapa coletivo do Polo I preenchido por pessoas do gênero masculino. (p.266)

Figura 204. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo I por pessoas do gênero feminino e não binário. (p.268)

Figura 205. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo I por pessoas do gênero masculino. (p.268)

Figura 206. Planta de percepção de segurança no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.270)

Figura 207. Planta de percepção de insegurança no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.272)

Figura 208. Planta de capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.274)

Figura 209 e 210. Fotografia da plataforma de acesso ao Dep. de Informática, durante a caminhada em conjunto. (p.276)

Figuras 211 e 212. Fotografias da galeria de acesso à plataforma, durante a caminhada em conjunto. (p.276)

Figura 213. Fotografia da Rua Miguel Bombarda com vista para a Residência Universitária 1, durante a caminhada em conjunto. (p.276)

Figura 214. Fotografia das escadas de acesso à Residência Universitária 1 a partir da Rua Miguel Bombarda. (p.276)

Figura 215. Fotografia do muro separando o estacionamento e a calçada da Rua Miguel Bombarda, durante a caminhada em conjunto. (p.276)

Figura 216. Fotografia da traseira do Departamento de Informática e vista para sul, a partir da Rua Miguel Bombarda, durante a caminhada em conjunto. (p.276)

Figura 217. Fotografia do conjunto dos edifícios dos Departamentos de Eletrotécnica e Informática com a Escadaria ao centro, vista a partir da Rua Pedro de Alpoim. (p.278)

Figura 218. Fotografia da Escadaria a partir da Rua Miguel Bombarda. (p.278)

Figura 219. Fotografia dos acessos aos Departamentos sob a Escadaria. (p.278)

Figura 220. Fotografia da pedra solta usada no pavimento, durante a caminhada em conjunto. (p.278)

Figuras 221 e 222. Fotografias da cobertura da Cantina e acesso à Residência, durante a caminhada em conjunto. (p.278)

Figuras 223 e 224. Fotografias das escadas de acesso à cobertura, durante a caminhada em conjunto. (p.278)

Figura 225. Fotografia da Rua D. Francisco de Lemos com vista para o lado sul da rua. (p.280)

Figura 226. Fotografia da Rua D. Francisco de Lemos com vista para o Departamento de Engenharia Mecânica, durante a caminhada em conjunto. (p.280)

Figura 227. Fotografia da Avenida da Boavista a partir da Rua Pedro de Alpoim. (p.280)

Figura 228. Fotografia da entrada para a Residência Universitária 2 a partir da Rua Pedro de Alpoim, durante a caminhada em conjunto. (p.280)

Figura 229. Fotografia com vista para o Departamento de Engenharia Eletrotécnica e para a entrada para o Departamento de Engenharia Civil a partir da Rua Pedro de Alpoim, durante a caminhada em conjunto. (p.280)

Figura 230. Fotografia da Rua Sílvio Lima com vista para o Departamento de Engenharia Química e uma zona com vegetação não tratada. Foto tirada durante a caminhada em conjunto. (p.282)

Figura 231. Fotografia da Rua Sílvio Lima com vista para a torre de transmissão de energia elétrica, durante a caminhada em conjunto. (p.282)

Figura 232. Fotografia do espaço de transição do Departamento de Engenharia Civil, durante o fim da caminhada em conjunto. (p.282)

Figura 233. Fotografia da Rua Luís Reis dos Santos com vista para o Departamento de Engenharia Civil. (p.282)

Figura 234. Fotografia do acesso à sala de estudo 24 horas do Departamento de Engenharia Civil a partir da Rua Luís Reis dos Santos. (p.282)

Figura 235. Planta de uso dos espaços no Polo II. Informações coletadas com as respostas das fichas individuais. (p.284)

Figura 236. Fotografia da curva de acesso do Polo II para a Rua Rebolim. Fonte: Google Earth. (p.286)

Figura 237. Fotografia da polícia realizando a ronda na Rua Sílvia Lima, durante a caminhada em conjunto. (p.286)

Figura 238. Fotografia mapa coletivo do Polo II preenchido por pessoas do gênero feminino e não binário. (p.288)

Figura 239. Fotografia mapa coletivo do Polo II preenchido por pessoas do gênero masculino. (p.288)

Figura 240. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo II por pessoas do gênero feminino e não binário. (p.288)

Figura 241. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo II por pessoas do gênero masculino. (p.288)

Figura 242. Planta de percepção de segurança no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.290)

Figura 243. Planta de percepção de insegurança no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.292)

Figura 244. Planta de capacitação física do espaço e falta de equipamentos urbanos no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas da caminhada em conjunto e das fichas individuais. (p.294)

Figura 245. Fotografia do alçado sudoeste do edifício da Subunidade 3. (p.296)

Figura 246. Fotografia do espaço de transição da Subunidade 3 durante as caminhadas em conjunto. (p.296)

Figura 247. Fotografia do espaço de transição da Subunidade 3 durante as caminhadas em conjunto. (p.296)

Figura 248. Fotografia do foyer da Faculdade de Farmácia durante a caminhada em conjunto de dia. (p.296)

Figura 249. Fotografia do foyer da Faculdade de Farmácia durante a caminhada em conjunto à noite. (p.296)

Figura 250. Fotografia do posto de abastecimento durante a caminhada em conjunto. (p.296)

Figura 251. Fotografia do declive na traseira da Residência Universitária. (p.296)

Figuras 252 e 253. Fotografias do Restaurante Acadêmico e ao fundo a Residência Universitária e durante a caminhada em conjunto à noite. (p.296)

Figura 254. Planta de uso dos espaços no Polo III. Informações coletadas com as respostas das fichas individuais. (p.298)

Figura 255. Fotografia mapa coletivo do Polo III preenchido por pessoas do gênero feminino e não binário. (p.300)

Figura 256. Fotografia mapa coletivo do Polo III preenchido por pessoas do gênero masculino. (p.300)

Figura 257. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo III por pessoas do gênero feminino e não binário. (p.300)

Figura 258. Planta realizada a partir do preenchimento do mapa coletivo do Polo III por pessoas do gênero masculino. (p.300)

Figura 259. Fotografia do mapa preenchido durante a caminhada em conjunto no Polo I à noite por uma participante do gênero feminino. Em vermelho expressam-se os aspectos negativos e em azul os aspectos positivos. (p.306)

Figura 260. Fotografia do mapa preenchido durante a caminhada em conjunto no Polo I à noite por um participante do gênero masculino. Em vermelho expressam-se os aspectos negativos e em azul os aspectos positivos. (p.306)

Figura 261. Planta de Percepção de Segurança por Participantes nos Polos Universitários. (p.308)

Figura 262. Planta das Características Complementares dos Polos Universitários. (p.312)

Figura 263. Planta de Capacitação Física e Falta de Equipamentos Urbanos nos Polos Universitários.

Figura 264. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como seguros pelos participantes nos três Polos Universitários. Indicam-se os aspectos físicos positivos, mas também os negativos e os aspectos sociais, como forma de sugerir melhorias nos espaços. (pp.313-314)

Figura 265. Planta de Percepção de Insegurança por Participantes nos Polos Universitários. (p.316)

Figura 266. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como inseguros pelos participantes no Polo I. Indicam-se os aspectos físicos negativos, mas também os positivos e os aspectos sociais, como forma de reconhecer o potencial desses locais para sugerir melhorias nos espaços. (pp.317-318)

Figura 267. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como inseguros pelos participantes no Polo II. Indicam-se os aspectos físicos negativos, mas também os positivos e os aspectos sociais, como forma de reconhecer o potencial desses locais para sugerir melhorias nos espaços. (pp.319-320)

Figura 268. Tabela comparativa dos espaços mais percebidos como inseguros pelos participantes no Polo III. Indicam-se os aspectos físicos negativos, mas também os positivos e os aspectos sociais, como forma de reconhecer o potencial desses locais para sugerir melhorias nos espaços. (pp.321-322)

APÊNDICES

APÊNDICE I

Transcrição da entrevista realizada com Sara Ortiz Escalante

Transcrição da entrevista realizada com Sara Ortiz Escalante, representando o Col.lectiu Punt 6 em 26 de março de 2021.

Sinais para ocorrências transcritas:

[] Hipótese do que se ouviu

[...] Fala tomada em determinado ponto

Tempo total de gravação: 28'45''

GLV: Gabriela Lázaro Vasconcellos

SOE: Sara Ortiz Escalante

Início da entrevista

00:00:03

GLV: Primero de todo, empezaré explicando mi interés en su trabajo y la influencia en mi disertación, y luego haré algunas preguntas ¿vale?

SOE: Claro.

GLV: Pues bien, mi tesis de máster tiene como tema el género como condicionante en el disfrute de los centros universitarios de Coimbra, ciudad en que estudio. Tengo como objetivo principal averiguar si existe una diferencia en la percepción de la (in)seguridad por parte de hombres y mujeres y cuales las condiciones que hacen que un espacio sea seguro. Por lo tanto, hay una base teórica y una práctica, y en este momento estoy desarrollando la metodología que se utilizará.

En mis lecturas, encontré varios estudios interesantes del Coletivo Punto 6, en particular los libros Urbanismo feminista, Estudios urbanos, género y feminismo, y Mujeres Trabajando así como varias de sus publicaciones, en particular el artículo Espacio público, género y (in)seguridad que han aportado mucho conocimiento a mi investigación. Estoy particularmente interesada en la metodología utilizada por ustedes. Ahora, se for possivel, presentaré seis preguntas que surgieron en el curso de estas lecturas y, en caso de que todavía tengamos tiempo, una más. Todo bien?

00:01:22

SOE: Vale perfecto. Muy bien, tudo bem. Me encanta Português.

00:01:34

GLV: Bien, ¿ves la diapositiva? **¿Qué es para ti el concepto de feminista? ¿Se puede considerar la expresión "urbanismo feminista" una forma de reivindicación de los estudios desarrollados por las mujeres y el movimiento feminista?**

00:01:40

SOE: Sí, bueno, pues el feminismo es una práctica y un movimiento y una teoría social que trabaja por una transformación de las desigualdades de género que existen, entendiendo que vivimos en una sociedad patriarcal, capitalista y colonial que se ha nutrido de la sumisión de las mujeres, ¿no? a al poder hegemónico de los hombres. Y que por lo tanto, se debe analizar cómo esas diferencias que se traducen en estereotipos de género y en roles de género afectan a las mujeres en todos los ámbitos de la vida. Pero para nosotras el feminismo va más allá, no sólo analizar esas desigualdades, sino cómo podemos entenderlas para transformarlas y avanzar hacia una sociedad más equitativa y donde las personas tengamos derechos, oportunidades e independientemente de nuestro género y de nuestro sexo.

00:02:54

GLV: Sí, tomar decisiones para mejorar la sociedad, ¿no?

00:03:01

SOE: Exacto.

00:03:02

GLV: La siguiente pregunta es **¿Cómo se seleccionan los espacios donde interviene el colectivo? Y como se hace la convocatoria de las personas y su participación? ¿Existe alguna articulación con otras instituciones y/u organizaciones?**

00:03:08

SOE: Sí. Bueno, nosotras trabajamos para diferentes instituciones y entidades ¿vale? trabajamos para municipalidades o administraciones públicas, pueden ser ayuntamientos, pueden ser, digamos, una administración de gobierno más regional, metropolitana o provincial incluso de la región de Cataluña ¿Sí? o puede ser un organismo internacional. Por ejemplo, hemos hecho también trabajo para organismos internacionales, pero también hacemos trabajos relacionados con las universidades y también hacemos trabajo con organizaciones no gubernamentales de la sociedad civil,

con entidades vecinales. Entonces hacemos diversidad de trabajos. Entonces muchas veces los trabajos que hacemos nosotras somos una cooperativa desde hace cinco años, somos una cooperativa sin ánimo de lucro. Eso quiere decir que las socias que formamos parte de la cooperativa, todas nos dedicamos a tiempo completo a esto. Entonces para nosotras también es nuestra fuente de ingresos de trabajo. Entonces los proyectos se seleccionan dependiendo de, a veces se seleccionan, a veces nos llegan y los aceptamos. Entonces hay proyectos que vienen desde la administración pública, ¿no? un ayuntamiento, por ejemplo, que nos pide hacer un proceso participativo para realizar un plan de urbanismo con perspectiva de género o para transformar una plaza y mejorar la percepción de seguridad, o para hacer un diagnóstico de seguridad urbana con perspectiva de género. Entonces hacemos un proceso participativo en relación a eso. Luego hay temas que no nos los piden los ayuntamientos, pero que nos encantan, que pensamos que no están en la agenda y deberían estar, y muchas veces, a través de subvenciones de pequeños fondos que construyen diferentes agencias de la administración pública, etcétera, pues hacemos los proyectos más desde la base en temas que nos interesan mucho desarrollar ¿vale? Por ejemplo, hemos hecho trabajo con trabajadoras nocturnas, el proyecto nocturnas que también estás (labor) y viene de un proyecto de ese tipo. Los estudios que estamos haciendo movilidad ciclista también vienen de subvenciones. Un proyecto que estamos haciendo de red, de refugios climáticos y de cuidados, también vino de un premio.

Qué más? Entonces? Cómo se convoca a las personas? Nosotras hacemos participación. Entonces depende de qué tipo de proceso de participación será así si hacemos participación y acción comunitaria. La participación cuando viene desde arriba, pues lo que hacemos es acercarnos a ese territorio, a ese municipio, a esa ciudad, ese pueblo donde nos piden, nos piden hacer un trabajo y hacemos un análisis previo de los datos que hay y también del trabajo con las personas técnicas que nos contratan, sea para saber un poco como es la estructura social de ese territorio ¿Sí? y cuales sentía esa y qué preocupaciones hay. Y a partir de ahí identificamos diferentes grupos con los que trabajar. Muchas veces nosotras hacemos una primera fase de diagnóstico donde trabajamos con grupos separados para adaptar los métodos a cada grupo y trabajos. Si trabajamos con niñas y niños, son un tipo de método. También trabajamos con grupos exclusivos de mujeres. Trabajamos con gente mayor, con personas con diversidad

funcional y así también les damos su espacio para que definan en un espacio seguro y autónomo sus necesidades y trabajen en propuestas de mejora ¿Sí? porque cuando a veces se hacen espacios mixtos sabemos que la socialización de género también es muy dura y muchas veces son los hombres de un cierto perfil los que toman la voz y silencian al resto. Por eso es importante hacer grupos separados ¿Sí? a veces hacemos proyectos donde sólo trabajamos con mujeres ¿Sí? por ejemplo, los proyectos de diagnósticos de seguridad urbana con perspectiva de género sólo hacemos con mujeres lesbianas y trans, lo que el grupo de personas que se identifican como mujeres. Porque son las mujeres las que vimos acoso sexual, violencias, violencias sexuales, violencias machistas, ¿sí? y se tiene que crear un espacio seguro para poder hablar las necesidades y hacer transformaciones. Luego hay otros temas que no son necesariamente de seguridad, pero que también sólo trabajamos con mujeres porque nunca se han trabajado con mujeres o se han invisibilizado y queremos ponerlas en el control. Y es, por ejemplo, el caso de nocturnas o el estudio de movilidad ciclista, que lo hemos hecho con mujeres y personas non binarias. ¿Vale? porque nadie había recogido datos segregados por género y dijimos, bueno, pues vamos a recoger nosotras los datos que nos han recogido nunca del 50 por ciento de la población. Entonces la convocatoria a veces se hace cuando es con un municipio por las redes que tiene el municipio, cada municipio depende ¿no? puede ser que sea por medios de comunicación tradicional, puede ser que sea por las redes sociales, pueda ser que sea a través de organizaciones vecinales que se contacta. Hay municipios que a lo mejor hacen toda una campaña comunicativa a través de unos carteles, unos posters, unos fleurs. Puede ser que se haga una comunicación fina de llamar a personas y decir oye, quieres participar? O de ir a ciertas actividades, a ciertos encuentros para dar difusión del taller y que la gente venga. Depende. ¿Sí? y cuando trabajamos más desde nosotras, desde la base, pues muchas veces hacemos red con otras organizaciones feministas y vecinales que existen en el territorio y es la manera de llegar a las personas y de hacer la participación.

00:09:02

GLV: La siguiente tiene a ver con lo que ya has dicho en esta respuesta sobre la división de las personas por grupos característicos. Así que sería más interesante responder sólo a esta tercera parte de la pregunta: **En el trabajo de campo que realizaré, los participantes de las actividades serán en su mayoría estudiantes. Y una de las actividades es la**

realización de mapas perceptivos. ¿Cree que es posible hacerlo sólo con alumnas participantes, o es ideal hacer otro grupo sólo con alumnos?

00:09:20

SOE: O sea, lo que te he dicho, lo que cuando hablamos del tema de seguridad, para nosotras lo importante es no hacer grupos mixtos ¿Vale? entonces, por ejemplo, cuando trabajamos con jóvenes si que hemos hecho un grupo de mujeres y un grupo de hombres de chicos jóvenes. ¿Vale? Porque, Sobretudo cuando trabajas con comunidades donde hay mucha población diversa o racializada, los jóvenes chicos racializados tienen que decir muchas cosas de su percepción de seguridad también y de las violencias racistas que reciben. Lo mismo sería, por ejemplo, para colectivo LGTBI, trabajar también con hombres que tienen otra identidad de género o sexual, ¿no? También es importante porque seguramente viven situaciones en el espacio público que es diferente. Lo que no recomendamos es hacer grupos mixtos ¿Si? para realmente enfocarnos en la especificidad de cada grupo y crear un espacio seguro y autónomo para hacerlo. Y también porque hemos aprendido a veces cuando hemos hecho algo un grupo mixto, es decir, un grupo mixto que ya trabajaban así juntos, por ejemplo, jóvenes en la guía de entornos habitables de que esté seguridad. Ahí hicimos trabajo con un grupo de jóvenes mixtos, pero llevaban mucho tiempo trabajando el tema de género de manera conjunta. Esta es una actividad, la hicieron juntas, pero por ejemplo, hicimos un mapeo corporal para entender como la percepción de seguridad afectaba a les afectaba, ¿no? en su cuerpo y sólo se hizo con las chicas. Los chicos no participaron ¿sí? en otro y en otros proyectos lo hemos hecho también por separado un grupo con chicos y un grupo con chicas, por ejemplo, los mapeos corporales. Bueno, pues también se ve la socialización hegemónica y patriarcal. Las mujeres jóvenes con que trabajamos mapeos corporales estaban muy afectadas por el mapeo porque les tocaba muchas cosas íntimas, sexuales, emocionales. Y los chicos jóvenes que qué os pensáis? Que a lo que primero dibujaban en su cuerpo o sus genitales o cosas que tenían que ver con su virilidad masculina. Entonces por eso es importante hacer trabajo separado también para poder abordar las inquietudes, las necesidades, los problemas que viven de manera separada y darles estar.

00:11:50

GLV: Sí. **¿y crees que se puede hacer solo con estudiantes?**

00:11:55

SOE: Sí, claro, porque tú estás trabajando en la universidad, ¿no? en los espacios de la universidad. Sí, es válido para más. Para tu tesis de máster, que me imagino que tienes limitado tiempo, no tiene que ser un gran proyecto. Cuando hemos trabajado en diagnósticos de seguridad, en universidades y hemos tenido la posibilidad, sí que hemos hecho trabajo con estudiantes, con profesoras y con personal administrativo. Otro personal que trabaja en la universidad, ¿no? o sea, con toda la comunidad que trabaja, la que utiliza la universidad. Pero es muy válido poder hacer un estudio exclusivo con las estudiantes, por ejemplo. Claro que sí. En el fondo yo pienso que Gabriela, cualquier cosa que hagas es simplemente dejar muy claro cuando lo escribas, el porqué has escogido hacer eso. Cuando tú lo justificas y visibilizas y por qué haces dicho nadie te va a decir ¿y por qué no? Pues sí, siempre se pueden hacer más cosas, ¿no? Pero a veces también, cuando estás haciendo una tesis de máster, el tiempo y los recursos son limitados.

00:12:57

GLV: Sí. Usted ya ha hablado de los métodos que varían según los proyectos. Entonces, **¿cómo se interpreta toda la información recogida? ¿Fueron necesarios cambios, durante la pandemia?**

00:13:16

SOE: Sí, bueno, pues exacto. Nosotras hacemos diferentes métodos para diferentes grupos. Lo que pasa que por ejemplo, a veces la pregunta es común, ¿no? para que tengamos la información común de diferentes grupos. O sea, no podemos preguntar a un grupo sobre seguridad y al otro sobre movilidad y no cruzarlo, ¿no? si el porque si estamos estudiando seguridad a todas hablaremos de seguridad, por ejemplo y con un método. Entonces la información lo que nosotros hacemos es por un lado cuando hay una conversación hablada y hacen una marcha exploratoria o en un taller donde también se hablan nuestras. Grabamos siempre las conversaciones y hacemos la transcripción. Cuando también se hace trabajo con mapas también se hace un digamos una sistematización de la información que se obtienen de los mapas individuales o colectivos ¿sí? que se complementan. Entonces nosotras la información recogida se analiza dependiendo de cuál es tu marco de análisis, ¿no? Por ejemplo, en el ámbito de seguridad nosotras trabajamos mucho con las seis variables de seguridad ¿no? que un entorno está visible equipados, analizado, vital, comunitario y vigilado. Y muchas veces el análisis se

hace basado en eso. ¿Sí? o a lo mejor el análisis se hace, depende. Si hemos hecho una marcha exploratoria que las mujeres han escogido espacios, a lo mejor el análisis se hace por espacios y luego las recomendaciones o las propuestas se hacen en base a las variables. O sea, depende un poco del proyecto, pero has de tener un marco de análisis para poder categorizar la información. En el fondo es como otros datos cualitativos, cómo tú analizaría una entrevista, ¿no? tú la transcribes ¿no? y ves qué temas se hablan y analizas los temas dependiendo también de que marco teórico hayas utilizado, pues es un poco dependiendo del marco que estés utilizando, verás que temas han salido y harás un análisis a través de eso.

Para durante la pandemia. Bueno, pues sí, claro, Se han hecho cambios, ¿no? Por un lado el principio se paralizó todo, ¿no? en todas las actividades que teníamos, participativas, presenciales, se aplazaron o se cancelaron, cuando volvimos a empezar un poquito. Empezaron a hacerse cosas online. Lo que pasa que la participación online pues tampoco es, digamos, universal, no llega a todas. Sí que hay perfiles de personas que les puede ir bien la participación online. Mí por ejemplo, me incluyo yo. Yo soy mamá de dos hijas pequeñas desde que ahora las reuniones del colegio de la Asociación de Familia se hacen online, puede asistir más que cuando eran presenciales porque se hacen a las 9 de la noche. Mis hijas sanidad, dormir y yo puedo estar en casa en la reunión ¿sí? pues eso le pasa a otras personas, pero por ejemplo gente mayor o algunas personas que no, no les gusta la interacción online no, no la quieren. Entonces ahora siempre que podemos, pues volvemos a hacer cosas presenciales. Se Sí, con la distancia, con mascarilla, con grupos más reducidos. Entonces, por ejemplo, si antes hacíamos una marcha exploratoria donde venían todas las mujeres que querían y podíamos ser quince o veinte ahora y ciudades o pueblos que dicen no, es que la norma es que no seamos más de seis personas por grupo, que a lo mejor hacemos dos marchas simultáneas con un grupo y un grupo de seis mujeres ¿sí? dos acomodamos un poco a la situación, pero sin dejar, o sea, no queremos renunciar a la participación presencial, porque en una interacción presencial se intercambian cosas que nunca se conseguirán tener en una interacción online es así. Y vosotras que sois estudiantes lo sabéis.

00:17:00

GLV: Sí, es muy diferente.

00:17:01

SOE: Que es horrible, no? Eso es totalmente anti pedagógico, no?

00:17:08

GLV: Sí. En el análisis, **¿utiliza también métodos cuantitativos o sólo utiliza los datos cuantitativos existentes?**

00:17:21

SOE: Mira, nosotras sobretodo utilizamos métodos cualitativos en nuestro trabajo, porque nuestro trabajo es mayoritariamente cualitativo para visibilizar y valorar los datos cualitativos que muchas veces no recogen las instituciones que basan sus decisiones en datos cuantitativos. Sí que hacemos análisis de datos secundarios, de encuestas que ya existen, de datos secundarios que existen sobre temas de urbanismo o de movilidad de seguridad para nutrir los informes, los análisis ¿vale?

Pero sobre tracemos métodos cualitativos que se centran en la experiencia cotidiana de las personas. Dicho eso, hemos empezado a hacer también algunas encuestas. Hemos hecho algunas encuestas de estos años también, por ejemplo, en él, y lo ideal para nosotras cuando hacemos métodos cuantitativos como encuestas, es que siempre vayan acompañadas de datos cualitativos, de actividades cualitativas, de talleres.

00:18:16

GLV: La próxima pregunta es **¿Se es posible diseñar teniendo en cuenta la percepción de seguridad? Y ¿Cuáles son las características del espacio que mejoran o empeoran la percepción de seguridad de las mujeres?**

00:18:30

SOE: Sí, sí que es posible. También es verdad que nosotras siempre decimos que la percepción de seguridad, no sólo a través del diseño se puede transformar el diseño o el urbanismo es un aspecto. Hay muchos aspectos sociales, educativos, culturales que son mucho más importantes y que se necesitan abordar y transformar. Pero desde el urbanismo podemos contribuir a mejorar la percepción de seguridad. No me voy a extender mucho, pero si tú has visto, tú has visto la guía de entornos habitables, la de Auditoría de Seguridad Urbana. Hoy explicamos mucho hoy en los artículos que has leído. También nosotras trabajamos a partir de las seis variables de seguridad que se inspiran

en el trabajo que se hizo en Montreal, Canadá y donde se combinan elementos físicos y elementos sociales. Cuando hablamos de visibilidad, pues que si un entorno de ser visible con iluminación, sin rincones, sin desniveles, que haya líneas de visión, pero también con visibilidad simbólica ¿no? que en el espacio público también hay una representación positiva de las mujeres en el espacio, a través de los nombres de las calles de murales, de eliminar la publicidad sexista, por ejemplo, de reconocimiento a través del arte urbano. Entonces todo eso se tiene cuenta. Bueno, eso no te la repito porque puedes acceder. Pero que sea visible, que sea vital, con diferentes usos y personas y actividades, pasando diferentes horas del día y de la noche ¿no? que no haya monopolización de un espacio por un grupo determinado que sea vigilado. Pero nosotras entendemos la vigilancia de manera informal, ¿no? Y que está vinculada al cuidado que haya unas relaciones de relación entre el interior y el exterior, que pueden ser físicas, pero también pueden ser sociales, de cuidado de la comunidad, de que sepas de que si te pasa algo puedes acceder a un comercio, a un bar, a algún local de alguna entidad que pueda ayudarte también en ese proceso que hay actividad y gente que conoces que te pueden ayudar. Hablamos de que sea un entorno equipado ¿no? Pues con paradas de transporte equipados con bancos en el recorrido con que se ha señalado para saber dónde estás y dónde va, señalado para las personas que van a pie en bicicleta que sea. Qué más me dejo? Y sobretodo no? uno de los elementos imprescindibles es que se haga con la participación activa de las mujeres para que realmente el entorno sea seguro.

00:21:03

GLV: Ya habéis comentado el artículo, pero para reformular la pregunta me gustaría saber si **después de la realización de los proyectos hacéis un análisis para ver si realmente se cooperó con el barrio y cuál es la relación de la gente con la intervención que realizasteis.**

00:21:26

SOE: Sí, sí, sí. Hay varios. Hay varios. Hay uno que hicimos hace muchos años, por ejemplo, uno de los primeros procesos participativos que hicimos en el marco de un plan de barrios en un municipio cerca de Barcelona, donde uno de los temas preocupantes que salió en el taller con mujeres es que evitaban una plaza porque era una plaza que estaba cerrada en sí misma, que la percibían insegura, que estaba monopolizada por un grupo de hombres. Entonces dieron todas unas recomendaciones para cambiar la configuración de esa plaza. Ahora es una plaza más abierta, más visible, que se ve de punta a punta que

las mujeres, sí, las mujeres y todo el vecindario utiliza más, porque también se han creado áreas de juego de diferentes edades, espacios para el descanso, espacios de sombra de sol y hace que esté más utilizado.

En Barcelona también se han hecho marchas exploratorias dentro de los planes de barrio y se han incorporado algunas mejoras también en el proyecto que hicimos con Nocturnas también se han incorporado algunas mejoras. Por ejemplo, a través de ese proyecto se recomendó que las líneas de autobús nocturno del área metropolitana de Barcelona incorporarán el servicio de parada demanda y quiere decir que tú le puedes pedir a la persona conductora que te deje más cerca de tu casa, aunque no sea una parada oficial ¿sí? entonces adoptaron esa medida. Se está implementando en varias líneas nocturnas metropolitanas y ahora, por ejemplo, la ciudad de Barcelona está intentando hacerlo en sus líneas internas.

Hemos hecho auditorías de seguridad también en el transporte público, en una de las en uno, en una compañía de ferrocarriles catalanes que también están implementando las recomendaciones. O sea que sí, que si quien recibe las recomendaciones las aplica, si puede contribuir a la percepción de seguridad. Obviamente lo que tenemos que dejar de hacer es lo que tienen que dejar de hacer los hombres, de ser violentos. Y ahí tenemos que eso no lo cambiaremos con un cambio en el urbanismo, sino con un cambio en [...]

GLV: La sociedad.

SOE: [...] y la sociedad. Entonces hoy vamos más lejos. No nos queda mucho camino por recorrer, pero bueno. Pero a través de lo urbano también podemos hacer algunas cosas y también muchos de estos métodos ¿no?, ahora lo veníamos hablando cuando hacemos marchas exploratorias, no es sólo es un método de análisis, es un método también de auto organización feminista. Muchas mujeres llegan a las marchas exploratorias pensando que el miedo que han vivido desde bien pequeñas es una cosa que sólo les pasa a ellas. O que tontas que son, porque tienen miedo, imagínate. Entonces llegás a la marcha, compartes con otras vecinas de tu barrio todos los miedos que tienes. ¿No? y te das cuenta de que esto no es sólo tu problema, que es el problema de todas, que es un problema sistémico y que además puedes hacer algo no todo. Entonces, a través de estas

marchas, por ejemplo, muchas veces luego ha habido mujeres que han hecho propuestas, han trabajado para implementarlas. Entonces también trabajar estos temas es un cambio para que las mujeres tengan estrategias de autodefensa feminista y se apropien de sus territorios y que transformen el miedo por la apropiación.

00:24:41

GLV: Es una forma de empoderamiento, ¿no?

SOE: Sí.

GLV: Ainda temos tempo?

00:24:47

SOE: Si, si quieres cinco minutos más te va bien.

00:24:51

GLV: Bien, esta también tiene una relación con lo que estábamos hablando. **Dado que los grupos privilegiados son los que mayormente perpetúan las desigualdades, ¿su no participación en la investigación cualitativa influye de alguna manera en la percepción de la realidad y la toma de decisiones?**

00:24:59

SOE: Bueno, nosotras muchas veces cuando hacemos grupos de participación mixtos, pues siempre hacemos uno con mujeres, uno con infancia, con gente mayor, con diversidad funcional. Pero siempre hay uno que hacemos con organizaciones vecinales tradicionales, asociaciones de vecinos y ahí siempre hay muchos hombres y a veces también les damos la voz activa. Lo que pasa es que es la única voz, ¿no? Y cuando haces trabajo con otros grupos muy diversos ves la diversidad de necesidades, ¿no? Entonces definitivamente se tienen que incorporar a esa participación para que aprendan que las necesidades que ellos identifican no son las necesidades de todo el mundo y que las necesidades sean diversas ¿no? Y después también influye mucho en cómo presentas la investigación y cómo valoras lo cualitativo para que las personas, por ejemplo, los hombres que están en posiciones privilegiadas de poder, puedan entender que es necesario ¿no? Trabajar eso.

00:26:09

GLV: Por último, **¿tiene algún consejo para mí, para ayudarme en esa pesquisa?**

00:26:19

SOE: A ver, tú vas a hacer un diagnóstico de seguridad en la universidad?

00:26:24

GLV: Sí, en tres centros universitarios diferentes.

00:26:31

SOE: Muy bien. Y ya has pensado cuáles son los métodos?

00:26:34

GLV: Sí, la observación de reconocimiento en la que haré el análisis de las características de las personas que utilizan el espacio, el paseo fotográfico, los mapas perceptivos y si posible el mapa comunitario con algunas modificaciones en función de la pandemia.

00:26:59

SOE: Pues nada, mi consejo está muy bien. Mi consejo sería intentar, o sea, a veces lo más difícil es quién va a venir. Eso es como cómo llegamos a las personas que participan. Entonces utilizar el boca a boca a las diferentes redes o diferentes maneras de convocar a las personas para que vengan mujeres diversas, ¿no? de sea dentro de las estudiantes a es. Tampoco es un grupo homogéneo, ¿no? hay estudiantes muy diversas, de diferentes edades, con diferentes capacidades, con diferentes orígenes. Entonces pues eso, que sea como intentar que llegues a una universidad de mujeres y que bueno, a las que no llegues pues también en tu resultabas tú puedes decirlo. Mira, ¿no? he hecho este trabajo con este perfil de mujeres, pero ha sido muy difícil contar con este otro por ejemplo, ¿no? Y nada, que tu rol sea muy de facilitador de explicar de dónde lo trabajas, ¿no? Y de que te lo pases muy bien, porque también es para pasárselo bien.

00:27:58

GLV: Vale. Muchas gracias Sara.

00:28:04

SOE: Gracias a ti Gabriela y mucha suerte y avísanos cuando [acabes tu trabajo].

00:28:07

GLV: Gracias. Agradezco tu tiempo y amabilidad. Soy una gran fan de su trabajo. Y después de un hacer a transcripción de la entrevista, yo enviarei por email ok?

00:28:20

SOE: Gracias linda. Aquí no hace falta, no te preocupes, yo ahora te voy a enviar Gabriela hará cuando se cierre el zoom te voy a pasar el audio el m4a de audio y para que hagas la transcripción. Sí?

00:28:35

GLV: Sí, Muchas gracias.

00:28:38

SOE: Obrigado.

00:28:39

GLV: Obrigada.

00:28:42

SOE: Bueno, un placer.

Fim da entrevista

APÊNDICE II

Plantas de Características Complementares dos Polos Universitários de
Coimbra

CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DO POLO I

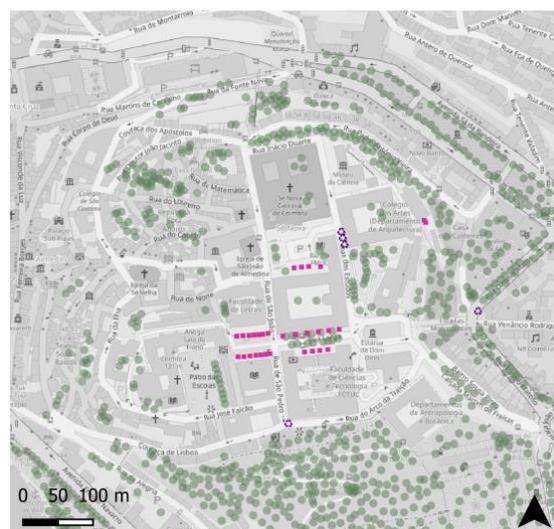
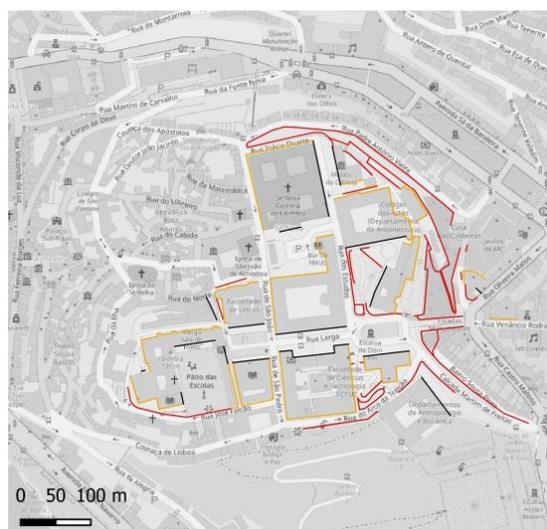
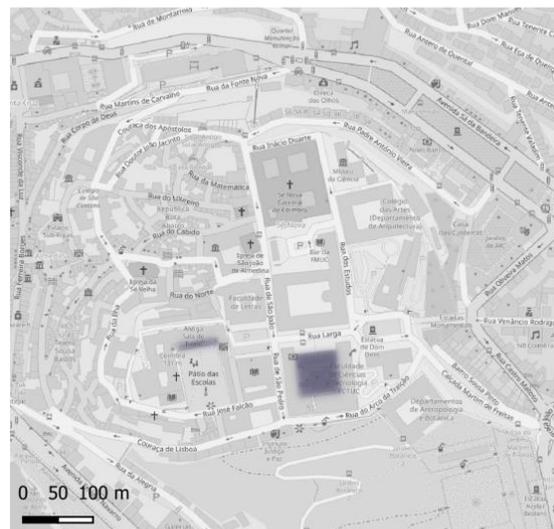
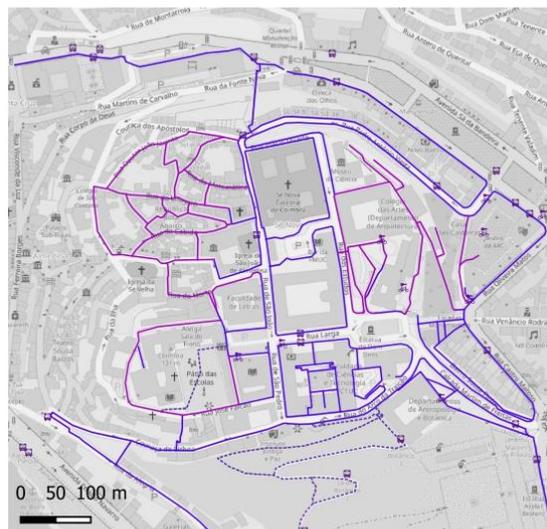
LEGENDA

- | | | | |
|---|---|---|--|
|  | Rotas para automóveis |  | Paragens de autocarro |
|  | Rotas/aceessos condicionados para automóveis |  | Espaço de transição exterior/interior |
|  | Faixa de pedestre |  | Alçado principal |
|  | Estacionamento para automóveis |  | Alçado tardoz e/ou sem relação com a rua |
|  | Rotas pedonais preparadas |  | Muros e/ou declives |
|  | Rotas pedonais condicionadas em determinado horário |  | Contentores de lixo e/ou ecopontos |
|  | Rotas pedonais informais |  | Mobiliário urbano |
|  | Estacionamento para biciletas |  | Árvores |



CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DO POLO I
LEGENDA

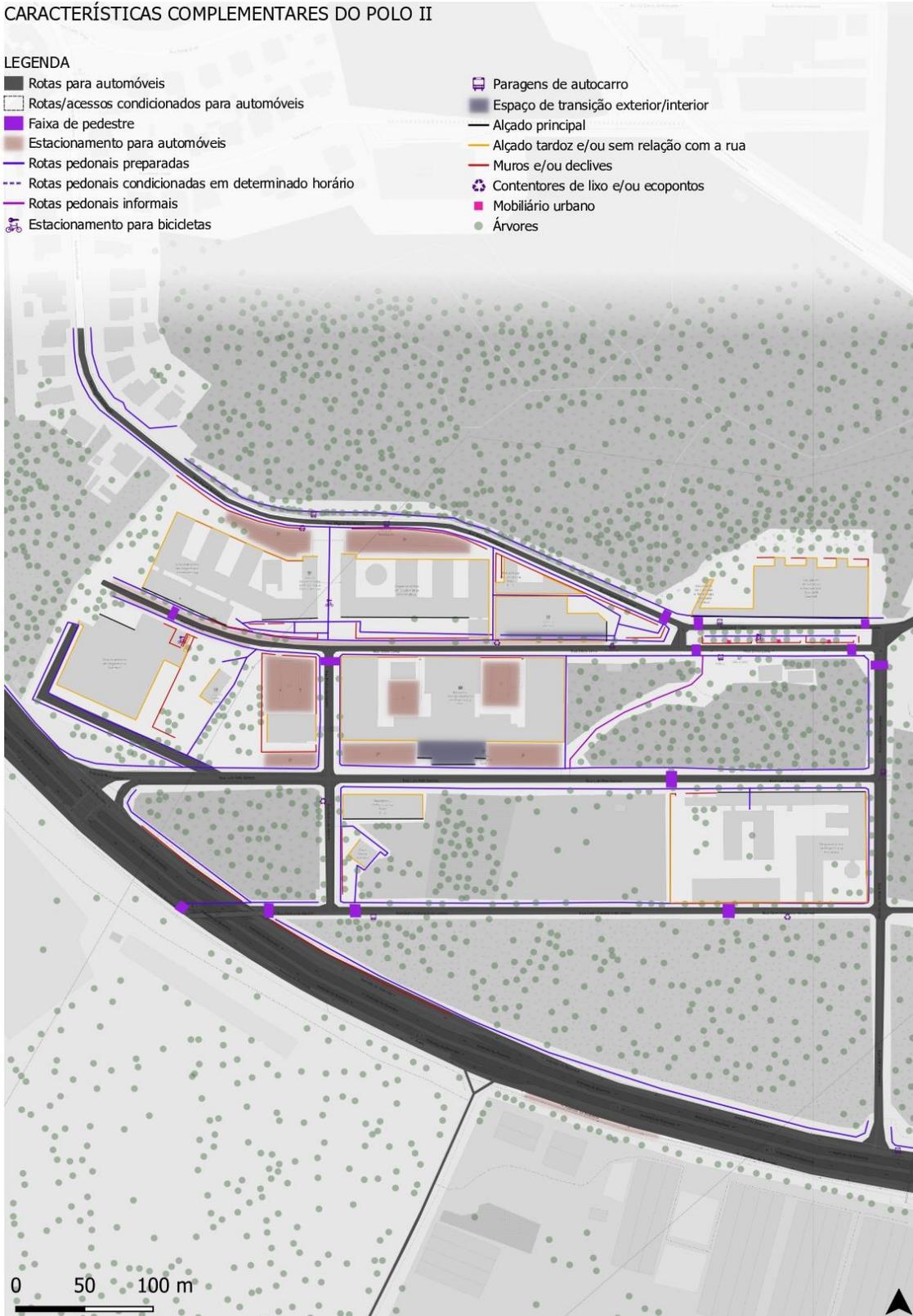
-  Rotas para automóveis
-  Rotas/aceessos condicionados para automóveis
-  Faixa de pedestre
-  Estacionamento para automóveis
-  Rotas pedonais preparadas
-  Rotas pedonais condicionadas em determinado horário
-  Rotas pedonais informais
-  Estacionamento para bicicletas



CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DO POLO II

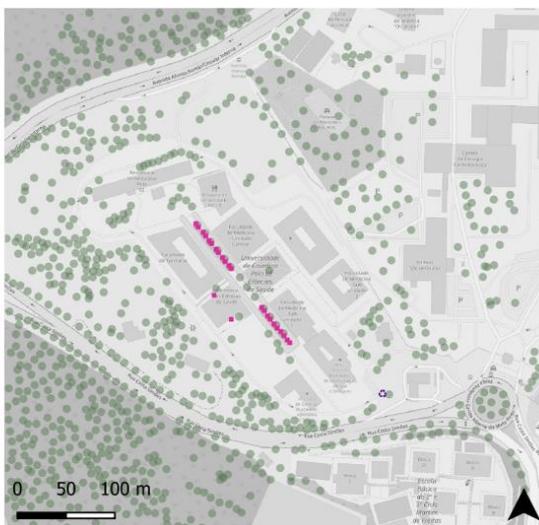
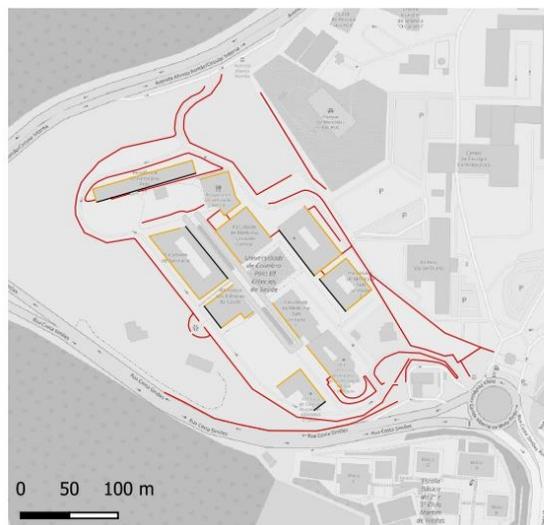
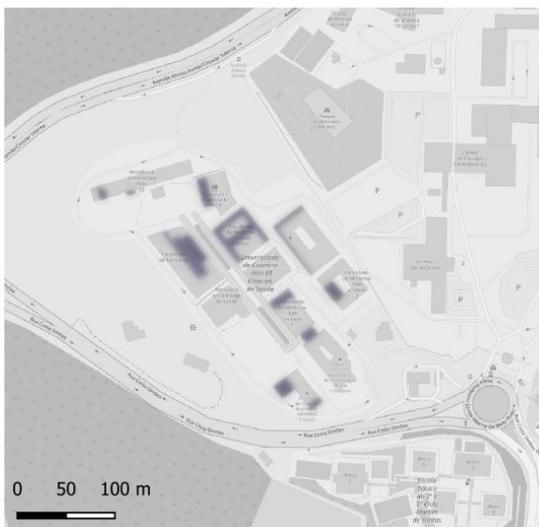
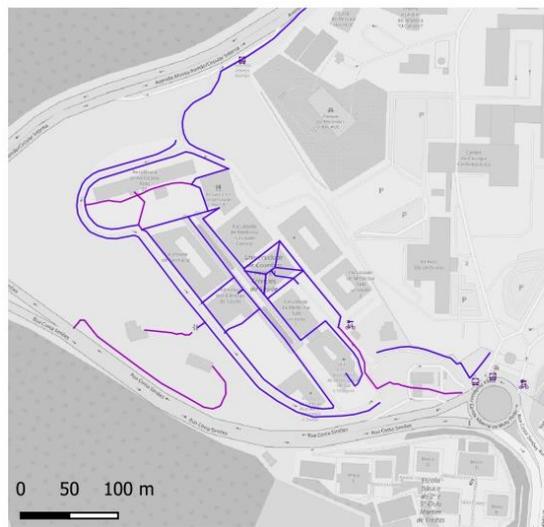
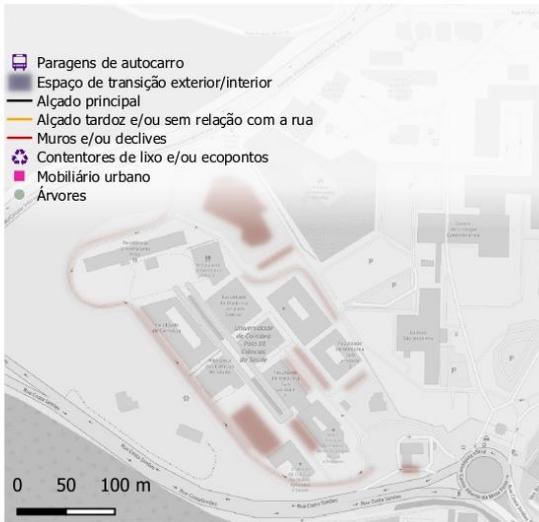
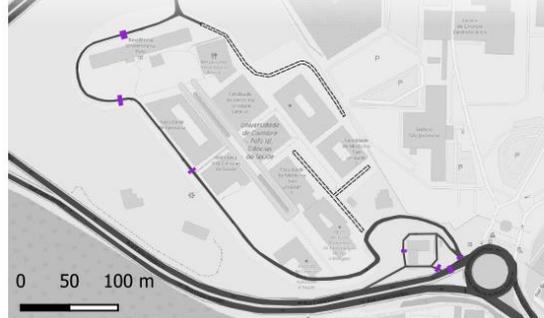
LEGENDA

- Rotas para automóveis
- Rotas/aceessos condicionados para automóveis
- Faixa de pedestre
- Estacionamento para automóveis
- Rotas pedonais preparadas
- Rotas pedonais condicionadas em determinado horário
- Rotas pedonais informais
- Estacionamento para bicicletas
- Paragens de autocarro
- Espaço de transição exterior/interior
- Alçado principal
- Alçado tardoz e/ou sem relação com a rua
- Muros e/ou declives
- Contentores de lixo e/ou ecopontos
- Mobiliário urbano
- Árvores



CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DO POLO III
LEGENDA

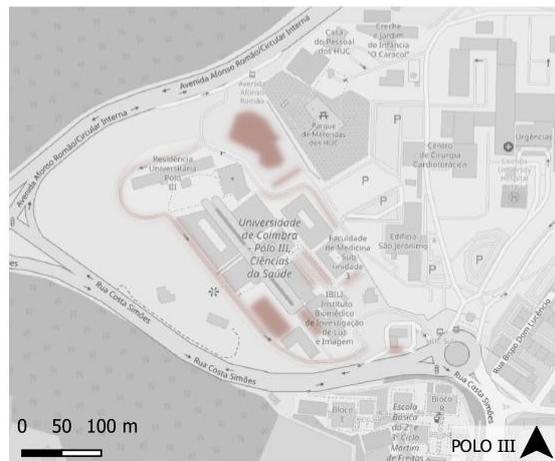
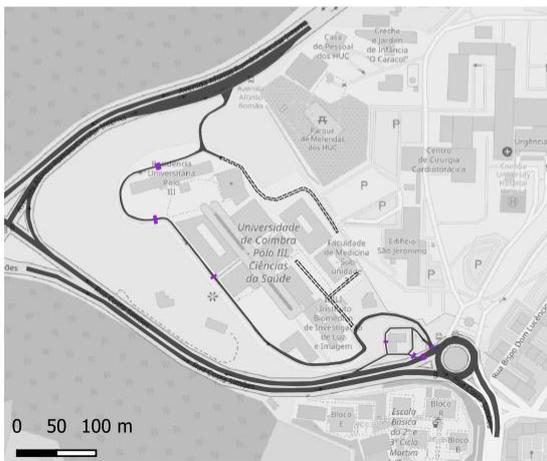
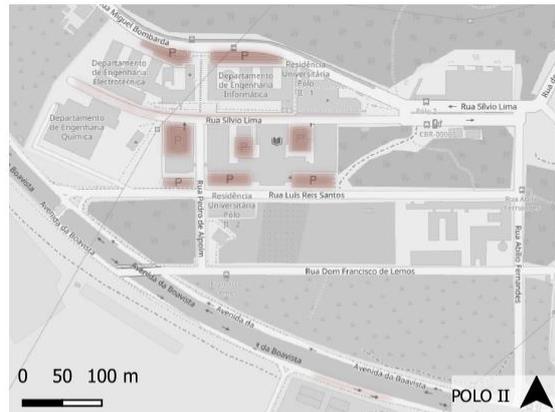
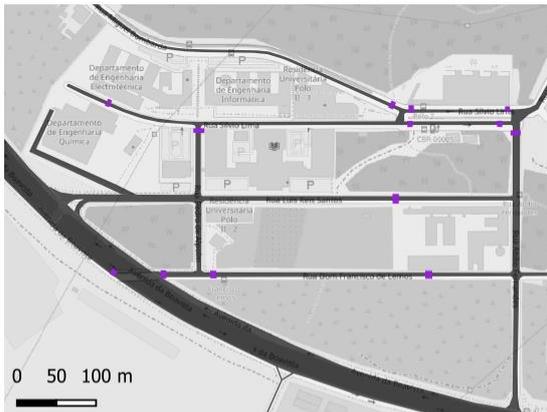
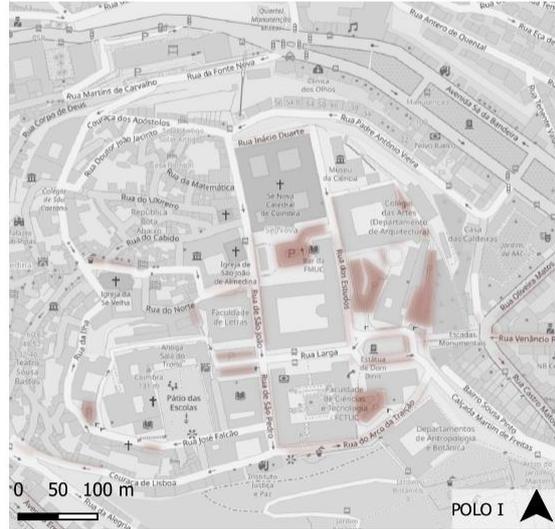
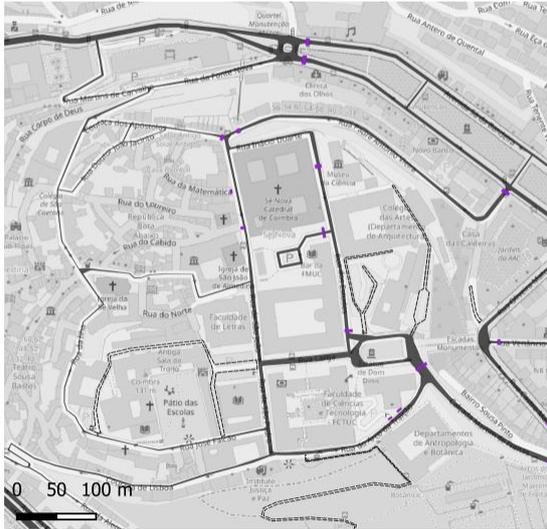
-  Rotas para automóveis
-  Rotas/aceessos condicionados para automóveis
-  Faixa de pedestre
-  Estacionamento para automóveis
-  Rotas pedonais preparadas
-  Rotas pedonais condicionadas em determinado horário
-  Rotas pedonais informais
-  Estacionamento para bicicletas



CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

-  Rotas para automóveis
-  Rotas/aceessos condicionados para automóveis
-  Faixa de pedestre
-  Estacionamento para automóveis

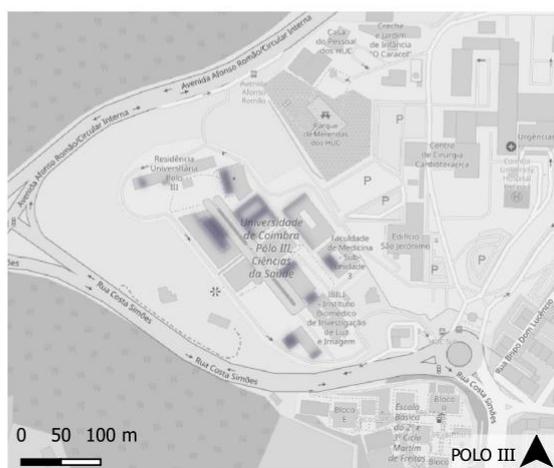
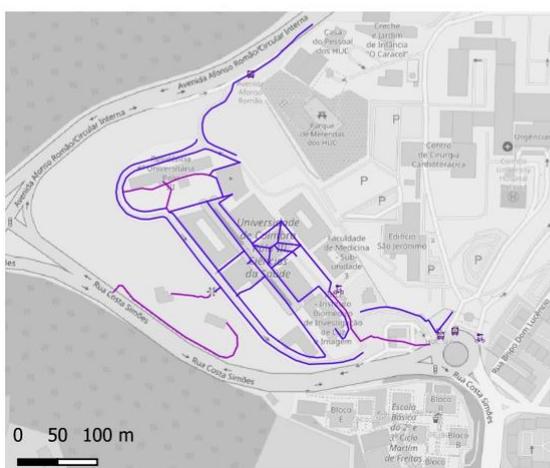
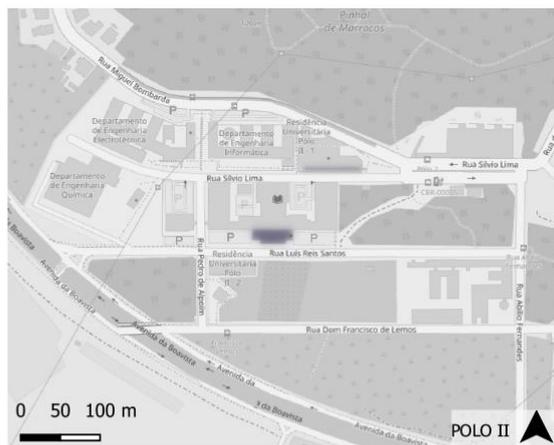
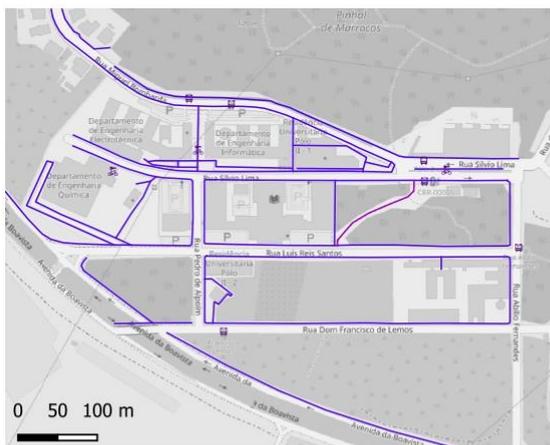
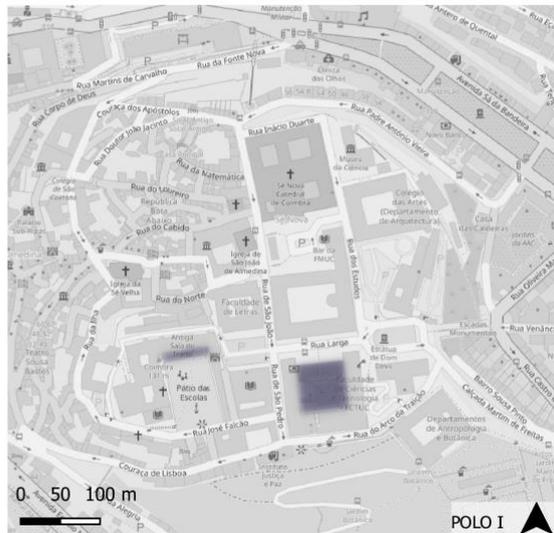


CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

-  Rotas pedonais preparadas
-  Rotas pedonais condicionadas em determinado horário
-  Rotas pedonais informais

-  Estacionamento para bicicletas
-  Paragens de autocarro
-  Espaço de transição exterior/interior

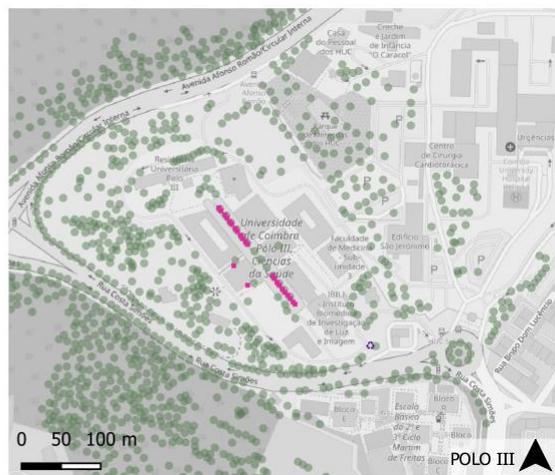
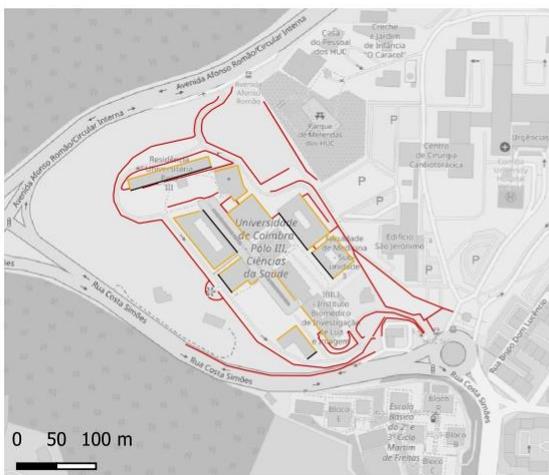
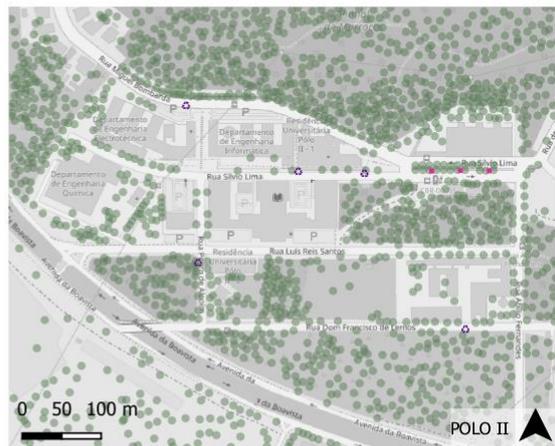
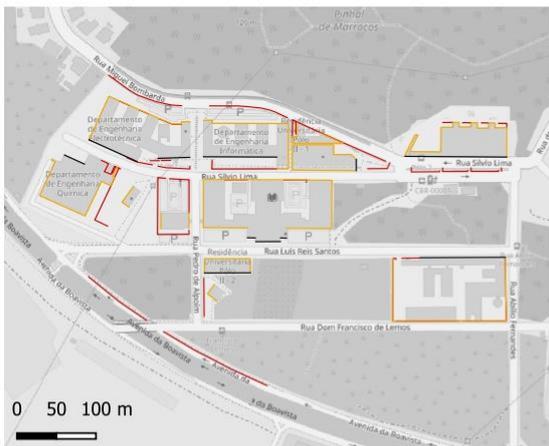
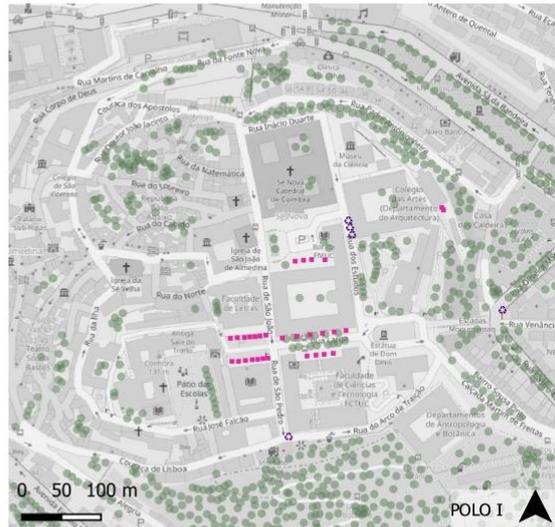
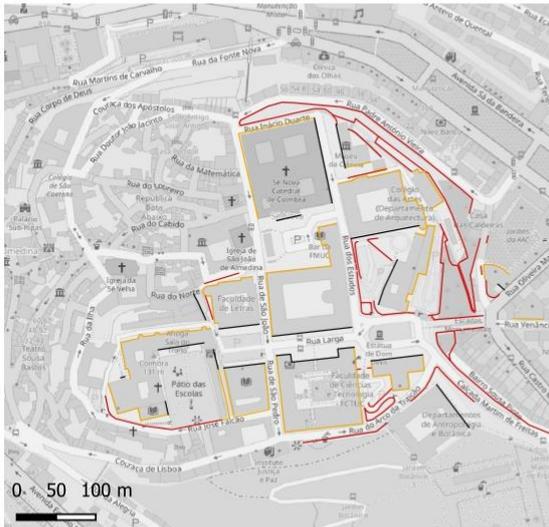


CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

- Alçado principal
- Alçado tardoz e/ou sem relação com a rua
- Muros e/ou declives

- 🗑️ Contentores de lixo e/ou ecopontos
- 🚶 Mobilitário urbano
- 🌳 Árvores



APÊNDICE III

Fichas desenvolvidas para a Caminhada em Conjunto nos Polos
Universitários de Coimbra

GOSTARIA DE ACRESCENTAR ALGUMA OUTRA QUESTÃO E/OU ESPAÇO QUE NÃO FOI ABORDADO? ESCREVA AQUI E DEIXE SEU COMENTÁRIO!

(IN)SEGURANÇA NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA: POLO I

ATIVIDADE 1: PERCURSO EM CONJUNTO DATA: HORA:

NOME:
CURSO:
IDADE:
NACIONALIDADE:
GÊNERO COM O QUAL SE IDENTIFICA:
AUTORIZO O USO DAS INFORMAÇÕES E FOTOGRAFIAS:

Obrigada pela sua presença!

Como já explicado, a seguinte atividade tem como objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos polos universitários de Coimbra e identificar quais são os elementos espaciais que contribuem para essa sensação.

COMO?

Realizando percursos e conversas em grupo com estudantes de diferentes géneros que usufruem dos espaços da universidade, mais especificamente dos polos I, II e III.

PARA QUÊ?

Averiguar se existe alguma relação entre género e percepção de (in)segurança e como a arquitetura pode contribuir para criar espaços inclusivos, agradáveis e seguros.

POR QUE?

Minha dissertação de mestrado em arquitetura visa identificar pontos de insegurança, desconfortáveis e desagradáveis nos espaços da Universidade com o intuito de informar e sugerir melhorias.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES?

1. Percursos em conjunto: Cada participante receberá essa ficha informativa com algumas questões a atentar e identificar no mapa no decorrer do passeio no polo em questão. Será distribuído individualmente uma prancheta e uma caneta.
2. Percorso individual: Cada participante levará para casa uma ficha para preencher sobre o percurso que realiza usualmente ao departamento em que estuda. Junto, se possível, fotografar 3 espaços sentidos como seguros e agradáveis, e 3 desconfortáveis ou inseguros.
3. Conversa em grupo: Por último, combinaremos um dia para nos reunirmos presencialmente. Todos devem levar as fichas individuais preenchidas e as fotografias pedidas, para que, em grupos separados por género, se discutam as percepções que cada um(a) teve, colocando-as sob um mesmo mapa.

ATENÇÃO! Seguindo as normas preventivas da DGS contra a COVID-19, utilizem a máscara facial durante toda a atividade, com distanciamento físico de dois metros e desinfetem as mãos frequentemente.

Muito obrigada por sua participação! **Vamos caminhar!**

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito de dissertação de mestrado em arquitetura por Gabriela Vasconcelos

ESPERO QUE TENHA GOSTADO! CONTO COM VOCÊ NA PRÓXIMA ATIVIDADE!

SEGUINDO A LÓGICA DAS TRAMAS, MARQUE NO MAPA AO LADO:

1. O percurso realizado em conjunto
2. Espaços em que se sentiu confortável e/ou segura(o)
3. Espaços em que se sentiu desconfortável e/ou insegura(o)
4. Os espaços estão equipados, por exemplo, com bancos, sombras, iluminação? Onde sente falta?
5. Existem espaços abandonados, não mantidos e sujeitos ou parcelas de terra não construídas nas rotas realizadas?
6. Qual é para você o espaço mais representativo do polo?
7. A localização é clara e as informações direcionais são fornecidas para permitir a orientação no espaço em todos os momentos? Sente necessidade de mais informação em algum espaço?



CASO QUEIRA JUSTIFICAR SUAS PERCEPÇÕES, ESCREVA AQUI!

GOSTARIA DE ACRESCENTAR ALGUMA OUTRA QUESTÃO E/OU ESPAÇO QUE NÃO FOI ABORDADO? ESCREVA AQUI E DEIXE SEU COMENTÁRIO!

(IN)SEGURANÇA NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA: POLO II

ATIVIDADE 1: PERCURSO EM CONJUNTO DATA: HORA:

NOME:

CURSO:

IDADE:

NACIONALIDADE:

GÊNERO COM O QUAL SE IDENTIFICA:

AUTORIZO O USO DAS INFORMAÇÕES E FOTOGRAFIAS:

Obrigada pela sua presença!

Como já explicado, a seguinte atividade tem como objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos polos universitários de Coimbra e identificar quais são os elementos espaciais que contribuem para essa sensação.

COMO?

Realizando percursos e conversas em grupo com estudantes de diferentes géneros que usufruem dos espaços da universidade, mais especificamente dos polos I, II e III.

PARA QUÊ?

Averiguar se existe alguma relação entre género e percepção de (in)segurança e como a arquitetura pode contribuir para criar espaços inclusivos, agradáveis e seguros.

POR QUE?

Minha dissertação de mestrado em arquitetura visa identificar pontos de insegurança, desconfortáveis e desagradáveis nos espaços da Universidade com o intuito de informar e sugerir melhorias.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES?

1. Percursos em conjunto: Cada participante receberá essa ficha informativa com algumas questões a atentar e identificar no mapa no decorrer do passeio no polo em questão. Será distribuído individualmente uma prancheta e uma caneta.

2. Percorso individual: Cada participante levará para casa uma ficha para preencher sobre o percurso que realiza usualmente ao departamento em que estuda. Junto, se possível, fotografar 3 espaços sentidos como seguros e agradáveis, e 3 desconfortáveis ou inseguros.

3. Conversa em grupo: Por último, combinaremos um dia para nos reunirmos presencialmente. Todos devem levar as fichas individuais preenchidas e as fotografias pedidas, para que, em grupos separados por género, se discutam as percepções que cada um(a) teve, colocando-as sob um mesmo mapa.

ATENÇÃO! Seguindo as normas preventivas da DGS contra a COVID-19, utilizem a máscara facial durante toda a atividade, com distanciamento físico de dois metros e desinfectem as mãos frequentemente.

Muito obrigada por sua participação! **Vamos caminhar!**

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito de dissertação de mestrado em arquitetura por Gabriela Vasconcelos

ESPERO QUE TENHA GOSTADO! CONTO COM VOCÊ NA PRÓXIMA ATIVIDADE!

GOSTARIA DE ACRESCENTAR ALGUMA OUTRA QUESTÃO E/OU ESPAÇO QUE NÃO FOI ABORDADO? ESCREVA AQUI E DEIXE SEU COMENTÁRIO!

(IN)SEGURANÇA NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA: POLO III

ATIVIDADE 1: PERCURSO EM CONJUNTO DATA: HORA:

NOME:
CURSO:
IDADE:
NACIONALIDADE:
GÊNERO COM O QUAL SE IDENTIFICA:
AUTORIZO O USO DAS INFORMAÇÕES E FOTOGRAFIAS:

Obrigada pela sua presença!

Como já explicado, a seguinte atividade tem como objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos polos universitários de Coimbra e identificar quais são os elementos espaciais que contribuem para essa sensação.

COMO?

Realizando percursos e conversas em grupo com estudantes de diferentes gêneros que usufruem dos espaços da universidade, mais especificamente dos polos I, II e III.

PARA QUÊ?

Averiguar se existe alguma relação entre gênero e percepção de (in)segurança e como a arquitetura pode contribuir para criar espaços inclusivos, agradáveis e seguros.

POR QUÊ?

Minha dissertação de mestrado em arquitetura visa identificar pontos de insegurança, desconfortáveis e desagradáveis nos espaços da Universidade com o intuito de informar e sugerir melhorias.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES?

1. Percursos em conjunto: Cada participante receberá essa ficha informativa com algumas questões a atentar e identificar no mapa no decorrer do passeio no polo em questão. Será distribuído individualmente uma prancheta e uma caneta.
2. Percorso individual: Cada participante levará para casa uma ficha para preencher sobre o percurso que realiza usualmente ao departamento em que estuda. Junto, se possível, fotografar 3 espaços sentidos como seguros e agradáveis, e 3 desconfortáveis ou inseguros.
3. Conversa em grupo: Por último, combinaremos um dia para nos reunirmos presencialmente. Todos devem levar as fichas individuais preenchidas e as fotografias pedidas, para que, em grupos separados por gênero, se discutam as percepções que cada um(a) teve, colocando-as sob um mesmo mapa.

ATENÇÃO! Seguindo as normas preventivas da DGS contra a COVID-19, utilizem a máscara facial durante toda a atividade, com distanciamento físico de dois metros e desinfetem as mãos frequentemente.

Muito obrigada por sua participação! **Vamos caminhar?**

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito de dissertação de mestrado em arquitetura por Gabriela Vasconcelos

ESPERO QUE TENHA GOSTADO! CONTO COM VOCÊ NA PRÓXIMA ATIVIDADE!

APÊNDICE IV

Fichas desenvolvidas para o Percurso Individual nos Polos
Universitários de Coimbra

COMPLETE A TABELA ABAIXO COM AS ATIVIDADES QUE REALIZA NO DECORRER DA SEMANA E OS RESPECTIVOS ESPAÇOS UTILIZADOS			
EXEMPLO:	POLO I CELAS BAIXA ... PRAÇA DA REPÚBLICA	AULAS DESPORTO COMPRAS	CONVÍVIO
MANHÃ TARDE FIM DE TARDE	LOCAL	DURANTE A SEMANA	FIM DE SEMANA
MANHÃ			
TARDE			
FINAL DE TARDE			
EXISTEM EQUIPAMENTOS SUFICIENTES NO POLO OU PRÓXIMO PARA REALIZAR AS TAREFAS DO SEU DIA A DIA? DE QUAIS SENTE NECESSIDADE?			
DURANTE SEU PERCURSO, FOTOGRAFE 3 ESPAÇOS EM QUE SE SENTE CONFORTÁVEL E/OU SEGURA(O) E 3 EM QUE SE SENTE DESCONFORTÁVEL E/OU INSEGURA(O)			

OBRIGADA POR PARTICIPAR! CONTO COM VOCÊ NA PRÓXIMA ATIVIDADE!

(IN)SEGURANÇA NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA: POLO I

ATIVIDADE 2: PERCURSO INDIVIDUAL DATA: . . . HORA: . . .

NOME: . . .
CURSO: . . .
IDADE: . . .
NACIONALIDADE: . . .
GÊNERO COM O QUAL SE IDENTIFICA: . . .
AUTORIZO O USO DAS INFORMAÇÕES E FOTOGRAFIAS: . . .

Obrigada pela sua presença!

Como já explicado, a seguinte atividade tem como objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos polos universitários de Coimbra e identificar quais são os elementos espaciais que contribuem para essa sensação.

COMO?

Realizando percursos e conversas em grupo com estudantes de diferentes géneros que usufruem dos espaços da universidade, mais especificamente dos polos I, II e III.

PARA QUÊ?

Averiguar se existe alguma relação entre género e percepção de (in)segurança e como a arquitetura pode contribuir para criar espaços inclusivos, agradáveis e seguros.

POR QUE?

Minha dissertação de mestrado em arquitetura visa identificar pontos de insegurança, desconfortáveis e desagradáveis nos espaços da Universidade com o intuito de informar e sugerir melhorias.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES?

1. Percursos em conjunto: Cada participante receberá uma ficha informativa com algumas questões a atender e identificar no mapa no decorrer do passeio no polo em questão. Será distribuído individualmente uma prancheta e uma caneta.
2. Percorso individual: Cada participante levará para casa essa ficha para preencher sobre o percurso que realiza usualmente ao departamento em que estuda. Junto, se possível, fotografar 3 espaços sentidos como seguros e agradáveis, e 3 desconfortáveis ou inseguros.
3. Conversa em grupo: Por último, combinaremos um dia para nos reunirmos presencialmente. Todos devem levar as fichas individuais preenchidas e as fotografias pedidas para que, em grupos separados por género, se discutam as percepções que cada um(a) teve, colocando-as sob um mesmo mapa.

ATENÇÃO!

Não esqueça sua máscara facial e desinfetante para as mãos!

Muito obrigada por sua participação!

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito de dissertação de mestrado em arquitetura por Gabriela Vasconcellos

(IN)SEGURANÇA NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA: POLO II

ATIVIDADE 2: PERCURSO INDIVIDUAL DATA: HORA:

NOME:
 CURSO:
 IDADE:
 NACIONALIDADE:
 GÊNERO COM O QUAL SE IDENTIFICA:
 AUTORIZO O USO DAS INFORMAÇÕES E FOTOGRAFIAS:

Obrigada pela sua presença!

Como já explicado, a seguinte atividade tem como objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos polos universitários de Coimbra e identificar quais são os elementos espaciais que contribuem para essa sensação.

COMO?

Realizando percursos e conversas em grupo com estudantes de diferentes géneros que usufruem dos espaços da universidade, mais especificamente dos polos I, II e III.

PARA QUÊ?

Averiguar se existe alguma relação entre género e percepção de (in)segurança e como a arquitetura pode contribuir para criar espaços inclusivos, agradáveis e seguros.

POR QUE?

Minha dissertação de mestrado em arquitetura visa identificar pontos de insegurança, desconfortáveis e desagradáveis nos espaços da Universidade com o intuito de informar e sugerir melhorias.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES?

1. Percursos em conjunto: Cada participante receberá uma ficha informativa com algumas questões a atender e identificar no mapa no decorrer do passeio no polo em questão. Será distribuído individualmente uma prancheta e uma caneta.
2. Percorso individual: Cada participante levará para casa essa ficha para preencher sobre o percurso que realiza usualmente ao departamento em que estuda. Junto, se possível, fotografar 3 espaços sentidos como seguros e agradáveis, e 3 desconfortáveis ou inseguros.
3. Conversa em grupo: Por último, combinaremos um dia para nos reunirmos presencialmente. Todos devem levar as fichas individuais preenchidas e as fotografias pedidas, para que, em grupos separados por género, se discutam as percepções que cada um(a) teve, colocando-as sob um mesmo mapa

ATENÇÃO! Não esqueça sua máscara facial e desinfetante para as mãos!

Muito obrigada por sua participação!

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito de dissertação de mestrado em arquitetura por Gabriela Vasconcellos

COMPLETE A TABELA ABAIXO COM AS ATIVIDADES QUE REALIZA NO DECORRER DA SEMANA E OS RESPECTIVOS ESPAÇOS UTILIZADOS			
EXEMPLO:	POLO I CELAS BAIXA ... PRAÇA DA REPÚBLICA	AULAS DESPORTO COMPRAS	CONVÍVIO
MANHÃ	LOCAL	DURANTE A SEMANA	FIM DE SEMANA
TARDE			
FINAL DE TARDE			
EXISTEM EQUIPAMENTOS SUFICIENTES NO POLO OU PRÓXIMO PARA REALIZAR AS TAREFAS DO SEU DIA A DIA? DE QUAIS SENTE NECESSIDADE?			
DURANTE SEU PERCURSO, FOTOGRAFE 3 ESPAÇOS EM QUE SE SENTE CONFORTÁVEL E/OU SEGURO(O) E 3 EM QUE SE SENTE DESCONFORTÁVEL E/OU INSEGURO(O)			

OBRIGADA POR PARTICIPAR! CONTO COM VOCÊ NA PRÓXIMA ATIVIDADE!

COMPLETE A TABELA ABAIXO COM AS ATIVIDADES QUE REALIZA NO DECORRER DA SEMANA E OS RESPECTIVOS ESPAÇOS UTILIZADOS

EXEMPLO: MANHÃ TARDE FIM DE TARDE	POLO I CELAS BAIXA ... PRAÇA DA REPÚBLICA	AULAS DESPORTO COMPRAS	CONVÍVIO
	LOCAL	DURANTE A SEMANA	FIM DE SEMANA
MANHÃ			
TARDE			
FINAL DE TARDE			

EXISTEM EQUIPAMENTOS SUFICIENTES NO POLO OU PRÓXIMO PARA REALIZAR AS TAREFAS DO SEU DIA A DIA? DE QUAIS SENTE NECESSIDADE?

DURANTE SEU PERCURSO, FOTOGRAFE 3 ESPAÇOS EM QUE SE SENTE CONFORTÁVEL E/OU SEGURO(O) E 3 EM QUE SE SENTE DESCONFORTÁVEL E/OU INSEGURO(O)

OBRIGADA POR PARTICIPAR! CONTO COM VOCÊ NA PRÓXIMA ATIVIDADE!

(IN)SEGURANÇA NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA: POLO III

ATIVIDADE 2: PERCURSO INDIVIDUAL DATA: HORA:

NOME:
CURSO:
IDADE:
NACIONALIDADE:
GÊNERO COM O QUAL SE IDENTIFICA:
AUTORIZO O USO DAS INFORMAÇÕES E FOTOGRAFIAS:

Obrigada pela sua presença!

Como já explicado, a seguinte atividade tem como objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos polos universitários de Coimbra e identificar quais são os elementos espaciais que contribuem para essa sensação.

COMO?

Realizando percursos e conversas em grupo com estudantes de diferentes gêneros que usufruem dos espaços da universidade, mais especificamente dos polos I, II e III.

PARA QUÊ?

Averiguar se existe alguma relação entre género e percepção de (in)segurança e como a arquitetura pode contribuir para criar espaços inclusivos, agradáveis e seguros.

POR QUE?

Minha dissertação de mestrado em arquitetura visa identificar pontos de insegurança, desconfortáveis e desagradáveis nos espaços da Universidade com o intuito de informar e sugerir melhorias.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES?

1. Percursos em conjunto: Cada participante receberá uma ficha informativa com algumas questões a atentar e identificar no mapa no decorrer do passeio no polo em questão. Será distribuído individualmente uma prancheta e uma caneta.
2. Percuro individual: Cada participante levará para casa essa ficha para preencher sobre o percurso que realiza usualmente ao departamento em que estuda. Junto, se possível, fotografar 3 espaços sentidos como seguros e agradáveis, e 3 desconfortáveis ou inseguros.
3. Conversa em grupo: Por último, combinaremos um dia para nos reunirmos presencialmente. Todos devem levar as fichas individuais preenchidas e as fotografias pedidas, para que, em grupos separados por género, se discutam as percepções que cada um(a) teve, colocando-as sob um mesmo mapa

ATENÇÃO! Não esqueça sua máscara facial e desinfetante para as mãos!

Muito obrigada por sua participação!

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito de dissertação de mestrado em arquitetura por Gabriela Vasconcelos

APÊNDICE V

Questionário desenvolvido para a Conversa em Grupo

MAIS ALGUMA PERGUNTA?

(IN)SEGURANÇA NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS DE COIMBRA

ATIVIDADE 3: CONVERSA EM GRUPO

NOME:

CURSO:

IDADE:

NACIONALIDADE:

GÊNERO COM O QUAL SE IDENTIFICA:

AUTORIZO O USO DAS INFORMAÇÕES E FOTOGRAFIAS:

Obrigada pela sua presença!

Como já explicado, a seguinte atividade tem como objetivo analisar a percepção de (in)segurança nos polos universitários de Coimbra e identificar quais são os elementos espaciais que contribuem para essa sensação.

COMO?

Realizando percursos e conversas em grupo com estudantes de diferentes géneros que usufruem dos espaços da universidade, mais especificamente dos polos I, II e III.

PARA QUÊ?

Averiguar se existe alguma relação entre género e percepção de (in)segurança e como a arquitetura pode contribuir para criar espaços inclusivos, agradáveis e seguros.

POR QUE?

Minha dissertação de mestrado em arquitetura visa identificar pontos de insegurança, desconfortáveis e desagradáveis nos espaços da Universidade com o intuito de informar e sugerir melhorias.

QUAIS SÃO AS ATIVIDADES?

1. Percursos em conjunto: Cada participante recebeu uma ficha informativa com algumas questões a atentar e identificar no mapa no decorrer do passeio no polo em questão. Foi proposta a identificação de pontos de (in)segurança, falta de equipamentos urbanos e de informações direcionais.

2. Percurso individual: Cada participante levou para casa uma ficha para preencher sobre o percurso que realiza usualmente ao departamento em que estuda. Pretendeu-se compreender a forma que utilizam e se movem pelo espaço.

3. Conversa em grupo: Por último, com o apoio do seguinte questionário propõe-se avaliar se os polos universitários respondem as necessidades das pessoas que os utilizam. Pretende-se que cada participante preencha o questionário para em seguida possa justificar suas respostas no mapa coletivo. O objetivo é identificar a influência dos aspectos físicos e sociais nas percepções de insegurança e segurança e sugerir melhorias.

Alguns aspectos espaciais que favorecem a percepção de segurança:

Visibilidade, clareza, caminhos alternativos, variedade de usos e atividades, presença de diversas pessoas, iluminação correta das áreas pedonais.

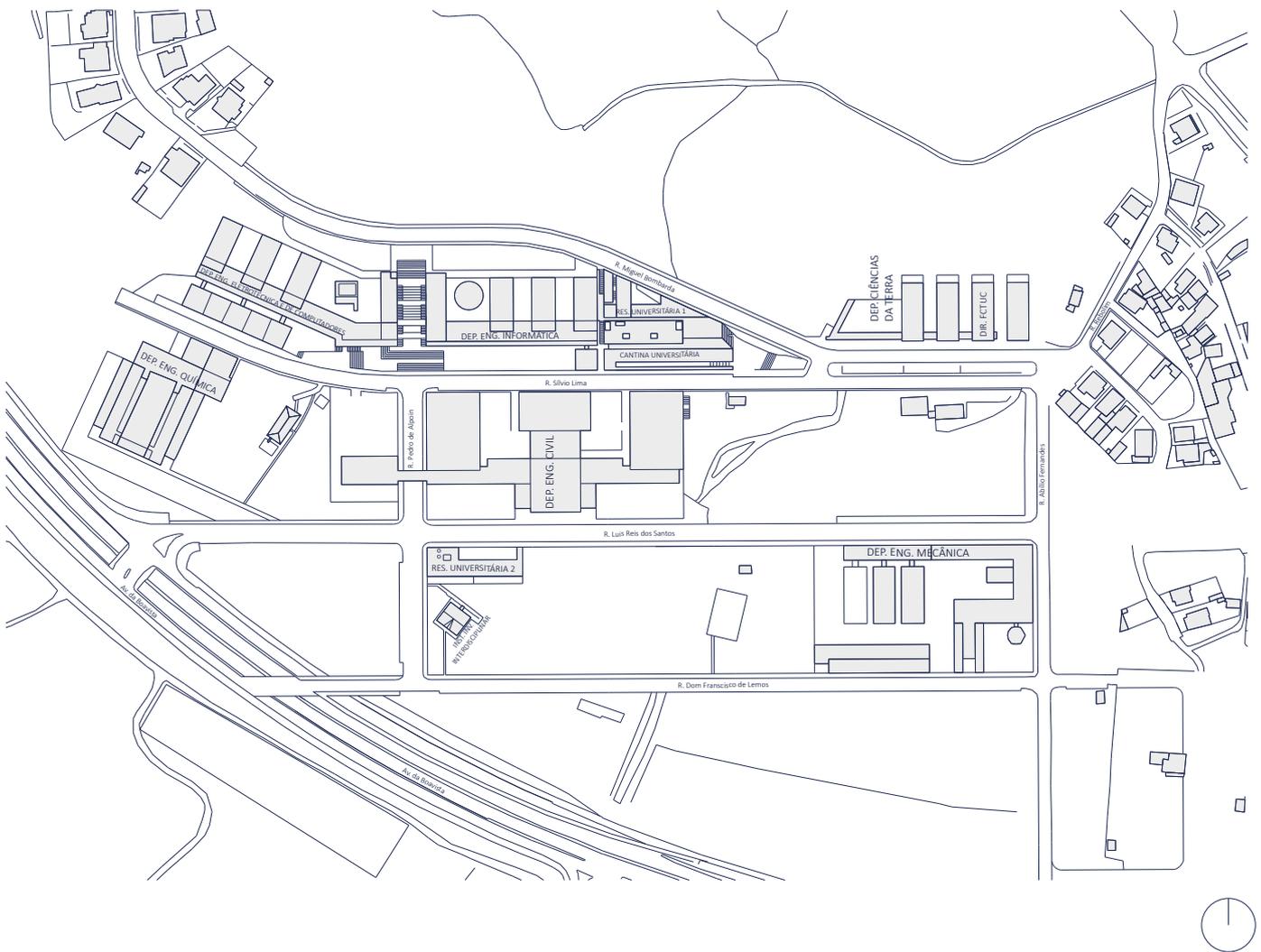
Muito obrigada por sua participação!

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito de dissertação de mestrado em arquitetura por Gabriela Vasconcellos

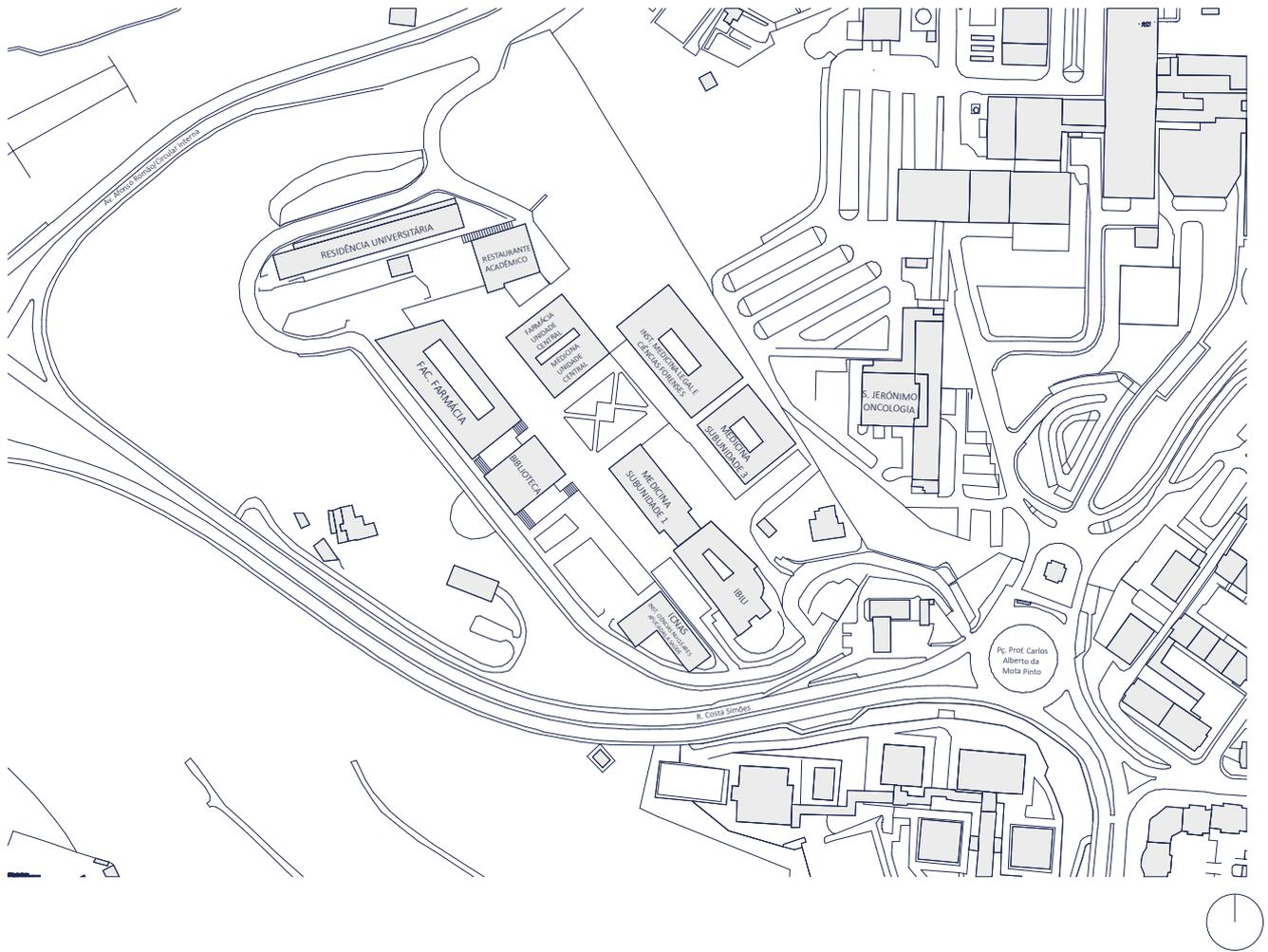
QUESTIONÁRIO	SIM	NÃO
Já participou ou tem conhecimento da realização de atividades participativas com a comunidade local e estudantil?		
Quando realizada alguma intervenção ou evento de grande impacto no bairro ou cidade (por exemplo o cortejo das festas estudantis), executou-se uma consulta prévia com a comunidade?		
A Universidade promove ajudas especiais, como moradias acessíveis, para grupos em risco de exclusão (mulheres sozinhas, famílias monoparentais/monoparentais, idosos, imigrantes, pessoas com mobilidade diferenciada etc.)?		
As residências estudantis são suficientes para atender a procura? As que existem são próximas ao polo?		
Existem equipamentos e serviços de apoio próximos ao polo, como creches e escolas públicas, onde estudantes e funcionários(ões) possam levar crianças de diferentes idades? O horário de funcionamento permite buscar a criança após o término das aulas?		
São oferecidos serviços de transporte público que garanta a mobilidade de todas as pessoas mediante os horários, localização das paragens, número de linhas etc. permitindo o fácil acesso do polo a outros pontos da cidade?		
Os espaços públicos e departamentos do polo são acessíveis?		
Existem serviços essenciais, como mercados e farmácias, e equipamentos de uso cotidiano, como centros culturais ou sociais, próximos ao polo (até 10 minutos a pé)? Caso não, existe transporte público que facilite os percursos?		
Existem espaços que possam ser utilizados para estudo, trabalho em grupo ou workshops organizados por alunos, dentro e fora do horário letivo?		
Existem espaços que permitam conversar, ler ou descansar?		
Existem espaços que permitam e promovam o encontro e atividade de jovens?		
Existem espaços que promovam a comunicação e convívio de pessoas de diferentes idades e origens?		
Existem iniciativas que promovam o uso dos espaços do polo fora do horário letivo? Como por exemplo o uso dos pátios dos departamentos.		
Os passeios/calçadas devem permitir a realização de diferentes atividades para além de ser um espaço de circulação e fluxos. Dito isso, é dada prioridade as pessoas que se movem a pé, com a possibilidade de se sentar, reunir, conversar ou conviver nas ruas do polo?		
As medidas dos passeios/calçadas são adequadas para a passagem de carrinho infantil, cadeira de rodas com acompanhante, carrinho de compras etc.?		
Existem espaços intermédios de relação entre os departamentos e os espaços públicos que permitam o uso para diferentes atividades de forma segura, com boa iluminação e visibilidade?		
Existem banheiros públicos próximos aos espaços movimentados?		
Existem bicicletários suficientes e em ambientes vigiados (vigilância informal)?		
Existem contentores de lixo orgânico e para reciclagem?		
As rotas a pé são suficientemente iluminadas?		
Existem mapas do polo claros e legíveis, com informações de onde ir em caso de emergência, contatos de emergência, localização de equipamentos?		
Existem espaços no polo ou próximo, que promovam o convívio intergeracional e intercultural?		
Existem espaços de convívio, onde se possa conversar, se exercitar, e espaços mais tranquilos para ler, estudar, meditar?		
Os espaços estão equipados com bancos (a cada 200 metros), sombras e iluminação suficientes?		
Existem espaços abandonados ou não mantidos que poderiam ser utilizados por pessoas que frequentam e as que não frequentam o polo?		
São utilizados espaços do polo, sejam esquinas, calçada das entradas aos departamentos ou espaços abandonados como espaços de convívio?		
Existem representações ou recordações da história do polo e da cidade que façam referência a toda a comunidade sem discriminações?		
As mulheres e outras minorias sociais são visibilizadas no espaço público pelos seus contributos a sociedade da mesma forma que os homens? Por exemplo em nomes de praças, parques, ruas, jardins, placas explicando seus contributos para a sociedade, esculturas não sexualizadas etc.		
É possível se locomover em segurança no polo em questão?		
Quais outros equipamentos você gostaria que tivesse no polo?		
Para você, qual o melhor lugar do polo I, II e/ou III?		
Para você, qual o pior lugar do polo I, II e/ou III?		
Que sugestão daria para criar uma maior interação entre estudantes e a população local?		
O que significa a insegurança para você?		

APÊNDICE VI

Plantas utilizadas para a realização dos Mapas Coletivos na Conversa em Grupo



Planta do Polo II da Universidade de Coimbra.



Planta do Polo III da Universidade de Coimbra.

APÊNDICE VII

Plantas de Percepção de Segurança pelos Participantes no Polo I

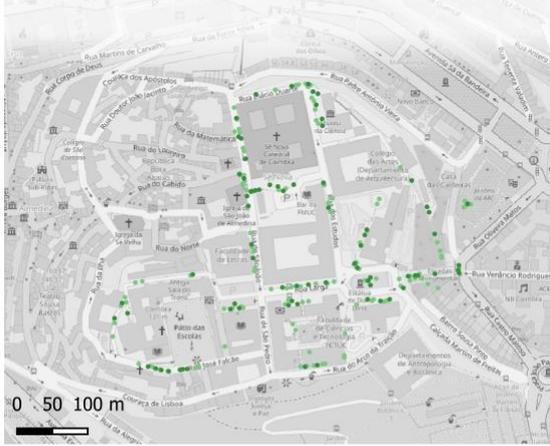
PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO I

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite

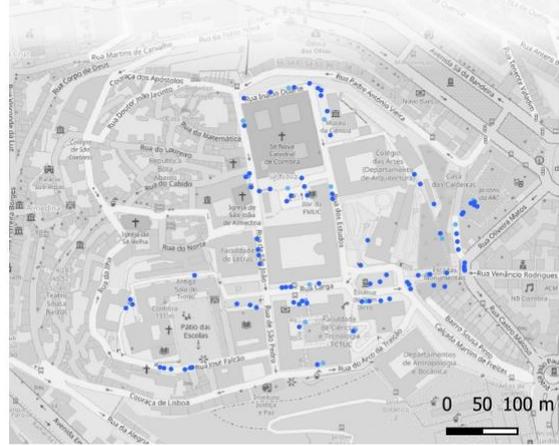
Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário

13 participantes sendo:
12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino

6 participantes sendo:
6 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 22/05 à noite, 14/05 e 24/06 de dia

19 participantes sendo: 12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 6 pessoas do gênero masculino



APÊNDICE VIII

Planta de Percepção de Insegurança pelos Participantes no Polo I

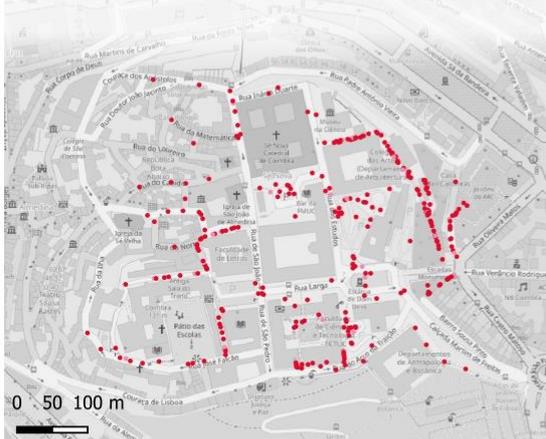
PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO I

LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite

Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário

13 participantes sendo:
12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino

6 participantes sendo:
6 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 22/05 à noite, 14/05 e 24/06 de dia

19 participantes sendo: 12 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 6 pessoas do gênero masculino



APÊNDICE XIX

Plantas de Capacitação Física do Espaço e Falta de Equipamentos Urbanos no Polo I

CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO I

Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 22/05 à noite, 14/05 e 24/06 de dia, e nas fichas individuais

29 participantes sendo: 18 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 10 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

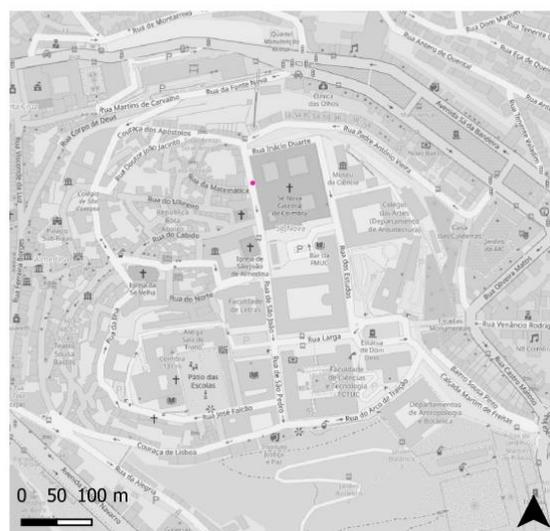
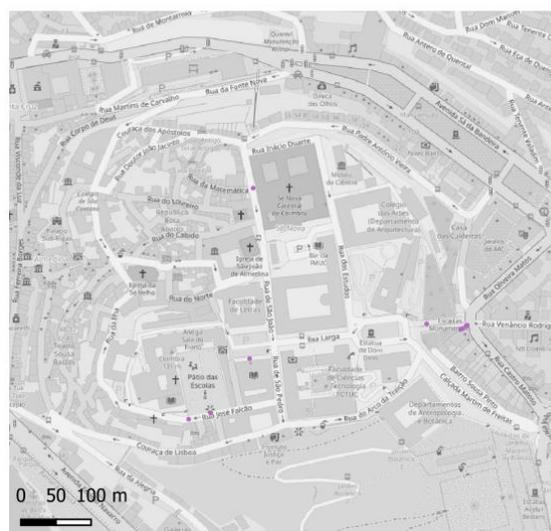
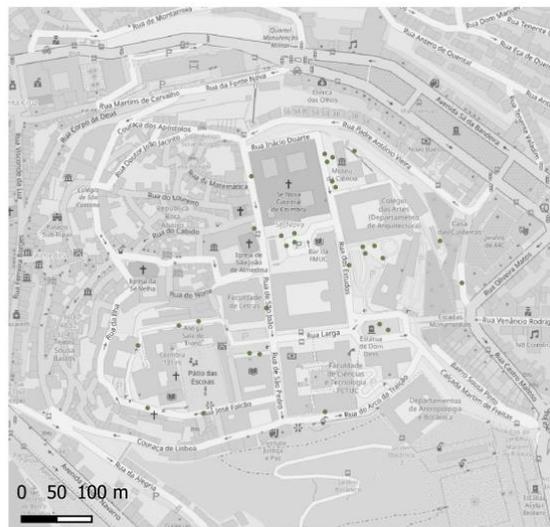
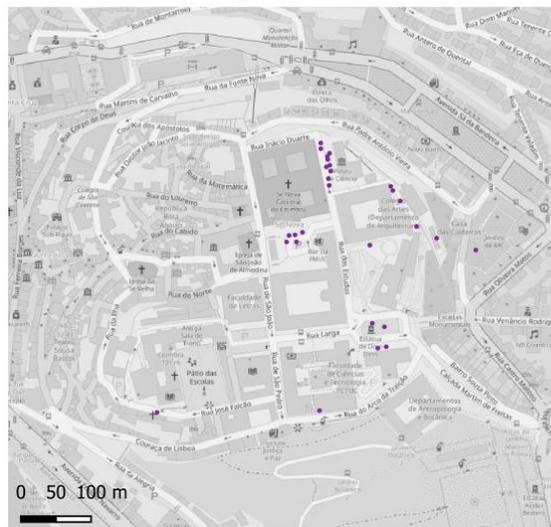
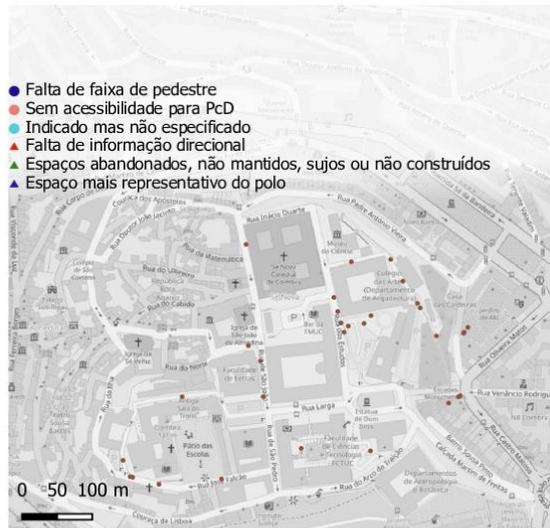
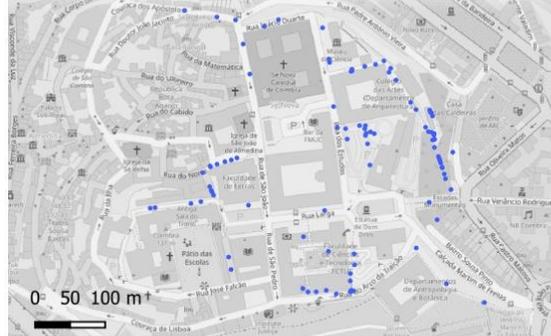
- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contenedor de lixo
- Falta de faixa de pedestre
- Sem acessibilidade para PcD
- Indicado mas não especificado
- ▲ Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo



CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO I

LEGENDA

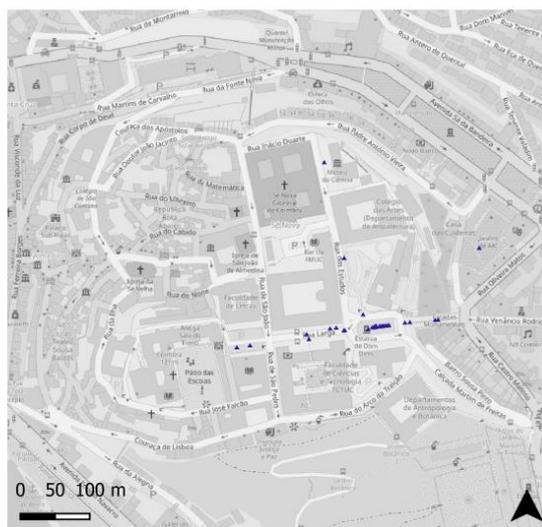
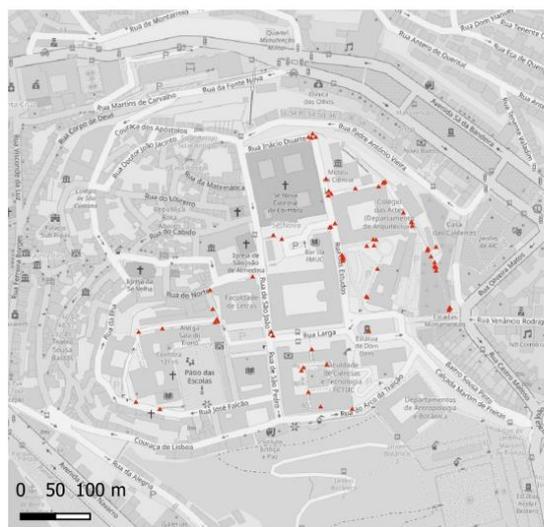
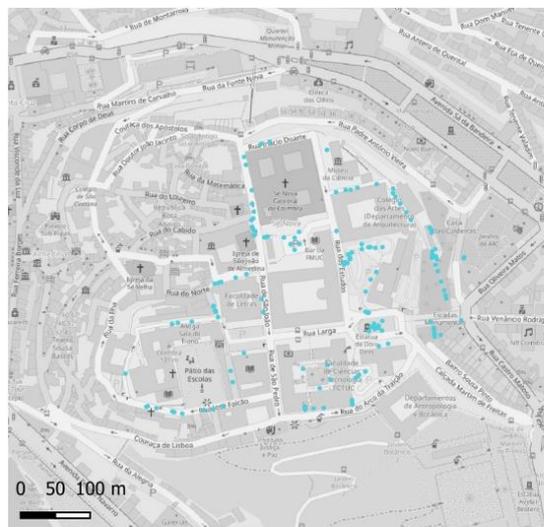
- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo



CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO I

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo



APÊNDICE X

Plantas de Uso dos Espaços do Polo I

USO DOS ESPAÇOS NO POLO I

Resultados coletados com o preenchimento das fichas individuais por estudantes do polo I
10 participantes sendo: 6 pessoas do gênero feminino; 4 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade

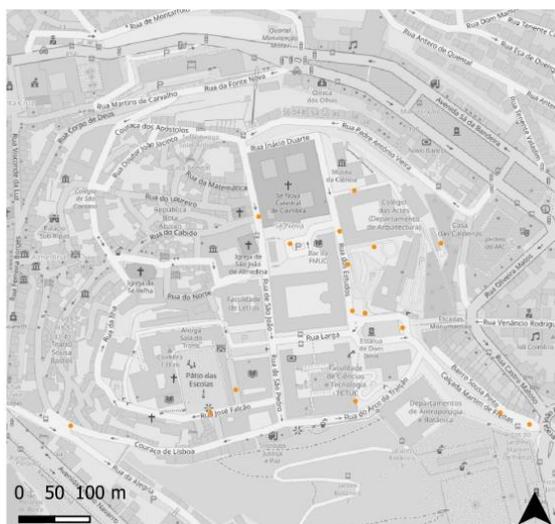
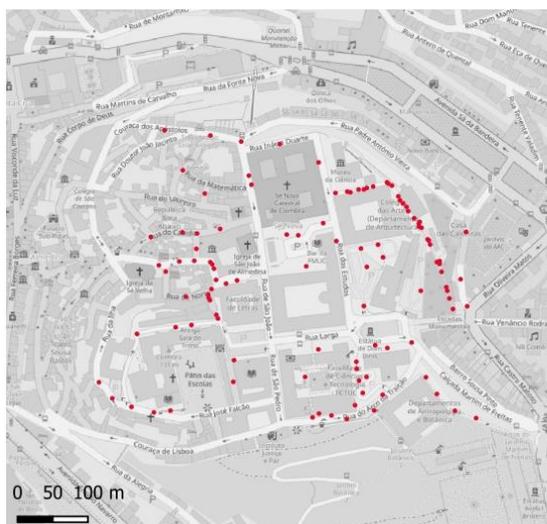
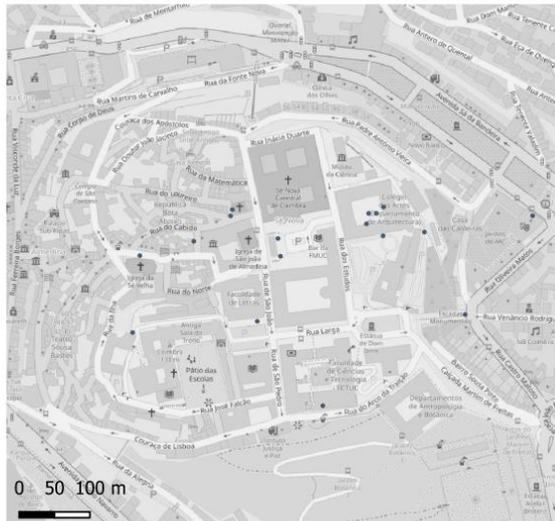
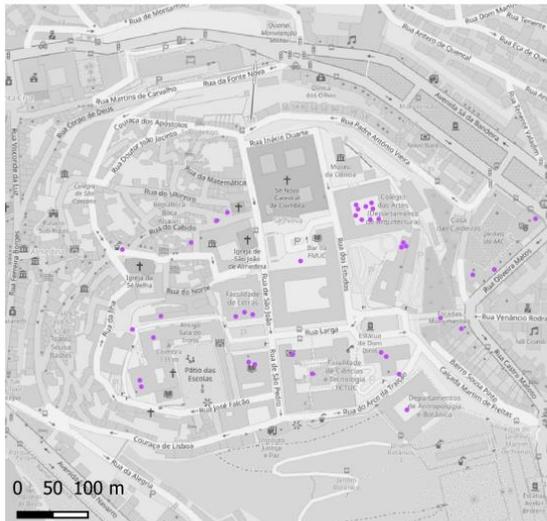


USO DOS ESPAÇOS NO POLO I

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo

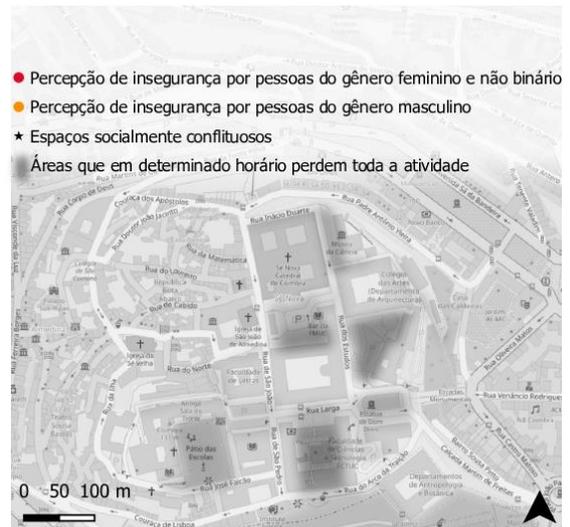
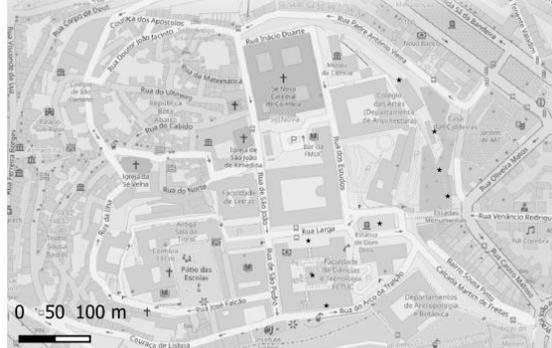
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



USO DOS ESPAÇOS NO POLO I

LEGENDA

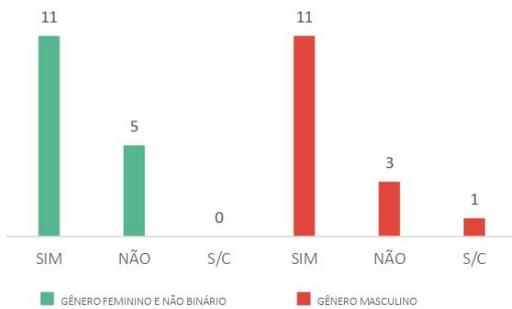
- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo



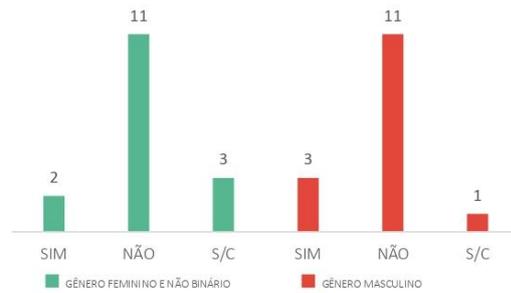
APÊNDICE XI

Gráficos de respostas dos respondentes do Questionário separados por gênero

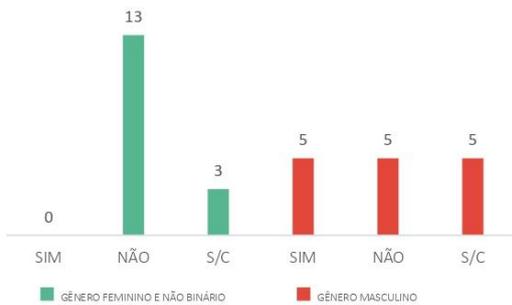
Já participou ou tem conhecimento da realização de atividades participativas com a comunidade local e estudantil?



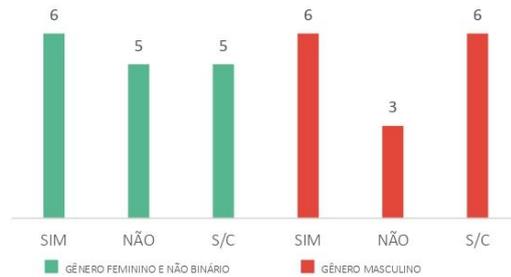
As residências estudantis são suficientes para atender a procura? As que existem são próximas ao polo?



Quando realizada alguma intervenção ou evento de grande impacto no bairro ou cidade (por exemplo o cortejo das festas studentis), executou-se uma consulta prévia com a comunidade?



Existem equipamentos e serviços de apoio próximos ao polo, como creches e escolas públicas, onde estudantes e funcionárias(os) possam levar crianças de diferentes idades? O horário de funcionamento permite buscar a criança após o término das aulas?



A Universidade promove ajudas especiais, como moradias acessíveis, para grupos em risco de exclusão (mulheres sozinhas, famílias monomarentais/monoparentais, idosos, imigrantes, pessoas com mobilidade diferenciada etc.)?



São oferecidos serviços de transporte público que garanta a mobilidade de todas as pessoas mediante os horários, localização das paragens, número de linhas etc. permitindo o fácil acesso do polo a outros pontos da cidade?



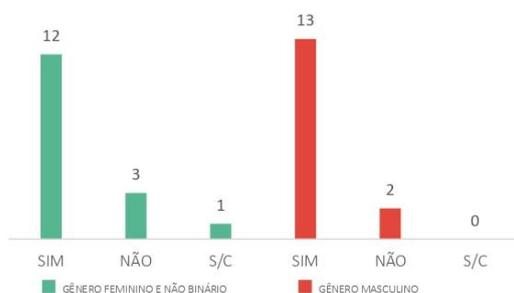
Os espaços públicos e departamentos do polo são acessíveis?



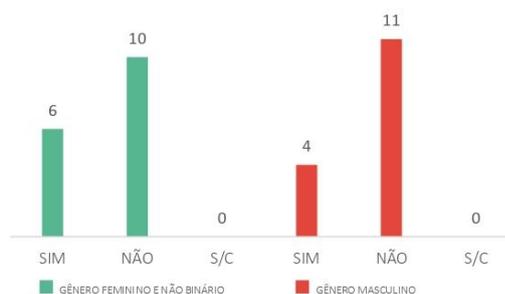
Existem iniciativas que promovam o uso dos espaços do polo fora do horário letivo? Como por exemplo o uso dos pátios dos departamentos.



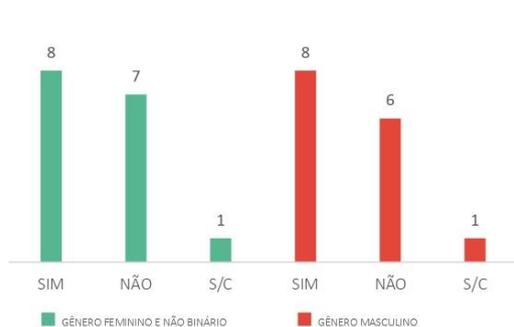
Existem serviços essenciais, como mercados e farmácias, e equipamentos de uso cotidiano, como centros culturais ou sociais próximos ao polo (até 10 minutos a pé)? Caso não, existe transporte público que facilite os percursos?



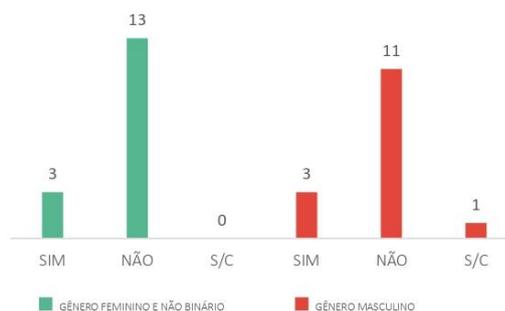
Os passeios/calçadas devem permitir a realização de diferentes atividades para além de ser um espaço de circulação e fluxos. Dito isso, é dada prioridade as pessoas que se movem a pé, com a possibilidade de se sentar, reunir, conversar ou conviver nas ruas?



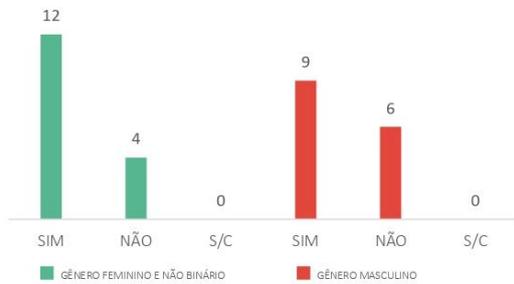
Existem espaços que possam ser utilizados para estudo, trabalho em grupo ou workshops organizados por alunos, dentro e fora do horário letivo?



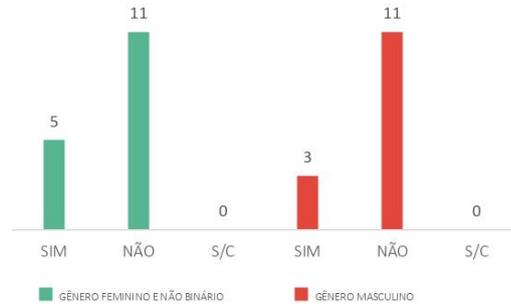
As medidas dos passeios/calçadas são adequadas para a passagem de carrinho infantil, cadeira de rodas com acompanhante, carrinho de compras etc.?



Existem espaços que permitam conversar, ler ou descansar?



Existem espaços no polo ou próximo, que promovam o convívio intergeracional e intercultural?



Existem espaços que permitam e promovam o encontro e atividade de jovens?



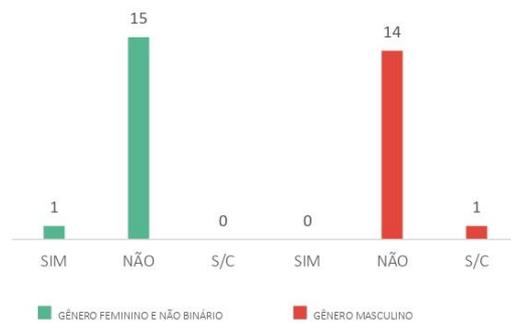
Existem espaços de convívio, onde se possa conversar, se exercitar, e espaços mais tranquilos para ler, estudar, meditar?



Existem espaços que promovam a comunicação e convívio de pessoas de diferentes idades e origens?



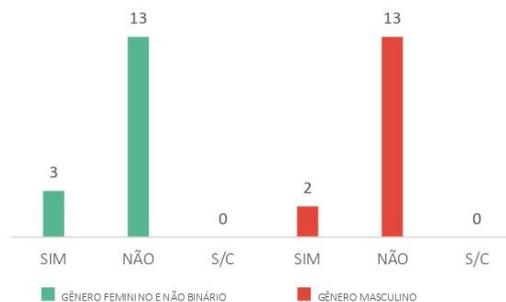
Os espaços estão equipados com bancos (a cada 200 metros), sombras e iluminação suficientes?



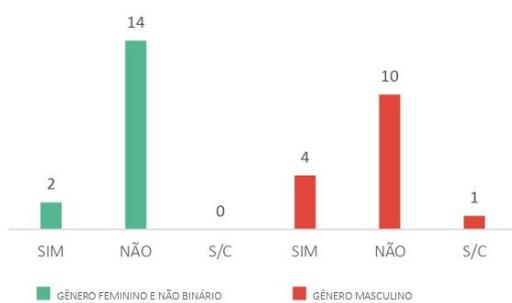
Existem contentores de lixo orgânico e para reciclagem?



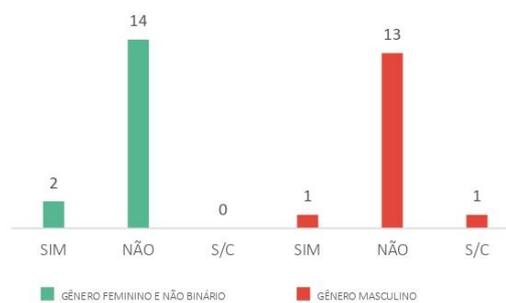
Existem espaços intermédios de relação entre os departamentos e os espaços públicos que permitam o uso para diferentes atividades de forma segura, com boa iluminação e visibilidade?



As rotas a pé são suficientemente iluminadas?



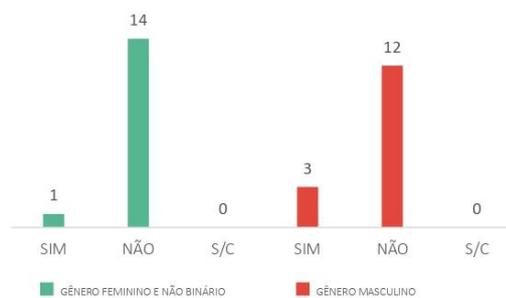
Existem banheiros públicos próximos aos espaços movimentados?



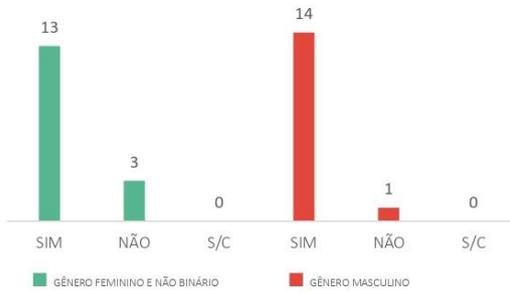
Existem mapas do polo claros e legíveis, com informações de onde ir em caso de emergência, contatos de emergência, localização de equipamentos?



Existem bicicletários suficientes e em ambientes vigiados (vigilância informal)?



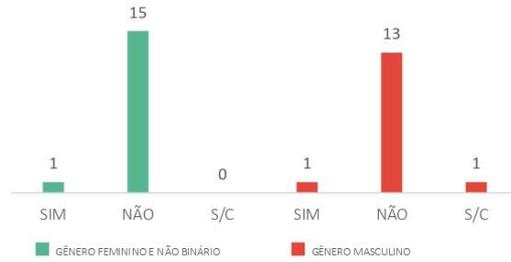
Existem espaços abandonados ou não mantidos que poderiam ser utilizados por pessoas que frequentam e as que não frequentam o polo?



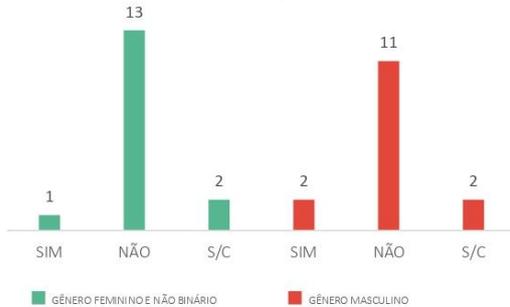
São utilizados espaços do polo, sejam esquinas, calçada das entradas aos departamentos ou espaços abandonados como espaços de convívio?



As mulheres e outras minorias sociais são visibilizadas no espaço público pelos seus contributos a sociedade da mesma forma que os homens? Por exemplo em nomes de praças, parques, ruas, jardins, placas explicando seus contributos para a sociedade, esculturas não sexualizadas etc.



Existem representações ou recordações da história do polo e da cidade que façam referência a toda a comunidade sem discriminações?



É possível se locomover em segurança no polo em questão?



APÊNDICE XII

Plantas síntese dos Comentários no Mapa Coletivo do Polo I separadas por gêneros

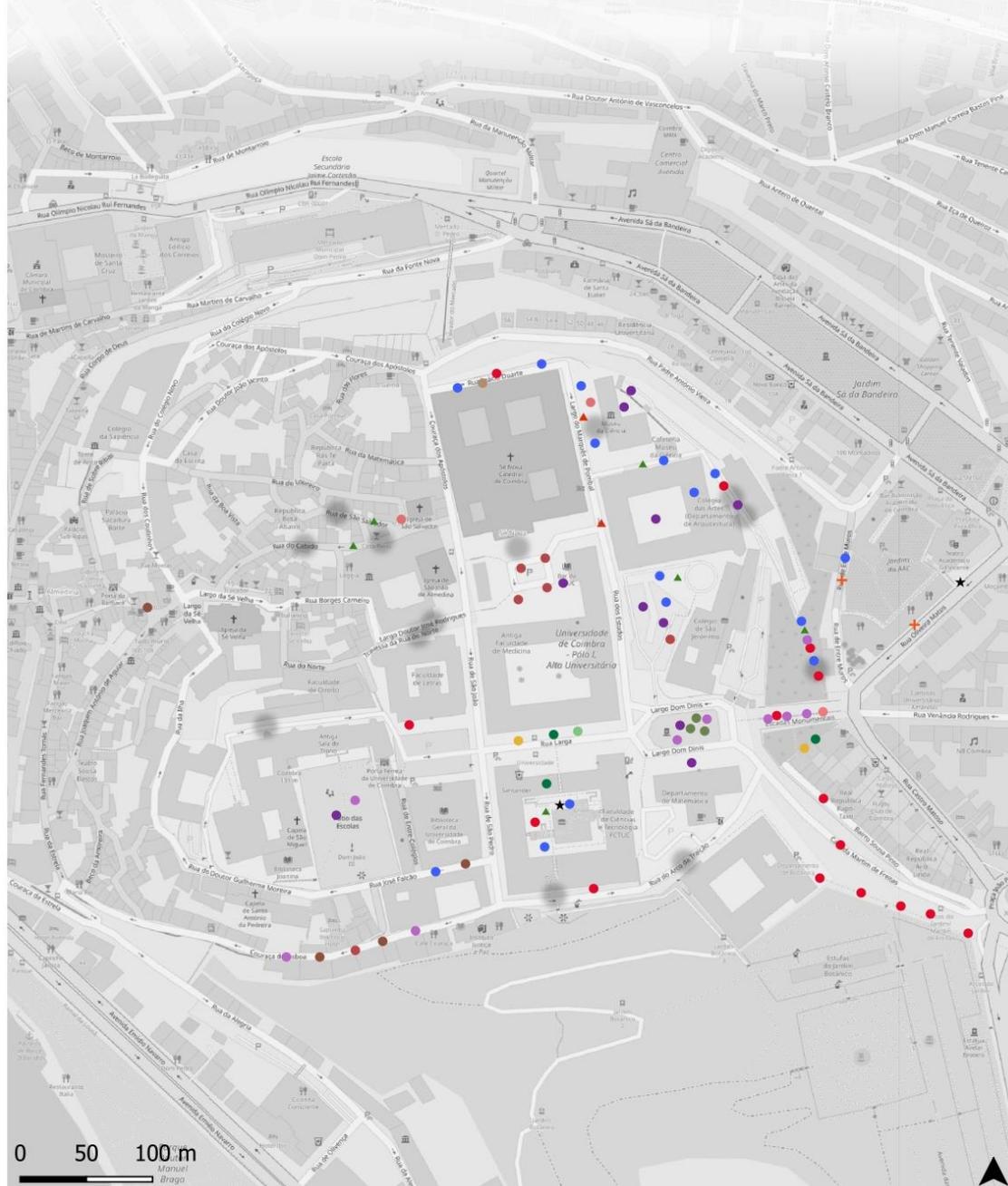
COMENTÁRIOS NO MAPA COLETIVO DO POLO I POR PESSOAS DO GÊNERO FEMININO E NÃO BINÁRIO

Resultados coletados durante a conversa em grupo em 14/10

16 participantes sendo: 14 pessoas do gênero feminino; 2 pessoas do gênero não binário

LEGENDA

- Espaço inseguro e/ou desconfortável
- Espaço seguro e/ou agradável
- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano e/ou usos
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Sem acessibilidade para PcD
- Excesso e/ou prioridade automóveis
- Fachada inativa
- Escala apropriada
- Espaço de convivência
- Com sombra e árvores
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- ▲ Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos e sujos ou não construídos
- ▲ Ocorrência de assédio sexual
- Areas que em determinado horário perdem toda a atividade



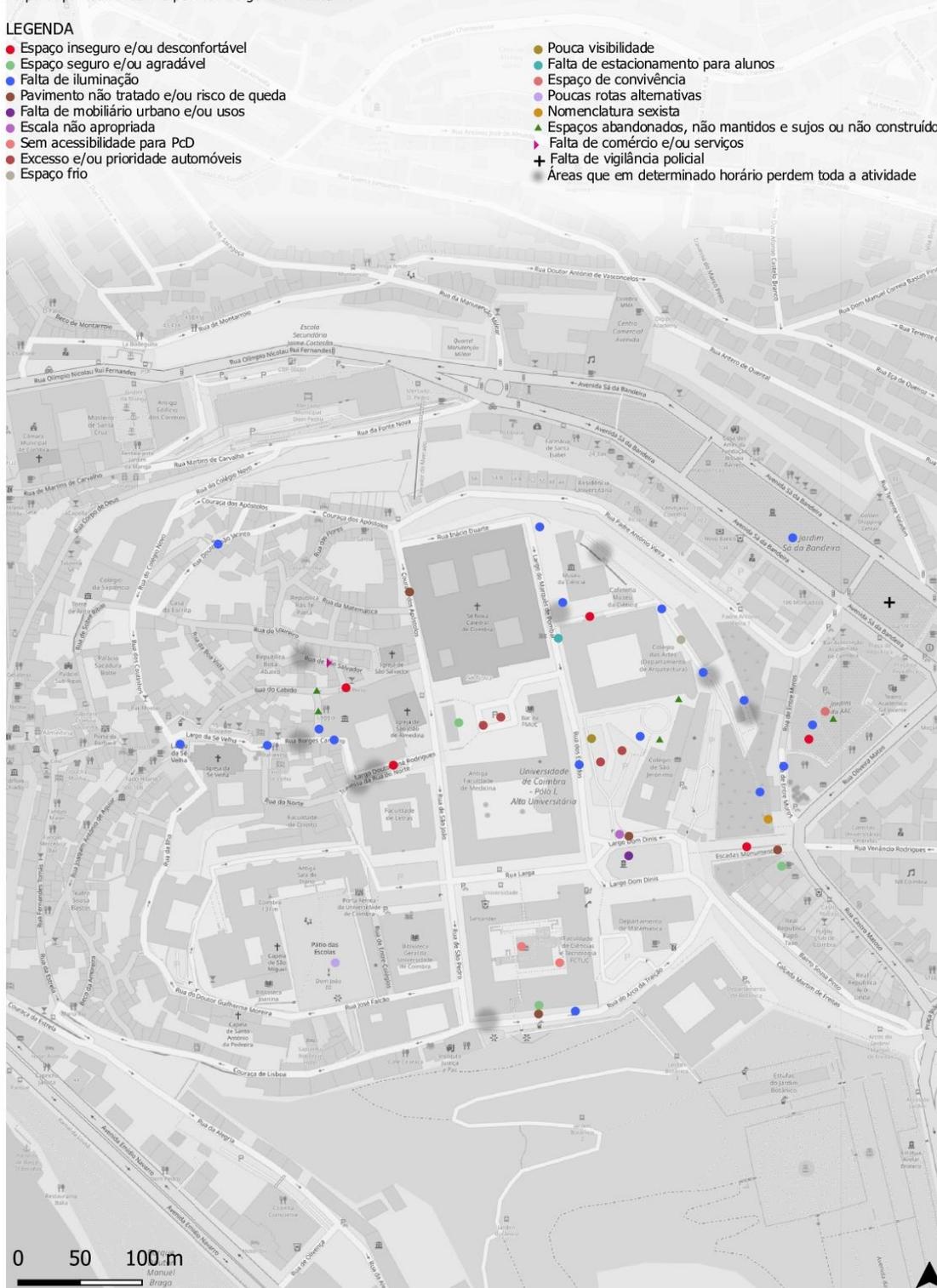
COMENTÁRIOS NO MAPA COLETIVO DO POLO I POR PESSOAS DO GÊNERO MASCULINO

Resultados coletados durante a conversa em grupo em 14/10

15 participantes sendo: 15 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Espaço inseguro e/ou desconfortável
- Espaço seguro e/ou agradável
- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano e/ou usos
- Escala não apropriada
- Sem acessibilidade para PcD
- Excesso e/ou prioridade automóveis
- Espaço frio
- Pouca visibilidade
- Falta de estacionamento para alunos
- Espaço de convivência
- Poucas rotas alternativas
- Nomenclatura sexista
- Espaços abandonados, não mantidos e sujos ou não construídos
- Falta de comércio e/ou serviços
- Falta de vigilância policial
- Areas que em determinado horário perdem toda a atividade



APÊNDICE XIII

Planta de Percepção de Segurança pelos Participantes no Polo II

PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO II

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite

Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário

10 participantes sendo:
9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



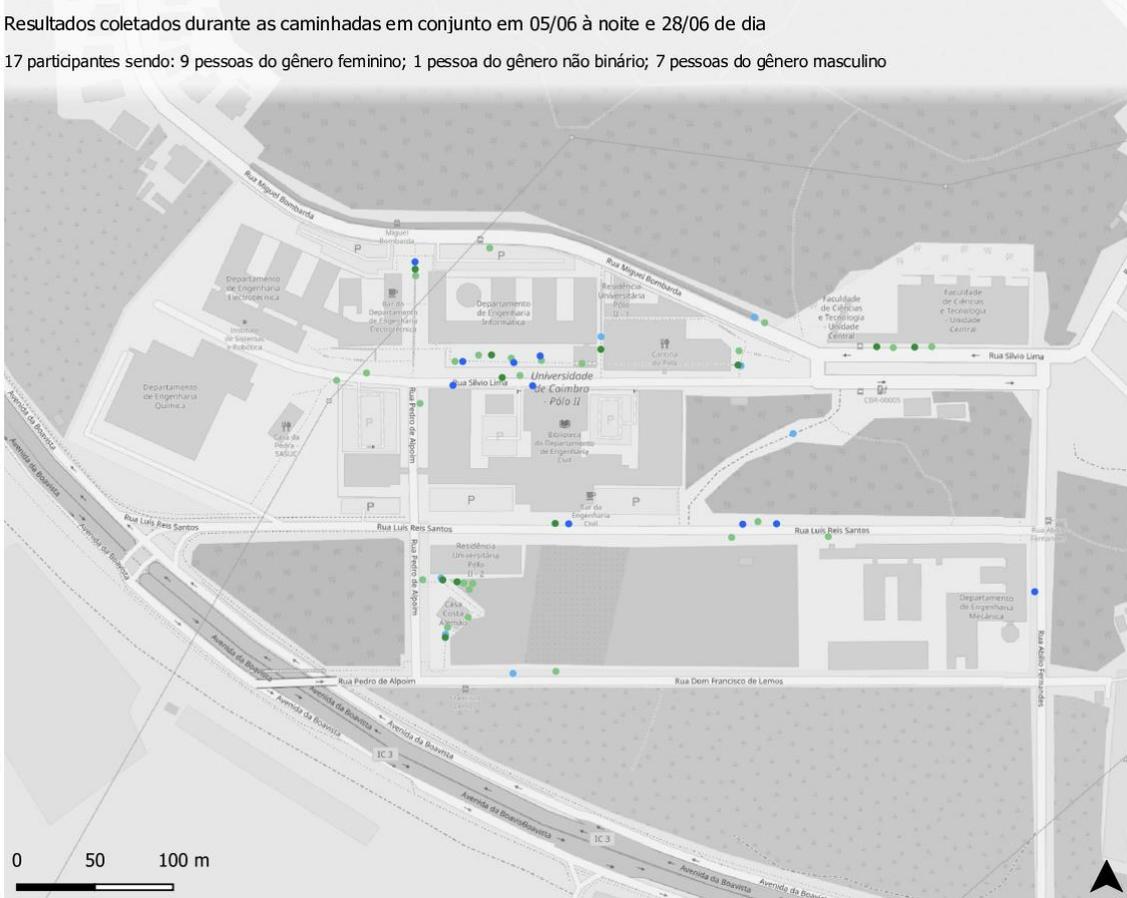
Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino

7 participantes sendo:
7 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 05/06 à noite e 28/06 de dia

17 participantes sendo: 9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 7 pessoas do gênero masculino



APÊNDICE XIV

Planta de Percepção de Insegurança pelos Participantes no Polo II

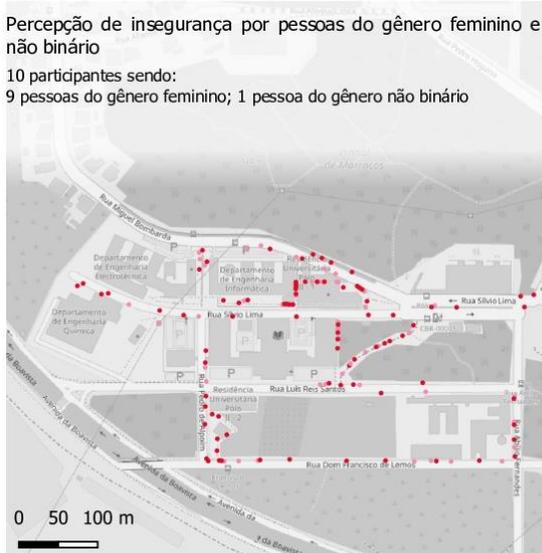
PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO II

LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite

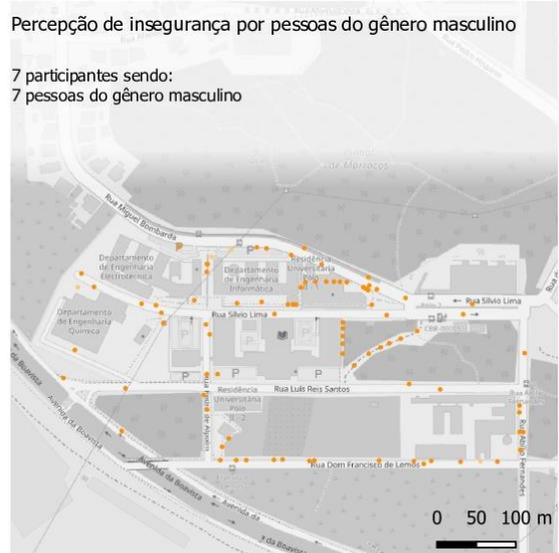
Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário

10 participantes sendo:
9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino

7 participantes sendo:
7 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 05/06 à noite e 28/06 de dia

17 participantes sendo: 9 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 7 pessoas do gênero masculino



APÊNDICE XV

Plantas de Capacitação Física do Espaço e Falta de Equipamentos Urbanos no Polo II

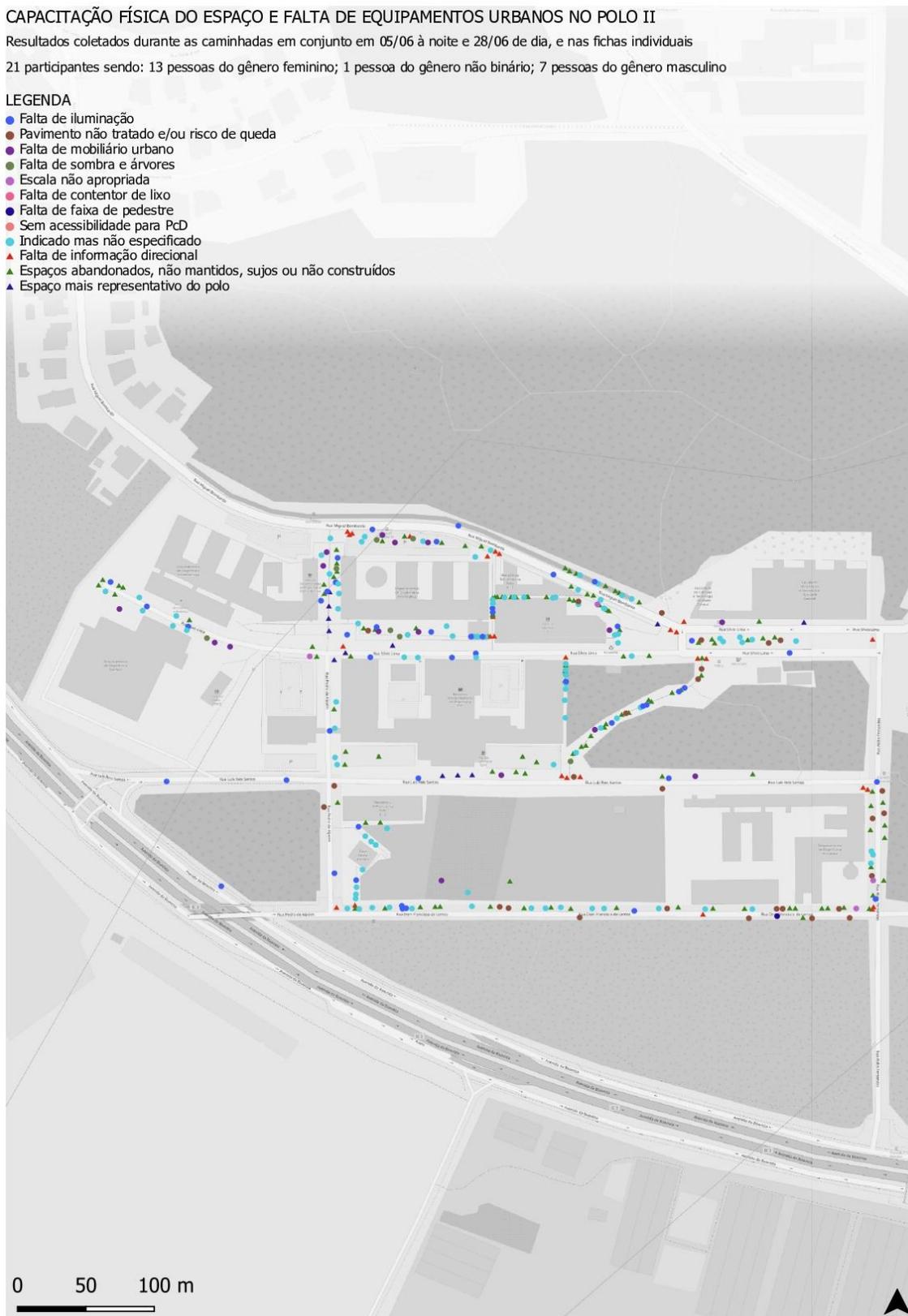
CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO II

Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 05/06 à noite e 28/06 de dia, e nas fichas individuais

21 participantes sendo: 13 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 7 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

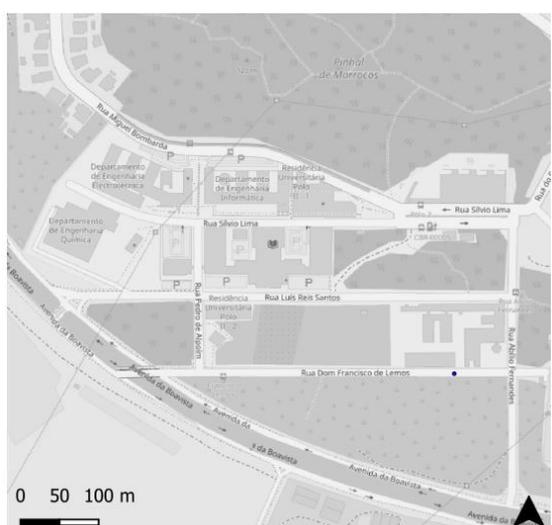
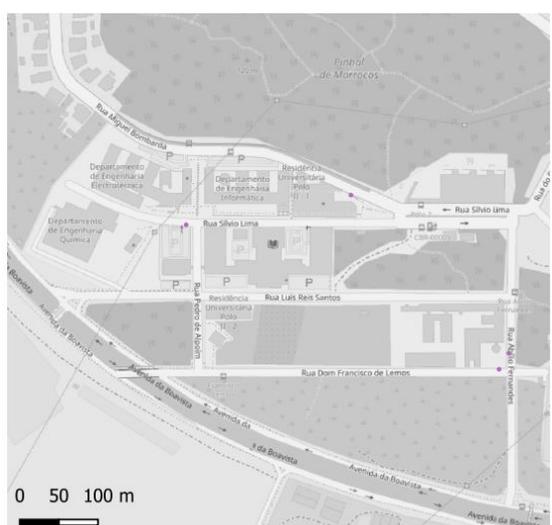
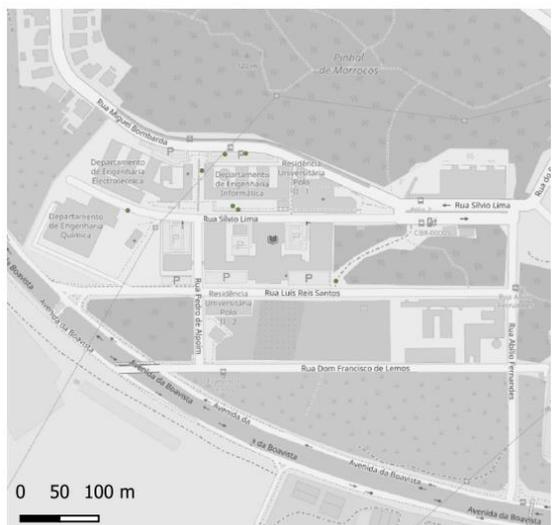
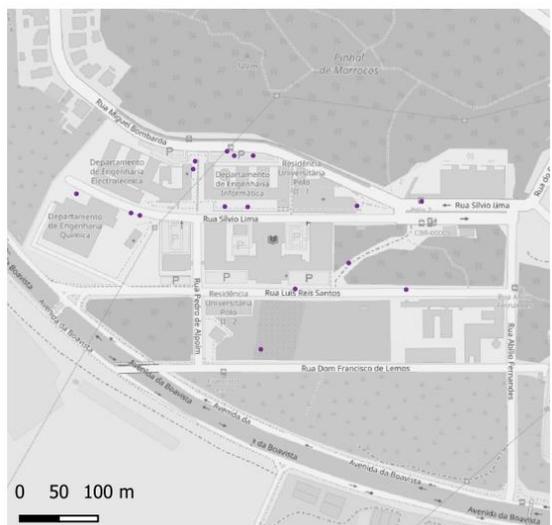
- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo
- Falta de faixa de pedestre
- Sem acessibilidade para PcD
- Indicado mas não especificado
- ▲ Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo



CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO II

LEGENDA

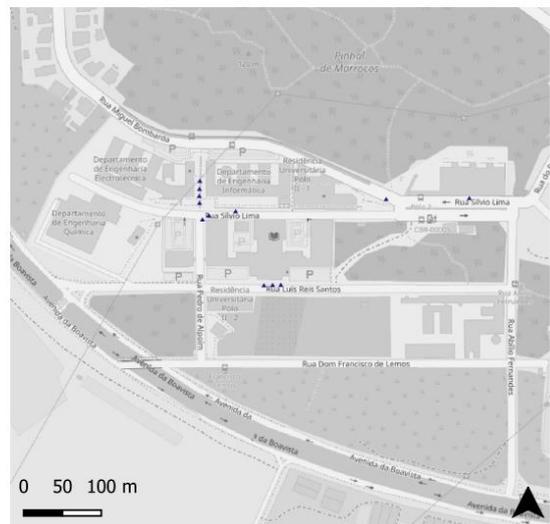
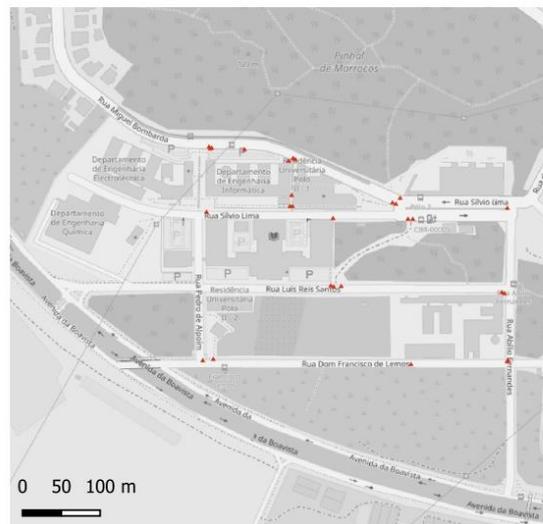
- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo



CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO II

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo



APÊNDICE XVI

Plantas de Uso dos Espaços do Polo II

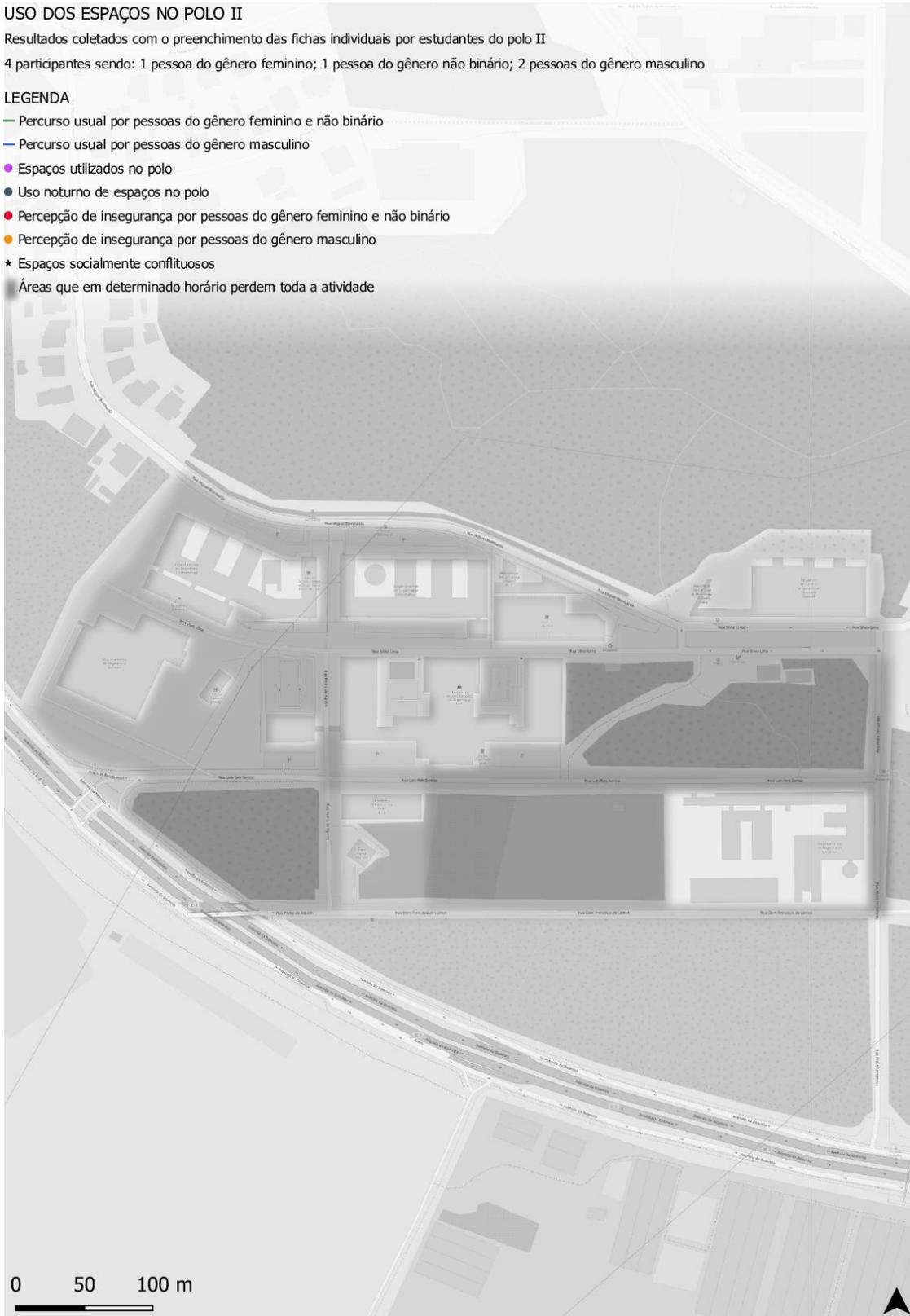
USO DOS ESPAÇOS NO POLO II

Resultados coletados com o preenchimento das fichas individuais por estudantes do polo II

4 participantes sendo: 1 pessoa do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 2 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



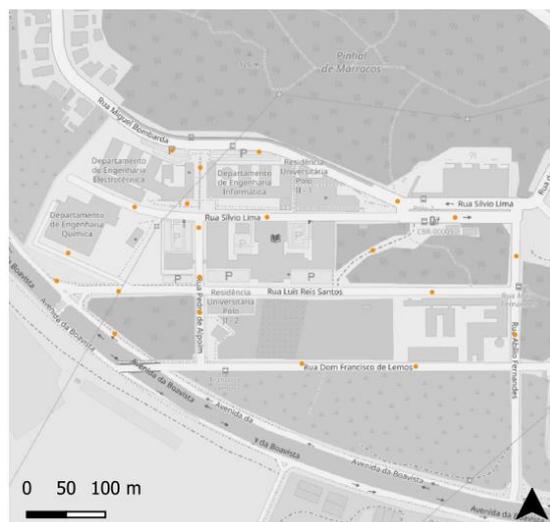
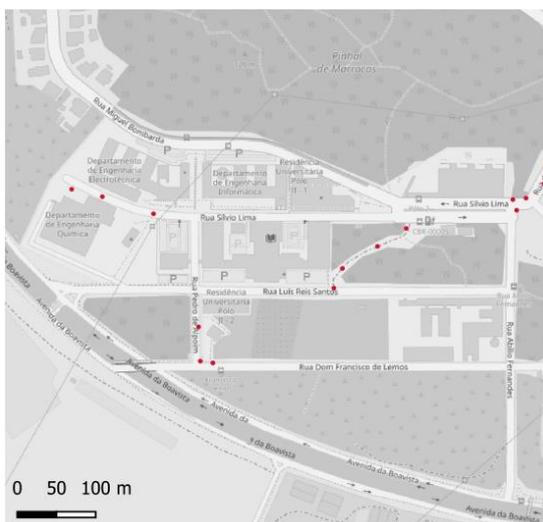
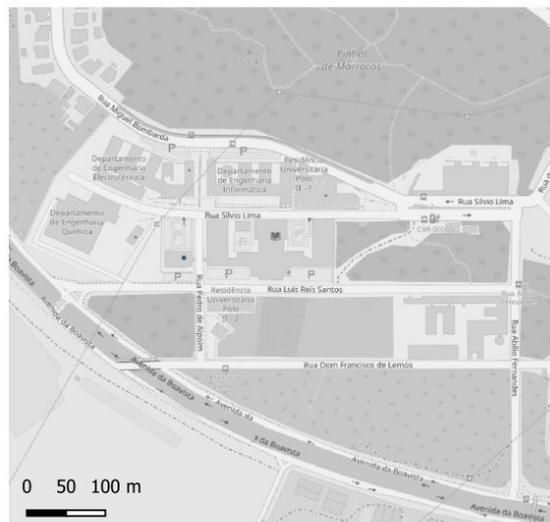
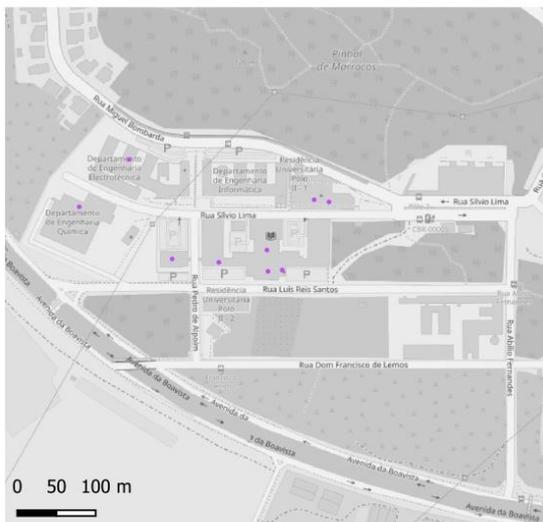
USO DOS ESPAÇOS NO POLO II

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo



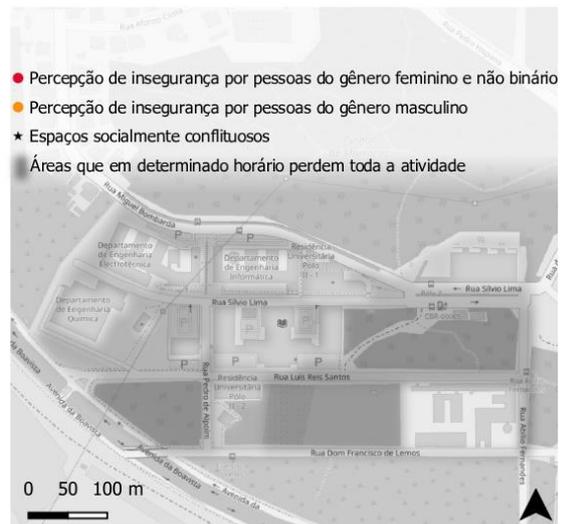
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



USO DOS ESPAÇOS NO POLO II

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo



- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade

APÊNDICE XVII

Plantas síntese dos Comentários no Mapa Coletivo do Polo II separadas por gêneros

APÊNDICE XVIII

Planta de Percepção de Segurança pelos Participantes no Polo III

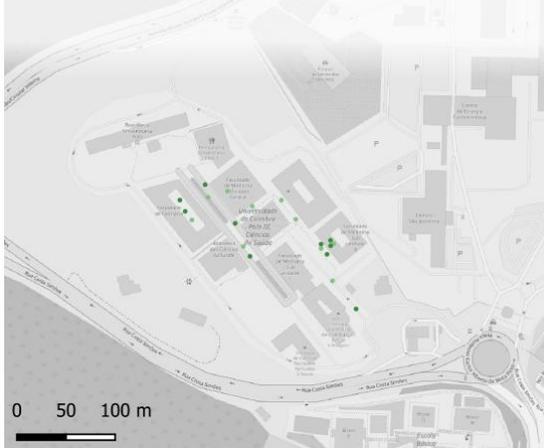
PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO III

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite

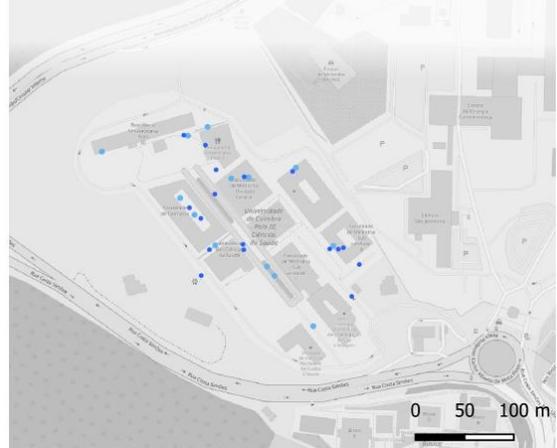
Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário

4 participantes sendo:
3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino

4 participantes sendo:
4 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 12/06 à noite e 11/06 de dia

8 participantes sendo: 3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 4 pessoas do gênero masculino



APÊNDICE XIX

Planta de Percepção de Insegurança pelos Participantes no Polo III

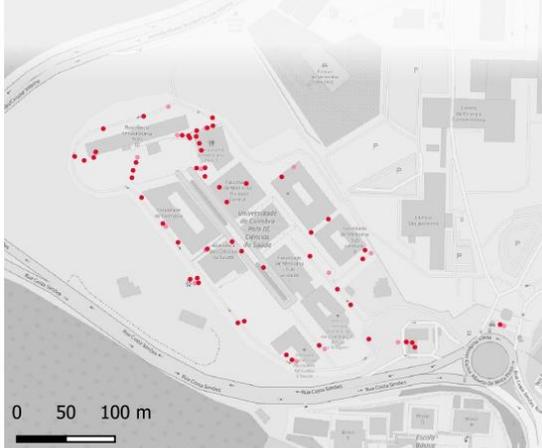
PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NO POLO III

LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite

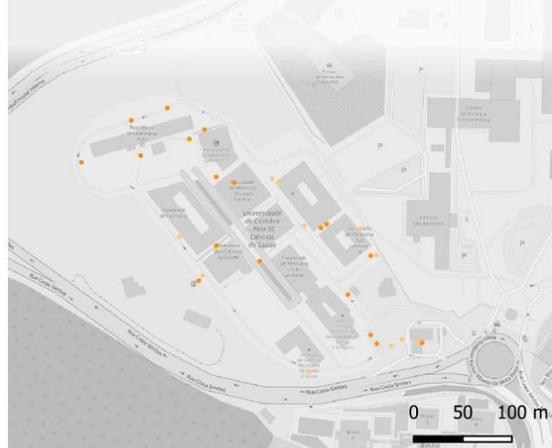
Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário

4 participantes sendo:
3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário



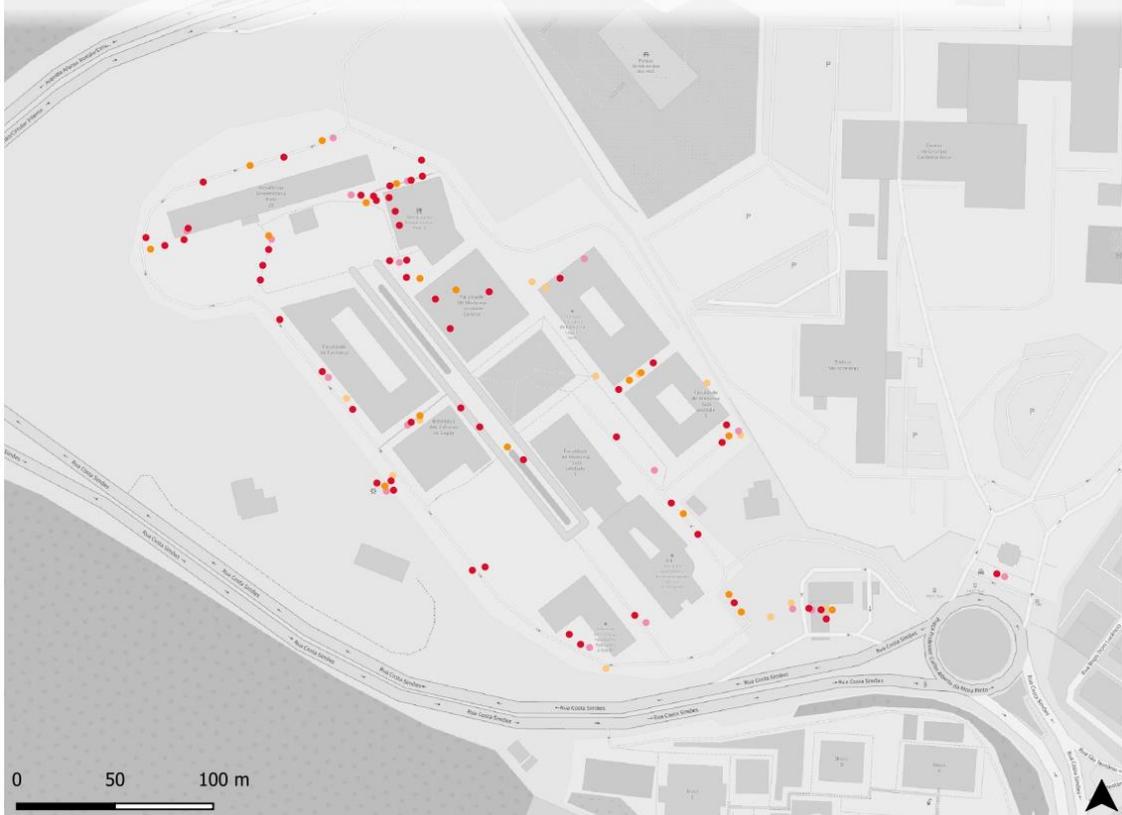
Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino

4 participantes sendo:
4 pessoas do gênero masculino



Resultados coletados durante as caminhadas em conjunto em 12/06 à noite e 11/06 de dia

8 participantes sendo: 3 pessoas do gênero feminino; 1 pessoa do gênero não binário; 4 pessoas do gênero masculino



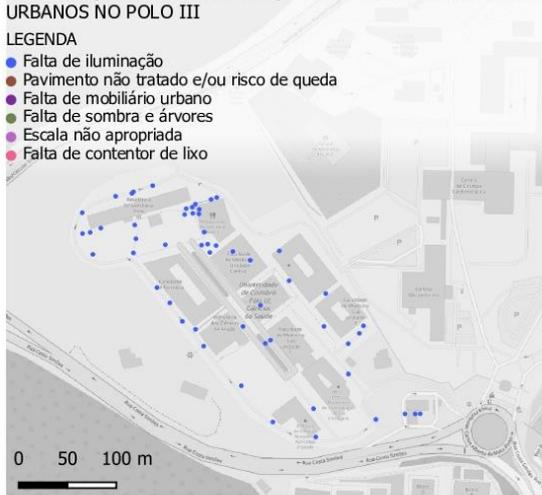
APÊNDICE XX

Plantas de Capacitação Física do Espaço e Falta de Equipamentos
Urbanos no Polo III

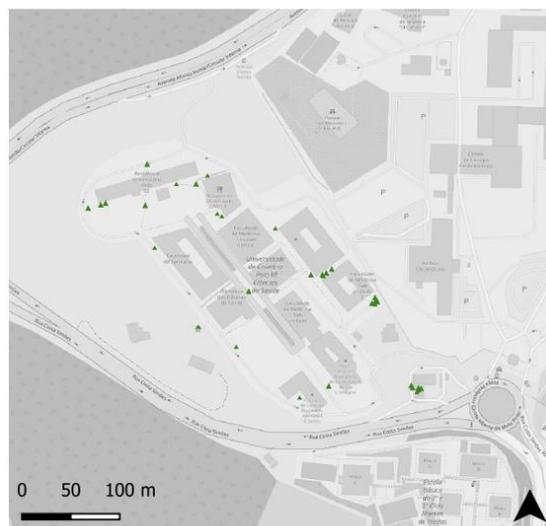
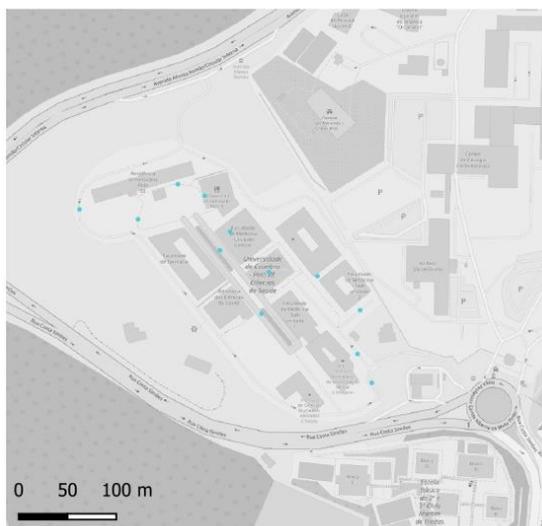
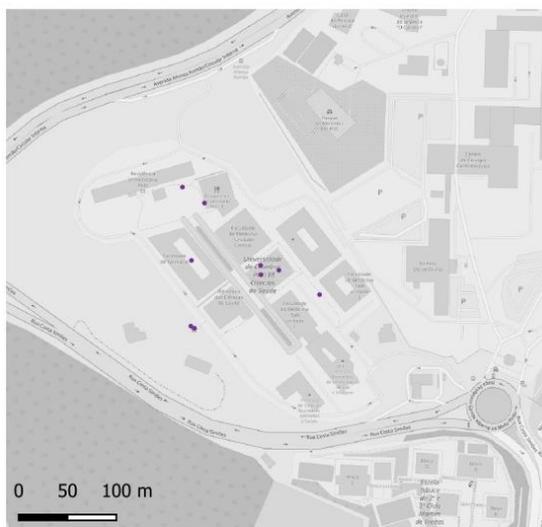
CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO III

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo



- Falta de faixa de pedestre
- Sem acessibilidade para PcD
- Indicado mas não especificado
- Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo



CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NO POLO III

LEGENDA

- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- Escala não apropriada
- Falta de contentor de lixo



APÊNDICE XXI

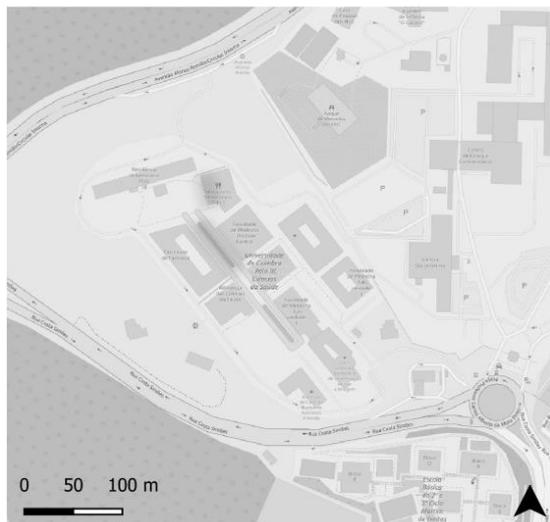
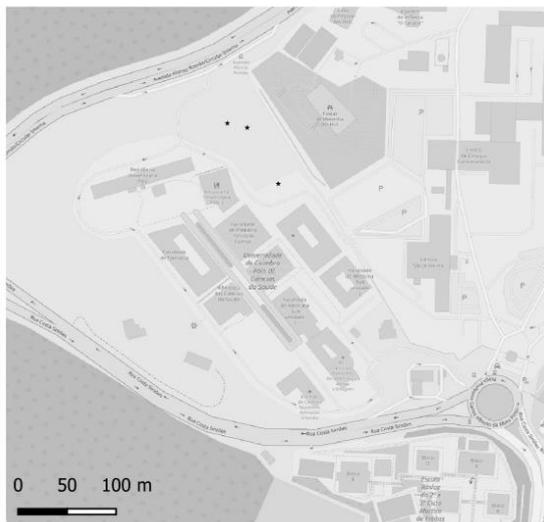
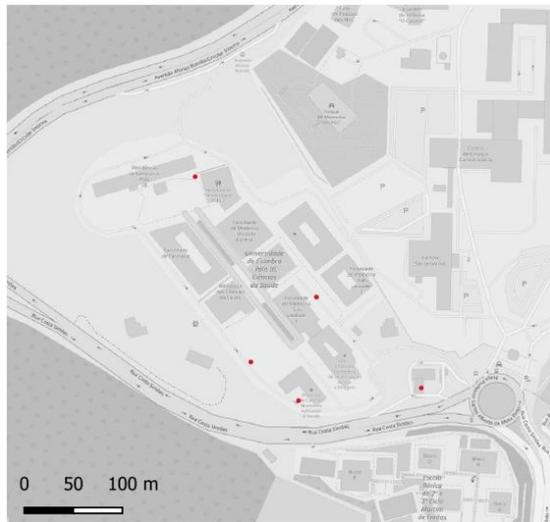
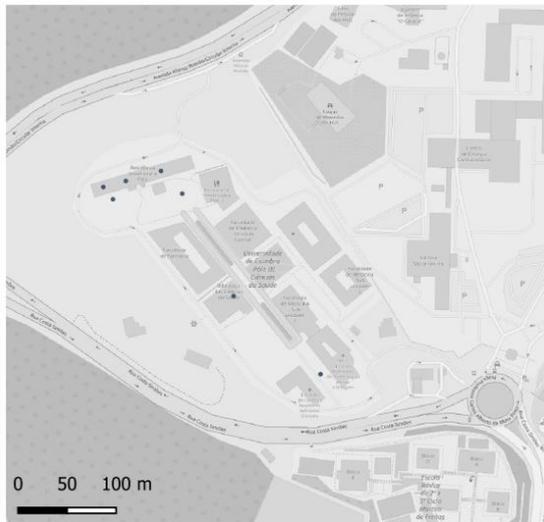
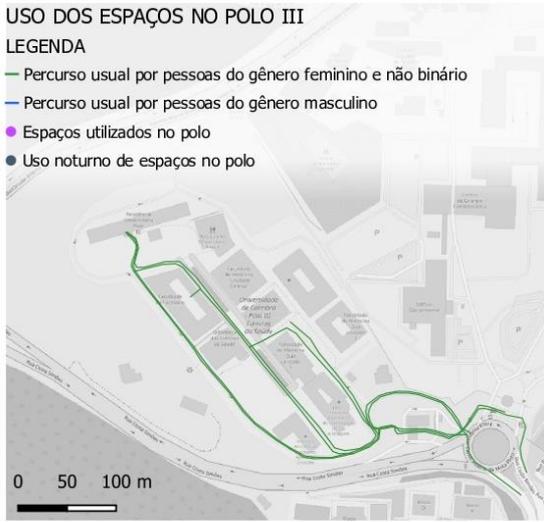
Plantas de Uso dos Espaços do Polo III

USO DOS ESPAÇOS NO POLO III

LEGENDA

- Percurso usual por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percurso usual por pessoas do gênero masculino
- Espaços utilizados no polo
- Uso noturno de espaços no polo

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino
- ★ Espaços socialmente conflituosos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



APÊNDICE XXII

Plantas síntese dos Comentários no Mapa Coletivo do Polo III separadas por gênero

COMENTÁRIOS NO MAPA COLETIVO DO POLO III POR PESSOAS DO GÊNERO FEMININO E NÃO BINÁRIO

Resultados coletados durante a conversa em grupo em 14/10

16 participantes sendo: 14 pessoas do gênero feminino; 2 pessoas não binárias

LEGENDA

- Espaço inseguro e/ou desconfortável
- Espaço seguro e/ou agradável
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



COMENTÁRIOS NO MAPA COLETIVO DO POLO III POR PESSOAS DO GÊNERO MASCULINO

Resultados coletados durante a conversa em grupo em 14/10

15 participantes sendo: 15 pessoas do gênero masculino

LEGENDA

- Espaço inseguro e/ou desconfortável
- Espaço seguro e/ou agradável
- Falta de mobiliário urbano e/ou usos
- Sem acessibilidade para PcD
- Excesso e/ou prioridade automóveis
- Falta de diversidade de pessoas
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos e sujos ou não construídos
- Áreas que em determinado horário perdem toda a atividade



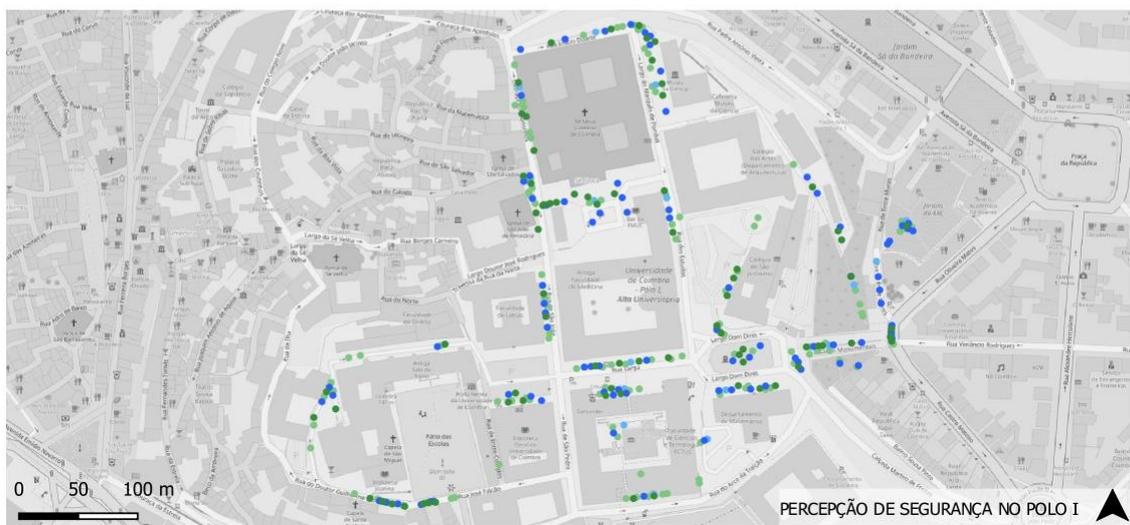
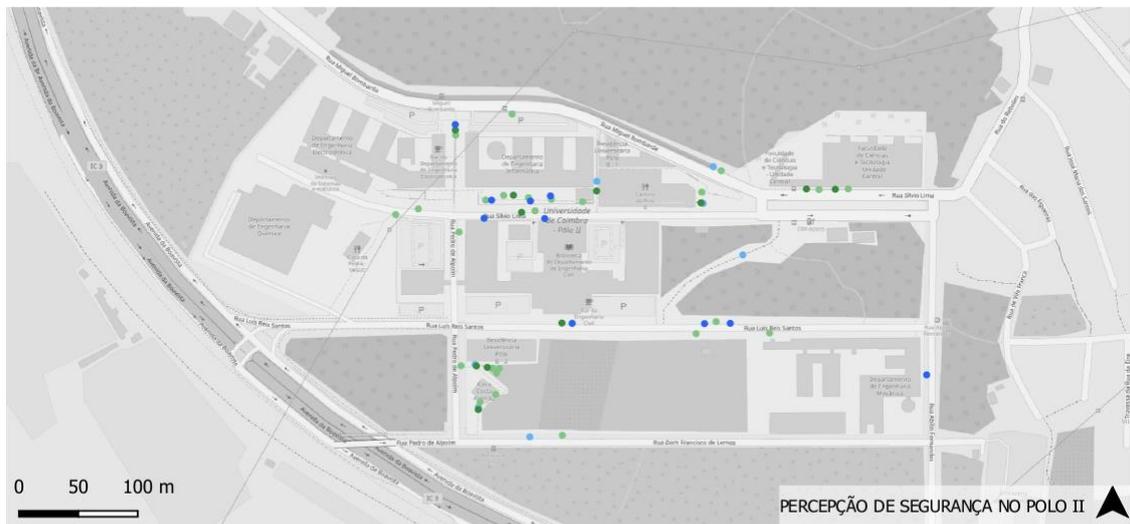
APÊNDICE XXIII

Planta comparativa de Percepção de Segurança pelos Participantes
nos Polos Universitários de Coimbra

PERCEÇÃO DE SEGURANÇA POR PARTICIPANTES NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

LEGENDA

- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de segurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de segurança por pessoas do gênero masculino à noite



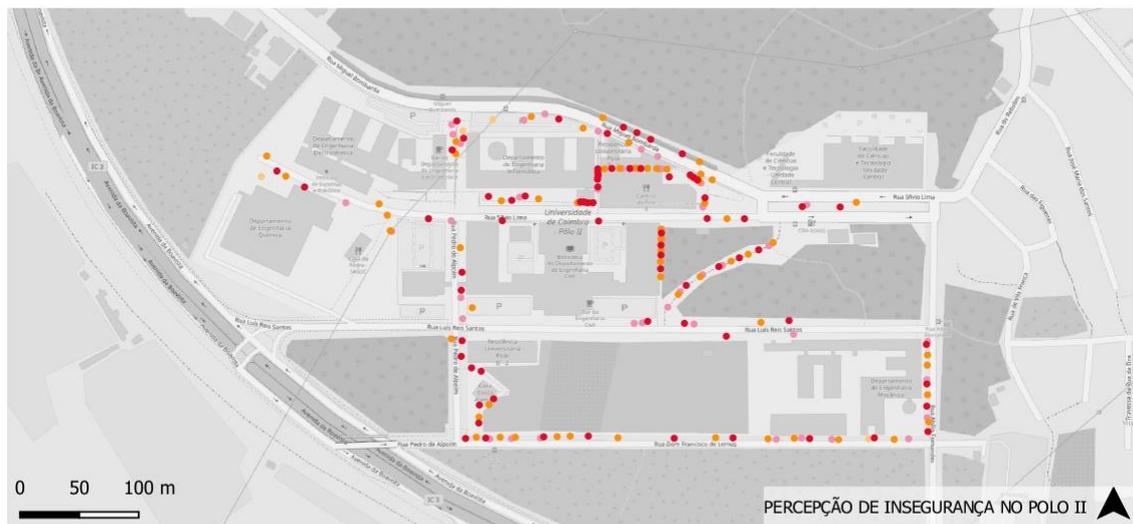
APÊNDICE XXIV

Planta comparativa de Percepção de Insegurança pelos Participantes
nos Polos Universitários de Coimbra

PERCEÇÃO DE INSEGURANÇA POR PARTICIPANTES NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

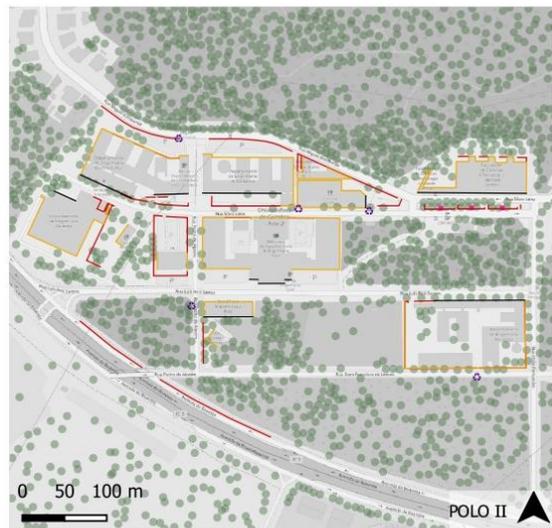
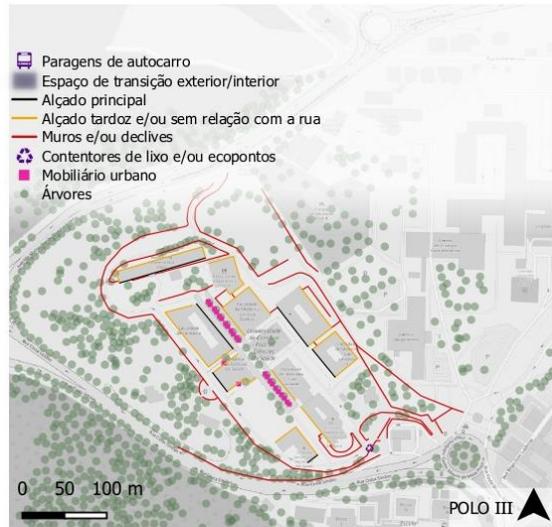
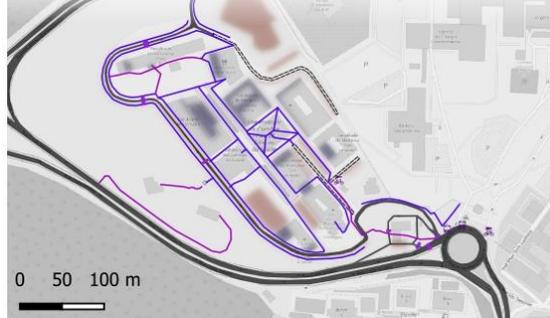
LEGENDA

- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino de dia
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero feminino e não binário à noite
- Percepção de insegurança por pessoas do gênero masculino à noite



CARACTERÍSTICAS COMPLEMENTARES DOS POLOS UNIVERSITÁRIOS
 LEGENDA

-  Rotas para automóveis
-  Rotas/aceessos condicionados para automóveis
-  Faixa de pedestre
-  Estacionamento para automóveis
-  Rotas pedonais preparadas
-  Rotas pedonais condicionadas em determinado horário
-  Rotas pedonais informais
-  Estacionamento para bicicletas



-  Paragens de autocarro
-  Espaço de transição exterior/interior
-  Alçado principal
-  Alçado tardoz e/ou sem relação com a rua
-  Muros e/ou declives
-  Contentores de lixo e/ou ecopontos
-  Mobiliário urbano
-  Árvores

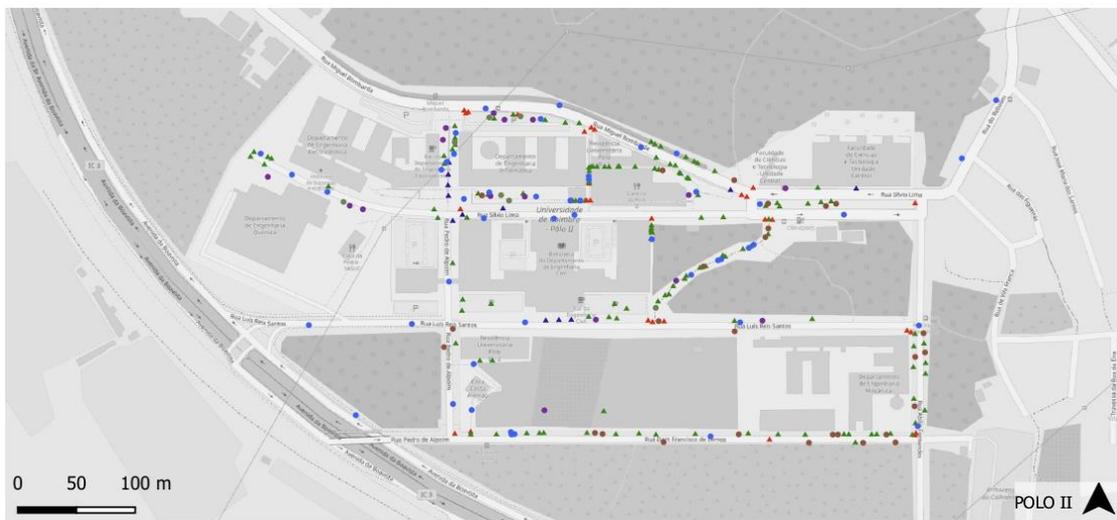
APÊNDICE XXV

Planta comparativa de Capacitação Física do Espaço e Falta de Equipamentos Urbanos nos Polos Universitários de Coimbra

CAPACITAÇÃO FÍSICA DO ESPAÇO E FALTA DE EQUIPAMENTOS URBANOS NOS POLOS UNIVERSITÁRIOS

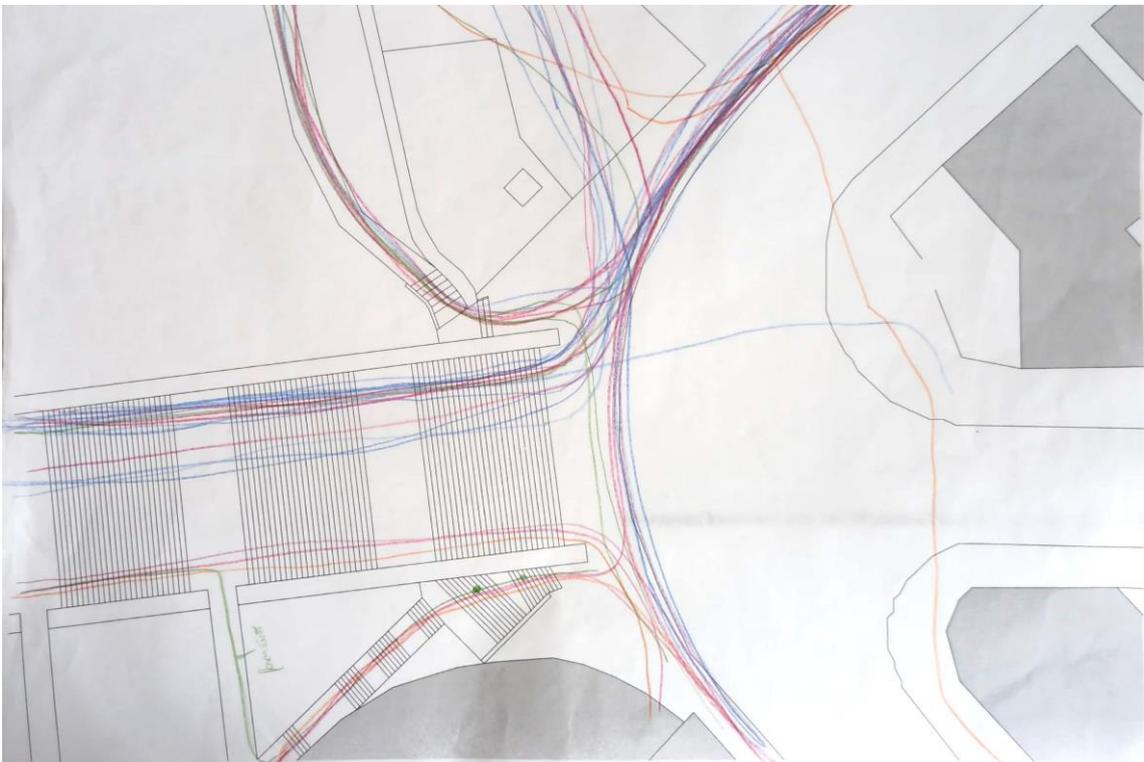
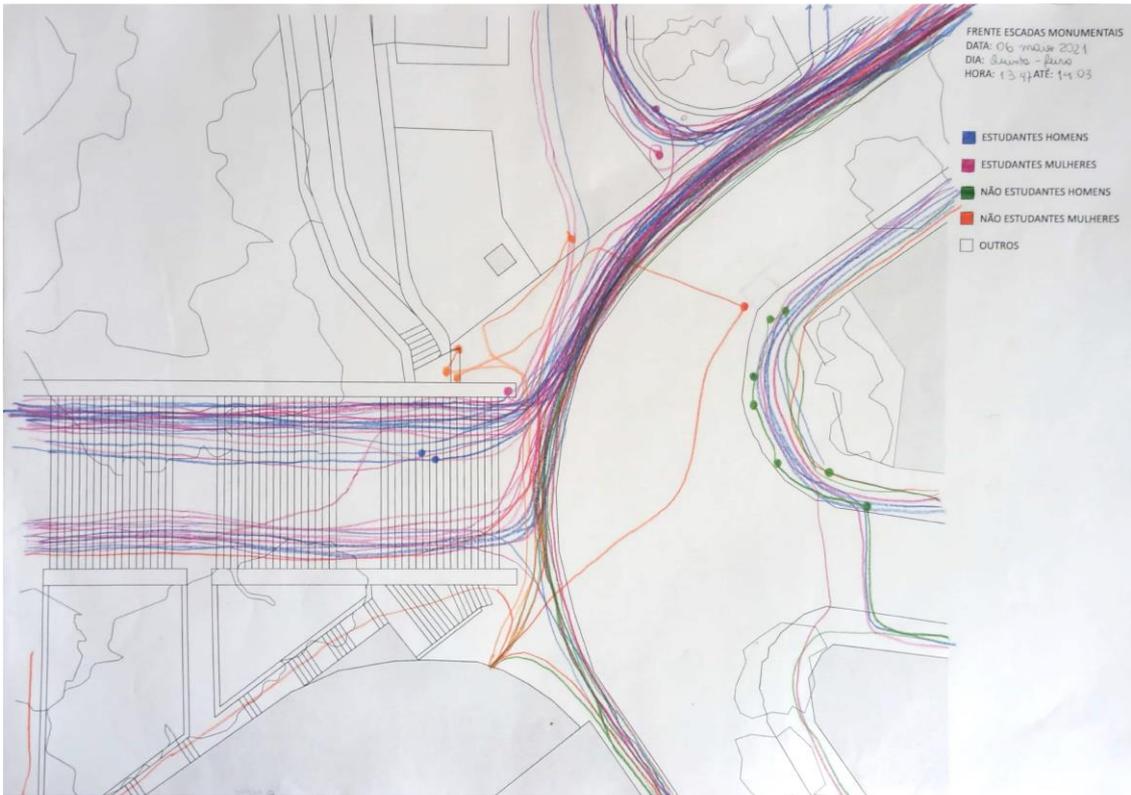
LEGENDA

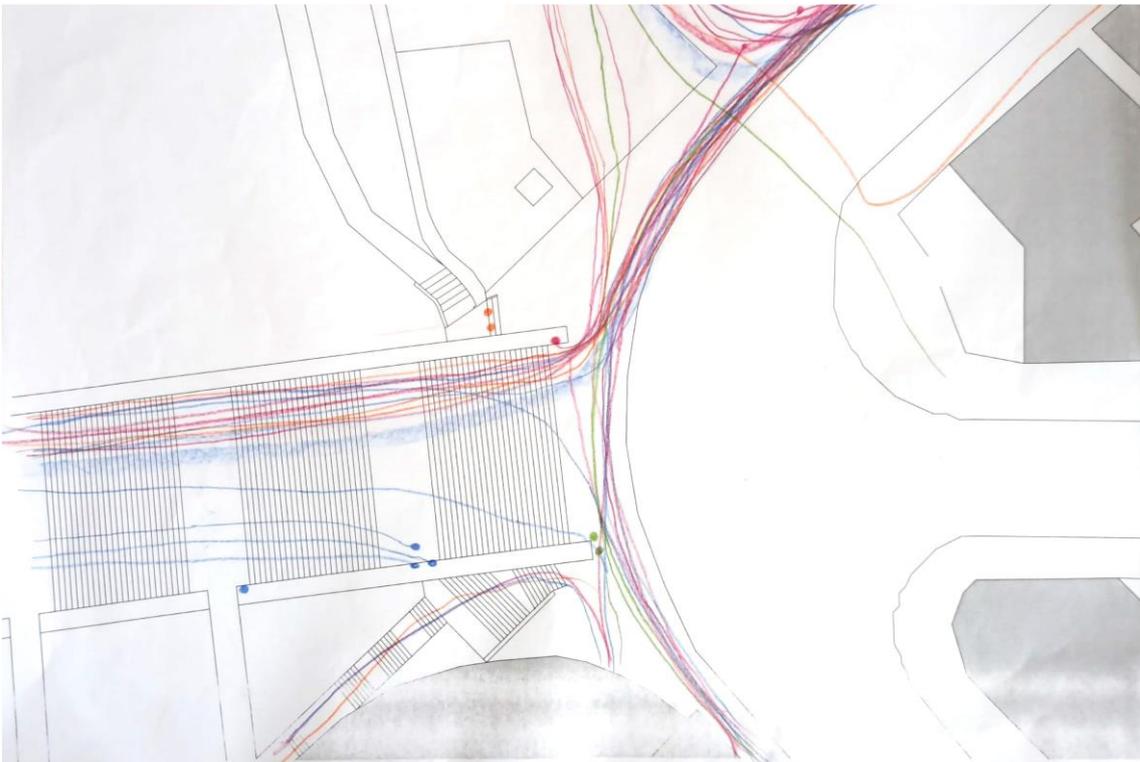
- Falta de iluminação
- Pavimento não tratado e/ou risco de queda
- Falta de mobiliário urbano
- Falta de sombra e árvores
- ▲ Falta de informação direcional
- ▲ Espaços abandonados, não mantidos, sujos ou não construídos
- ▲ Espaço mais representativo do polo

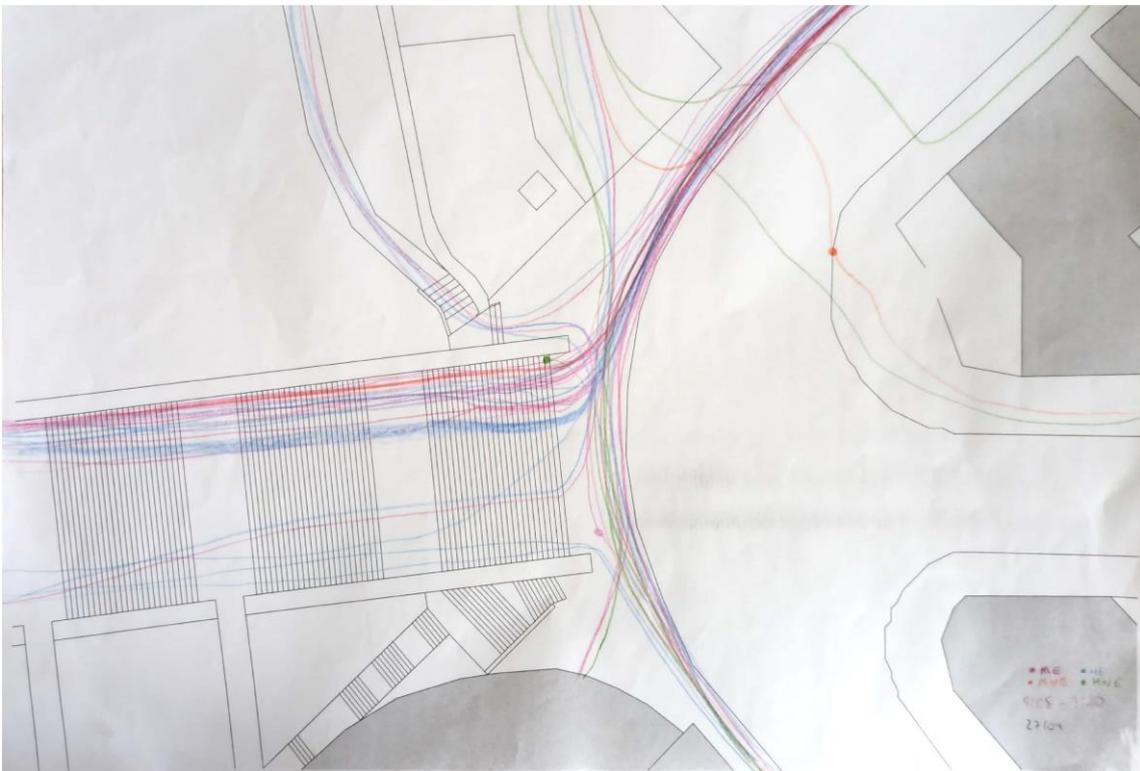
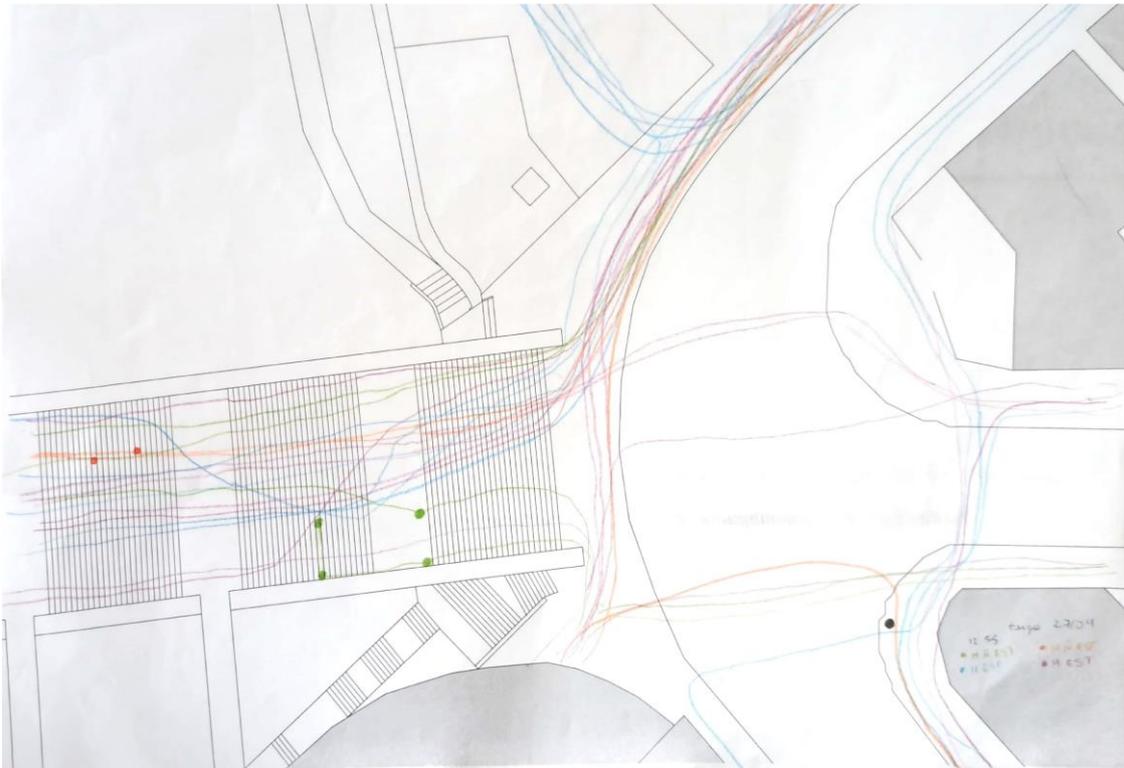


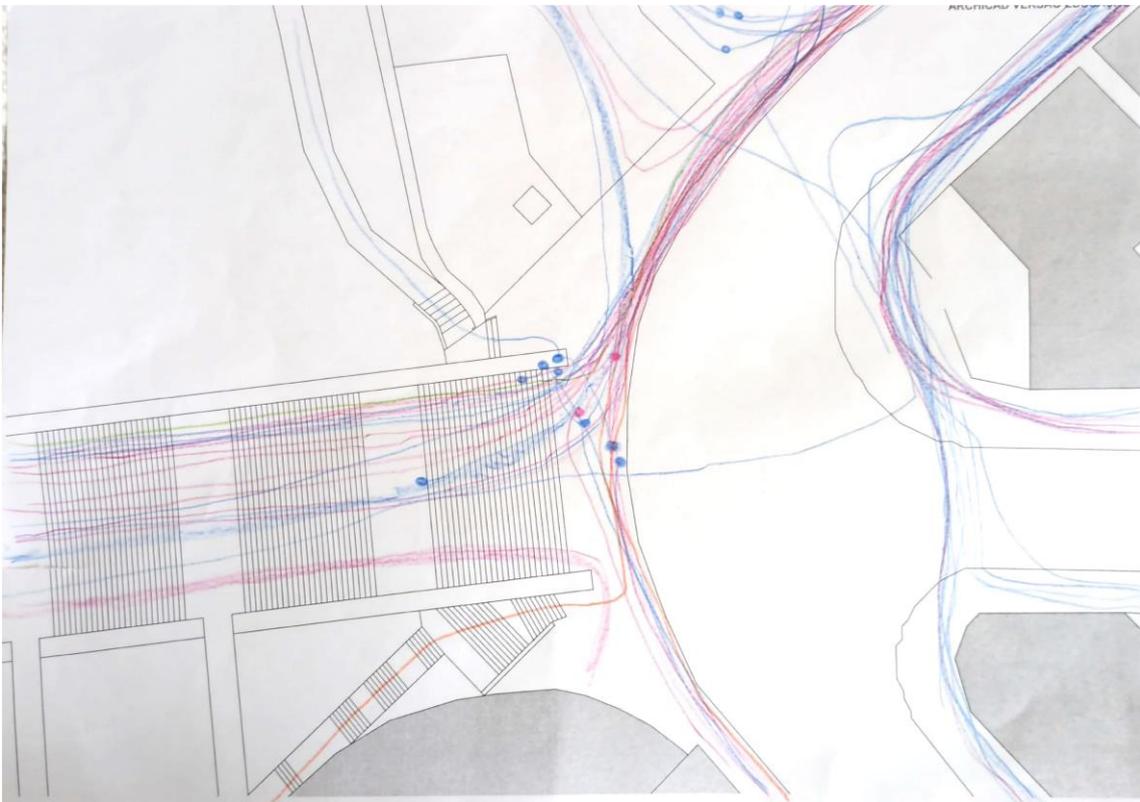
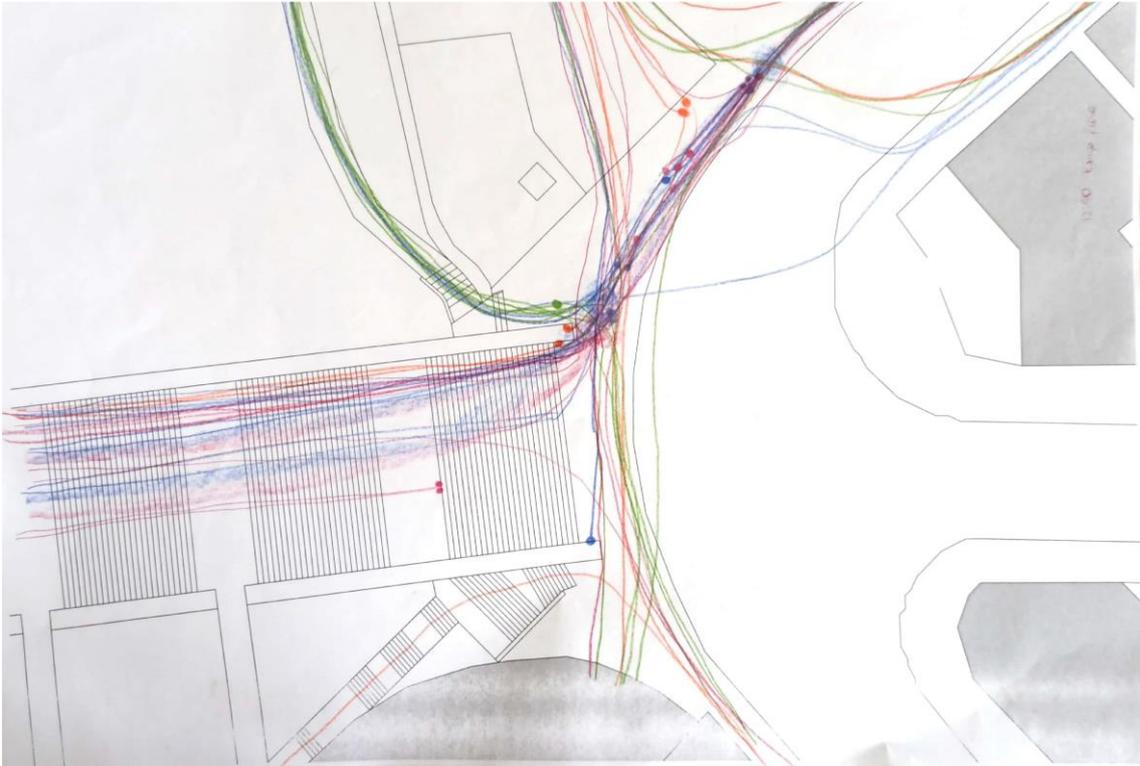
APÊNDICE XXVI

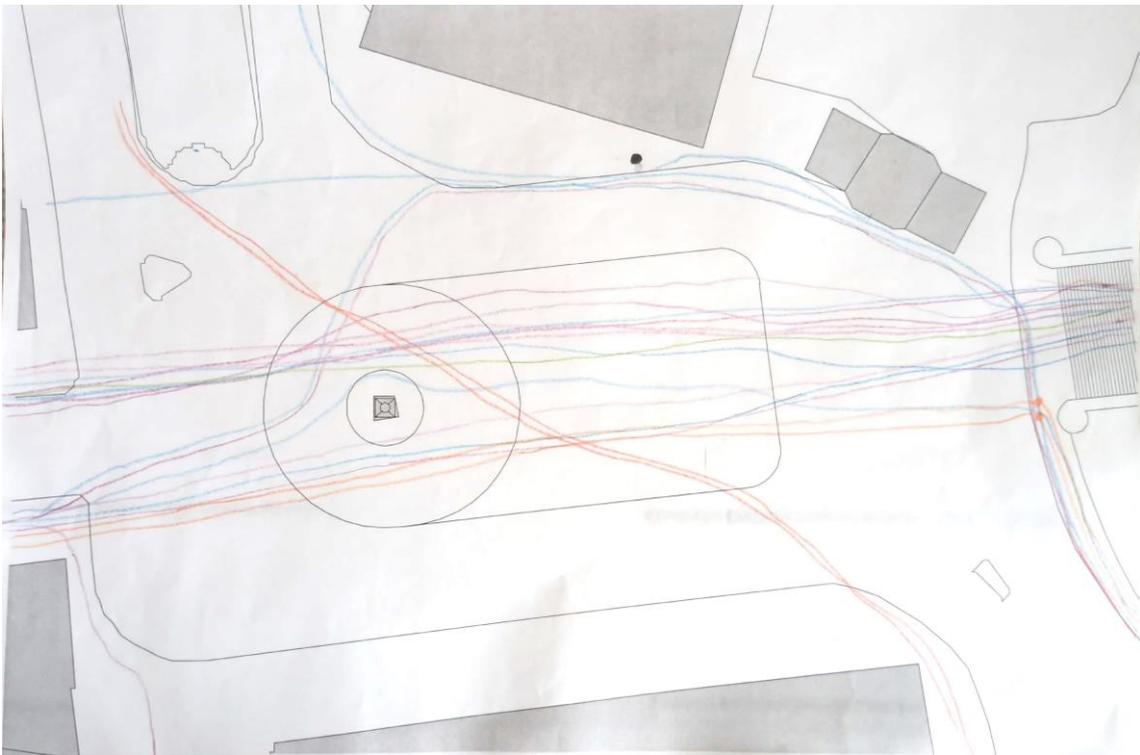
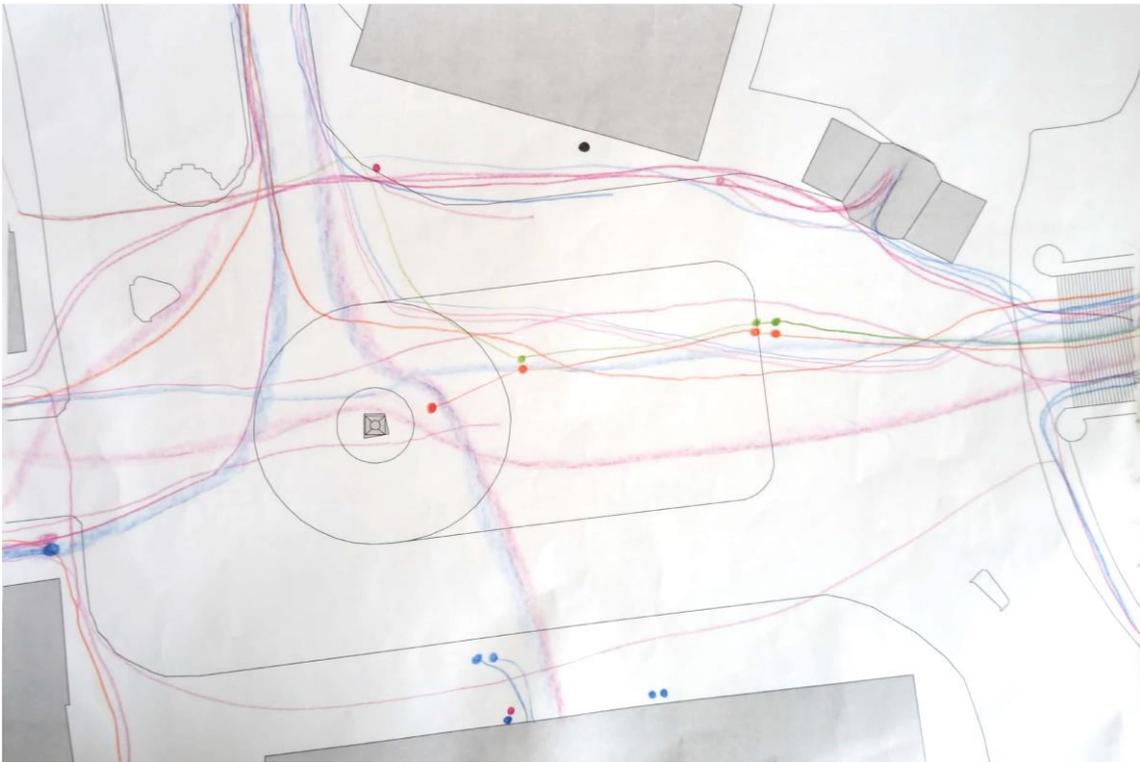
Diagramas de movimento realizados nas plantas do Largo D. Dinis e da Escadaria Monumental no Polo I

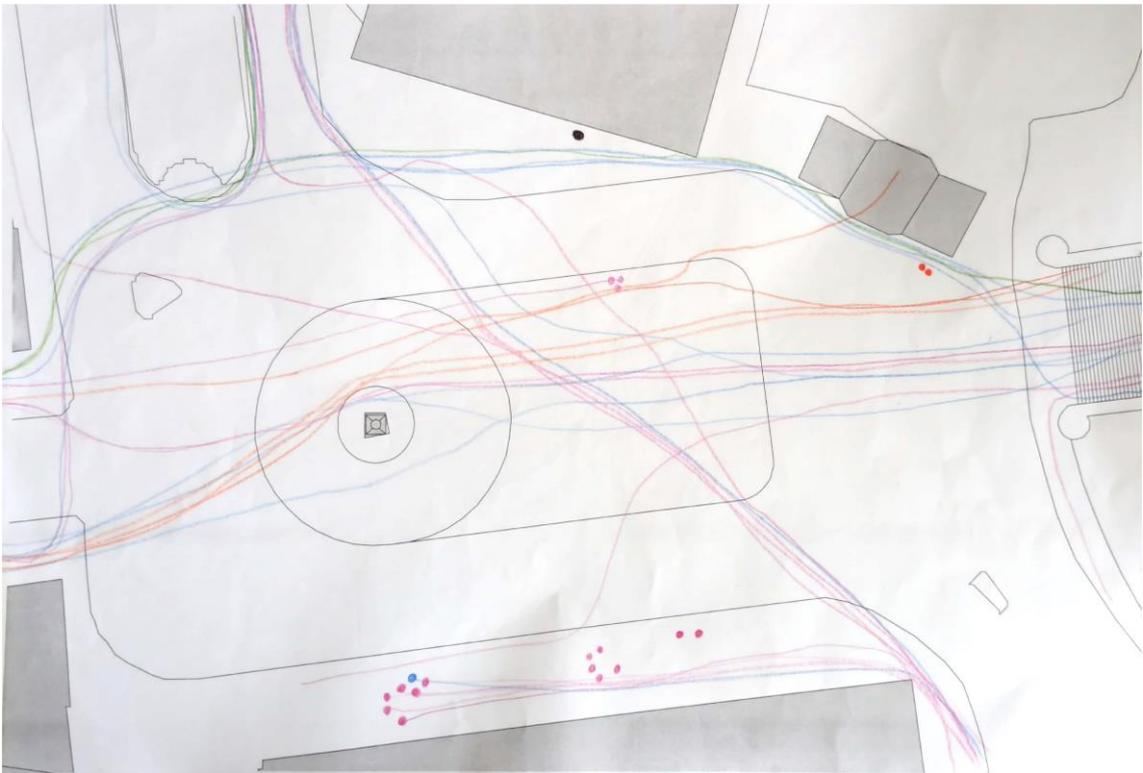
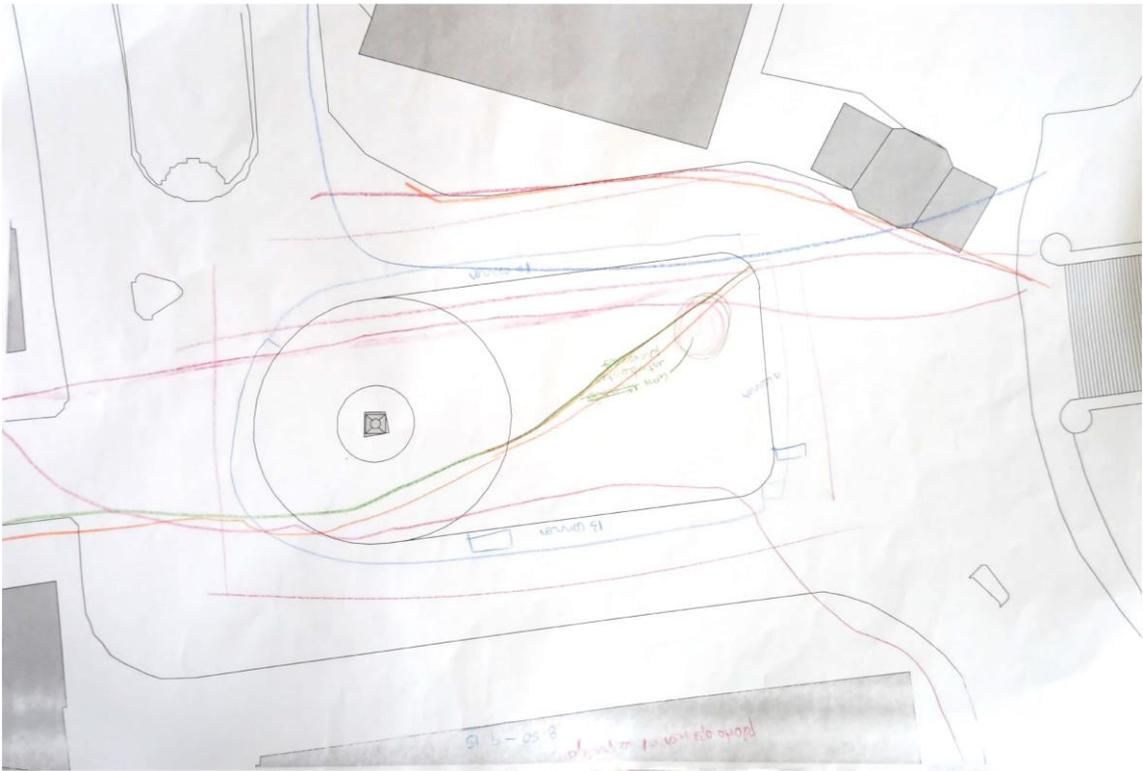


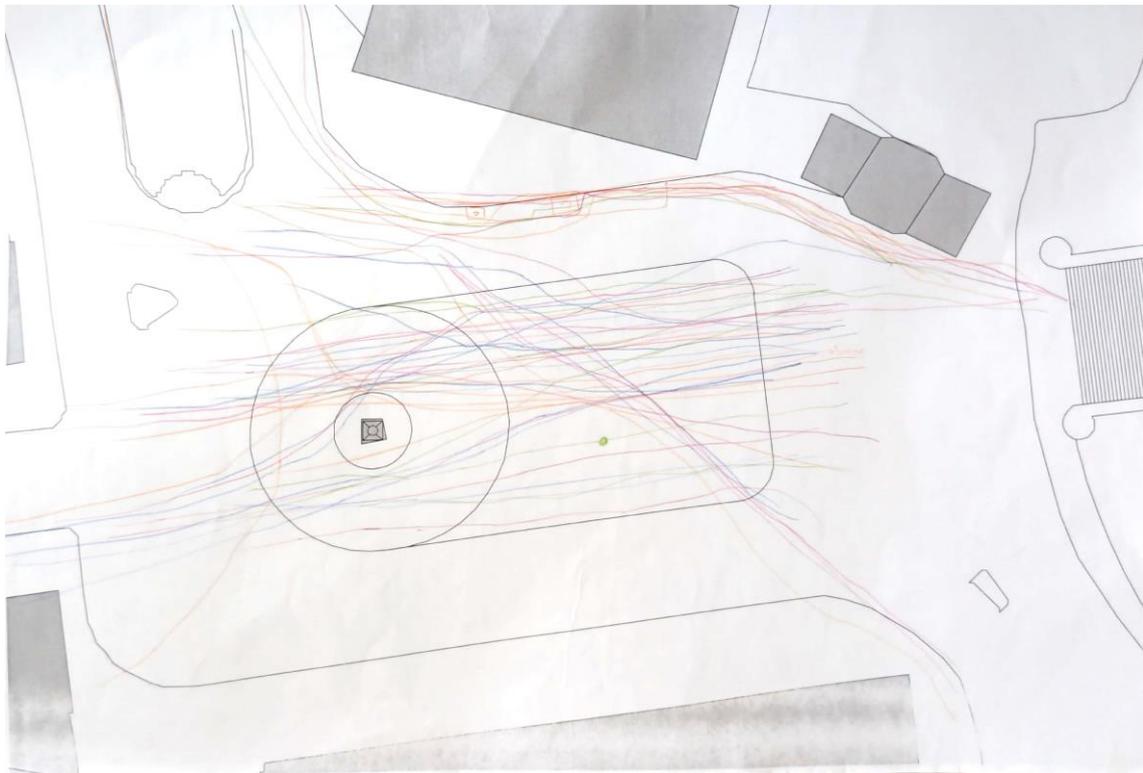
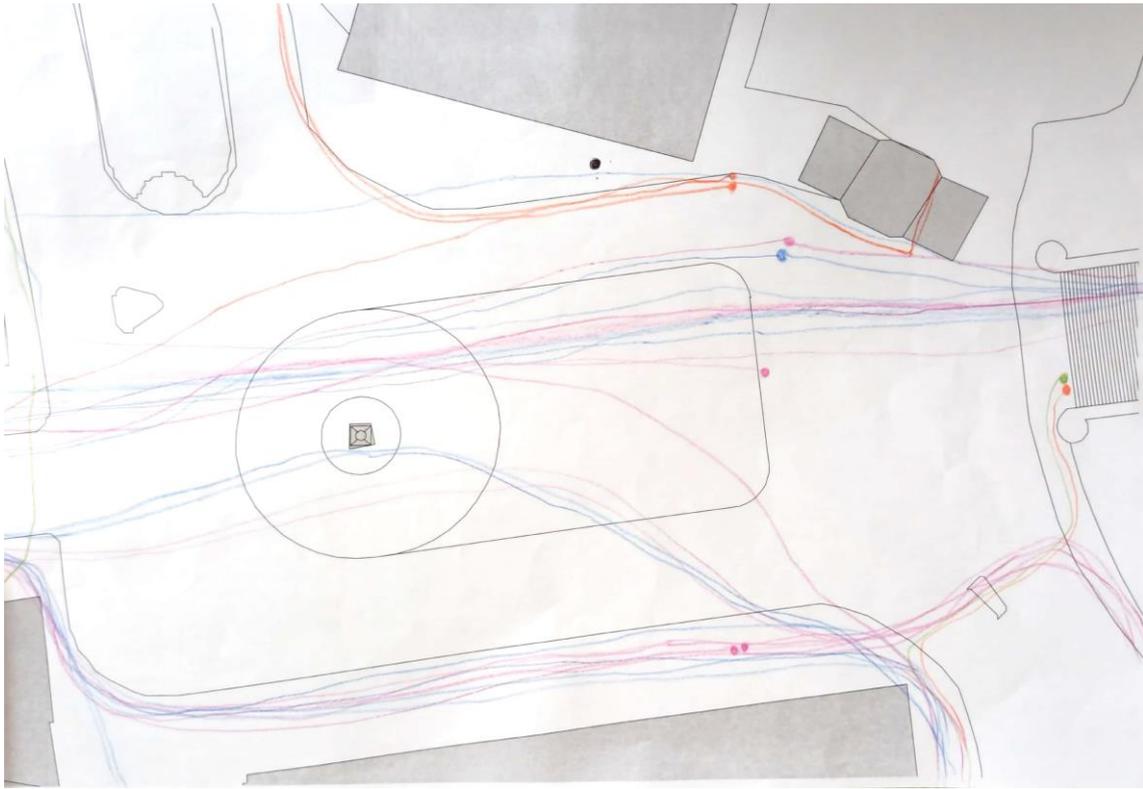












APÊNDICE XXVII

Estudos realizados para a definição do percurso da Caminhada em
Conjunto nos três Polos Universitários de Coimbra

